

MARIA ALZIRA ACHEGA ROQUE GAMEIRO

DO
MUSEU ROQUE GAMEIRO
AO
CENTRO DE ARTES E OFÍCIOS ROQUE GAMEIRO
Propostas de desenvolvimento comunitário

Orientador. Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa

2009

MARIA ALZIRA ACHEGA ROQUE GAMEIRO

DO
MUSEU ROQUE GAMEIRO
AO
CENTRO DE ARTES E OFÍCIOS ROQUE GAMEIRO
Propostas de desenvolvimento comunitário

Tese apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Museologia no Mestrado em Museologia conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira

Co-orientador: Prof. Doutor Mário Canovas Moutinho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa

2009

Epígrafe

*Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul (...)*

Rómulo de Carvalho

*Sem energia e sem luta renovadoras não há sonho. Sem sonho não há
Museologia.*

Mário Chagas

Dedicatória

- À memória do meu Pai

- Ao cardador, ao tecelão, ao comerciante que ajudaram a construir Minde e o projectaram para lá dos seus limites mais próximos.

(Ao imprimador que jorda as do manco, ao que atazana as menízias, ao rijo que jorda o remexido e que patentearam o engenho do Ninhou, apiamando-o para lá do seu canteiro e do seu canteiro ancho).¹

- Àquele que com a força dos seus braços, limpou os solos das pedras e encontrou meios de subsistência para o gado e para a sua família.

(Ao que engenhou com os seus cruzeiros a do pai Adão, atazanando trilha para o renhénhé e saltacatrepa e trilha para os seus, gambiando as de santo Estêvão e as camaretas).

- Ao plantador de oliveiras da Costa e das Cabecinhas que com muito esforço, as plantou e colheu as azeitonas.

(Ao que engenhou na Costa e nas Cabecinhas as mães do vale da serra e agadanhou as carouchinhas com um podê de trafêgo).

- Ao fabricante de malhas que levou o seu negócio pelas terras do país e, pôde ver, nos nossos dias, o bem-estar dos Mindericos e dos seus vizinhos.

(Ao que engenhou as façulas, que patenteou o remexido pelas terrujas da do Camões e pôde mirantar os passos cópios dos charales e dos palhotos).

- Ao jovem de hoje, para que não se esqueça e compreenda o que foi o trabalho dos seus antepassados.

(Ao terraizinho dos nossos passos, para que não caia no gualdino e penetre o engenho dos seus mouquinhos).

A Piação dos Charales do Ninhou – A língua Minderica

Agradecimentos

A todos os que me incentivaram e ajudaram, para que este trabalho se realizasse.

Em primeiro lugar, ao Sr. Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira, pela sua compreensão, estímulo, disponibilidade e pelas observações que me foi fazendo, sempre pertinentes.

Ao Sr. Prof. Mário Moutinho, pelo interesse que manifestou, pela sua exigência e rigor.

Aos meus amigos e companheiros de percurso na Direcção do Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, pela cedência e consulta do muito material: cartas, fotografias, esquemas e outros documentos; pelo entusiasmo que também foram manifestando e pelo incentivo que sempre me deram – o vosso entusiasmo, entusiasmou-me.

À minha família, pelas muitas informações que me deu e que tão importantes foram no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Sr. Arq. José Pedro Roque Gameiro Martins Barata, agradeço as muitas informações que me foi dando; as nossas conversas de Lisboa para Minde e de Minde para Lisboa, ajudaram-me a compreender o homem generoso, bom, íntegro, que foi Alfredo Roque Gameiro.

Resumo

A presente dissertação analisa o processo de transformação do Museu Roque Gameiro em Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, o qual se traduz numa criação social e de intervenção cívica, à escala local, onde a sociedade se representa e se projecta.

Após o enquadramento do território e do autor que está na base de todo o processo, analisa-se o extinto Museu Roque Gameiro relativamente às condições da sua instalação, ao seu acervo, às suas carências, aos limites do projecto que, em parte, explicam o esgotamento deste primeiro processo.

Relativamente ao Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, são tratadas questões que assentam em reuniões e debates abertos a toda a população no sentido de renovar e alargar a Instituição Museu.

Sem pôr em causa o anterior Museu e a sua colecção (aguarelas de Alfredo Roque Gameiro), sensibilizaram-se as populações e fez-se apelo à sua participação na criação e desenvolvimento de vínculos entre o museu, a escola e a comunidade. Criou-se um forte dinamismo a partir de um grande conjunto de actividades que ultrapassam as paredes da instituição, ela própria desmultiplicada em vários pólos (Museu de Aguarela Roque Gameiro, Atelier de Desenho e Pintura, Atelier de Restauro, Conservatório de Música e Dança, Atelier de Tecelagem tradicional, Piação dos Charales do Ninhou).

Esta dissertação conclui-se com a instalação do Museu de Aguarela, na Casa dos Açores, o que abre novas perspectivas ao Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro para concretizar o seu projecto.

Palavras chave:

Aguarela

Intervenção

Museu

População

Território

Abstract

This thesis analyses the transformation process of the Museum Roque Gameiro into the Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, which means a social work with citizen intervention/partnership at the local level, where society is represented and projected.

Following the framework of the ground and the author who is behind the whole process, it is analysed the extinguished Museum Roque Gameiro as far as its building conditions, its collection, its lack of structures are concerned and the project limits which, to some extent, explain the final stage of this first process.

Concerning the Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, issues are dealt with taking into account meetings and debates open to the population at large so as to renew and broaden the Museum Institution.

Without questioning the former Museum and its collection (watercolours by Alfredo Roque Gameiro), populations have been sensitized and an appeal has been made from them to participate in creating and developing bonds between the museum, the school and the community. A strong dynamic has been created from a wide range of activities that went far beyond the walls of the institution, itself unfolded into various sectors (Watercolour Museum, Drawing and Painting Atelier, Repair Atelier, Music and Dance Academy, Traditional Weaving Atelier, as well as Minderico Language).

This thesis has come to its end focusing on the Watercolour Museum, in the Casa dos Açores, which opens new prospects to the Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro so as to accomplish its project.

Keywords:

Intervention

Museum

Population

Territory

Watercolour

Zé grego²

Este soletra ambroseia o gualdino da Classe da borra regatinhada Mestre Migança e jorda-o para a ancha Classe de Mestre Migança. Esta Classe foi engenhada pelos xarales do Ninhou e pelos cardetas que zairaram e ambrosiaram para engenhar a patente e amuntassar a sua terruja.

Depois de se mirantar o Ninhou e o charale cópio, videiro deste engenho, miranta-se que o parreiral do touquim Migança é um podê de didi e alamarado e a couceira encolheu os mirantes.

A Classe de Mestre Migança ancha é já terrão-tanchão onde os xarales se remirantam antónio forno e podem zairar.

Aqui de podem mirantar as do charuto e as da borra regatinhadas deste cardeta ancho que foi Mestre Migança, mas também neste parreiral, os xarales podem dar à piação de maneira a tornar mais cópia a sua Classe e a sua terruja. Um podê de terraizinhos e de terraios já emana na do touquim da do andré e do barreiro; já se emanam menízias cópias e se amuntassam as da borra regatinhadas do Migança, sem deixar cair no gualdino a piação à modeia.

Este soletra encolhe os mirantes com a penetração do do touquim Migança no parreiral do Clarimundo, o que jorda para os desta Classe, planetas cópios.

Ambrosiadas anchas:

As da borra regatinhadas

Bater a piação

Charales

Classe do Migança

Terruja

² Na Piação dos Charales do Ninhou

Abreviaturas

ARG – Alfredo Roque Gameiro

CAORG – Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro

CMA – Câmara Municipal de Alcanena

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

ICOM – International Council of Museums

IPM – Instituto Português dos Museus

IPPC – Instituto Português do Património Construído

JFM – Junta de Freguesia de Minde

JM – Jornal de Minde

M - Museu

MARG – Maria Alzira Roque Gameiro

MCA – Maciço Calcário Estremenho

ME – Ministério da Educação

MINOM – Movimento Internacional para a Nova Museologia

MRG – Museu Roque Gameiro

OAC – Observatório de Actividades Culturais

POC – Plano Operacional da Cultura

QCA – Quadro Comunitário de Apoio

RG – Roque Gameiro

SNBA – Sociedade Nacional de Belas-Artes

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organisation

Índice

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – A TERRA E O HOMEM – MINDE E ALFREDO ROQUE GAMEIRO	19
I. 1 - Minde desde a 2ª metade do séc. XIX aos inícios do séc. XXI	20
I.1.1 – O ambiente físico	21
I.1.2 – O Ambiente Humano	30
I. 1.2.1 – Algumas características da população	31
I. 1.2.2 – A luta contra a natureza	35
I.1.3 – As actividades	37
I.1.3.1. – O contributo dos frades arrábidos	39
I.1.3.2 – O desenvolvimento industrial recente	40
I. 2 – Alfredo Roque Gameiro – o homem e os ambientes em que viveu. O artista e o seu legado	46
I.2.1 – RG e Minde	47
I. 2.2 - RG e as oficinas de litografia da Companhia Nacional Editora	50
I. 2.3 – RG e a Escola de Artes e Ofícios de Leipzig	53
I.2.4 – RG e o seu regresso a Portugal	55
I.2.5 – O artista e o seu legado – a ilustração e a aguarela	62
CAPÍTULO II – O MUSEU ROQUE GAMEIRO, EM MINDE, DA ABERTURA AO ENCERRAMENTO	69
II.1 – O Museu Roque Gameiro – a concretização de um sonho	70
II.1.1 - O pedido de instalação do Museu Roque Gameiro	71
II.1.2 – O acervo – descrição e características	75
II.1.3 - A organização dos espaços	77
II.1.4 – A inauguração do Museu	80
II.1.5 – Os pedidos de intervenção	82
II.1.6 – As medidas de conservação do espólio	85
CAPÍTULO III – PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA: O CENTRO DE ARTES E OFÍCIOS ROQUE GAMEIRO E O MUSEU DE AGUARELA ROQUE GAMEIRO	87
III.1 – Objectivos gerais e actividades desenvolvidas pelo Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro	88
III.1.1 – As primeiras actividades	89
III.1.2 – O Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro – objectivos gerais	96
III. 1. 2.1 – O 1º projecto de construção	97
III.1.2.2 – As actividades desenvolvidas pelo CAORG	99
III.2 – O Programa do novo edifício projectado para o CAORG	111
III. 2.1 – Programa de espaços e funcionalidades	114
III.2.2 – Condições gerais	118
III.3 – O programa do Museu de Aguarela Roque Gameiro: da reabilitação da «Casa dos Açores» à instalação do Novo Museu: perspectivas de actuação	120
III.3.1 – A Casa dos Açores	121
III.3.2 – A aquisição da Casa dos Açores	130
III.3.3 – A reabilitação da Casa dos Açores	131
III.3.4 – A reabilitação do jardim	137

III.3.5 – A Instalação do Museu de Aguarela Roque Gameiro-----	141
III.3.6 – Perspectivas de actuação-----	143
III.3.6.1 – A programação das actividades-----	145
3.6.2 –Eventos financiados/programação financiada, ao abrigo da Lei do Mecenato-----	147
III.3.6.3 – A Educação no Museu-----	150
CONCLUSÕES -----	152
ÍNDICE REMISSIVO-----	163
BIBLIOGRAFIA CITADA:-----	160
APÊNDICE -----	
Apêndice I – Artigos de opinião, sobre o Museu Roque Gameiro, publicados no Jornal de Minde, no período 1980-86-----	II
Apêndice II – Obras depositadas pelo Museu de Minde, no Museu Malhoa, em 1980 e seu estado de conservação em Junho de 2008-----	IX
Apêndice III – Aguarelas para a ilustração das Pupilas do Sr. Reitor de Júlio Dinis-----	XXII
ANEXOS -----	XXVII

Índice de Figuras

FIGURA 1 – MINDE - A SUA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.....	21
FIGURA 2 – MAPA TOPOGRÁFICO (1:25000)	22
FIGURA 3 – MAPA HIPSOMÉTRICO	24
FIGURA 4– A COSTA DE MINDE.....	25
FIGURA 5– A MATA NO OUTONO	26
FIGURA 6 – A MATA NO INVERNO.	26
FIGURA 7 – PLUVIOSIDADE MÉDIA ANUAL (1932-44) NO MCE	28
FIGURA 8 – O MAQUIS	29
FIGURA 9 – O TRAÇADO DA ESTRADA COIMBRÃ	33
FIGURA 10 –OS MUROS DE PEDRA SOLTA	36
FIGURA 11 – CORTE DE ESTRADA.....	36
FIGURA 12 – O FELGAR.....	36
FIGURA 13– A ESCOLHA DAS MANTAS.	38
FIGURA 14- A MANTA PRETA	41
FIGURA 15- OS DESENHOS DAS MANTAS JANOTAS.....	41
FIGURA 16– AZULEJO DA FACHADA DA FÁBRICA DE CARDAÇÃO E FIAÇÃO DE LÃS.	42
FIGURA 17– A FACHADA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL DE MALHAS MINDENSE LDA.....	43
FIGURA 18– CASA ONDE NASCEU ARG.	47
FIGURA 19– ARG – TÊMPERA DE J. P. R. G. MARTINS BARATA.....	49
FIGURA 20– «HONRA TEUS AVÓS»	49
FIGURA 21– AGUARELA DE ARG- CASA DE MINDE	51
FIGURA 22– TRABALHOS LITOGRAFICOS COM BASE EM DESENHOS DE RG.....	52
FIGURA 23– ARG, EM MINDE, ENTRE AMIGOS E FAMILIARES.....	55
FIGURA 24– GRUTA DA PRAIA DA URSA.	57
FIGURA 25– FACHADA PRINCIPAL DA CASA ROQUE GAMEIRO, DA AMADORA.	58
FIGURA 26– ALFREDO ROQUE GAMEIRO.....	60
FIGURA 27– A RUA DE SÃO PEDRO (JUNTO AO CHAFARIZ DE DENTRO).	61
FIGURA 28- NO ATELIER – GRAFITE E COLAGEM SOBRE PAPEL DE MAMIA ROQUE GAMEIRO.....	63
FIGURA 29- «Ó RIO DE ÁGUAS CLARAS ...»	63
FIGURA 30 – RETRATO DE SUA MÃE.	65
FIGURA 31– ARG E A SUA FILHA HELENA, EM 1920, NO RIO DE JANEIRO.	67
FIGURA 32 – CASA DE MANUEL ROQUE GAMEIRO.....	73
FIGURA 33 – ALFREDO ROQUE GAMEIRO. ÓLEO DE ABEL MANTA (COLEÇÃO DO MUSEU DE AGUARELA ROQUE GAMEIRO).	75
FIGURA 34– A FACHADA DO MUSEU ROQUE GAMEIRO.....	77
FIGURA 35– O MUSEU ROQUE GAMEIRO E O PROGRAMA PARA O DIA DA SUA INAUGURAÇÃO.	80
FIGURA 36– O DIA DA INAUGURAÇÃO DO MUSEU.	81
FIGURA 37– O DESCERRAMENTO DA PLACA	81
FIGURA 38– A CASA DOS AÇORES.	84
FIGURA 39– O GRUPO DE PERCUSSÃO	102
FIGURA 40– A CLASSE DE JAZZ	102
FIGURA 41– A ORQUESTRA DE CÂMARA	102
FIGURA 42- O CORO POLIFÓNICO DO CAORG	103
FIGURA 43– UMA AULA DE BALLET.....	104
FIGURA 44– ESPECTÁCULO DE BALLET	104
FIGURA 45– CONVITE E TRABALHOS APRESENTADOS PELOS ALUNOS DO ATELIER DE DESENHO E PINTURA	104
FIGURA 46– O TEAR NO ATELIER DE TECELAGEM (FOTOGRAFIA DE MARG	105
FIGURA 47 – O ATELIER DE TECELAGEM	106
FIGURA 48– OS VÁRIOS TIPOS DE MANTAS.	107
FIGURA 49– INAUGURAÇÃO DO ATELIER DE TECELAGEM.....	107
FIGURA 50– CENA DE REPRESENTAÇÃO I.	108

FIGURA 51– CENA DE REPRESENTAÇÃO II.	108
FIGURA 52– AS EDIÇÕES DO DICIONÁRIO DE MINDERICO.	110
FIGURA 53– O EDIFÍCIO DAS ANTIGAS ESCOLAS PRIMÁRIAS.	113
FIGURA 54– DESENHO AGUARELADO DO EDIFÍCIO PROJECTADO PARA O CAORG.	119
FIGURA 55– PORMENOR DA JANELA DUPLA DA SALA PRINCIPAL DA CASA DOS AÇORES.	126
FIGURA 56– FACHADA LATERAL DA CASA DOS AÇORES	126
FIGURA 57– PORMENOR DA FACHADA PRINCIPAL.	127
FIGURA 58– ALPENDRE DA FACHADA PRINCIPAL	127
FIGURA 59– ASPECTO DA FACHADA PRINCIPAL	127
FIGURA 60– O JARDIM I – VISTO DO ANDAR SUPERIOR (FOTOGRAFIA - ARQUIVO DO CAORG).	128
FIGURA 61 – O JARDIM II	128
FIGURA 62– PORMENOR DO BALCÃO - ANDAR SUPERIOR.	128
FIGURA 63– MURO DO JARDIM DA CASA DOS AÇORES (FOTOGRAFIA - ARQUIVO DO CAORG).	129
FIGURA 64– PORMENOR DA CASA DOS PATUDOS (ALPIARÇA) RAUL LINO – 1904 (FOTOGRAFIA – ARQUIVO PARTICULAR)	129
FIGURA 65– O TORREÃO - PARTE INTEGRANTE DO JARDIM DA CASA DOS AÇORES.	129
FIGURA 66– A PORTA PRINCIPAL DO JARDIM.	130
FIGURA 67- VISITA DOS TÉCNICOS DE ACOMPANHAMENTO DAS OBRAS I.	135
FIGURA 68– VISITA DOS TÉCNICOS DE ACOMPANHAMENTO DAS OBRAS II.	135
FIGURA 69– VISITA ÀS OBRAS II	135
FIGURA 70– VISITA DO ARQ. PAISAGISTA FERNANDO PESSOA	135
FIGURA 71– ASPECTO DO JARDIM I	138
FIGURA 72– ASPECTO DO JARDIM II	138
FIGURA 73 – O TORREÃO	139
FIGURA 74 - MURO EXTERIOR DO JARDIM	139

Índice dos documentos

DOCUMENTO 1– LOGÓTIPO DA LOJA DE MANUEL ROQUE GAMEIRO	47
DOCUMENTO 2– NA AMADORA TODA A GENTE O CONHECIA.	56
DOCUMENTO 3– EXTRACTO DA CARTA DE UM AMIGO.	59
DOCUMENTO 4– DESPESA EFECTUADA EM SANTO TIRSO.	64
DOCUMENTO 5 - CARTÃO ENVIADO POR EL-REI D. CARLOS I.....	66
DOCUMENTO 6– CARTA ENVIADA POR MAMIA RG MARTINS BARATA À COMISSÃO PRÓ-MUSEU	72
DOCUMENTO 7 – HOMOLOGAÇÃO DO MUSEU ROQUE GAMEIRO, EM 1970	74
DOCUMENTO 8 – OBSERVAÇÕES À PROPOSTA APRESENTADA PELA JUNTA DE FREGUESIA DE MINDE, PARA A CRIAÇÃO DO MUSEU	74
DOCUMENTO 9– A PLANTA DO MUSEU	77
DOCUMENTO 10– O ANÚNCIO DA INAUGURAÇÃO DO MUSEU.....	80
DOCUMENTO 11– INTRODUÇÃO DA CARTA ENVIADA PELO SR ARQ. MARTINS BARATA AOS “AMIGOS DO MUSEU”	91
DOCUMENTO 12– 1º ESBOÇO DO PROJECTO DO “NOVO MUSEU”.....	93
DOCUMENTO 13	95
DOCUMENTO 14– CARTÃO CONVITE.....	98
DOCUMENTO 15– CARTAZES-CONVITE.	99
DOCUMENTO 16– DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DO CONCELHO DE ALCANENA QUE FREQUENTAM O CONS. DE MÚSICA.....	100
DOCUMENTO 17 –LOCAL DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS QUE FREQUENTAM O CONSERVATÓRIO DE MÚSICA.	101
DOCUMENTO 18– CONVITE PARA UMA EXPOSIÇÃO DE MANTAS DE MINDE.....	105
DOCUMENTO 19 – ENVELOPE DA CASA DOS AÇORES.....	121
DOCUMENTO 20– A CASA DOS AÇORES ANTES DAS ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS.....	122
DOCUMENTO 21– PLANTA DA CASA DOS AÇORES , ANTERIOR A 1926	123
DOCUMENTO 22– DESENHO DA CASA DOS AÇORES - PROJECTO DE AMPLIAÇÃO E MODIFICAÇÃO DA CASA.	124
DOCUMENTO 23– PLANTA DO INTERIOR DA CASA DOS AÇORES.....	125
DOCUMENTO 24– DESENHO DE IMPLANTAÇÃO DA CASA E DO JARDIM	133
DOCUMENTO 25– ALÇADOS DA CASA DOS AÇORES.	134
DOCUMENTO 26– PORMENOR DO VARANDIM DE PEDRA.....	136
DOCUMENTO 27– DESENHOS PORMENORIZADOS DE TRÊS PORTAS EXTERIORES.	136
DOCUMENTO 28– A ALDRABA DA PORTA E O ESQUEMA DA “BOISERIE”	137
DOCUMENTO 29– DESENHO DO JARDIM	138
DOCUMENTO 30– CAPA E CONTRACAPA DO CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO	140
DOCUMENTO 31– PEQUENO DESENHO AGUARELADO DE MARTINS BARATA	142
DOCUMENTO 32– A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS	142

Introdução

A compreensão dos espaços depende do modo como neles se organizam e interferem elementos naturais e elementos provenientes da capacidade criadora dos grupos humanos: esse arranjo constitui, ao mesmo tempo, o quadro e o conteúdo de qualquer porção individualizada da superfície da Terra.

Orlando Ribeiro

O Tema

Foi em Minde, em pleno Maciço Calcário Estremenho, num ambiente de domínio da rocha nua e descarnada, de grande secura superficial, de luz crua, de solos pobres e, por consequência, de vida difícil, que na segunda metade do séc. XIX, nasceu o Pintor Alfredo Roque Gameiro. Este ambiente, a par da sua educação, dos seus princípios e das suas convicções marcou profundamente a sua vida e a sua obra. Em 1970, os seus familiares e conterrâneos homenagearam-no, recolhendo uma parte significativa dos seus trabalhos no Museu Roque Gameiro. Mal alicerçado na comunidade, erguido sem a participação concreta da mesma, sem apoios humanos e materiais, cedo fechou as suas portas.

Minde, os Mindericos, o Museu, o que posso estudar sobre esta Terra que também é minha, sobre esta *alma* minderica tão profundamente enraizada neste espaço, sobre o Museu tão ambicionado pela população - são temas que há muito bailam na minha cabeça. Impossível escolher um deles, pois estão profundamente interligados e interdependentes. O Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, sucedâneo do Museu Roque Gameiro, a comunidade onde se insere, num espaço de características por vezes tão determinantes, onde as suas formas de vida estão tão vinculadas, é o objecto deste trabalho. Cada terra é uma entidade única, o resultado de combinações imbricadas, complexas que nunca se repetem integralmente noutros lugares, onde como numa relação de parentesco, as pessoas se

parecem, mas não são iguais. Como escreveu o Prof. Orlando Ribeiro: «O tempo fixa permanências e conserva inércias que se imprimem na fisionomia dos lugares e pesam no seu destino».³

Hoje, Minde é uma vila que se está a transformar e a ficar semelhante a tantas outras. Aqui, a crise dos têxteis empurrou-a fatalmente para outras formas de economia, relegando para segundo plano as actividades ligadas ao trabalho das lãs – as mantas e as malhas, actividades estas que durante anos foram a base da sua economia.

O fabrico artesanal das mantas caiu num processo gradual de abandono e esta actividade que tão bem caracterizava os Charales (os naturais de Minde), hoje só faz parte da memória, mas recente e, daí, traz consigo a saudade. A sua presença é sentida profundamente por todos – é só ouvi-los quando tocam e cantam em coro o seu hino: «As Mantas da nossa Terra».

O Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, criado em 1989, como sucedâneo do Museu Roque Gameiro, tem procurado aliar a tradição e a memória com a contemporaneidade. Foi precisamente esta Associação, que foi buscar o aguarelista Alfredo Roque Gameiro como patrono e que associa ao seu pólo principal, o Museu de Aguarela Roque Gameiro, a recuperação e o funcionamento de um tear, entre outras actividades.

Minde, de certa forma parece rejeitar a matriz que lhe deu uma identidade especial, pois para muitos, o fabrico artesanal das mantas está ligado a uma época pobre, difícil e dura que os mais velhos ainda viveram. Mas foi a partir desta actividade que os mercados do país deixaram de ter segredos para os mindericos.

É um facto, que nos nossos dias, decorrem as transformações mais rápidas, mais profundas e mais espectaculares por que Minde já passou. Com elas, mudam tanto os conteúdos como a organização do espaço; o sentimento da rapidez destas transformações é cada vez mais acutilante e ocorre de uma forma, muitas vezes desordenada, não harmónica, procurando alcançar um desenvolvimento que é necessário encaminhar.

Como é que o Museu pode actuar nesta terra que ainda é a terra das mantas de lã, a terra dos comerciantes que correm o país de lés-a-lés e a terra onde se «pia à modeia» (se fala à moda de Minde)?

A inserção do espaço, como um território mais ou menos diferenciado, na Museologia, não só como património natural, mas cultural, marcou um passo significativo

³ Orlando Ribeiro, Iniciação em Geografia Humana, 1986, pág.12.

no sentido de se criar uma complementaridade em dois domínios, o Ambiente e a Museologia, que durante muito tempo quase que se ignoraram.

A integração do histórico no actual, do passado no presente, do tempo no espaço, são indispensáveis para uma compreensão da realidade seja qual for o nível ou o objecto a que se aplique.

Reclamam-se, assim, soluções que apelam à participação de todos e à implementação de processos que têm que ser obra de diferentes grupos tendo por base uma participação profunda e consciente.

É neste contexto, que cabe ao Museu uma intervenção activa nos processos de transformação social, económica e cultural. Este museu é uma instituição ao serviço da sociedade e inseparável da mesma sociedade que lhe dá vida. Capaz de estimular na comunidade uma vontade de acção, aprofundando a consciência crítica de cada um, busca os fundamentos da acção, nas condições históricas e do meio; a comunidade é, assim, agente tanto da preservação como da construção do seu património.

Aspectos metodológicos

Um pequeno grupo de trabalho que começou a surgir em Minde, em meados da década de oitenta do séc. XX assentou no propósito de envolvimento e participação da população em todo o processo de criação de um “Novo Museu” e apontou para um caminho diferente face aos fundamentos e às práticas museológicas anteriores.

Mesmo quando o Museu é também um Centro Cultural, permanece a Instituição onde a comunidade se revê.

Estas considerações são indispensáveis para se compreender a relação entre o Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro e o Museu de Aguarela e o espaço onde estão inseridos, o seu papel social e a Museologia como parceiro no processo de desenvolvimento.

Partir da observação, apurar, ordenar, aproximar factos, procurar tirar daí um elo de ligação que permita explicar e construir um relato coerente mas, agir com prudência no meio desta variedade, tal foi a minha maneira de trabalhar⁴.

⁴ As citações e a referência à bibliografia utilizada seguem a norma APA (American Psychiatric Association), versão de 2001.

O trabalho que me propus realizar e no qual, acima de tudo, pus todo o meu afecto e dedicação, seguiu um caminho que foi muito sonhado, observado, pesquisado, vivido e que tanto tem de atraente como de perigoso.

Neste estudo, assente na observação, na recolha de muita informação oral, na pesquisa, em muita reflexão e na convicção de que, apesar de uma vivência profunda, sentida, perfeitamente integrada, haverá ainda muito para pesquisar, reflectir, interrogar, sentir e agir. Trata-se de um tema sobre o qual nada foi estudado antes. O seu fim é modesto, mas tem a pretensão de poder vir a ser útil, no aspecto prático, guiando e orientando a investigação, dando os primeiros passos, sugerindo nas entrelinhas, orientando na recolha, tratamento e na elaboração de materiais.

A quem couberem em sorte estas páginas, delas possa tirar algum proveito, indispensáveis à compreensão dos elementos resultantes do trabalho de todos num certo ambiente que, de maneira mais ou menos acelerada, tem sido transformado.

A ligação, às vezes ignorada ou tantas vezes mal entendida, entre os conceitos do património natural e cultural que se complementam na realidade espacial que é o território onde as sociedades humanas se enraízam e organizam, é aqui objecto de uma reflexão. O conhecimento das relações e a evolução dos conceitos procura abrir caminho à compreensão.

Organização do trabalho

Assim, este trabalho incidirá fundamentalmente sobre os seguintes temas:

I – Minde e Alfredo Roque Gameiro

O que nos mostra esta realidade, acessível aos nossos meios de observação?

Primeiro, sem acção humana, depois, onde a natureza dissimula a sua presença e, por fim, os espaços onde as nossas acções se entrelaçam com os traços naturais. Estas acções acrescentam aos aspectos da natureza uma expressão muitas vezes original e nova.

Alfredo Roque Gameiro, natural de Minde, evidencia nos seus desenhos e aguarelas, a influência deste meio onde viveu a sua infância. Outros espaços e outras vivências estão subjacentes aos seus trabalhos, mas toda a sua vida foi profundamente marcada pelas suas origens, pelas suas convicções, pelos ambientes em que viveu, pela sua Família, pela sua Educação.

II – O Museu Roque Gameiro

Em 1970, abriu em Minde, numa parte da casa em que o pintor nasceu, o Museu Roque Gameiro, que associou aos trabalhos do seu patrono, outros de familiares directos e amigos. Reuniram-se ainda alguns objectos da época em que ARG aí viveu. À abertura do Museu, resultado de um trabalho não alicerçado na comunidade onde se inseriu, seguiu-se um período de fragilidades, que conduziram ao seu encerramento. No entanto, procurou-se salvar as obras de arte, colocando-as à guarda de uma instituição conceituada, o Museu de José Malhoa nas Caldas da Rainha, que nos últimos 39 anos, as acolheu, conservou e divulgou.

III – A reflexão sobre a responsabilidade do CAORG e do Museu de Aguarela face à comunidade

Com a constituição do Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, em 1989, abriram-se novas perspectivas de actuação do Museu, que não implicam o abandono da sua função tradicional, mas, um trabalho conjunto com este Centro Cultural do qual é um dos seus pólos. Ao contrário do primeiro Museu, este emana de bases locais e implica um conhecimento das populações, das suas preocupações sociais, económicas, culturais e ecológicas, das questões vitais que verdadeiramente caracterizam esta comunidade. Para isso, conta com a colaboração de um conjunto de técnicos conceituados que graciosamente têm contribuído para a concretização deste projecto. Este assenta numa reflexão sobre o património cultural de Minde, tendo em conta não só o âmbito do território, mas também a organização dos espaços em função do que é pretendido, com os meios e recursos disponíveis para os poder implementar.

Capítulo I – A Terra e o Homem – Minde e Alfredo

Roque Gameiro

O meio é ao mesmo tempo, natural e cultural, subjectivo e objectivo, colectivo e individual.

Berque

I. 1 - Minde desde a 2ª metade do séc. XIX aos inícios do séc. XXI

O espaço natural constitui pelo menos o suporte e, muitas vezes, a condição dos elementos humanos

Pierre Gourou

I.1.1 – O ambiente físico

Os elementos naturais formam o quadro que contém os trunfos, os estímulos, mas também as restrições ao trabalho dos homens. Todas as acções humanas são continuamente confrontadas com as condições naturais que, algumas vezes ultrapassam e contradizem, enquanto outras seriam incompreensíveis quando desligadas do seu apoio e enquadramento terrestre.

A localização no espaço é o ponto de partida para localizar Minde, uma pequena vila do extremo noroeste do distrito de Santarém; da sua posição natural em relação às unidades de relevo que a enquadram, está uma grande parte da sua personalidade.

A observação do mapa de pequena escala (Fig.1) permite enquadrar Minde em relação a conjuntos maiores: a posição relativamente ao mar, a posição relativamente a conjuntos montanhosos, que podem fechar ou facilitar o caminho às influências marítimas. Daqui dependem as oscilações climáticas e a adaptação das plantas a uma secura maior ou menor.

É, ainda pela observação do mapa de pequena escala que podemos analisar a sua posição em relação às vias de comunicação, em relação aos centros urbanos grandes ou pequenos.

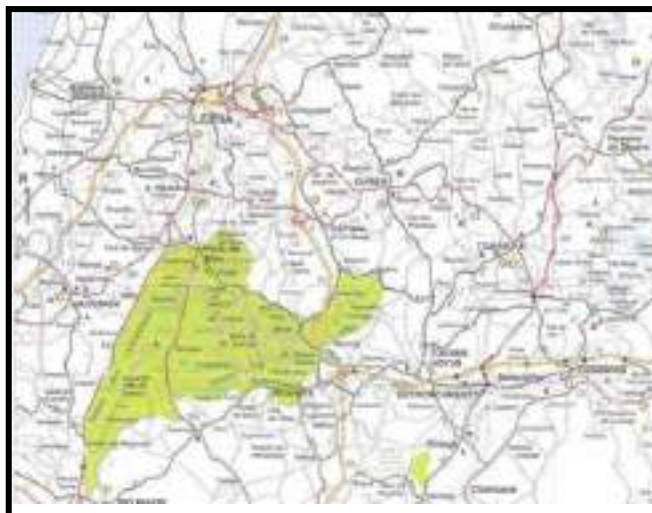


Figura 1 – Minde - a sua localização geográfica.

É atravessada pelas estradas nacionais que a ligam a Leiria, Torres Novas e Santarém, das quais dista respectivamente, 35, 15 e 45 Kms (escala 1:900000). A auto-estrada (A1) tem ao Km 100, Minde a seus pés. A mancha a verde é a área ocupada pelo Parque Natural das Serras d’Aire e dos Candeeiros.

O estudo do enquadramento é sempre vantajoso pois pode realçar semelhanças ou diferenças entre regiões mais ou menos próximas.

Só o mapa de escala intermédia ou de grande escala (fig.2) é o instrumento adequado para o estudo da configuração do relevo e outros elementos geográficos próximos, o que nos permite analisar espaços que a observação directa não permite.



Figura 2 – Mapa topográfico (1:25000)

Minde situa-se na base da escarpa de falha (Costa) e na margem sul da grande depressão fechada, mais conhecida por Mata (polje).

A relação de Minde com os relevos que a enquadram constitui uma relação de posição importante. A sua localização numa grande forma cársica do Maciço Calcário Estremenho (MCE) favorece o seu isolamento e ajuda a compreender o quanto foi difícil a adaptação dos homens a estas terras da sede, como costumava dizer Alfredo Fernandes Martins. No estudo mais cuidado da sua posição convém considerar também as suas relações com as linhas naturais de trânsito, não só de pessoas, mas de influências climáticas, de plantas, assim como dos produtos do trabalho dos homens.

«O MCE conservou até aos nossos dias um acentuado carácter repulsivo. As praças fortes enquadram-no, dominando os caminhos que o circundam »⁵

Em áreas de clima mediterrâneo que se caracteriza por um verão mais ou menos longo, quente e seco, com chuvas violentas e concentradas no Outono e no Inverno, os produtos resultantes da alteração superficial são removidos com muita facilidade, ficando à

⁵ Suzanne Daveau, Portugal geográfico, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1995, pág.117.

vista, a rocha descarnada; as manchas de terra arável são arrastadas tanto mais facilmente quanto o declive é mais acentuado. Quando o solo arável existe, ele é delgado, esquelético, pobre, muitas vezes embaraçado com fragmentos de pedra solta. As surgências rochosas são frequentes e limitam, naturalmente, algumas parcelas cultivadas. Os solos são muito jovens (as chuvas fortes e violentas, normalmente no princípio do Outono e no Inverno, retiram-lhes, em cada ano, os seus elementos) e reflectem a natureza e a composição das rochas que lhes dão origem.

O MCE seco e de rocha nua não é um centro atractivo; repele o povoamento. Todavia, onde a terra rossa (bolsadas de argila de descalcificação, e, portanto pobre) atapeta as terras mais baixas e graças ao seu enriquecimento com caganitas de cabras, se transforma numa terra acastanhada – o felgar –, o homem construiu as suas casas e fez algumas culturas (na parte baixa de Minde, o Felgar foi o espaço mais tarde ocupado pela urbanização).

As rochas reflectem-se ainda no relevo; são elementos importantes nas paisagens.

O material principal do MCE é o calcário; permeável quando em grandes assentadas, corroído pela água, rasgado pelas águas da escorrência - é o pano de fundo destas terras pobres que contempla todos os tons de cinzento desde o esbranquiçado ao cinzento-chumbo. Nenhuma rocha revela de uma maneira mais evidente, a sua presença na topografia nem imprime à paisagem um cunho mais original. Formam muralhas abruptas, com paredes furadas por grutas e grandes superfícies aplanadas rasgadas por profundas depressões.

O calcário é uma rocha solúvel e permeável, em grandes assentadas, mas impermeável em amostra. A água das chuvas infiltra-se ao longo das fendas para alimentar uma circulação subterrânea rica que corresponde à aridez da superfície. É uma rocha que se fractura com muita facilidade, que cobre o solo de pedras soltas que estorvam a marcha e toam ruidosamente sob os nossos pés; encontram-se na base das escarpas, mas também não faltam nas encostas mais suaves. Tudo isto contribui, ainda mais, para vincar as características desta paisagem pedregosa e agreste.

A observação dos territórios é sempre marcada pela presença e configuração das massas do relevo. (fig. 3 – mapa hipsométrico).

O MCE, diferenciado de tudo o que o envolve, pela sua constituição geológica e particulares condições hidrológicas, assim como pela hipsometria e comportamento geológico, marca a sua individualidade com uma pobreza austera em relação à riqueza e abastança das terras vizinhas.

Duas grandes superfícies planálticas (o Planalto de Santo António, a sudoeste e o Planalto de São Mamede, a nordeste), impõem-se na paisagem; as suas altitudes médias rondam os 400m e contrastam com o anticlinal da Serra d’Aire, a sudeste, que culmina a mais de 600m e com a depressão de Minde, abaixo dos 200m, que corta transversalmente os referidos planaltos.

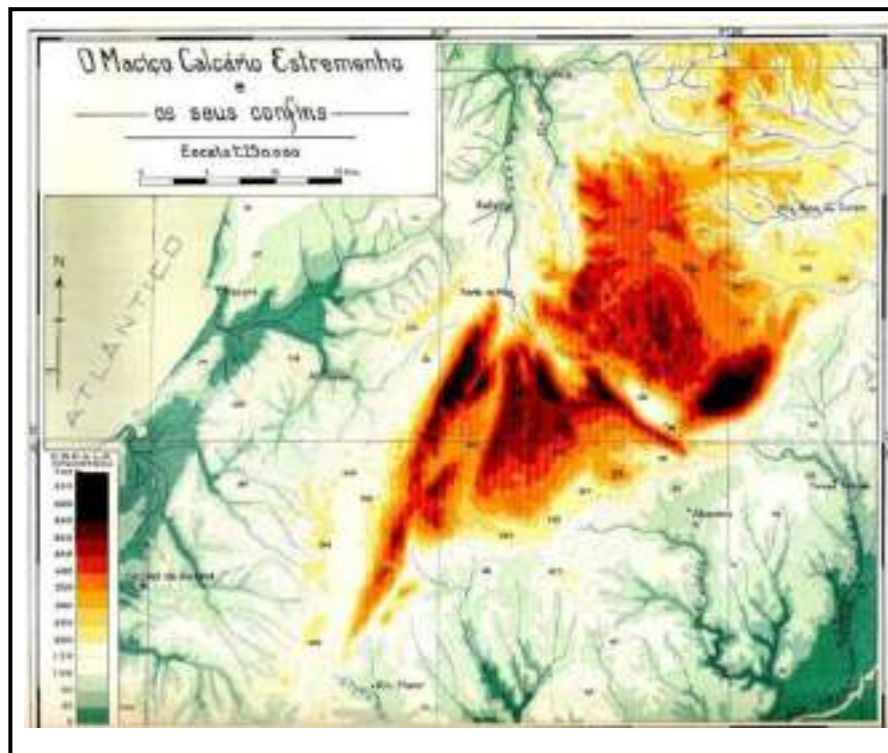


Figura 3 – Mapa hipsométrico

A posição de Minde (M) em relação aos relevos envolventes. Na figura assinala-se a posição do polje, entre os planaltos de Santo António, a ocidente e de São Mamede, a oriente. «Estes planaltos são separados por um acidente tectónico, transversal de direcção NW-SE, ao longo do qual se formaram as depressões dissimétricas de Minde e de Alvados. Nas duas depressões deram-se abatimentos do bloco de nordeste e a formação da imponente escarpa de falha que é a Costa de Minde e da escarpa de Alvados».⁶

O fenómeno cársico mais importante de todo o MCE, a sua maior atracção geográfica e turística é o polje de Mira-Minde - a Mata (4 km de comprimento e 1,9 km de largura), instalado numa pequena bacia tectónica e associado ao grande acidente tectónico – a Costa. (fig.4). Esta eleva-se a 300m de altura; é o limite SW da depressão e é uma escarpa de falha de grande frescura. «A superfície plana do polje introduz, de súbito, na paisagem,

⁶ Carlos Alberto Medeiros, Geografia de Portugal, vol.1, 2005,pág. 108.

uma nota tranquila». ⁷ O seu fundo é rochoso e continuamente aplanado pela acção difusa dos pequenos ribeiros que se formam no início da inundação.



Figura 4– A Costa de Minde

Resulta de uma falha e de uma grande rejeição (mais de 300metros). Já avançada a Primavera, vê-se, em primeiro plano, uma pequena parcela com vinha, a testar uma ocupação agrícola, quase total, que a Mata tinha há algumas dezenas de anos atrás. (fotografia de MARG)

O Maciço funciona como uma verdadeira esponja, cada vez mais corroído à medida que a profundidade aumenta. As águas das chuvas infiltram-se no solo, quase sem circulação superficial organizada e acumulam-se em profundidade. Da periferia do Maciço surgem as exurgências, nascentes da bordadura que alimentam alguns rios importantes: Alviela, Almonda, Lis, Nabão. No Inverno, porque estamos numa região de grande quantidade de chuvas (média anual – 1252 mm), os níveis subterrâneos elevam-se e podem aflorar. O polje de Minde com uma cota que ronda os 118m, na parte mais baixa, torna-se num lago temporário, cujas águas sobem por algares e dolinas e se retiram pela mesma via. (em Minderico, algar é sinónimo daquele que tudo engole, tudo come).

As inundações, quando se verificam, duram, em cada ano, alguns meses; a sua duração e a quantidade de água do lago temporário são variáveis como o são a quantidade de chuvas caídas, o número de meses consecutivos de chuvas intensas e a duração da estação seca anterior. Esgotado o lago temporário, com os dias cada vez mais secos e quentes, a vasta superfície plana é de alguma fertilidade. As águas são apenas desafiadas por

⁷ Alfredo Fernandes Martins, Maciço Calcário Estremenho, Coimbra 1949, pág.183.

algumas árvores de grande porte, sobretudo carvalhos, últimos testemunhos da mata devastada (Figs 5 e 6).

Minde margina a sul a depressão e gradualmente estende-se ao longo da encosta mais suave e mais soalheira que conduz ao planalto de São Mamede no caminho para Fátima, a leste.



Figura 5– A Mata no Outono

O polje (plaino) mostra os restos das divisórias das várias parcelas. Aqui, o campo fechado por muros de pedra solta, atesta o individualismo na posse da terra e uma maneira de desembaraçar e arrumar as pedras. À direita da imagem, e em primeiro plano, Minde; à esquerda, Mira d’Aire. As duas mais importantes povoações do interior do Maciço Calcário Estremenho desenvolvem-se nas margens do polje. (fotografia de MARG)



Figura 6 – A Mata no Inverno.

Pode transformar-se num lago temporário na estação pluviosa como consequência de períodos de chuvas muito intensas e prolongadas. Em primeiro plano, parte do casario de Minde e, ao fundo, Mira d’Aire. (fotografia de MARG – Fevereiro de 2002).

Como disse e escreveu De Martonne «o clima dá a cor à paisagem com tudo o que a ele se liga, regime das águas correntes e tapete vegetal».⁸ O colorido da vegetação não tem a solidez das formas de relevo; é uma realidade fugitiva, tem mudado várias vezes, já sob o olhar dos homens.

Não é possível estudar em pormenor (também não é o objectivo deste trabalho) as características climáticas desta pequena parte do Maciço, pela ausência de elementos necessários, mas tentarei suprir este facto, com alguma experiência e conhecimento do local e de informações colhidas junto das populações.

Ao clima mediterrâneo liga-se a noção de temperatura média já elevada, de verão quente, longo e seco e Inverno moderado e com algumas chuvas. «Dentro deste esquema geral, situam-se vários tipos climáticos bem diferenciados».⁹ Para o estudo das características climáticas de Minde e de uma pequena área envolvente, arriscarei algumas conclusões assentes em dados precários sobre pluviosidade (recolhidos pelo registo feito pelo professor primário de Minde entre 1932-1944) e na minha experiência, arriscarei sobre a temperatura e sobre a frequência e duração dos ventos dominantes.

Os tipos de tempo são, como no resto do país, influenciados pela posição dos centros de pressão no Atlântico norte, pelos centros de pressão na Península Ibérica (anticiclone no Inverno e centros de baixa pressão, no verão) e, no verão, pelas depressões muito cavadas, instaladas no norte de África.

Os valores destes elementos do clima exprimem-se por médias do ano, do mês, do dia. Mas, há outros dados importantes: a duração do período seco, surtos de temperatura alta nas estações mais frescas, concentração das chuvas, com as suas cada vez maiores oscilações. As médias anuais não podem exprimir as variações, muitas vezes brutais, e das quais a natureza tanto se ressent.

Neste caso, os registos faltam e por isso, é necessário recorrer a outros elementos que são susceptíveis de serem observados, são elementos incertos, não têm expressão gráfica, mas não devem ser desprezados: troncos de árvores revestidos de musgos, bolores que se desenvolvem em, por exemplo, objectos de couro, denunciam um clima húmido.

A tendência mediterrânea é nítida na distribuição das chuvas ao longo do ano; as chuvas são já abundantes no Outono, mas têm o seu máximo no Inverno (Fig.7) e apesar de um máximo secundário em Março, diminuem progressivamente até ao final do Verão.

⁸ De Martonne, *Géographie Physique de la France*, s/ data, pág 7

⁹ Orlando Ribeiro, Portugal. *O Mediterrâneo e o Atlântico*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1986, pág.3.

Estas irregularidades na quantidade e na distribuição das chuvas ao longo do ano, manifestam-se nas inundações muito irregulares do polje de Minde.

Em meados do séc. XX, muitas vezes, as chuvas caídas no final de Setembro, aceleravam a apanha das uvas na Mata de Minde.



Figura 7 – Pluviosidade média anual (1932-44) no MCE

1- menos de 800mm;2 – de 800 a 1000mm;3 – de 1000 a 1100mm; 4 – de 1100 a 1200mm; 5 – de 1200 a 1400mm;6 – mais de 1400mm; Abreviaturas: L – Leiria; Mc – Maceira; F – Fátima; Al – Aljubarrota; Ac – Alcobaça; M – Minde; A – Alcanede; P – Pernes; C – Chamusca; RM – Rio Maior; (escala: 1/500000).¹⁰

O Inverno é frio e bastante chuvoso, o Verão é seco e muito quente. Nos dias quentes, se por acaso não sopra qualquer brisa, a temperatura sobe, a insolação e o calor reflectido pelas rochas nuas e descarnadas, transforma a parte baixa num forno. Em compensação, as noites, quando sopra um vento brando, que traz consigo a maresia, são frescas. No Outono, a temperatura desce sensivelmente a partir do fim de Setembro; a chuva cai em regime de aguaceiros e, muitas vezes, há tendência a que as chuvas se liguem ao máximo do Inverno. Quando chega a Primavera, a temperatura sobe nitidamente desde Abril, associada à diminuição progressivas das chuvas – Maio é frequentemente, um mês seco, mas pelo São João, quantas vezes a Mata ainda tem água ...

O aspecto da vegetação é, por certo, o sinal mais expressivo de um território, como a sua ausência é um dos traços que nos surpreendem. Quando procuramos evocar a paisagem cuja imagem se aviva na nossa memória é o conjunto dos vegetais diversos que revestem o solo, são as suas cores, espaçamento ou tufos, que lhe dão o cunho da sua individualidade. As condições particulares do solo, estimuladas pelas características do clima, condicionam o aspecto mediterrâneo da cobertura vegetal. Mas, além destes factores naturais há que ter em conta a acção profunda do homem que vem modificando o manto vegetal, introduzindo,

¹⁰ Alfredo Fernandes Martins, in obra citada, pág. 215

suprimindo e transformando conscientemente, e, por isso, modificando, sem se dar conta, a vegetação espontânea.

Os traços climáticos reflectem-se na originalidade do manto vegetal, caracterizado pelo predomínio de árvores e arbustos cobertos de folhas todo o ano. O rigor do verão (o calor e a secura) traduz-se na vegetação, pelas suas características xerófilas, ajustadas a este ambiente: folhas coriáceas e aceradas, resinas odoríferas, cheiro intenso das labiadas.

Os bosques primitivos seriam certamente constituídos por associações mais complexas com domínio de «Querci de folha perene».¹¹ A azinheira (a que os alemães chamam o carvalho das pedras), os carrascos, o loureiro, o lentisco, as estevas, as labiadas (alfazema, alecrim, rosmaninho, tomilhos) que exalam um odor inconfundível encontram-se ainda um pouco por todo o lado, na encosta virada aos ventos húmidos (a encosta ocidental do planalto de São Mamede), de Inverno mais moderado, mais soalheiro, de declive menos acentuado e constituem os restos da vegetação alterada pelo homem. Aqui, também os pinheiros cobrem uma parte dos solos atapetados por esta «garrigue».

Apesar do homem ter exercido, ao longo dos séculos, um efeito negativo sobre esta vegetação, destruindo-a, também soube tirar proveito dela: os arbustos dão a lenha, a cama para o gado e ajudam a preparar o estrume nos currais, as ervas servem de pasto para o gado miúdo; de algumas plantas comem-se os frutos e na maior parte delas procuram as abelhas, atraídas pelo seu perfume, o néctar de que se alimentam (Fig.8).



Figura 8 – O maquis

Fraco testemunho da vegetação que cobria as superfícies, não tão secas e que o homem impiedosamente devastou. (fotografia de MARG - 2004)

¹¹ Orlando Ribeiro, *Mediterrâneo, ambiente e tradição*, FCG, Lisboa, 1968, pág. 42

Até ao final dos anos sessenta do século XX, antes do início da grande vaga de construções, ao longo desta encosta, encontravam-se alguns dos grandes enxames do norte do Ribatejo e Minde viu desenvolver uma grande actividade assente na apicultura.

«Os aspectos da vegetação espontânea actual permitem completar o quadro em que se moveram as populações de determinada região. É o conhecimento do manto da vegetação espontânea, da destruição das florestas, das transformações das matas em charnecas, da introdução de novas arborizações, que leva a reflexão a avaliar o que a fisionomia dos lugares deve ao homem, à sua presença e à sua luta sem tréguas, contra a natureza ambiente».¹²

Depois de analisados os elementos do quadro físico: a natureza do solo, o predomínio de certos tipos de rocha, o arranjo dos materiais do relevo, o clima e a vegetação, estreitamente ligados, - estamos perante um quadro, o mais estável e permanente.

Apesar de algumas mudanças no decurso da existência do homem, a natureza continua a impor-se. Em relação ao tempo escasso que a história abrange, são profundas as transformações do manto vegetal. Uns lugares mudaram de feição no decurso dos séculos, outros, pelas linhas mestras do desenho, são pela permanência dos aspectos naturais.

Só agora, feita a abordagem desta trama de relações complexas se irá introduzir a acção humana. As populações estão ligadas à terra pelas suas raízes mais profundas, mas ao mesmo tempo, libertas (pela sua inteligência, pelo seu poder criativo, pela sua vontade) da “tirania” das forças da natureza.

I.1.2 – O Ambiente Humano

Por Carta Régia de 20 de Janeiro de 1165, foi criada a Albergaria de Minde. Albergarias como esta situavam-se em lugares estratégicos de maneira a dar apoio aos transeuntes, ao longo dos trajectos mais procurados, na época.

A construção meridiana do estado português fez-se ao longo de corredores naturais, corredores esses que circundam os maciços montanhosos e evitam, tanto quanto possível, a travessia de gargantas profundas e de rios de grande caudal. O MCE conservou até bem perto de nós, o seu carácter repulsivo visto ser agreste, elevado, limitado por bordos escarpados; «as praças-fortes enquadraram-no, dominando os caminhos que o circundam».¹³

As duas únicas vias secundárias que permitem atravessar o maciço, são dominadas pelo Castelo de Porto de Mós, já com uma posição periférica. Mais tarde, com a divisão do

¹² Orlando Ribeiro, Introdução ao estudo da Geogr. Regional, Edições J. Sá da Costa, Lisboa, 1987, pág.110

¹³ Suzanne Daveau, in obra citada, pág.117

país por distritos (1836), o Maciço foi cortado e, até o polje de Mira-Minde pertence metade ao distrito de Santarém e outra metade ao distrito de Leiria

E. Lavisse escreveu na sua Geografia da França: «uma individualidade geográfica não resulta de simples considerações de Geologia e de clima. Não é uma coisa dada antecipadamente pela natureza. É preciso partir de uma ideia de que um território é um reservatório onde dormem energias de que a natureza depôs o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele que, vergando-a ao seu uso, traz à luz a sua individualidade. Estabelece conexão entre traços esparsos; aos efeitos incoerentes de circunstâncias locais, substitui um concurso sistemático de forças. É então que um território se precisa e se diferencia e que, com o tempo, se torna numa medalha cunhada com a efigie de um povo.»¹⁴

I. 1.2.1 – Algumas características da população

Sendo a população o ponto de partida e o factor mais importante no estudo de qualquer aglomerado humano, analisar a sua evolução no tempo, a sua estrutura por idades, por actividades, é reflectir bem sobre ela.

Na Coreografia portuguesa (1706-1712), António Carvalho da Costa escreveu: «Nossa Senhora da Assunção do lugar de Minde, aonde se fazem muytos panos, tem quinhentos e vinte vizinhos, mil quatrocentos e seis pessoas maiores, trezentos menores e estas ermidas ...». No dicionário geográfico de 1858¹⁵ diz-se que Minde pertence à Casa de Bragança e a freguesia conta com 1797 pessoas. A partir desta data, os recenseamentos passaram a fazer-se com alguma regularidade e periodicidade:

Ano 1878 – 1822 habitantes
1900 – 1988 “
1911 – 2076 “
1920 – 1356 “
1930 – 1480 “
1940 – 1790 “
1950 – 1861 “
1960 – 2762 “

Em 1970, comparando com as restantes freguesias do concelho (todas com diminuição do número de habitantes em relação ao censo anterior), Minde aumentou 27,5%; (de 2762 a 3440); de notar que neste mesmo período, os lugares de Covão de Coelho e Vale Alto, que pertencem à freguesia, viram baixar o número dos seus residentes. O grande

¹⁴ E. Lavisse, *Tableau de la Géographie de la France*, Paris, 1908, pág. 8

¹⁵ Dicionário Geográfico de 1858, vol. 23, pág. 947

aumento do número de residentes em Minde está relacionado com o grande desenvolvimento industrial, neste mesmo período.

Entre 1981-2001, assistiu-se a uma fase de aumento significativo da população, (3150 a 3338) relacionado também com o desenvolvimento da indústria e comércio de malhas. Apesar da forte mecanização, a indústria da confecção é sempre uma indústria consumidora de mão-de-obra.

Uma visita atenta pelas ruas da vila, com um significativo abandono das casas mais velhas de piores condições, permite-nos concluir de um abandono muito recente das mesmas. Este abandono não foi colmatado com a mudança para habitações modernas e mais confortáveis, pois no último ano a construção social caiu drasticamente.

A dinâmica duma população é bem evidente nas vagas de emigração que, ao longo dos séculos, foi uma constante da população portuguesa. Mecanismo demográfico que sempre afectou a vida dos homens, ela atingiu na década de 1960-70, grandes proporções. Em Minde, o seu efeito também se fez sentir, não tanto nos residentes, mas naqueles que o seu mercado de trabalho exigia.

Até há um século atrás, Minde empoleirava-se num pequeno outeiro (Eiteiro), emergente da periferia da depressão, mas, sacudida por um impulso forte de progresso, a partir de meados do século passado, alastrou significativamente, não em torno de si própria, mas ocupando as terras baixas de felgar (acompanhando o declínio da vida agrícola) e subindo gradualmente a encosta mais suave e soalheira, a leste.

Minde desenvolveu-se em volta da ermida de Nossa Senhora do Cerejal e, daí, se espalhou e ocupou o lado sul da grande depressão - a Mata. Seria esta depressão, alagada normalmente três ou quatro meses no ano, suficientemente atractiva para justificar a instalação das populações? É verdade que a lagoa só funciona como tal, poucos meses no ano, havendo mesmo anos em que não chega a encher, mas também é verdade que os mais importantes centros do interior do MCE estão nas suas margens: Minde e Mira d'Aire.

Os seus habitantes viviam tradicionalmente da criação de ovelhas, da cardação da lã, associados à venda ambulante, ou seja de um tipo de economia serrana e demasiado pobre para manter todo o ano os habitantes da região.

A circulação tradicional era periférica à serra: a estrada coimbrã (Fig.9) oferecia, a leste, uma passagem meridiana mais rápida e directa e a estrada litoral que ligava entre si as vilas implantadas nas partes mais baixas. Nos finais do séc. XVIII, a estrada coimbrã foi substituída pela Malaposta, na base ocidental do MCE. O caminho de ferro, aberto em 1864,

nunca atravessou o Maciço, contorna-o. Apenas a moderna auto-estrada (1991) o cortou, aproveitando terrenos pouco ocupados e baratos e servindo o lugar de grande atracção que é Fátima.

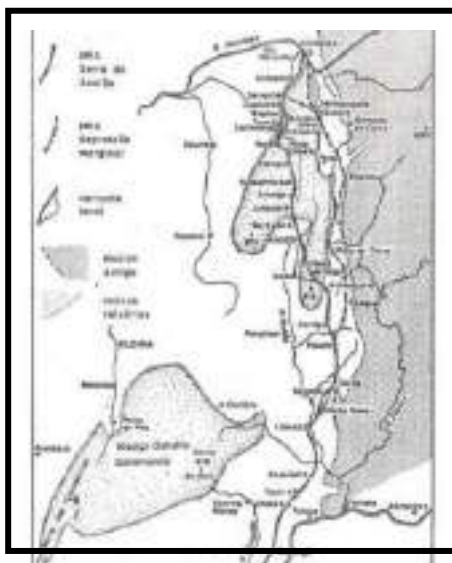


Figura 9 – O traçado da estrada Coimbra

¹⁶ (escala 1/900000)

Durante séculos foi uma povoação que se manteve à margem dos grandes eixos de circulação, até à abertura da actual estrada nacional, em 1887. O seu principal centro abastecedor era Leiria; só, mais tarde, Torres Novas o suplantou. O comércio era muito incipiente: algumas tabernas e pequenas lojas polivalentes, situadas na parte mais baixa e no caminho tanto para Torres Novas como para Porto de Mós (sede de concelho até 1898).

Na fachada norte do Mercado de Santarém, um azulejo assinado por Ricardo Roque, recorda os vendedores de mantas. O Dr. Miguel Coelho dos Reis, advogado com escritório em Santarém, em meados do séc. passado, gostava de conversar com estes mindericos e anotava cuidadosamente todos os termos que com eles aprendia. Destes apontamentos, mais tarde, compilados e oferecidos ao Museu RG, em 1970, resultou o primeiro vocabulário em Minderico.

Numa terra tão pobre de recursos naturais, no meio deste ambiente rude e de grande secura, onde o analfabetismo era regra, este linguajar foi de uso exclusivamente oral. Os cardadores e os negociantes de lãs começaram a usá-lo, talvez em princípios do séc.XVIII. Com o aumento da popularidade dos seus produtos e com a frequência cada vez maior nas feiras e mercados do país, os mindericos desenvolveram um grande espírito

¹⁶ Suzanne Daveau, in obra citada, pág. 117.

corporativista e para protegerem e tirarem mais rendimento do seu negócio começaram a usar, entre si, o Minderico, para de uma maneira inteligente, discutirem perante estranhos. Disto não há referências escritas antes da 2ª metade do séc. XIX, quando António de Jesus e Silva lhe faz referência nalguma imprensa da época (notícias e cartas no jornal «O Portomosense»). A partir daqui, passou a haver o que com alguma pretensão se pode chamar uma literatura em Minderico e a ele se ficou a dever a reduzida expressão escrita que teve até à data do seu falecimento, em 1926.

O Minderico surgiu como um sociolecto (mais vulgarmente designado por calão) ou seja, uma variedade linguística só usada por determinado grupo social que, numa perspectiva de evolução, ultrapassou essa barreira de sociolecto e rapidamente se transformou no meio de comunicação mais importante entre os mindericos. Se no princípio, era só usado pelos cardadores e pelos vendedores de mantas e só nas feiras, rapidamente passou a ser usado por outros grupos profissionais e sociais e em diferentes contextos. Transmitido oralmente de pais para filhos, cedo se afastou do conceito de calão.

Com o aumento da comunidade de falantes e com muita criatividade por parte dos mesmos, o seu vocabulário enriqueceu gradualmente. Alargaram-se também os seus contextos de aplicação e o Minderico tornou-se num elemento de união e de identificação

E, hoje? O espírito criativo mantém-se, e esta língua é usada por todos os grupos sociais e em todos os contextos - os mindericos têm orgulho da sua língua. E quando se juntam, fora de Minde é ouvi-los, sabedores de que não são entendidos! ...

« A existência de uma comunidade de falantes com boa fluência no conhecimento da língua e no gosto pela própria língua associados ao surgimento de novos termos torna o Minderico uma realidade linguística por si só. Como todas as línguas releva determinadas tendências no desenvolvimento dos seus vocábulos e essas reflectem-se nas suas estruturas internas e nas suas características semânticas. Por exemplo, o Minderico recorre frequentemente ao uso de metáforas, metonímias de várias bases, perífrases, elipses, etc.». ¹⁷

É esta língua simples, indecifrável por estranhos, muito usado por estudantes mindericos, entre si, nos seus meios académicos e que também neste trabalho é utilizado várias vezes, que tenta evoluir e adaptar-se mesmo aos dias de hoje. A prová-lo, apresentam-se estes pequenos textos:

1 - “Regatinha didi”

“O Covano ancho da Cabaça Seca fez cardenho à regatinha cópia que cerca de são mamede de parreirais do Ninhou estavam a grunhir.

Passou a jordar para gandar regatinha com figueira regal e os charales deram à piação pois não estavam antónio forno de jordar pró Totta.

¹⁷ Vera Ferreira, entrevista concedida ao “Portal Minderico”, Maio de 2009.

Gambiararam à do pinto lopes em moinhos da fonte, pois há baiucas que há mais de são mamede de planetas que têm âmbria de regatinha. Os charales jordam fredericos cópios que a sabugeira do jan coelho ou o covano ancho da Cabaça Seca atazanem regatinha cópia para todos os charales.”

Tradução:

“Água de má qualidade”

“ O Presidente da Câmara de Alcanena autorizou o corte de água potável que cerca de vinte casas estavam a consumir.

Passou a fornecer água em más condições e os prejudicados começaram a reclamar, pois não querem ficar sujeitos a contaminações.

Escreveram para jornais a denunciar que há mais de três semanas não têm água que preste, em suas casas. Espera-se que quem de direito ou o Presidente da Câmara façam com que a água chegue a todos em boas condições de salubridade.”¹⁸

2 – “ Mirantámos no bruxo, pelo tece-tece e jordámos pelo bruxo a piação do charal.”

Tradução:

Vimos no computador, pela Internet e respondemos-lhe pela mesma via.

I.1.2.2 – A luta contra a natureza

A vida material do homem, a sua maneira de organizar o espaço, os instrumentos para dominar a natureza originaram, superficialmente uma nova fisionomia dos lugares. A paisagem que o homem, discretamente, vai transformando eleva-o como poderoso modelador das paisagens terrestres, assim como o clima ou o relevo.

Dada a pouco extensão de terras baixas e planas, a agricultura avançou tardiamente pelas encostas de declive forte. Ao mesmo tempo, o homem desembaraçou o terreno das pedras, arrumou-as em muros de pedra solta (que sustentam o solo, mas também o defendem), arrumou-as no meio das minúsculas parcelas (construindo, como por aqui se diz, os caramouços) e desenhou uma obra de arquitectura rural (Fig.10). A rocha aparece, a maior parte das vezes, a descoberto, nua, descarnada ou mal coberta por uma fina camada de terra arável, mas pedregosa (Fig.11)

¹⁸ In Jornal de Minde, n° 429, 1992.



Figura 10 – Os muros de pedra solta

A pedra é o elemento dominante na paisagem. Os muros de pedra solta, aliam às suas várias funções, a de servirem também para desembaraçar das pedras, as minúsculas parcelas cultivadas; à direita, vê-se um caramouço, que, em Minderico, quer dizer monte de pedras. (fotografia de Rui Gonçalves)



Figura 11 – Corte de estrada

A terra rossa insinua-se entre este mundo de pedras. (fotografia de MARG)

É preciso enriquecê-la com estrume. A terra é cultivada a braço; as pontas da enxada não podem penetrar profundamente. As culturas insinuam-se nas partes mais baixas, no fundo de pequenos valeiros, em retalhos de terra rossa (Fig.12).



Figura 12 – O felgar

O felgar atapeta o fundo de uma dolina. A terra rossa, quando associada à matéria orgânica (a esta mistura chama-se o felgar) é de maior aptidão agrícola. (fotografia de Saúl Roque Gameiro)

As plantas medram em pequenas cavidades nas fendas dos calcários, daí a confusão do cadastro, um autêntico puzzle. Às vezes, é difícil estabelecer-se o limite entre campo cultivado e inculto.

À rica circulação subterrânea do MCE, corresponde a aridez do terreno superficial. Se as chuvas de Outono são deficientes e o anticiclone ainda está muito a norte, no princípio do Inverno, falta a água para fazer crescer as plantas, falta a erva nos pousios e nos terrenos do percurso do gado. Quando o homem se instalou nestas terras pobres abriu clareiras de culturas, derrubando e queimando. Introduziu o gado no meio das pedras. As árvores deram lenha e mato e o dente das ovelhas e, principalmente, das cabras, o gado que melhor se adapta a estas terras da sede, encarregou-se de impedir a reconstituição do matagal.

Alargadas as clareiras, desnudado o solo, a erosão vai pondo, continuamente, ano após ano, a rocha a descoberto, facilitando o enriquecimento do campo, de pedras (Karst, na Ístria, Croácia, significa região das pedras – e, daí, o termo aportuguesado - Carso).

Quando o aumento da população traz mais culturas a estes lugares, cada retalho de solo é aproveitado. Tiram-se as pedras maiores; o arado é de difícil utilização, o trabalho é feito à mão. Se não há terra arável, cria-se, usa-se a picareta. A Costa, no princípio do séc. XX revestiu-se de murinhos de pedra solta em que, cada um abrigava um pé de oliveira. Esta, medra nos buracos, quando abundantemente estrumada e protegida das cabras. As suas raízes procuram nas fendas das rochas, durante o período seco, os restos da humidade do solo.

As culturas instalam-se, as gentes conseguem viver bebendo água armazenada nos poços (alimentados pela água das chuvas que se recolhe nos beirais) ou vão buscá-la longe, em cântaros, ao lombo dos burros ou à cabeça. O abastecimento público de água corrente só chegou já a década de sessenta do séc. XX avançava.

I.1.3 – As actividades

A fisionomia de uma povoação muda facilmente segundo as actividades que os seus habitantes aí praticam e a interpretação dessa fisionomia tem em conta todas as influências, aparentes ou não que possam contribuir para compreender e explicar os diferentes aspectos.

O minderico aliou a força dos músculos e a vontade, numa longa luta, de maneira a conseguir pelo trabalho o que a terra lhe regateava. Tão combativo se tornou que insistiu em

permanecer ali, mesmo quando, ainda há poucos séculos, à força de arrotear, a serra lhe aparecia nua e pobre. À sua volta, os cumes aguçados (penas) da Costa e as lombas da serra d’Aire delimitavam-lhe o horizonte e as esperanças assentavam numa tira de felgar e no campo inundável no Inverno.

Na Mata cultivou milho, fez o plantio de batatas (quando ela foi introduzida em Portugal no séc. XVIII); também ali plantou essencialmente a vinha, de maneira a tirar algum proveito daquele terreno arenoso e barrento.

Nos princípios do séc. XX, pelas encostas escarpadas e de grande declive da Costa (em posição contrária à influência dos ventos húmidos) uma cultura tinha possibilidades de aí subsistir: a oliveira.

Uma agricultura pobre andava associada à pastorícia. Os rebentos das plantas da garrigue associados às ervas rasteiras, constituíam boas pastagens para os rebanhos de gado miúdo e pouco exigente. Na pastorícia estava o futuro dos mindericos. – O leite, o queijo, as reses traziam-lhe alguns, poucos, rendimentos, mas isso não obstava que vivesse uma vida de poupanças. A lã da tosquia das ovelhas era cardada e fiada e com ela teciam os panos com que se vestiam. Assim, de pastor e pobre agricultor passou a artesão e foi dessa actividade, fabrico doméstico, que passou para novos rumos da sua vida. (Fig. 13).

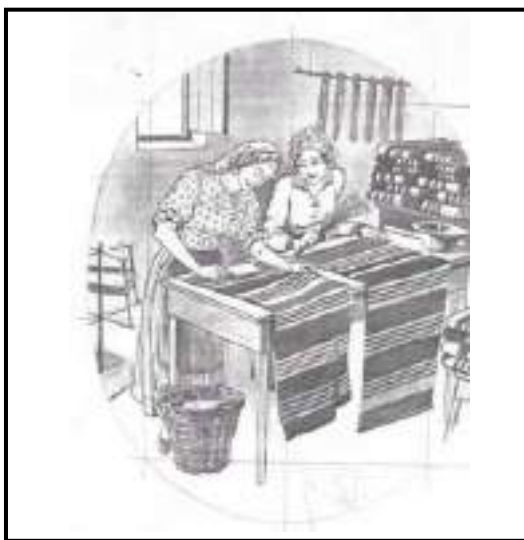


Figura 13– A escolha das mantas.

Um dos desenhos que serviu de base para o conjunto dos azulejos que revestem exteriormente o Coreto de Minde. É uma cena que mostra uma das fases da preparação das mantas – a escolha. Os desenhos são de Manuel da Silva Santos (sobrinho de Roque Gameiro) , sob orientação de Raquel Roque Gameiro. (fotografia – arquivo do CAORG)

Então, se cardava, se fiava, se tecia para si e para o seu agregado familiar, porque não exercer esse ofício por conta de estranhos? Foi assim que passou a cardar fora da sua terra. Afastou-se, foi pelas aldeias das serras vizinhas; afastou-se cada vez mais para exercer a sua actividade e, como consequência começou a comprar lã nos sítios onde trabalhava.

Trouxe a lã para Minde, lavou-a, cardou-a e transformou-a em panos, buréis e estamenhas (tecido grosseiro de lã). Passou a artesão já que além de reunir todas as fases de produção, comercializava o produto final.

Por todo o país foi vendendo esses panos que as mulheres e a gente mais nova teciam em casa em teares manuais, trazendo de volta dinheiro, outros produtos de primeira necessidade e mais lã para lavar, cardar, fiar e tecer.

A tecelagem, tendo como matéria-prima a lã, marcou o futuro desenvolvimento de Minde.

Desde há alguns séculos, a labuta era contínua para conseguir o magro sustento. Um pouco antes do Tratado de Methween (1703), Minde era já uma povoação de certa importância no domínio do fabrico de tecidos de lã e do seu comércio, apesar do carácter incipiente dos métodos e técnicas de produção¹⁹.

I.1.3.1. – O contributo dos frades arrábidos

Mais tarde, D. João V protegeu e animou esta actividade local mercê da influência de alguns frades mindericos, um deles, Frei Caetano de Almeida, seu confessor.

Em 1733, o rei mandou construir, em Minde, um hospício de frades Arrábidos. Se os factores apontados foram determinantes na evolução da vida económica, a abertura do convento entrou decisivamente no jogo dos factores favoráveis.

A par da actividade espiritual e cultural dos frades, estes mantiveram, no seu convento, uma modelar oficina de tecelagem, donde irradiavam novos conhecimentos que os mindericos adoptaram e desenvolveram. Eles próprios teciam as estamenhas, as saragoças e os buréis para os seus hábitos. E, no intuito de que a mão-de-obra não faltasse ao fabrico, ordenou o rei que aos domingos se fizesse um mercado de lãs. Os frades conseguiram a criação de um terrado e balança, onde pesavam as lãs que se vendiam no mercado. Depois do estabelecimento dos frades e vinte e seis anos volvidos, laboravam em Minde, 180 teares de panos em oficinas onde trabalhavam grande número de cardadores,

¹⁹ Chancelaria de D. Afonso VI, livro 38, fls 371

fiandeiros e tecelões. O rendimento desta actividade foi definido no inquérito industrial pombalino: «podem fabricar cada semana 200 peças de panos; os fabricantes são quase todos moradores do lugar».

E, de tal modo era considerado o desenvolvimento comercial de Minde que, D. José I, a 26 de Junho de 1758 decretou: «Hey por bem que nelle se estabeleça uma feira na sobredita forma que principiará no dia vinte e cinco e acabará no dia vinte e sete de Julho de cada ano»²⁰. Esta feira, a Feira da Santana, continuou a realizar-se todos os anos, no último fim de semana de Julho, até aos anos 60 do séc. XX, quando o mercado semanal a começou a relegar para um segundo plano e rapidamente a fez desaparecer. Em 1986 e 1987 houve tentativas de a fazer ressurgir, em moldes diferentes, mas não houve continuidade.

I.1.3.2 – O desenvolvimento industrial recente

A história de Minde está ligada aos teares, às estamenhas, aos bureís, às mantas, aos alforges e à sua conseqüente comercialização, até ao expoente máximo da indústria de malhas exteriores e comércio têxteis da segunda metade do século XX.

O fabrico das mantas, herdeiro dos panos e das estamenhas foi a principal actividade a partir dos finais do séc. XIX. Depois da crise económica e social sofrida pela população de Minde na sequência das invasões francesas e das lutas liberais, a segunda metade de oitocentos permitiu o ressurgimento daquela comunidade, havendo até notícias da introdução da primeira máquina a vapor (informação colhida oralmente; o autor desta inovação teria sido o Sr. Dr. João Higino Teixeira Guedes), destinada a substituir os teares manuais.

Quando o século XX chegou, eram as mulheres que, em teares artesanais, teciam as mantas que os homens se encarregavam de vender um pouco por todo o país.

Enquanto as mulheres, durante largas semanas, ficavam sozinhas a tomar conta da casa, dos filhos e do tear, os homens, primeiro a pé ou utilizando montadas, depois em carrinhas de caixa aberta, calcorreavam principalmente o sul de Portugal, vendendo as mantas de lã que, entretanto tinham sido tecidas.

A antiga manta do pastor alentejano, com as cores naturais da lã (o castanho e o branco), conhecida em Minde como a manta preta, era também chamada de manta

²⁰ Chancelaria de D. José I, livro 68, fls 9 e 9 vº.

alentejana (fig. 14). Era com a manta preta que os pastores se cobriam para se protegerem do frio e da chuva.



Figura 14- A manta preta

Em exposição no Atelier de Tecelagem (fotografia – arquivo do CAORG).

Mas, depressa a habilidade natural dos mindericos levou à procura de outras possibilidades – apareceu a manta minderica, a manta parda, com cores vivas dispostas em barras, nas pontas. As inovações no desenho e na profusão de cores fortes conduziu, também por influência de outros desenhos copiados de algumas mantas tecidas no Alentejo, a novos motivos e padrões das mantas de Minde.

Surgiram, assim, primeiro as mantas sombreadas, todas com riscas (com tonalidades diferentes, seis, e progressivas de verdes, castanhos e laranjas) e, mais tarde, por volta dos finais da década de trinta do séc. XX, as mantas janotas, caracterizadas pelo «bordado» do seu tecido e pelas cores das suas composições (Fig.15).



Figura 15- Os desenhos das mantas janotas.

Estas mantas combinam um emaranhado de cores e de desenhos. (fotografia – arquivo do CAORG)

A construção deste «bordado» é feita com os pés, os braços e a cabeça, pois implica uma grande destreza e coordenação de movimentos.

O fabrico das mantas atingiu o seu apogeu nos anos cinquenta do século passado, mas passadas pouco mais de três décadas, já não havia nenhum tear manual a laborar permanentemente, em Minde. Até finais da década de cinquenta do século XX, era assim, que se organizava a economia familiar e, por arrastamento de toda a comunidade minderica.

«Os teares foram desaparecendo, uns porque se estragaram, outros foram desmanchados, muitos serviram de lenha. Poucos se salvaram e, se um ainda hoje é manipulado, deve-se ao empenho com que o CAORG tem procurado aliar a tradição e a memória com a contemporaneidade.»²¹

Em 1939, instalou-se em Minde a primeira fábrica de fiação de lãs. As máquinas foram compradas no Retaxo e em Cebolais de Cima por uma família (Família Raposo) de fabricantes de mantas e comerciantes de lãs e peles (Fig.16).



Figura 16– Azulejo da fachada da Fábrica de cardação e fiação de lãs.

Fábrica fundada em 1933 e encerrada definitivamente em 2004. (fotografia – arquivo do CAORG).

Em 1942, devido às dificuldades na aquisição de lãs, dois fabricantes e comerciantes de mantas (António Roque Gameiro e Manuel Roque Gameiro Achega), em risco de verem prejudicado o seu negócio, pediram ajuda a um seu amigo de Lisboa. A situação em que se encontravam, tanto pela falta de matérias-primas, cujas vendas estavam condicionadas apenas a outros tipos de laboração, como pela pequena dimensão da sua actividade, era catastrófica. A solução, foi a montagem em Minde, de uma fábrica de malhas

²¹ Anabela Silveira, Portugal Memória em rede, as tecedeiras de Minde (comunicação apresentada), II Congresso Nacional de História oral, Apont. Manuscritos, 2007.

exteriores, para a qual não havia condicionais nem de instalação nem de produção.

Assim, o ano de 1942 foi, para Minde, um ano histórico. No verão desse ano, as gentes de Minde assistiram ao descarregamento das velhas máquinas compradas em Lisboa, à Fábrica Policarpo.

Aquela maquinaria já velha e cansada seria, de facto, o embrião para o desenvolvimento de uma actividade que iria desenvolver Minde, durante um pouco mais que meio século.

Instalada a primeira unidade fabril, com o pomposo nome de Sociedade Industrial de Malhas Mindense Lda, (Fig. 17), não tardou a entrar em actividade. Esta atingiu o seu auge nos finais da década de 50, quando aí trabalhavam mais de 120 operários repartidos pelas secções de tecelagem, confecção, tinturaria, fabrico de botões e fechos de correr, mas também, por um forte circuito comercial que cobria todo o país. Encerrou definitivamente em 1970.



Figura 17– A fachada da Sociedade Industrial de Malhas Mindense Lda.

Edifício demolido já entrado o 3º milénio (fotografia – arquivo do CAORG)

Estava lançado o rastilho que havia de provocar a grande explosão da indústria de malhas, no seguimento do período de industrialização de Minde, iniciada com a fábrica de fiação. A escalada começou logo depois do final da 2ª guerra (1945), quando por decisão com os seus patrões, dois empregados montaram a segunda fábrica de malhas, logo seguida por uma outra transferida de Lisboa. De uma actividade que só pararia de crescer em

extensão quando a técnica conseguiu dominar, pela quantidade e perfeição dos artigos fabricados, a produção predominantemente manual das fábricas, entretanto criadas.

Durante anos, tornou-se frequente, em Minde, ouvir sempre com um certo bairrismo triunfalista por parte de uns e um ressentimento mal disfarçado, por parte de outros (os malheiros) já instalados, que «fulano também vai pôr malhas».²²Foi a ultrapassagem aos velhos teares de mantas, pelas máquinas da nova indústria que, em muitos casos, e ainda durante alguns anos, chegaram a trabalhar lado a lado.

A partir de 1950, a indústria das malhas não encontrou condicionalismos de qualquer espécie e no espaço de apenas quatro anos (1955-1959), foram criadas dez fábricas, quando esta indústria já tinha irradiado para algumas povoações vizinhas.

O número de fábricas depressa atingiu algumas dezenas (cinquenta na década de sessenta; setenta, na década de setenta). Na década de oitenta, o número baixou devido, em grande parte, às convulsões resultantes da mudança de regime; no entanto, apetrecharam-se e melhoraram as suas instalações. Muitas, atingiram uma dimensão média tanto pelo número de operários como pelo volume de produção e de negócios.

Logo a partir de 1960 começaram a surgir as tinturarias, primeiro, abastecidas em água, por camiões cisterna que permanentemente faziam um vai-vem contínuo entre os Olhos de Água (Alviela), na periferia do MCE e Minde. Foi só bem avançada a década de sessenta que beneficiaram do abastecimento público de água.

As tinturarias estavam associadas às fábricas maiores ou serviam conjuntos de fábricas de menores dimensões. Não tardaram a surgir a primeira fábrica de botões, a fábrica de fechos de correr, seguidas pelo aparecimento dos agentes de linhas, agulhas e máquinas. Em 1965 instalou-se uma firma comercial com representação de máquinas têxteis e, em 1967, entrou em laboração uma fábrica das mesmas máquinas.

Perante esta situação e dado que a indústria da confecção apesar da recente mecanização, será sempre uma indústria de mão-de-obra, a mesma recorria a um recrutamento que absorvia tudo o que estava e não estava disponível num espaço amplo envolvente. Minde chegou a atrair cerca de 2000 pessoas que alimentavam diariamente migrações alternantes. A maioria destas pessoas deslocava-se a pé, ao longo das estradas ou atravessando a serra, por caminhos íngremes e em condições difíceis. Logo a partir do princípio dos anos sessenta, centenas de pessoas aqui se instalaram definitivamente, vindas

²² Abílio Martins, brochura, 40 anos da indústria de malhas em Minde, 1982, pág.44.

não só de uma periferia mais ou menos distante, mas de áreas tão afastadas como o são muitos concelhos do norte do Alentejo (Redondo, Monforte, Reguengos, Avis).

Com a abertura do país a novos mercados, com a grande concorrência, a preços muito mais baixos, com actividades muito pouco diversificadas, Minde sofreu um forte abalo. Dezenas de fábricas têm encerrado definitivamente, outras diminuem de maneira drástica o número dos seus empregados; as migrações alternantes diárias estão reduzidas a duas ou três centenas de pessoas; todo o comércio, entretanto desenvolvido, se tem ressentido, a febre de construções privadas e sociais regrediu, o movimento nas ruas é fraco; a vila necessita de um novo fôlego. Mas, nem por terem cessado o fabrico, os malheiros desistentes deixaram de estar ligados ao ramo, pois por cada fábrica fechada, abriram um ou dois armazéns, de venda de malhas, essencialmente. No entanto, outros produtos, sempre relacionados com o vestuário, entram no comércio dos mindericos.

Foi esta indústria que, para além do desenvolvimento económico que trouxe, desencadeou transformações profundas. Não será exagero afirmar-se que, nos finais do séc. XX, quase tudo em Minde, dependia directa ou indirectamente das malhas.

No início do século XXI, com a indústria têxtil de mão-de-obra barata, em não querer sair da crise em que mergulhou há mais de duas décadas, Minde começou a viver um período muito diferente onde o desemprego aumenta quase todos os dias (este facto esteve afastado de Minde durante décadas), parecendo querer virar-se para o sector dos serviços e da construção civil, desviando-se da sua matriz secular, as actividades ligadas às lãs.

I. 2 – Alfredo Roque Gameiro – o homem e os ambientes em que viveu. O artista e o seu legado

No 4º planeta do quadrazal das regatinhadelas do planeta ancho de 1864 mirantou a borboleta no Ninhou, um terraizinho, jordoado Alfredo, primeiro ladino do Migança e da Ana Marroa.

Aos 4 dias do mês de Abril de 1864, nasceu, em Minde, um menino, primeiro filho de Manuel Rey Roque Gameiro e de Ana de Jesus e Silva. Este menino foi baptizado com o nome de Alfredo Roque Gameiro da Silva.

Na segunda metade do séc. XIX, Manuel Roque Gameiro, também conhecido como “o Migança”, era um pequeno comerciante, natural de Minde e aqui estabelecido, depois de um começo de vida bem diferente (Fig.18). Casou cedo com Quitéria Guedes de cujo casamento nasceram dois filhos (José, em 1850 e Justino, em 1852); era, na altura, oficial de Marinha. Também cedo, e com os dois filhos pequenos, enviuvou, o que o impediu de continuar na Marinha. Regressou a Minde, onde além de agricultor nestas terras pobres, abriu um pequeno estabelecimento de comércio.

A loja que vendia de tudo e apesar do nome pomposo que ostentava (Manoel Migança e Casa – Depósito de tabacos) era uma loja típica de aldeia – uma loja polivalente (Documento 1).



Figura 18– Casa onde nasceu ARG.

À direita da imagem, casa onde nasceu o pintor.
(fotog. - arquivo CAORG)

Documento 1– Logótipo da loja de Manuel Roque Gameiro

(papel de carta timbrado – arquivo CAORG)

Casou em 1863 com Ana de Jesus e Silva, filha de modestos agricultores, de cujo casamento nasceram mais 9 filhos, o mais velho dos quais, Alfredo, haveria de se tornar o maior aquarelista português (1864 – 1935).

I.2.1 – RG e Minde

O professor Carvalho, ex-seminarista, que em Minde, lhe ensinou as primeiras letras e os rudimentos da aritmética, informou o pai que Alfredo era um aluno pouco aplicado, dizendo-lhe: “ só quer fazer bonecos”. – A propensão para o desenho manifestou-se cedo. Os seus dois irmãos mais velhos, seguindo a vontade do pai, cedo rumaram a Lisboa, a fim de adquirirem formação que lhes possibilitasse uma vida mais desafogada. O mais velho

atingiu o posto de general e, o segundo, dedicou-se às artes gráficas e tornou-se o proprietário da Companhia Nacional Editora, casa de grande prestígio no seu ramo e que tão importante veio a ser na vida de Alfredo.

Numa das suas cartas, escrita de Paris, dirigida ao irmão Justino e datada de 1889 refere:

“ Para tornar tudo isto mais ameno a viagem era muito bonita o comboio tinha que atravessar túneis d’uma distância considerável; furam as serras como se fura com uma agulha uma folha de papel e faço esta comparação porque as serras que atravessamos, para fazer um ideia d’ellas deve imaginar 5 ou 6 como a de Minde amontoadas umas sobre as outras e furadas todas pela base ...”

A figura de Alfredo Roque Gameiro está muito marcada pelas suas origens, formação e convicções. Da sua forte personalidade resultou um homem de grande independência, muito intuitivo, sem grandes preocupações intelectuais (deixou uma biblioteca reduzida), mas de uma grande compreensão do mundo e das pessoas, um homem bom e generoso.

O meio como conjunto de elementos naturais e sociais, conta muito na vida dum indivíduo, dum grupo, dum lugar. Os homens fazem parte da natureza e mantêm com ela relações harmoniosas, tendendo para o durável.

«O conhecimento da natureza mantém a sua importância na organização do espaço, no ordenamento do território e na formação geral dos cidadãos. Há uma natureza que é sentimental: são os espaços vividos, praticados, conhecidos, sentidos nos seus diversos aspectos, dos montes às cores dos campos e dos céus, às luzes das estrelas, aos sons dos pássaros ou dos rebanhos, ao cheiro das plantas ou ao cheiro da terra. São as recordações, as nostalgias, os sonhos, as imagens, etc. que valorizam territórios e lugares». ²³

O ideal de vida de ARG, austero e próximo da Natureza, traduzia-se até fisicamente pelo seu ostensivo e característico modo de trajar. Todos o conheciam sempre vestido de surrobeco castanho, chapéu de abas largas e gravata ou lenço de seda, sempre de verde-escuro com bolinhas brancas. No Verão, mudava para outro tipo de fato; era um fato de linho grosso, sempre de cor crua. Estes trajes usava-os em todas as ocasiões, mesmo as de alguma solenidade. (Fig.19).

Se os nossos espaços de vida se alargam e se diversificam, se mudamos de lugar com frequência, permanece, no entanto, muito forte a nossa necessidade de pertencer a um território estável, a necessidade de termos um ponto de referência em torno do qual construímos a nossa existência. Esta passagem de uma carta enviada da Alemanha é bem significativa:

« Como lhe disse, escrevo-lhe esta só para não estar em cuidado e para lhe agradecer já do coração, tudo o que me foi entregue pelos srs. Couto e Engelbrecht, pena que o vinho de Minde chegasse torvo e perfeitamente asedo!» (carta de ARG a seu irmão Justino – Chemnitz, 26-03-1885).

²³ Carminda Cavaco in Portugal chão, Celta editores, Oeiras, 2003, pág. 189



Figura 19– ARG – Têmpera de J. P. R. G. Martins Barata.

(Colecção particular em depósito no Museu de Aguarela)

O fundo tradicionalista das suas convicções mostra-o no motto «Honra teus Avós» que tinha afixado na casa da Amadora, mais tarde, na porta do seu atelier em Campolide e, hoje, à entrada do Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, em Minde.

Explicava, todavia, que o significado de «Avós» era aí, o de «os nossos maiores», os «antepassados, em geral». (Fig.20)



Figura 20– «Honra teus Avós»

Placa afixada à entrada das instalações do CAORG

Alfredo de Matos, grande estudioso da sua terra, Serra de Santo António, e da sua região, colaborador assíduo da imprensa regional, em Abril de 1964, por ocasião da passagem do 1º centenário do nascimento de ARG, escreveu, no jornal “ O Mensageiro”, publicado em Leiria:

« Nascido em Minde a 4 de Abril de 1864, daqui saiu pelo correr dos 10 anos. E ainda bem que assim foi, porque era um crime sem remissão deixar por ali, aquele rapazinho, que tanta queda mostrava para o desenho! Saiu, mas foi ensopado de Minde. Nos olhos, levava a garrida paleta mágica das cores inesquecíveis que o panorama da sua terra lhe ofereceu desde o nascimento.

O azul cerúleo e o tom de água marinha com que, inspiradamente desenhou o velho padre Oceano, tirou-o das águas mansas do seu «mar» local - a tão pitoresca Mata – quando o sol quente e luminoso de Fevereiro a repassa e transubstancia com o inultrapassável poder pictórico dos seus raios.

O matiz e cambiante de todos os seus trabalhos apanhou-o com dedo de excepcional habilidade, para escolher nos malmequeres bravos e na margaça rústica dos campos de Minde; no dourado fulvo das flores do tremoço e das espigas; no verde escuro do alecrim; no pôr do sol e no claro arrebol da aurora, espadanar cristalina e ofuscantes setas de cada uma das gotas de água deitadas pelo «suor nocturno da natureza» nas folhas de milhentas ervas nascediças, que, em volta de Minde, ficam para a adornarem como princesa única da Serra de Aire.

Quanto andaré de Minde nas mimosas e delicadas ilustrações das «Pupilas do Senhor Reitor»? É possível fantasiá-lo uma vez que Roque Gameiro não o deixou escrito.

Minderico na alma, Roque Gameiro, foi-o, não tenho dúvidas a tal respeito igualmente no corpo. Se assim não é, quem se atreve a explicar os motivos por que o mais perfeito e completo artista da aguarela portuguesa se apresentou sempre vestido daquele briche tão português, que só tem semelhante e só encontra no burel que os carunchosos teares de Minde, desde recuados séculos, produziam de dia, à luz do sol; e de noite, ao luaréu meigo de inolvidável candeia de azeite?»²⁴

As manifestações artísticas são aqui compreendidas através das marcas do ambiente em que viveu ARG; a sua alma de artista está cheia de ressonâncias da paisagem e a sua obra como pintor pode considerar-se um produto da terra, tão impregnada está de regionalismo.

I. 2.2 - RG e as oficinas de litografia da Companhia Nacional Editora

Tendo-se revelado como uma criança habilidosa e esperta, ARG, aos 10 anos, foi enviado pelos seus pais para Lisboa, a fim de aí seguir a vida militar, entusiasmado com as histórias ouvidas contar pelo pai. Queria ser marinheiro, mas primeiro ingressou como aprendiz na oficina de Litografia Castro e irmão, tendo depois transitado para outra da mesma especialidade, propriedade do seu irmão Justino; aí, seguiu a carreira de desenhador-litógrafo.

A par do trabalho desenvolvido não descorou os estudos e além da instrução primária, que completou em Minde, estudou Francês, Desenho, Geografia, Cronologia, História, Elementos de Física/Química e História Natural; adquiriu também conhecimentos elementares em Aritmética, Álgebra e Geometria no Espaço.

“ Não esquecerei jamais a impressão de sumptuosidade e de admiração que senti quando, aí por Fevereiro de 1874, vindo da minha humilde aldeia, entrei em Lisboa. Não tinha visto até então mais do que os casebres (Fig.21) dos modestísimos lavradores a cuja família me honro de pertencer”.²⁵

²⁴ Alfredo de Matos, in jornal O Mensageiro, Abril de 1964.

²⁵ Alfredo Roque Gameiro in Lisboa Velha, Lisboa, 1925, pág. 7.



Figura 21– Aguarela de ARG- casa de Minde
(Colecção do Museu de Aguarela Roque Gameiro)

A sua habilidade para passar à pedra litográfica os desenhos apresentados pelos ilustradores, permitiu-lhe ganhar conhecimentos e experiência na arte da ilustração e, a pouco e pouco, foi avançando por este caminho, primeiro em trabalhos simples e de rotina (orlas, ornatos, letras) e, depois, passo a passo, autorizado e encorajado para executar ilustrações como autor.

A impressão litográfica manual, em termos técnicos, tinha algumas afinidades com a aguarela, quanto à tradução dos originais para a pedra, ser feita com traços e aguadas e, este trabalho conduziu-o naturalmente a enveredar pela aguarela.

Na Litografia do seu irmão, cresceu profissionalmente a repetir e interpretar os desenhos dos outros; contactou com artistas e ilustradores que para aí levavam os seus originais e pouco a pouco, são-lhe conferidos trabalhos como cartões, pequenos folhetos publicitários e outros trabalhos de menor importância. Vê o trabalho dos cromistas mais velhos e aprende. Sente-se com capacidade para fazer algumas ilustrações e algumas composições. Torna-se suficientemente notado e apreciado. (Fig.22).



Figura 22– Trabalhos litográficos com base em desenhos de RG.

Estes trabalhos foram executados na Litografia do seu irmão. (Colecção particular)

No domínio da técnica litográfica assistia-se à aplicação da óptica e da química fotográfica à litografia e como ARG tinha progredido, foi-lhe reconhecido o seu mérito e capacidade.

Na década de 1880, o então Ministério das Obras Públicas compreendeu a necessidade de mandar habilitar no estrangeiro operários portugueses, com o objectivo de mandar desenvolver e modernizar as oficinas e, ao mesmo tempo, formar professores para os vários ramos do ensino a ministrar nas Escolas Industriais de Desenho e, para isso, mandou promulgar o decreto-lei, em 15-12-1883, que definia as regras para as candidaturas às diferentes bolsas de estudo (anexo - 1)

Justino Guedes aproveitou a situação para candidatar o seu irmão Alfredo à pensão oferecida pelo governo de Sua Majestade, uma vez que ele apresentava todos os requisitos para ser um dos escolhidos. A fim de conseguir os seus objectivos fez uma explicação dirigida ao Ministro onde referia a importância que a Litografia tinha para a indústria, a qualidade dos trabalhos produzidos na sua oficina e as dificuldades que se lhe deparavam para conseguir contratar operários especializados em França e na Alemanha, países onde esta arte se encontrava bem desenvolvida.

As razões invocadas foram de tal maneira convincentes que, em 1884, RG com vinte anos recém cumpridos e uma pensão de 36 mil réis, partiu para a Alemanha, rumo a Leipzig.

I. 2.3 – RG e a Escola de Artes e Ofícios de Leipzig

Em Leipzig, começou por trabalhar na Litografia Meissner & Buch adaptando-se com muita dificuldade ao ambiente (nas suas cartas frisava sempre que tinha muito frio durante o Inverno) e à forma de trabalho, tão diferente da de Portugal. A força de tudo superar, encontrava-a na correspondência que trocava com a família e, em especial com o irmão Justino. Eram cartas longas, onde relatava com todo o pormenor, a evolução da sua aprendizagem, assim como, a descrição detalhada sobre cada máquina e material utilizado.

«No último dia da minha passagem por Paris (escreveu numa carta datada de 11 de Maio de 1884) jantei com o Mariano Pina e o filho do Eduardo Coelho e dois meus colegas na escola Polytechnica. Como lembrança dei a cada um o direito de escolher d'alguns dos meus estudos de aguarellas...»

Nas suas cartas evidenciava a maneira de viver dos alemães, os seus hábitos alimentares, tão diferentes dos portugueses. Relatava com todos os pormenores os trabalhos que executava, o interesse que a pouco e pouco, os alemães manifestavam pelos mesmos. No entanto, as saudades eram muitas e as notícias sobre o que se passava em Portugal eram escassas. Numa das cartas escreveu: «Não tenho recebido senão O Século não recebo o Diário de Notícias, peço-lhe para podendo se lembrar de mim com um António Maria.»

Na sua estadia na Alemanha também se relacionou com outros pintores e, nos longos passeios que faziam, aos domingos, a paixão pela pintura levou-o a aperfeiçoar a técnica da aguarela e também a passar o tempo

Cedo constatou que a sua aprendizagem seria muito limitada, se continuasse na mesma oficina, uma vez que descobriu a existência de outras técnicas. A vontade e o interesse de tudo aprender levaram-no a participar ao governo português a sua saída da Litografia.

Com a ajuda particular de professores especializados, pesquisou outros métodos dos quais teve conhecimento, e, deste modo, conseguiu atingir todos os objectivos da missão a que se tinha proposto. Utilizando diferentes técnicas, litografou trabalhos de pintores portugueses enviados pelo irmão, que depois reenviava para serem editados na Litografia Guedes de Lisboa. Nas longas cartas que escrevia ao irmão Justino, de conteúdos muito técnicos, comparava as técnicas utilizadas, as oficinas, o número de operários, as condições em que trabalhavam.

Noutra carta , escrevia: «Isto é; para mim o meu maior gosto seria lithografar uma aguarella do sr. Columbano, pois é na minha opinião quem sabe aguarellar melhor em Lisboa, se tiver alguma pintada por elle peço-lhe m'a envie ou do Casanova...»

E o que encontrou em Leipzig?

Pela análise das longas e minuciosas cartas que escreveu ao irmão Justino, podemos conjecturar acerca do que se foi passando na cabeça deste rapaz de vinte e poucos anos

O ambiente do Romantismo tardio germânico, com as influências da Música de Wagner e da Filosofia e da Cultura de Herder e Nietzsche, despertaram-no para uma valorização das culturas tradicionais, por oposição ao cosmopolitismo de influência francesa que dominava o meio artístico em Portugal.

Encontrou um meio fervente de inovações, um ambiente tão rico de ideias e de descobertas decisivas, num contexto tão intensamente fecundo e apercebeu-se que o seu mundo – o do desenhador-litógrafo estava condenado para breve. O choque cultural, a influência do Romantismo sobre a visão do mundo, os hábitos da disciplina prussiana que reforçou, apanharam-no num tempo de encruzilhada entre dois mundos: um que sabe que vai acabar e outro que ainda não sabe definir, mas que presente inevitável. Entretanto, escreveu (6 de Fevereiro de 1886): ...«depois de acabar aqui o tempo, tinha vontade de ir estar algum tempo em Paris, com ideia de ver alguma coisa nova ... Os franceses estão muito mais adiantados do que os alemães, depois teem mais gosto.»

Depois de Leipzig, no último ano da sua estadia, trabalhou na cidade de Praga, onde aprofundou e diversificou os seus conhecimentos.

Embora estimado e premiado pelos professores estrangeiros, a nostalgia amargurou-o e obrigou-o a voltar, decorridos pouco mais de três anos (1887). A sua chegada a Lisboa significou uma verdadeira revolução nas artes gráficas extraordinariamente desenvolvidas e valorizadas por sua iniciativa e pelos novos processos.

O jovem que foi para Leipzig era já um artista, mais do que um profissional da litografia. Entretanto, a nova moda da aguarela já tinha chegado a Portugal, vinda sobretudo de Inglaterra (Casanova já estava em Lisboa, a ensinar aguarela aos membros da família real). Mesmo antes de ir para a Alemanha, o meio artístico já entusiasmava o jovem litógrafo. Ele cresceu no mundo do papel, da estampa, da página, da ilustração, da cor analisada e transparente, do pormenor.

A técnica da pintura a óleo, os grandes quadros, a estética da pintura oficial dos «salons» é-lhe estranha. Ele vai ser um aguarelista.

I.2.4 – RG e o seu regresso a Portugal

Em 1887, monta o curso de Desenhador-Litógrafo, na Escola António Arroyo, mas com que meios? Terá tentado instalar o ensino da foto-mecânica, mas com que técnicas e com que meios?

Fazia muitas experiências tentando aplicar a fotografia à litografia, mas sem conhecimentos de base, sem equipamentos adequados. Naquilo que deixou no seu atelier, hoje utilizado por um dos seus netos, só foram encontrados ensaios, experiências abandonadas, tentativas falhadas e, mais que isto, um sentimento de abandono e desinteresse.

A litografia, tal como a conhecia, estava num beco sem saída e ARG deve ter-se completamente desencantado de a prosseguir.

É nas oficinas gráficas da Companhia Nacional Editora, sucessora da Litografia Guedes, que estes novos métodos são testados sob a direcção de ARG. A partir de agora, o seu parecer passou a ser muito solicitado por parte das várias litografias, sobre os trabalhos em curso ou sobre a compra de novos materiais. A sua relação com um dos mais importantes editores da época, David Corrazi, fortaleceu-se e os laços de amizade permaneceram ao longo das suas vidas (Fig.23).



Figura 23– ARG, em Minde, entre amigos e familiares.

ARG sempre com o seu lenço, encontra-se entre as ombreiras da porta; a sua filha Raquel é a menina de chapéu. O seu amigo David Corrazi é o primeiro, à esquerda. (fotografia – arquivo do CAORG).

Viver na Amadora, em 1898, quando a família aí se fixou, era bem diferente; vivia-se no campo – era a Porcalhota. Havia aí pouca gente a viver, poucos vizinhos; nas pequenas colinas pastavam os rebanhos e movimentavam-se os moinhos. Nos campos, em

volta da casa, lavrava-se com o auxílio de juntas de bois que puxavam os arados. As terras eram muito férteis e, dada a proximidade do grande mercado que era Lisboa, a maioria dos seus habitantes, os saloios, tinham as suas hortas, cuja produção abastecia de produtos frescos, a cidade.

«Despacha-te, Helena que já ouvi o comboio a apitar em Queluz.»²⁶

Toda a gente conhecia o pai Gameiro (Doc.2), esse homem de gostos simples e de personalidade forte e conservadora que nunca se habituou à vida na grande cidade.



Documento 2– Na Amadora toda a gente o conhecia.

(postal – arquivo do CAORG)

Muitas vezes, pai e filhos trocavam o atelier pela paisagem vizinha ou pelos jardins do Palácio de Queluz. Cada um escolhia o seu motivo para pintar. Como ARG costumava dizer: «é de pequenino que se torce o pepino.», corrigia os trabalhos dos filhos com algumas anotações à margem, nunca sobre os desenhos. O hábito de representar em imagens enraizou-se naquele mundo de jovens e crianças, onde se incluía Hebe Gomes, sobrinha de sua mulher e também ela autora de desenhos e aguarelas. A arte não mais se separou de todos, até ao fim.

ARG passava dias inteiros acampado junto ao litoral da Serra de Sintra. Gostava muito da Praia da Ursa. Sozinho, contemplava o mar. Procurava uma compreensão meditativa da Natureza, perante a qual se colocava numa posição de humildade e de busca de identificação. Nas suas aguarelas, cujo tema é o mar, «resultado de horas e horas de contemplação na busca de entender os ritmos das ondas, as transparências das águas, a textura das rochas»²⁷, essa busca está bem patente (Fig.24).

²⁶ Ana Mantero, A casa Roque Gameiro na Amadora, Departamento de Educação e Cultura, Câmara Municipal da Amadora, 1997, pág.11.

²⁷ José Pedro R G Martins Barata, apontamentos manuscritos, s/ data.



Figura 24– Gruta da Praia da Ursa.

Aquarela de ARG «Praias, mar, rochas, tudo ficou gravado para a posteridade, no espólio da sua obra».²⁸ (Colecção do Museu de Aquarela Roque Gameiro)

Certa vez, em convivência com o seu genro Jaime Martins Barata, no qual encontrava eco fácil e entusiasmo para as engenhocas, construiu um atelier móvel de madeira, sobre rodas, para poder desenhar e aquarelar tranquilamente a coberto da chuva, do vento e do «mirantar dos covanos» (do olhar dos mirones), mas resultou tão pesado que tinha que ser movido por uma junta de bois ... e, ao que consta, só foi usado uma vez!

Nas suas aquarelas, a transparência da luz e da água e a beleza das cores naturais faziam delas uma celebração da natureza que a arte não transfigura ou transforma, mas também não se limita a reproduzir: contempla-a e saboreia-a amorosamente. Nos seus trabalhos não há qualquer vontade de afirmação pessoal; o artista esconde-se e apaga-se perante o espectáculo do que contempla e admira nos mais pequenos pormenores, numa pedra, numa árvore, em qualquer reflexo na água, tudo é tratado como que identificando-se com ele.

«(...) a única descrição verdadeira do que é a aquarela (...) é toda a pintura que é simplesmente feita com tintas de água, sendo tudo o mais convencional (...) o que é necessário é água e muita água».²⁹

Quando a filha mais nova, Mamia, aprendeu a pintura a óleo, com Milly Possoz, incentivada pelo pai, este dizia com graça. «não quero mais aguadeiros em casa».

ARG era um homem profundamente ligado às suas raízes, terrunho mesmo; nunca se adaptou à vida da cidade e, por isso, em 1898 começou a construir a sua casa de campo na Venteira (Amadora).

²⁸ M. Lucília Abreu, Roque Gameiro, O homem e a obra, Lisboa, 2005, pág. 96.

²⁹ Ana Mantero, in ob. Citada, pág. 22.

Durante a sua estadia na Alemanha e dada a sua reputação de jovem bem formado, foi-lhe solicitado que acompanhasse e guiasse um estudante, muito jovem, de artes decorativas, que a família tinha enviado a fim de completar a sua formação. Este jovem, de nome Raul Lino, também ficou entusiasmado tal como ARG com a necessidade de valorização das raízes tradicionais da cultura portuguesa. Mais tarde, Raul Lino seria diplomado como arquitecto (1926), sem ser formado por uma Escola de Arquitectura. Conjuntamente com ARG concretizou as suas ideias arquitectónicas e decorativas na casa da Venteira onde também colaborou com Rafael Bordalo Pinheiro, com peças cerâmicas.

A década de 90 do séc. XIX foi um período conturbado na vida, em Portugal. Com o «ultimatum» inglês, cresceu no país uma onda de nacionalismo e xenofobismo anti-saxónico. Este fervilhar nacionalista também se manifestou na arquitectura que não fugiu aos condicionalismos da época. A casa a construir deverá ser emblema de uma consciência histórica, a qual seria indispensável para um nacionalismo magoado e que se queria redentor.

A ideia da «Casa portuguesa» nesta altura, já não era nova. As alternativas eram: construir uma casa à maneira francesa, fachada alongada com escadaria dupla (Ventura Terra) ou enveredar, como fez Raul Lino, por uma concepção mais nacionalista (ideias que trouxe da Alemanha), por uma arquitectura organicista, integrada historicamente (os seus conhecimentos sobre História de Arte portuguesa eram profundos) e ecologicamente (Fig.25).

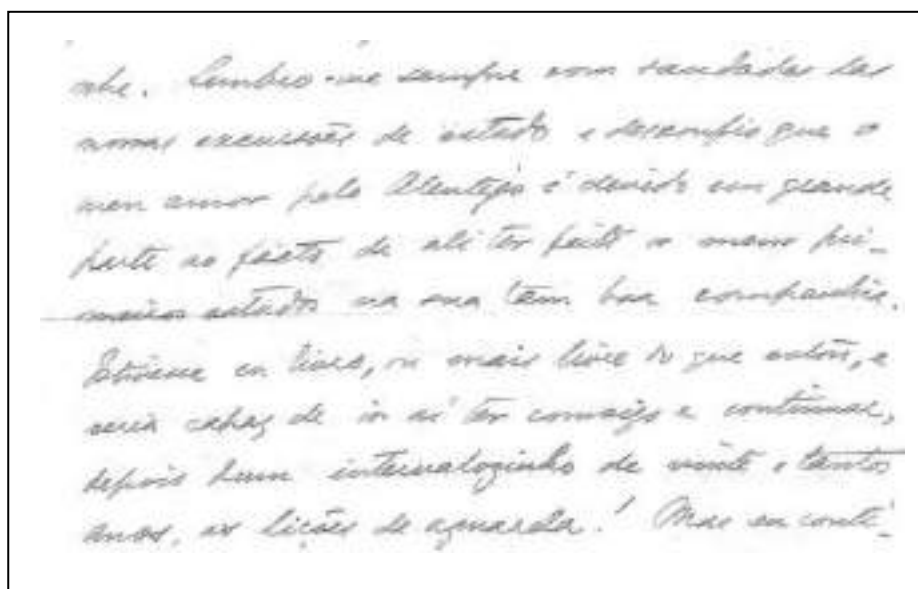


Figura 25– Fachada principal da casa Roque Gameiro, da Amadora.

O projecto foi executado por ARG, havendo uma parte, a do lado norte, delineada pelo arquitecto Raul Lino (fotografia – arquivo da Casa Roque Gameiro - Amadora)

Esta casa passou a ser residência fixa da família de ARG desde 1900 até finais dos anos 20. Foi neste período que a carreira de ARG atingiu o seu culminar. Exposições individuais ou com os filhos, em Portugal e no estrangeiro, prémios, são exemplos do seu sucesso como aguarelista. A par, desenvolveu um vasto trabalho como ilustrador e responsável gráfico de muitas edições.

Em 1911, abriu na Rua D. Pedro V, em Lisboa, o seu atelier-escola, (Doc.3) onde juntamente com os filhos, Raquel, Helena e Manuel (Manuel Migança, era o nome do seu avô paterno, que adoptou como nome artístico) ministrava cursos de aguarela. (Este atelier manteve as suas portas regularmente abertas até à década de 60 - a exposição do 1º Centenário do nascimento de ARG, em Abril de 1964, teve aí lugar).



Documento 3– Extracto da carta de um amigo.

Esta carta é datada de 14 de Setembro de 1928 (arquivo CAORG).

Esta muito intensa actividade como desenhador, ilustrador, aguarelista e professor estava também ligada a outros artistas, alguns dos quais, seus discípulos e entre eles, os seus futuros genros, José Leitão de Barros e Jaime Martins Barata.

É desta época uma representação dum espectáculo, uma representação fantasiada da Amadora « Damas e varões ilustres da Amadora », na qual Raquel fez uma caricatura do pai destinada ao espectáculo (Fig.26) e Delfim Guimarães escreveu os seguintes versos:

« Se alguém tem para vender velhos fatos,
Chaeles, lenços, tamancos, barretes,
Candeeiros, terrinas e pratos,
Saías brancas, saíotes, tapetes,

Aproveite que os compra o Gameiro,
E eu bem sei as razões porque o digo.
Paga bem, não olhando a dinheiro,
Tudo quanto lhe levam antigo.

É uma bolha como outra qualquer.
Que em manias vai fértil a quadra ...
Dentro em breve o seu atelier
É tal qual como a “feira da ladra!»³⁰



Figura 26– Alfredo Roque Gameiro

RG é apresentado num dos seus passeios regulares pelo campo, carregando o seu equipamento de pintura ao ar livre, a fim de colher temas para os seus trabalhos – Caricatura de Raquel Roque Gameiro (Colecção Casa Roque Gameiro – Amadora).

Este poema faz referência ao seu gosto pela recolha dos mais variados objectos, sejam eles de carácter histórico ou etnográfico, o que na época era muitas vezes considerado como bizzarria.

Na casa da Amadora toda a família teve uma vida feliz, em ambiente quase rural, mas cheio de estímulo intelectual e artístico.

O relativo isolamento da casa, apesar das visitas contínuas de amigos começou a pesar. As filhas em idade casadoira e os filhos em idade de estudos e em busca de emprego, levou ARG a vender a casa e a procurar outra, em Lisboa, por volta de 1928.

Comprou um palacete em Campolide, grande, mas em muito mau estado que, pacientemente recuperou e onde viveu até ao fim da sua vida (1935) acompanhado pela sua filha mais nova, entretanto casada com Jaime Martins Barata, com quem manteve sempre uma forte ligação.

Conheceu como ninguém as ruas e as gentes dos bairros antigos de Lisboa. Percorreu vezes sem conta a Lisboa Velha, que desenhou e pintou apaixonadamente, sempre receoso pelo futuro da cidade, ameaçada pela destruição impiedosa de quem não dá valor ao

³⁰ “Exposição de Caricaturas de Raquel Roque Gameiro”, Câmara Municipal da Amadora, 2000, pág. 26.

passado... Na introdução ao livro «Lisboa Velha», editado em 1925, ARG manifesta a mágoa pelo desaparecimento progressivo e rápido de certos pormenores da fisionomia da cidade, pormenores esses que durante trinta anos, pintou em aguarelas, desenhou e documentou graficamente, tarefa na qual pôs todo o carinho que dedicou às coisas do seu país.

Os motivos que seleccionou, uns em imagens coloridas, outros em desenhos monocromáticos, mostram-nos aspectos que ele considerava típicos da vida de Lisboa. São as ruas e praças, são as construções monumentais, são as velhas habitações, mas são também as figuras humanas: os aguadeiros, as varinas, as lavadeiras, todo o tipo de vendedores; muitas imagens são um retrato do viver colectivo de certas ruas de Alfama e da Mouraria.

Se nos debruçarmos na análise das imagens apresentadas, verificamos que o seu autor se embrenhou pelos becos, pelas praças, pelas ruas estreitas, captando as personagens que lhe vão aparecendo, integradas no seu contexto de vida, gente simples que circula, que compra, que vende, os saloios, gente que vem da periferia de Lisboa com os seus produtos frescos para abastecer a cidade.

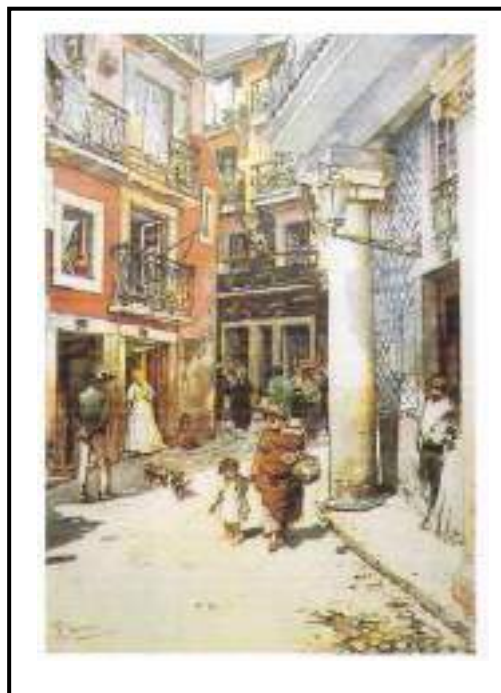


Figura 27– A Rua de São Pedro (junto ao Chafariz de Dentro).

Sem qualquer outra intenção que não a de captar a realidade que o rodeia, podemos participar da visão do autor, numa viagem no tempo e no espaço (Colecção – Museu da Cidade de Lisboa).

Aquele que foi o seu grande amigo desde os tempos de Leipzig, o arquitecto Raul Lino, no catálogo da exposição retrospectiva do 1º centenário do nascimento do artista (1964), evocou-o com estas palavras: «... e foi assim que o meu grande Companheiro acabou por ser o poeta que nas suas aguarelas melhor soube contar e ... cantarolar os encantos e os recantos da nossa amada Lisboa antiga».

I.2.5 – O artista e o seu legado – a ilustração e a aguarela

Quando regressou da Alemanha, em 1887, voltou a trabalhar com o seu irmão, que, entretanto, tinha comprado a Companhia Nacional Editora. A partir daqui, começou a fazer muitos trabalhos de ilustração que conjugava com as suas aulas, ao mesmo tempo que se ia dedicando cada vez mais à aguarela.

Como ilustrador, atingiu grande relevo, sendo convidado a ilustrar algumas das grandes obras da literatura portuguesa do seu tempo. A carta que se segue é um documento que atesta a alta consideração que lhe era atribuída:

« Meu irmão teve uma pequena discussão com a Casa Lello, que, finalmente, nos concedeu suspender temporariamente a publicação do “ Crime”, mas com uma condição: é que nós conseguíssemos de V. Ex. que terminasse o mais depressa possível as ilustrações da “Ilustre Casa de Ramires” ... Ora nós temos o maior e mais razoável dos empenhos em que a obra ilustrada por V. Ex. seja a primeira, sob todos os pontos de vista a ela pertence o primeiro lugar. Assim evitaríamos que a primeira obra ilustrada, que será lançada com grande reclame, seja ilustrada pelo Alberto de Sousa. Enfim rogo encarecidamente a V. Ex. o favor de fazer um esforço para evitar à memória d’Eça de Queiroz o desaire da sua obra aparecer, à frente de todas, com ilustrações de ordem muito secundária. Permita-me dizer-lhe sem lisonja que, o mais fino escritor se deve apresentar na companhia do mais fino artista.»³¹

Enquanto rasgava os esboços para a ilustração da Edição Monumental das «Pupilas do Senhor Reitor», não satisfeito com os resultados do trabalho, dizia: «os desenhos têm que estar à altura das palavras do safardana do escritor». A sua filha Mamia desenhou a figura do pai, rodeado de livros, de papéis, de objectos variados (Fig. 28). O seu atelier estava cheio do que hoje se chamariam *gadgets*, destinados a facilitar o trabalho.

³¹ Carta de António Eça de Queiroz, 09 de Abril de 1927.



Figura 28- No atelier – grafite e colagem sobre papel de Mamia Roque Gameiro

(Col. – Museu de Aguarela Roque Gameiro).

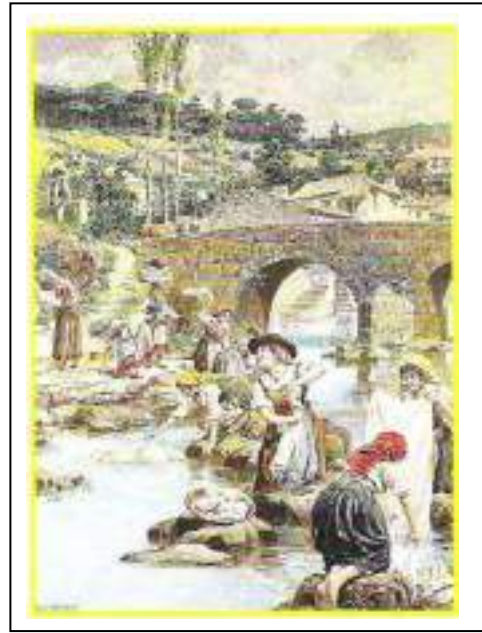


Figura 29- «Ó rio de águas claras ...»

(Col. do Museu de Arte Moderna FCG - em depósito no Museu de Aguarela Roque Gameiro)

As ilustrações das «Pupilas do Senhor Reitor» são um trabalho onde domina o suporte do desenho e têm como objectivo principal, obedecer ao texto (Fig.29).

« Havia uma ponte de pedra de dois arcos, construção já antiga, mas bem conservada ainda. O rio era, neste lugar, pouco fundo e deixava, à flor da água, as maiores das pedras espalhadas pelo leito, permitindo assim, passagem a pé enxuto, de uma para a outra margem». A aguarela apresenta um contraste entre as cores verdes da vegetação e os vermelhos das roupas das mulheres³².

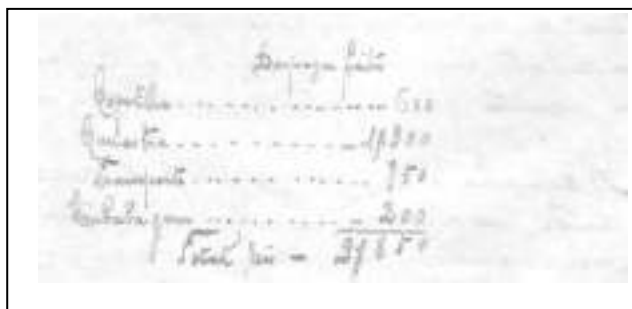
Rigorosamente ordenados e simétricos, os elementos formais foram cuidadosamente equilibrados, destacando-se os contrastes entre as linhas horizontais/verticais com as oblíquas, criando perspectiva e dinâmica. Em quase todas as aguarelas dominam uma linha vertical ao centro, que as divide em duas partes iguais. Se a personagem principal se situa numa das pontas, desequilibrando a obra, ARG logo preenche com vários elementos, a zona desfalcada, para que o trabalho final resulte em perfeita harmonia e equilíbrio. O jogo de luz e sombra e a diferença de tratamento dos planos principais e secundários levam a que o nosso olhar se centre na cena representada

Para que a obra literária se encontre em perfeita sintonia com as ilustrações, ARG estudava em pormenor o texto e, depois, criava-as de acordo com as paisagens descritas e

³² Júlio Dinis, in *Pupilas do Senhor Reitor*, Livraria Civilização, Porto, 1973, pág. 36.

usava peças e modelos que adquiria e eram característicos desses lugares (alguns destas peças e modelos fazem parte do acervo do Museu de Aguarela RG).

«...a canastra é nova por isso que não pode comprar nenhuma antiga, mas é o verdadeiro tipo das antigas e é tal e qual as que por aqui se usavam nas mulheres lavadeiras...» (doc. 4) (carta remetida de Santo Tirso, datada de 9 de Novembro de 1905).



Documento 4– Despesa efectuada em Santo Tirso.

Na mesma carta está a discriminação da despesa (arquivo CAORG).

Da sua actividade como ilustrador, resultaram obras importantes: “Lisboa Velha”, “Quadros da História de Portugal”, “As Pupilas do Senhor Reitor”, “História da Colonização do Brasil”, “Álbum de Costumes Portugueses”, “História das Touradas”, “a Morgadinha dos Canaviais”, entre outros. Nestes trabalhos ARG revelou-se o Mestre capaz de reconstituições históricas à moda do seu tempo.

A ilustração de temas históricos para as edições com fins comerciais, levaram-no a aprofundar, sobretudo, aspectos da História náutica dos Descobrimentos, recebendo aí o apoio de Henrique Lopes de Mendonça e Quirino da Fonseca.

«O apagamento voluntário e humilde da personalidade de RG», segundo palavras do seu neto J.P. Martins Barata, para valorizar e exaltar o objecto, cria uma força que atinge o seu máximo quando o objecto de contemplação é uma pessoa. Nos seus retratos atingem-se alguns dos momentos mais altos da pintura portuguesa - veja-se o «Retrato de sua Mãe» (Fig.30).

Em aguarela é difícil pintar uma grande superfície quando se utiliza o negro (como no caso do retrato de sua Mãe), porque há tendência a provocar manchas, onde muitas vezes não se justificam, RG resolveu esta situação utilizando negros de tons diferentes, acentuando-os ou desvanecendo-os e, assim, provocando pequenas aberturas de luz na orla das pregas do tecido.



Obra prima

“ Quem vê o que fizeste, o que criaste
E admira tanta cor, tanta beleza,
De encanto há-de pensar que a Natureza
Te deu algo de seu ... ou lho roubaste,

Pois é tão belo tudo o que pintaste,
Tão inocente em sua singeleza
Que a nossa gente, a gente portuguesa
Se dá em crer que tu a modelaste;

Mas para mim, em toda a profusão
Da tua obra, um quadro é evidente,
Os olhos mais convida a toda a gente:

Aquele em que o amor e a inspiração
Te deixaram pintar, como ninguém,
Uma mulher de Minde ... a tua Mãe”.³³

Figura 30 – Retrato de sua Mãe.

Aquarela sobre papel – 730 x 530 mm (Colecção da Família RG, em depósito no Museu de Aquarela RG).

Nos princípios do séc. XX, em plena época da maturidade de RG, a pintura portuguesa era dominada por um realismo com pouca imaginação, cru, rude. Não é este o realismo de RG. Para ele, a pintura é a celebração da Natureza – contempla-a e saboreia-a com afecto, não se limita a reproduzi-la.

Foi na paisagem e sobretudo como intérprete do mar, dos pedaços da nossa costa tanto a rochosa e alcantilada, como a baixa e arenosa, que ARG evidenciou a pujança da sua força criativa. José Augusto França diz: «RG deve ser tomado como o marinheiro mais fino e mais hábil que, dentro do sistema romântico - naturalista, houve em Portugal, ganhando nesse domínio, vantagem ao rei D. Carlos».

Além dos temas ligados ao mar, os seus quadros repartem-se por assuntos do campo e da cidade. Independentemente dos temas que pintou, toda a sua obra revela constantemente o seu amor pela terra portuguesa.

A sua obra encontra-se dispersa por muitas colecções particulares em Portugal e no estrangeiro, sobretudo no Brasil e está representada em museus: Nacional de Arte Contemporânea, de Arte Moderna da FCG, da Cidade de Lisboa, de Arte Contemporânea de

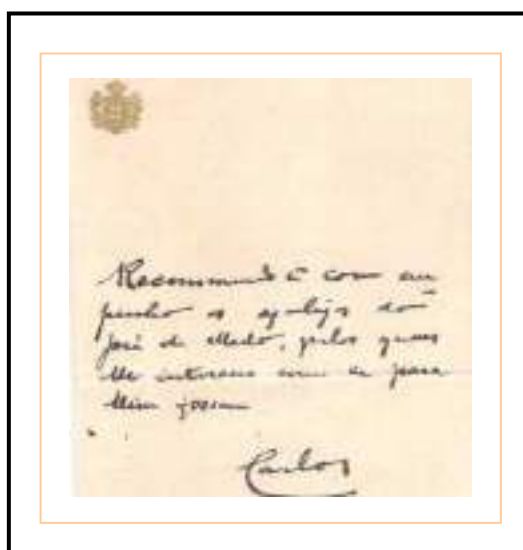
³³ Francisco Martins, in *Aquarelas Mindericas*, Torres Novas, 1977, pág. 170.

Madrid, de Viseu, no Museu da Vista Alegre em Ílhavo, de Aguarela Roque Gameiro em Minde e no José Malhoa das Caldas da Rainha.

Muitas das grandes figuras do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, conviveram com ARG, conheceram a sua obra e o homem que se esconde por detrás dela, como o testam cartas, cartões, pequenos bilhetes que se encontram entre a documentação que deixou (anexo 2).

ARG participou em muitas exposições promovidas pela Sociedade Promotora das Belas Artes. Da fusão desta instituição com os artistas do Grupo do Leão, do qual não fazia parte, foi criado, em 1890, o Grémio Artístico, de que ARG foi um dos sócios fundadores.

Expositor em muitos salões, foram-lhe atribuídos muitos prémios. No 1º Salão do Grémio Artístico obteve a 3ª medalha com a aguarela “Ponte dos Corvos”. A partir daqui nunca mais deixou de marcar presença, ao lado dos maiores nomes da pintura portuguesa: Columbano (muito admirado por ARG), Malhoa, Silva Porto, Veloso Salgado. Sempre presente nas exposições, esteve o rei D. Carlos, como expositor, como inaugurador e como admirador (Doc. 5).



Documento 5 - Cartão enviado por El-Rei D. Carlos I.

(arquivo CAORG)

A partir de 1901 expôs com regularidade na SNBA e, em 1910, foi-lhe atribuída a medalha de Honra.

No entanto, ARG não se limitou a expôr só em Lisboa; participou também em algumas exposições no Palácio de Cristal, no Porto, que lhe mereceram alguns prémios.

Em 1920, deslocou-se ao Rio de Janeiro na companhia da sua filha Helena. Aí, foram realizar uma grande exposição dos seus trabalhos. Entrevistado uns dias antes de partir, RG disse ao jornal “A Pátria”: «Não vou ao Brasil expor, vou trabalhar. Tenho trabalhado na História da Colonização Portuguesa, mas há porém que ver; há impressões da natureza que têm que ser adquiridas nos próprios locais» (Fig.31).



Figura 31– ARG e a sua filha Helena, em 1920, no Rio de Janeiro.

(fotografia - arquivo do CAORG)

RG recebeu numerosos prémios, de entre os quais se destacam:

1893

«A ponte dos Corvos» – Exposição do Grémio Artístico, Lisboa – 3ª Medalha

«A ponte dos Corvos» – Exposição no Palácio de Cristal, Porto – Menção honrosa

1894

«Estudo de Figura do séc. XVII», Exposição do Grémio Artístico, Lisboa – 3ª Medalha

1896

«Veland», «Trajes minhotos», «Mlle Laura Guedes», «Um Trolha», «Costume de 180»,

«Rio Jamor» - Exposição do Grémio Artístico, Lisboa – 2ª Medalha

1897

«Epístola» – Retrato do Pai – Exposição do Grémio Artístico, Lisboa – 1ª Medalha

1898

Trabalho de Aguarela - Exposição do Grémio Artístico, Lisboa – 1ª Medalha

Comemoração do Centenário do caminho marítimo para a Índia – exposição na Sociedade Promotora de Belas Artes, Lisboa – 1ª Medalha.

1901

Exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa – Medalha de Honra

1908

Exposição Internacional do Rio de Janeiro – Grand Prix

1910

Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa – Medalha de Honra

« A Mãe» – Exposição no Salon de Paris – Medalha de Ouro

1923

Eleito membro da Academia de Belas Artes de São Fernando, Madrid

1924

Exposição Internacional de Barcelona – Medalha de Honra de 1ª Classe

1934

Nomeado Cidadão de Lisboa – Medalha de Ouro de Lisboa

1989

Medalha de Ouro e título de cidadão honorário do Concelho de Alcanena.

Da forte personalidade de RG e da sua grande sensibilidade, mas também do seu amor pelas coisas da Natureza e pelas coisas belas, encontram-se testemunhos em toda a sua vida, incluindo nos excertos de entrevistas que deu e de obras onde é citado.

«... numa casa grande vivia um homem que nos parecia rico, mas que tinha um mistério: chamava-se Roque Gameiro, pintava e deixava-nos ver o que nos pareciam maravilhas que lhe nasciam de um pincel. Mais tarde, encontraria as suas aguarelas reproduzidas em livros e soube que tinha aprendido com elas um primeiro sentido da dimensão portuguesa no mundo».³⁴

A sua obra, além de ser um grande legado para a Arte, é também um importante documento etnográfico e, muitas vezes, topográfico, de algumas regiões do país.

³⁴ Adriano Moreira, A espuma do tempo – memórias do tempo de vésperas, Almedina, Coimbra, 2009,pág.11.

Capítulo II – O Museu Roque Gameiro, em Minde, da abertura ao encerramento

...certo é que durante muito tempo, à museografia correspondia um conjunto de regras, que asseguravam uma exposição "correcta" dos objectos.

Mário Moutinho

II.1 – O Museu Roque Gameiro – a concretização de um sonho

«A relação homem-objecto é uma relação aberta, dinâmica, dialética, na qual o homem se conhece e se reconhece.»

Waldísia Russio

II.1.1 - O pedido de instalação do Museu Roque Gameiro

Na década de 60, do séc. XX. Minde encontrava-se numa situação nunca antes atingida. A sua população em 1960, tinha atingido 2762 habitantes e tudo se conjugava para que ultrapassasse os 3000, em 1970 (atingiu 3440 – e só a vila de Minde teve um aumento de 45,9%, visto as duas outras povoações que fazem parte da freguesia terem registado, nesse mesmo período, uma diminuição da sua população residente).

Caminhava-se em Minde, no final dessa década, para se registar um maior número de residentes que a sede do Concelho, como se veio a verificar.

Esta explosão demográfica foi essencialmente o resultado de factores exógenos (não um grande aumento da taxa de natalidade e/ou uma diminuição da taxa de mortalidade) e, por isso, o saldo efectivo atingiu valores positivos muito elevados – registou-se um forte movimento imigratório.

A indústria das malhas exteriores estava numa situação muito favorável; nesta época, a população flutuante já ultrapassava as 1000 pessoas que para aqui vinham trabalhar todos os dias, mas que aqui não residiam.

As necessidades de habitação eram prementes; todos os espaços disponíveis eram aproveitados. Até as terras de felgar, na parte baixa de Minde, as mais produtivas, não foram poupadas.

Abriram-se ruas e lançaram-se praças, instalaram-se algumas infra-estruturas básicas e beneficiaram-se as já existentes; surgiram variados tipos de serviços, os cafés, os bancos e as lojas de comércio especializado.

O número de estudantes do ensino secundário e do ensino superior aumentou consideravelmente. Como resultado disto, surgiram os primeiros doutores, tudo isto acompanhado da melhoria das condições de vida. Um dos muitos indicadores foi o desenvolvimento do mercado semanal de produtos diversos, que atingiu grandes dimensões, pelo número de vendedores e de compradores.

Minde, que sempre se distinguiu das outras povoações mais próximas, pelas suas características e pelas características das suas gentes, caminhava assim, para uma posição nunca antes atingida.

A ideia que na cabeça de alguns já pairava há muitos anos, tinha agora possibilidades de poder germinar – a abertura de um museu dedicado a Alfredo Roque Gameiro.

Em 1964, formou-se uma Comissão de habitantes de Minde, admiradores da figura e da obra de RG. A esperança que todos tinham de ver na sua Terra uma parte significativa da obra do seu ilustre pintor (que muitos tinham visto e admirado, pela 1ª vez, na exposição do seu centenário, que teve lugar nesse mesmo ano, em Lisboa), começava a ter alguma consistência, apoiada pelos bons anos que Minde atravessava.

É este munderico ilustre, tão ligado às suas raízes (numa carta do seu pai datada de 1884, este escrevia:

« ... que faças por ser bom cavalheiro perante a sociedade e que digas sempre, não só tu como os teus irmãos que são filhos do Migança de Minde, que é o maior prazer que posso receber neste mundo, com esperança no outro.»

e que tanto contribuiu para o enriquecimento do património cultural do país, que a sua Terra queria homenagear.

Uma comissão intitulada, Comissão pró-Museu formou-se na primeira reunião convocada para o efeito. O passo seguinte foi transmitir esta ideia à família directa do pintor, às suas três filhas, também elas artistas. Manifestaram-lhes «o prazer e a honra que teriam se na terra, berço do Mestre, se erguesse o de há muito sonhado Museu Roque Gameiro» (parte do texto incluído na brochura do Museu RG).

Esta Comissão encontrou idênticos sentimentos de satisfação, de contentamento e de concordância por parte das suas filhas. (Doc.6)

56. Comissão de Habitantes de Minde
Lisboa

Senhor
Presidente da Junta de Freguesia
de Minde

Viajei para o Rio que com este governo
tomamos parte no desejo de fundar
de fundar um museu e alguns trabalhos
Gostamos de nos encontrar com a com
são. Não vamos para terra de ninguém
Para tal devemos dispor de muitos
e eu, a eu a cidade, logo que nos digam
qual o dia em que vamos a comissão, a
podemos ter o gosto de a de assistir
Qualquer data, não conosco a parte
de dia 14 de Abril

Com mais em nome de muitos
irmãos e no meu, apresento a
meus cumprimentos

Mamia Regina Martins Barata

Documento 6– Carta enviada por Mamia RG Martins Barata à Comissão pró-Museu

(arquivo do CAORG)

Consciente da obra a que se abalçava e da responsabilidade que lhe incumbia, a Comissão pró-museu, em reunião preparatória, entendeu entregar à Junta de Freguesia de

Minde, a orientação e chefia dos trabalhos, continuando, entretanto, a prestar toda a colaboração.

Tomava assim forma, a ambição que levaria à criação, em Minde, do Museu Roque Gameiro, instalando-o na casa onde o pintor nasceu (Fig.32).



Figura 32 – Casa de Manuel Roque Gameiro.

Uma placa indica “Aqui nasceu o pintor Alfredo Roque Gameiro” (fotografia – Rui Gonçalves)

Quando, em 1965, esta ideia se tornou viável, a casa tinha sido objecto de muitas transformações, dividida em duas (a figura 32 mostra só a parte que se manteve na posse da família), sendo a parte de maior dimensão, resultado do desmembramento, aquela que poderia oferecer algumas condições para a instalação temporária do museu. Como se optou por esta, estabeleceram-se as condições para o arrendamento do imóvel, e efectuaram-se as obras de adaptação, cujo projecto foi confiado à competência do Sr. Arquitecto José Pedro Roque Gameiro Martins Barata, neto do patrono do Museu. Foi, então, requerida a instalação do mesmo em carta dirigida ao Sr. Director Geral do Ensino Superior e Belas-Artes, acompanhada da memória descritiva e justificativa (anexo 3).

Este documento é constituído por três partes fundamentais:

- 1- Razões da instalação da Casa - Museu Roque Gameiro em Minde
- 2- Meios de manutenção e direcção
- 3- Plano de instalação – sistematização e ordenação das espécies e da exposição das colecções³⁵

Ao requerimento apresentado foi dado parecer favorável, homologado pelo Ministro da Educação Nacional, em 17 de Março de 1970 (doc.7)

³⁵ Brochura do Museu Roque Gameiro, Minde, 1970, págs 18,19 e 20



Documento 7 – Homologação do Museu Roque Gameiro, em 1970

Neste documento referem-se ainda as razões da instalação, assim como a ocupação dos espaços. Da parte da Junta Nacional de Educação são feitas algumas considerações nomeadamente às dimensões do edifício que «só se pode admitir como provisório, se for ponto de partida essencial para outro museu...» (anexo 4)

O parecer emitido aprova a criação de um museu em Minde, com as seguintes condições:

- 1) que tenha a designação de Museu Roque Gameiro e não Casa-Museu Roque Gameiro, uma vez que abrangia colecções, além da de obras e recordações do artista, sem relação directa com esta.
- 2) que sejam previstas medidas de segurança fora das horas de serviço dos funcionários.
- 3) que seja assegurada a assistência permanente ao Museu de um ou mais guardas, dentro dos horários estabelecidos.
- 4) que sejam asseguradas condições de arrefecimento e segurança nas instalações para arrefecimento, no edifício.

Documento 8 – Observações à proposta apresentada pela Junta de Freguesia de Minde, para a criação do Museu

Por despacho ministerial de 21 de Março de 1969, foi concedida a anuência para provimento do cargo de Conservador (Director) do Museu . Os estatutos foram entretanto elaborados (anexo 5) e o Museu que iria vincular a memória de ARG à sua terra natal,

acarinhado pelos sonhos dos mindericos, tinha agora a autorização de instalação e funcionamento.

II.1.2 – O acervo – descrição e características

O acervo é constituído por obras de arte – aguarelas, desenhos, dois óleos e esculturas de Alfredo Roque Gameiro e familiares directos e ainda de alguns amigos. Reuniram-se, também alguns objectos de uso pessoal.

Além das obras de arte, o acervo era ainda constituído por objectos de uso corrente, em Minde, da época em que aí viveu ARG, assim como outros ligados às actividades tradicionais da terra.

Um dos objectivos do Museu foi o de valorizar o trabalho de ARG , como ilustrador e como aguarelista e, para isso, desde o início, foi manifestado junto da Família Roque Gameiro o desejo, felizmente alcançado, de que a aguarela «a Mãe do Artista», figurasse entre as obras depositadas, assim como o retrato de RG, óleo da autoria de Abel Manta (Fig.33).



Figura 33 – Alfredo Roque Gameiro. Óleo de Abel Manta (Colecção do Museu de Aguarela Roque Gameiro).

Contudo, a Comissão pró-Museu e as filhas de RG manifestaram também a sua vontade em que uma das obras mais valiosas do pintor fizesse parte da colecção do Museu – as aguarelas originais da ilustração de «As Pupilas do Senhor Reitor».

A compra destas aguarelas, impossível monetariamente à Comissão, seria um passo decisivo para o enriquecimento do acervo do Museu. Esta colecção, na posse de uma das sobrinhas de RG, foi cedida à FCG, como consta no extracto da carta enviada à JFM em 16 de Março de 1967.

«... a minha mãe resolveu ceder a referida colecção a essa fundação, para que não se dispersasse e fosse conservada tanto quanto possível. Ela e todas as pessoas da Família mais ligadas a Mestre Roque Gameiro estão de acordo em que a Obra não pode ficar melhor entregue do que à Fundação Calouste Gulbenkian e que, certamente, esta vai providenciar no sentido de que seja exposta na Casa-Museu Roque Gameiro, em Minde, de acordo com a Comissão organizadora da mesma, nas condições que a Fundação melhor julgar necessárias para a sua conservação e justo nome de Mestre Roque Gameiro».

Contactada a FCG, esta reservou-se o direito de propriedade das referidas aguarelas. No entanto, ao Conselho de Administração pareceu viável que um número delas pudesse ser exposto na Casa-Museu Roque Gameiro, em condições a estabelecer, mas sempre na forma de depósito provisório e rotativo, não se alterando por essa circunstância, os direitos de propriedade da Fundação (anexos 6).

Além das obras atrás referidas, o acervo do Museu é constituído por:

29 aguarelas oferecidas pela Família RG e amigos, ao Museu de Minde:

- 19 de Alfredo Roque Gameiro
- 3 de Raquel Roque Gameiro
- 1 de Manuel Roque Gameiro
- 1 de Mâmia Roque Gameiro
- 1 de Rafael Bordalo Pinheiro
- 1 de José Leitão de Barros
- 1 de Hebe Gomes
- 1 de Vera Bordalo Pinheiro
- 1 de Alfredo Morais

19 aguarelas em depósito no Museu de Minde, mas pertencentes à colecção da Família RG:

- 18 de Alfredo Roque Gameiro
- 1 de Jaime Martins Barata

2 óleos oferecidos pela Família RG ao Museu de Minde:

- 1 de Mâmia Roque Gameiro
- 1 de Abel Manta

!3 desenhos oferecidos ao Museu de Minde:

- 8 de Alfredo Roque Gameiro
- 1 de Mâmia Roque Gameiro
- 1 de Guida Roque Gameiro Ottolini
- 1 de José Tagarro
- 1 de Manuel de Macedo
- 1 de Francisco Valença

1 alto-relevo – escultura de Rui Roque Gameiro

Objectos no campo das Artes Gráficas da oficina de Justino Guedes Roque Gameiro

16 diplomas de Mestre Roque Gameiro

Vitrinas com cartas, postais, cartões, fotografias de familiares e amigos

Vitrina com objectos pessoais de RG:

- relógio de ouro
- alfinete de gravata em ouro (oferta da Rainha Senhora D. Amélia)
- tinteiro de cristal
- corta-papéis
- limpa-penas
- papeleira de prata
- um laço de seda
- mão do artista (escultura em gesso de Barata Feio)
- medalha de ouro da Câmara Municipal de Lisboa

Restante acervo do Museu (anexos - 7)

II.1.3 - A organização dos espaços

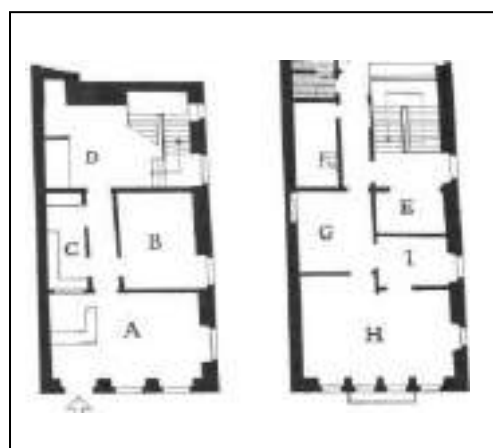
A instalação do Museu acabaria por concretizar-se justamente em parte da casa (Fig.34) onde o aguarelista nasceu e onde viveu com os seus pais e os seus irmãos.

Ao edifício, adulterado em relação ao aspecto anterior, foram-lhe acrescentadas salas e uma fachada principal incharacterística, nos começos do século XX.



Figura 34– A fachada do Museu Roque Gameiro

(fotografia – arquivo do CAORG)



Documento 9– A planta do Museu

(arquivo do CAORG)

«Os objectos expostos estabelecem os vínculos da sua relação com o homem, mas também é através deles que temos condições de entender os processos históricos onde eles se inserem , no momento da sua criação e utilização pelo homem, tendo como princípio que a cultura não é neutra».³⁶

- Piso térreo:

Nas salas do piso inferior procurou-se instalar as dependências de mais vincado sentido regional:

A - Sala de entrada

Na entrada, encimada pelo lema do Artista – “Honra teus avós” e, em face, o retrato de Manuel Roque Gameiro, seu pai, Via-se uma alusão à principal actividade agrícola da região – a olivicultura: velhas talhas e vasilhas usadas e que os modernos processos tornaram dignas de guardar.

No vestíbulo encontrava-se um balcão de atendimento ao público. Aí se vendiam postais, reproduções e objectos do artesanato local (mantas de lã), objectos estes, que se encontravam expostos no mesmo local.

B - Sala do tear

Quase todas as famílias de Minde tinham o seu tear tal qual se vê reproduzido numa aguarela de Raquel Roque Gameiro e reconstituído nesta sala. Aqui se encontravam alguns dos objectos mais significativos desta actividade de Minde: o tear, a roda, as canelas, os fios, a dobadoura, a meadeira , a mesa onde se cardava e vários tipos de mantas.

C – Cozinha

Procurou-se criar uma cozinha da época no nascimento e vida de RG, em Minde, com elementos locais autênticos e usuais na terra; a lareira, a cisterna e a cantareira. Os barros e os cestos não são todos desta região, mas eram também usados em vários pontos do país e pertenciam a uma colecção monumental que a Família RG reuniu. Para esta exposição também muito contribuiu a população local.

D – Sala do fundo

Numa das vitrinas, estava uma colecção de moedas das II e IV dinastias; noutra vitrina, uma colecção de fósseis da Era Secundária, com cerca de 170 milhões de anos, encontrados na vertente leste do Planalto de Santo António, na grande escarpa que é a Costa de Minde e na base da qual se desenvolve a povoação.

³⁶ Rosana do Nascimento, O objecto museal, Cadernos de Museologia, nº 3, 1994, texto adaptado, pág. 10.

Ao fundo, nesta mesma sala, encontravam-se algumas recordações dos irmãos Roque Gameiro.

- Piso superior:

As salas deste piso foram dedicadas às obras de Mestre RG, nas suas várias vertentes: desenhador gráfico e aguarelista, a par de salas destinadas a outros artistas, para além de registos e apontamentos de elementos biográficos evocativos.

Aqui também se fazia referência a elementos etnográficos e geológicos da região.

As salas deste piso formavam um circuito destinado à exposição das colecções relacionadas com RG, relíquias e recordações, estudos, experiências e trabalhos de artes gráficas, aguarelas, desenhos, ilustrações e modelos.

E – Vitrinas

À esquerda, um traje de Santo Tirso, que serviu de modelo para uma das figuras de “As Pupilas do Senhor Reitor” e, ainda, um traje completo de saloias do séc. XVIII que figura na aguarela “A volta do Mercado”. Este fato tem valor documental, bem como outras peças de vestuário que se encontram guardadas no Museu e que faziam parte de uma colecção de RG.

Também aqui se encontravam expostos alguns esboços para as ilustrações de “As Pupilas do Sr. Reitor”.

F – Quarto

Era um lugar esconso onde se situava o quarto em que nasceu o pintor. Encontrava-se aqui exposta a candeia de azeite que iluminou o seu nascimento, rodeada por obras de pintura e desenhos dos seus filhos, genros, netos e sobrinhos.

G – Sala: “As Pupilas do Senhor Reitor”

Aqui se encontram 16 originais a cores da edição de luxo da obra de Júlio Dinis. Esta edição marcou, na sua época, um triunfo do trabalho de colaboração dos dois irmãos, Alfredo e Justino, nas Oficinas de “A Editora”.

H – Sala nobre

Nesta sala encontravam-se algumas das melhores obras do Artista. Entre elas, o “Retrato de sua Mãe”, premiado em todas as exposições a que concorreu. Um retrato de RG do pintor Abel Manta, evocava-nos fortemente a presença do Mestre.

I – Pequena sala

Uma pequena sala destinava-se a recordar Justino Guedes Roque Gameiro, irmão do Artista, também ele natural de Minde e em cuja editorial e litografia, ARG deu os primeiros

passos nas Artes Gráficas e, mais tarde, depois de regressar da Alemanha, desenvolveu trabalho pioneiro naquelas Artes.

Curiosas recordações e cartas trocadas entre os dois irmãos (Alfredo e Justino), que se referem aos processos de artes gráficas que os dois introduziram em Portugal e que documentam uma época.

II.1.4 – A inauguração do Museu

O pequeno museu, inaugurado em Minde, em 21 de Novembro de 1970, guardava obras de ARG e seus familiares directos, peças etnográficas locais e outras das quais o artista se rodeou para executar muitos dos seus trabalhos.



Figura 35– O Museu Roque Gameiro e o programa para o dia da sua inauguração.

(fotografia – arquivo do CAORG)

Documento 10– O anúncio da inauguração do Museu.

O JM noticiava o evento na 1ª página (arquivo do CAORG)

A inauguração do Museu revestiu-se de grande solenidade, com a visita do Sr. Presidente da República, facto esse que representou, para a época, a importância que era dada a esta pequena vila e ao seu filho mais ilustre (Figs 36 e 37). Tudo se conjugou para o brilhantismo da cerimónia, pois até o tempo chuvoso, de céu carregado nos últimos dias, deu lugar a um esplendoroso sol de Outono. A luz do sol tão bem trabalhada nas aguarelas de ARG, encheu neste dia esta paisagem serrana, que o pintor bebeu em largos tragos durante a sua infância. Toda a população de Minde participou na festa, única na terra, com a presença do Sr. Presidente da República.



Figura 36– O dia da inauguração do Museu.

O cortejo presidencial dirigia-se para o museu.
(fotografia – arquivo do CAORG)



Figura 37– O descerramento da placa

(fotografia – arquivo do CAORG)

A terra apresentava um ar de festa: as ruas, as varandas, as sacadas e as janelas estavam engalanadas e a população aderiu a este momento único que se vivia em Minde; esse dia assinalou um marco importante na sua história. No dia seguinte, toda a imprensa diária referia o acontecimento, com honras de 1ª página: “Diário de Notícias”, “O Século”, “Diário Popular”, “Diário de Lisboa”, “Diário da Manhã”, “O Primeiro de Janeiro”, “Jornal de Notícias”. Também a Emissora Nacional e a Rádio Televisão Portuguesa noticiaram pormenorizadamente a inauguração do Museu e a televisão apresentou uma desenvolvida reportagem no telejornal das 21h 30m, no dia 22.

Nos anos sessenta, nos mais diversos lugares do mundo, registaram-se movimentos de abertura na área da Museologia, de maneira a preparar o futuro de uma cultura verdadeiramente responsável.

Em 1971, em Grenoble, o Museu como instituição, foi amplamente discutido, analisado e criticada a sua acção, muito estreitamente ligada a padrões clássicos ocidentais.

Foi discutida a posição dos objectos, provocando o intercâmbio de ideias, o encontro de novas soluções, o aparecimento de novos anseios. Este e outros movimentos com a participação do ICOM e da UNESCO continuaram a evoluir: formaram-se redes de intercâmbio de ideias e de acções, buscando um cada vez maior envolvimento com o seu próprio meio ambiente, envolvendo cada vez mais a comunidade, criando áreas de pesquisa especializada, buscando uma avaliação interdisciplinar, aumentando as acções de educação, procurando novas fontes de financiamento para os seus projectos.

O museu passou a abrir as suas portas aos trabalhos comunitários, preocupando-se como a integração do homem e das suas obras.

Surge, assim, com Henri Rivière, o conceito de ecomuseu, em que a comunidade, o património e o território assumem uma posição marcada no processo. Este novo conceito de museu passa a ser o elemento coordenador não apenas no momento que passou, mas no presente e procura assegurar o desenvolvimento do futuro.

Estes novos conceitos de museu e a sua função perante a sociedade da qual deve ser um parceiro, não se aplicaram a este pequeno museu. À euforia registada aquando da sua inauguração não se seguiu um movimento participativo e a curva de entusiasmo foi descendo de uma maneira acelerada até 1980, ano do seu encerramento.

A sensibilização para a participação da comunidade neste projecto não foi alicerçada e ao primeiro entusiasmo não se seguiu a dinamização de todo o processo, exactamente porque ele não partiu da comunidade, foi antes dirigido de cima para baixo. Decorridos poucos anos e, porque a este facto se juntaram a falta de meios materiais e humanos, a inércia e a indiferença, o museu encerrou as suas portas, havendo, no entanto, o cuidado de salvaguardar as obras de arte.

II.1.5 – Os pedidos de intervenção

Muitos são os perigos que ameaçam a existência das colecções e que nos convidam a concentrar os nossos esforços para os guardar e para os proteger de forma perdurável. «Não há nenhuma forma de degradação que não degrade» (Luís Casanovas).

Os materiais de que são constituídas as colecções dos museus não são eternos. Em cada dia que passa, as colecções que nos foram transmitidas deterioram-se, mesmo dentro dos museus.

Os agentes de destruição são numerosos, agentes naturais e agentes humanos, agentes físicos e agentes químicos, mas todos que se debruçam sobre estes factores, estão de acordo em que o mais implacável é o clima. As variações de temperatura e, ainda mais, as variações da humidade são as mais perigosas.

Particularmente destrutiva entre os factores climáticos, e, portanto, causadora dos maiores danos entre as obras de arte, é a humidade. Ela é a base para o crescimento de microrganismos que não só atacam materiais orgânicos, tais como papel, couro, têxteis e madeira, como também a pedra, o vidro e até o bronze.

As variações médias anuais da humidade relativa podem atingir valores que rondam os 50% ou até mais. Quase todos os objectos, qualquer que seja a sua idade, a sua origem, a sua constituição, reagem rapidamente às variações da humidade relativa do local onde se encontram. Por isso, é essencial medir os valores da humidade relativa, controlá-los e estabilizá-los ao máximo.

As condições do edifício que acolhia o acervo do Museu Roque Gameiro, que à partida já eram deficientes, degradaram-se com o correr dos anos sem que nada fosse feito para as atenuar. Muitas vezes, uma causa arrasta outras, passando a actuar conjuntamente, o que faz com que, por exemplo, a degradação de um reboco deva ser encarada como uma acção normalmente complexa e interdisciplinar.

Em ambientes, onde o período de humidade relativa é grande, isto é, com humidade relativa superior a 65% (em Minde, são muitos os meses do ano em que estes valores, são atingidos), os microrganismos desenvolvem-se muito fácil e persistentemente. Inicialmente, as pinturas surgiram manchadas, sucedendo-se às manchas as mais variadas bactérias que multiplicando-se rapidamente desenvolveram as mais variadas funções.

As peças de vestuário e os acessórios de decoração antigos foram tratados ainda com menos respeito do que as obras de arte. Elas proporcionavam colorido e humanizavam as peças mais valiosas. Os têxteis são muito sensíveis à destruição. O calor, a água, a luz, a sujidade, os insectos, o mofo, as larvas e a falta de cuidado são-lhes fatais: rasgam-se, enfraquecem, reduzem-se a pó. Quando o material de que são construídos, linho, seda, algodão, lã, couro, tem aplicações de vidro, metal, o ataque é maior porque cada um destes produtos tem os seus inimigos mortais. Cada um está sujeito à deterioração causada pelos anos, sempre acelerada quando o meio ambiente é impróprio.

«As únicas alterações preocupantes, o conservador só dá por elas, só se apercebe delas, quando passa de tempos a tempos, pelas salas de exposição do seu museu.»³⁷

Depois da demissão da primeira Directora do Museu Roque Gameiro(1972), Dra. Maria da Graça Carreno Roque Gameiro, não mais houve qualquer substituto.

O Museu era mantido por uma funcionária sem qualquer formação adequada ao trabalho que desempenhava, limitando-se a conservar limpo o interior do edifício, a atender os visitantes e ... pouco mais.

Sempre foi desejo da Família RG, do Grupo dos Amigos do Museu e da Junta de Freguesia, dada a situação provisória das instalações do Museu, que este se pudesse vir a instalar na “Casa dos Açores”, à altura, propriedade dos descendentes de Justino Guedes Roque Gameiro (Fig.38).



Figura 38– A Casa dos Açores.

Foi começada a construir por volta de 1900, ampliada e reestruturada em 1926 (fotografia – arquivo do CAORG).

Trata-se de um muito bonito edifício e respectivo jardim, desenhado no princípio do séc. XX, para servir de residência, em Minde, a este ramo da família Roque Gameiro.

A primeira documentação referente a este assunto, data de 11 de Abril de 1972 e é dirigida ao Sr. Presidente da JFM, por uma das proprietárias da casa.

« ...Constou-me , pela Sra. D. Mamia Roque Gameiro, minha prima, que a junta de Freguesia da nossa Vila, bem como a Comissão organizadora do Museu Roque Gameiro, continua a pretender adquirir a Casa dos Açores, a fim de instalar ali o Museu e, que, o Sr. Dr. Azeredo Perdigão, em determinada reunião, havia prometido enviar a Minde um arquitecto delegado, para averiguar se a respectiva casa, tem as necessárias condições para esse fim Como temos mais duas propostas para vender, mas para nós em primeiro lugar está Minde, que muito beneficiaria em vários sentidos, com tal aquisição ...»

³⁷ Garry Thomson, Museum environment, London, 1978, pág. 29.

Seguiu-se um longo período, toda a década de 70 e a primeira metade da década de 80, em que, com alguma regularidade, se fizeram diligências no sentido de encontrar um novo espaço que pudesse albergar em condições mais seguras e adequadas, o espólio do Museu (anexos 8).

II.1.6 – As medidas de conservação do espólio

Após o encerramento do museu, as preocupações máximas da Família Roque Gameiro relacionaram-se com a conservação das obras de arte.

Contactado o Director do Museu de José Malhoa, este agradeceu a confiança depositada e «...considerando que tão valiosa colecção não deve correr o risco da falta de segurança e de ser subtraída do contacto com o público apreciador da Arte da Família Roque Gameiro, temos o prazer de informar que aceitamos o depósito temporário das obras, para o qual, nos termos da lei e dado tratarem-se de valores que irão permanecer à sua guarda, vai providenciar despacho do Secretário de Estado da Cultura e do Ministério das Finanças.» (anexos - 9).

A Junta de Freguesia de Minde informou a F. Gulbenkian, relatando o que se passava em relação ao encerramento do Museu e pedindo o levantamento das 16 aguarelas de «As Pupilas do Senhor Reitor», procurando garantir, no entanto, que se mantenha o protocolo e as aguarelas possam voltar para o novo museu.

Quanto às peças de vestuário existentes, muitas delas de grande valor, ficaram à guarda da Junta de Freguesia. O tempo foi passando e, apesar de se tratar de peças muito sensíveis, nada se fez para as preservar.

O mesmo não aconteceu com alguns pequenos objectos valiosos e de uso pessoal, para os quais foi alugado um pequeno cofre numa instituição bancária.

A preocupação, por parte da Família RG, acerca da situação do Museu de Minde foi uma constante, como o atesta a muita correspondência trocada entre e Sra. D. Mamia Roque Gameiro e a JFM.

«Passo um tormento por não saber se os quadros pertencentes à Fundação já foram ou não entregues. Desculpe a franqueza mas não devemos esperar que os vão buscar...» (22 de Janeiro de 1981).

«Desculpe a minha impertinência em renovar as minhas interrogações acerca do Museu, mas de facto o meu estado de espírito quanto a este assunto (que na minha vida ocupa um grande lugar), é desolador! Ignoro em absoluto o que se passa! (14 de Outubro de 1981).

E o tempo foi passando ...

Em Abril de 1985, os «Amigos do Museu» reuniram com um grupo mais alargado, constituído essencialmente por jovens, pois era necessário induzir nestes um interesse pelos assuntos do Museu. O resultado desta reunião encheu de esperanças a Família RG, pois na

carta que lhe foi dirigida se fazia alusão a um espaço bem localizado e com área suficiente para a instalação do museu.

«As questões de ordem moral, sentimental e artística, que estão nas nossas preocupações e a que não deixaremos de dar o devido relevo, serão abordadas e sentidas depois de se alcançar esta primeira definição de escolha de local possível e viável», dizia-se na carta.

O “Jornal de Minde”, que já ultrapassou os cinquenta anos de publicações mensais contínuas, nunca deixou morrer na consciência dos seus leitores o “Museu”.

Numa pequena comunidade a imprensa local tem um papel importante; para muitos, a única leitura que fazem ao longo do mês é a do seu jornal. A sua existência, sobretudo fora dos grandes centros urbanos, tem-se revelado um meio de comunicação social muito válido, na divulgação dos valores, das tradições e dos problemas das suas terras. Os dezoito artigos de opinião que entre 1980 (ano do encerramento do Museu) e 1985 foram publicados nas páginas do JM levaram aos seus leitores as únicas informações sobre a situação do Museu (apêndice I).

Apesar do Museu ter encerrado há já seis anos, um sentido de esperança na sua reabertura nunca deixou de existir na população de Minde.

Com a democratização do Estado e da Sociedade Civil, com a descentralização das decisões e das competências, que se seguiu a 1974, será possível dar passos importantes na via dos interesses das populações e da defesa do seu património. Sente-se nos jovens e nos menos jovens um clima de determinação e alguma cooperação, na luta por uma causa que só será sólida e duradoura se passar pela vontade, pela iniciativa e pela participação da comunidade.

Capítulo III – Propostas de intervenção comunitária: o Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro e o Museu de Aguarela Roque Gameiro

Sabei senhora, que esta Vida é um rio ...

Eça de Queiroz

III.1 – Objectivos gerais e actividades desenvolvidas pelo Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro

Temos de aprender a ouvir a voz da juventude e o seu anseio de renovar o velho e de criar o novo. Temos de saber ajudar aqueles que, nos gabinetes, nas escolas, nos laboratórios, nos ateliers, nas bibliotecas, criam beleza e saber, ajudam à inovação e à descoberta, transmitem cultura. Aqueles que nos campos e nas fábricas, nas empresas e nos escritórios, nos lugares onde trabalham, contribuem, tantas vezes com dificuldades, para o bem-estar colectivo. Temos de saber ouvir a voz do povo anónimo, os seus protestos e as suas esperanças, pois nele reside a grande força da nossa identidade e a razão e fundamento do que fazemos.

Mário Soares, 1991

III.1.1 – As primeiras actividades

O “movimento” do qual o Jornal de Minde fez eco, em Novembro de 1984, estava a tomar forma a partir de um pequeno grupo, que, desde há algum tempo, analisava a situação do Museu e pensava que caminho se poderia seguir para a sua reinstalação e reabertura.

Por parte deste pequeno grupo, esteve sempre muito clara a ideia de que qualquer que fosse o caminho a seguir ele teria que envolver a comunidade. O compromisso assumido deveria ser com a transformação, com o futuro e não com a paralisia.

A cultura e a ciência são hoje desígnios prioritários da Humanidade, esta humanidade que também se alicerça nos museus, no intercâmbio entre eles, na sua cada vez maior capacidade de abertura à sociedade, na sua vocação de mudança e transformação.

São estes novos horizontes da Museologia que se apresentam na «Declaração de Santiago do Chile» de 1972. – Trata-se de uma ideia original para o mundo da Museologia, para a qual as mudanças sociais, económicas e culturais constituem um novo desafio.

«A formação, sobretudo, permanente dos museólogos deve fazer apelo a especialistas de outras disciplinas, particularmente daquelas que tratam do presente e do futuro das sociedades» (Hugues de Varine – Quebec, 1984).

Foi com este espírito, que o pequeno grupo, primeiro constituído por três pessoas, sem qualquer formação museológica, encarou o futuro do Museu. A relação entre o museu e o seu público ou utilizador terá que ser evidente e far-se-á ao nível de uma pequena instituição, como é o caso do Museu Roque Gameiro, numa reflexão permanentemente em contacto directo com a realidade. O grupo estava então orientado para um novo conceito de museu, um sistema constante de interacção entre a população e a instituição, em que o museu será um companheiro no processo de desenvolvimento local.

Pensando assim, e porque a tradição municipalista em Portugal é um facto, as experiências com a participação das populações na gestão dos seus interesses e recursos seriam com certeza, gratificantes.

Sabendo de algumas iniciativas que estavam a ser tomadas no domínio de ambiente e da preservação do património histórico-cultural, nalguns locais do nosso país, este caminho a seguir poderia estimular, em Minde, o aparecimento de autênticas economias locais, vivas, competitivas e integradas nas realidades regionais.

As experiências de participação dos cidadãos na vida da comunidade são «Escolas de Cidadania», pois dão sentido à esperança e favorecem o sentimento de responsabilidade de cada um perante o que é de todos.

Para que estas ideias se pudessem transformar em acção e a acção em resultados práticos e que se traduzissem em efectivos benéficos para as populações, não se poderia perder a excelente oportunidade de mudança e de modernidade que existia na sociedade portuguesa. A segunda metade da década de 80 abria novos caminhos e, acima de tudo, encorajava. Era chegada a hora de reflectir sobre as experiências do passado, de aperfeiçoar e de inovar.

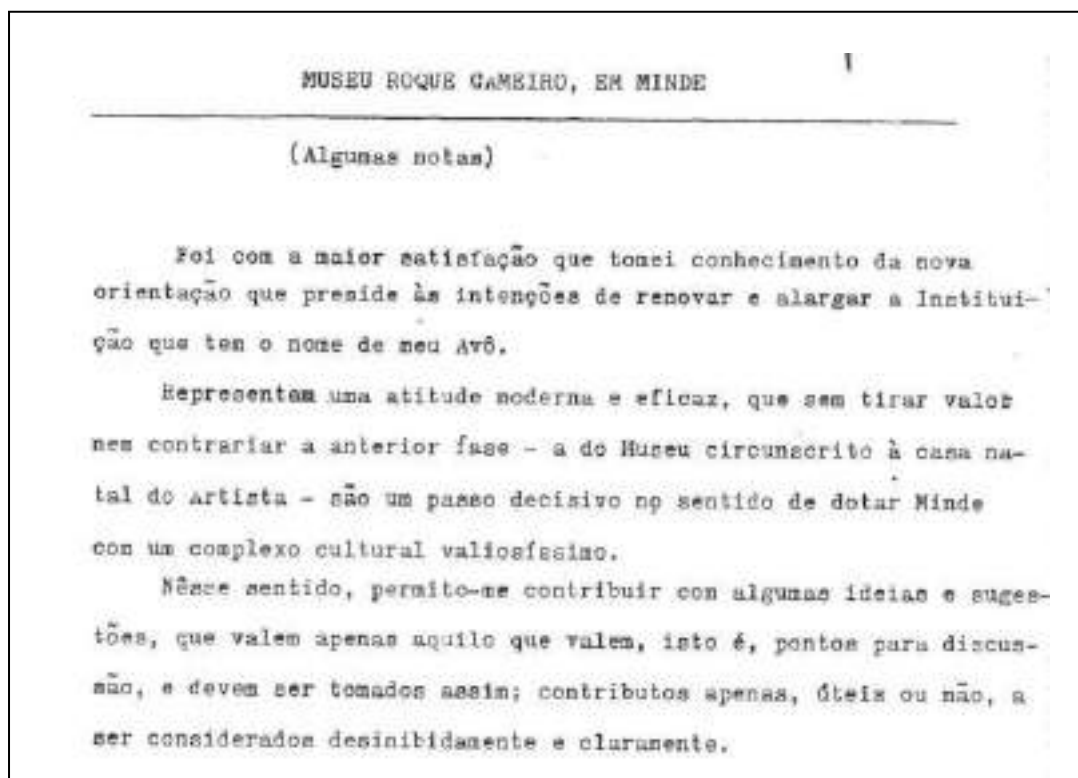
No dia 2 de Abril de 1986, reuniram-se na sede da Junta de Freguesia de Minde, a pedido do pequeno grupo dinamizador, alguns elementos do Grupo dos Amigos do Museu e os membros da JFM em exercício. Foi dado a conhecer a todos a disponibilidade que este pequeno grupo tinha para poder avançar, ao mesmo tempo, que se apresentaram as ideias bases do «Novo Museu».

Pretende-se que o Museu a funcionar seja didacticamente preparado e acompanhado pelo Museu a formar-se, participado, assumido, internalizado na consciência colectiva.

Entre os vários objectivos que se propõem atingir está a preservação do património artístico, artesanal, natural e documental de Minde. Ao mesmo tempo, seria desejável que o caminho a seguir tivesse em consideração aquilo que à população de Minde interessa, do que gosta; a população terá que ser envolvida em todo este processo. Para se atingirem estes objectivos foi consenso geral, a criação não só do núcleo museológico, mas também: da Escola de Música, da Escola de Dança, do Atelier de Tecelagem (mantas de lã de Minde), do núcleo de Espeleologia e Ambiente, da Galeria de exposições temporárias, sendo a Piaçã dos Charales do Ninhou uma actividade transversal a todas as outras. Com este tipo de actividades, torna-se possível desenvolver projectos que envolvam crianças, adolescentes, jovens e a população em geral.

Na mesma reunião foi dado conhecimento a todos, das diligências feitas no sentido de expor este projecto à Família directa de ARG, o que viria a acontecer no dia seguinte; também foram discutidas e analisadas várias propostas sobre a futura localização do Museu e das actividades que a ele se iriam associar. Por consenso, decidiu-se que a melhor localização seria junto da área desportiva, já que nas suas imediações se falava também na instalação da futura escola secundária. Aqui se formou logo um pequeno grupo de voluntários, cuja função foi abordar os donos dos terrenos em questão.

No dia 3 de Maio, a Sra. D. Mária e o seu filho, Arq. Martins Barata, voltaram a receber este pequeno grupo, decidido a avançar e concretizar os seus objectivos. No seguimento desta visita, o Sr Arq. Martins Barata, ainda no dia 3 de Maio enviava aos «Amigos do Museu», uma carta onde manifestava o seu contentamento pela solução encontrada e viabilidade da mesma (Doc. 11).



Documento 11- Introdução da carta enviada pelo Sr Arq. Martins Barata aos “Amigos do Museu”
(arquivo CAORG)

O conteúdo desta carta (anexo 10) entusiasmou e foi um estímulo para o pequeno grupo de trabalho e o ponto de partida para a concretização das suas ambições. Os dois pontos fundamentais expressos nesta carta: o Museu tal como ele é proposto e as vias para a concretização, muito bem estruturados, funcionaram como um trampolim seguro e necessário para esta meia dúzia de pessoas sonhadoras, inexperientes, mas ambiciosas. A colaboração do Sr. Arquitecto, a sua experiência, o seu saber têm sido ao longo destes anos, o apoio de todo este processo, a que ele chamou «um processo em marcha, para uma realização de prestígio, sem precipitações nem improvisações – bem pelo contrário, dando uma imagem de segurança e determinação calma e forte».

Um novo olhar sobre o museu, que sem eliminar a primeira função dos objectos, lhe acrescente novas funções, transformando-o. O Museu deverá entrar em metamorfose, conviver com uma realidade em mudança e bastante diferente da anterior, enveredar pela via da abertura para a vida, para o tempo presente. A solução está no encontro com a cultura viva, com as manifestações populares – o museu terá que ser aberto para a diversidade cultural.

«Houve um tempo em que os museus, dormindo em relicário, sonhavam com peças raras, belas e preciosas. Houve um tempo em que os museus sonhavam em congelar o tempo, cristalizar o passado nas paredes, nas estantes, nas vitrinas, nos arquivos e nas gavetas, mas, o sonho acabou. É hora de um outro sonhar, pois o tempo, como o sonho, não pára, renasce».³⁸

Todo o pensamento elaborado sobre a Museologia pode ser mais aprofundado e melhorado se recorrer a uma reflexão interdisciplinar; será talvez, de uma certa forma, libertá-la do gueto da cultura, até porque qualquer objecto só tem valor porque foi construído pelo homem. Estes pontos alheios à ideia de museu tradicional representam a própria transformação da ideia de Museu.

O museu deverá ser uma instituição criada para servir a sociedade do seu tempo.

No dia 17 de Maio seguinte, em reunião na sede da Junta de Freguesia, e na sequência de um aviso convocatório à população, participaram alguns elementos dos Amigos do Museu, Presidente da Junta de Freguesia, o grupo dinamizador e algum público. Foi analisado o conteúdo da carta do Sr. Arq. Martins Barata e decidiu-se pedir uma reunião com o mesmo, em Lisboa.

Feitos os contactos, a reunião teve lugar no dia 8 de Junho e deslocaram-se a Lisboa, para esse efeito: Carlos Fontes Carvalho (Presidente da JFM), Rogério Fernandes Venâncio (pelos Amigos do Museu) e Maria Clara Fernandes Gameiro, Maria Alzira Roque Gameiro e Vítor Manuel Coelho da Silva (pelo grupo dinamizador)

Pela parte da Família RG estiveram presentes: Mámia Roque Gameiro Martins Barata e José Pedro Roque Gameiro Martins Barata.

Nesta reunião foi feito ao Sr. Arq. Martins Barata um convite para se deslocar a Minde, o que aceitou de bom grado. A deslocação logo foi agendada para 13 e 14 desse mesmo mês de Junho.

Deste primeiro trabalho conjunto, durante dois dias, com a participação de pessoas de todas as idades, com diferentes tipos de formação e com as mais variadas actividades, surgiu um esboço que iria servir de base aos trabalhos da Comissão aqui indigitada (Doc. 12).

³⁸ Mário Chagas, Cadernos de Museologia, ULHT, Lisboa, 1994,pág. 81.

Neste primeiro trabalho conjunto, não se valorizam só as criações estéticas – as Belas-Artes - mas também de igual modo o que é “culto” e “popular”. O património cultural deixou de ser unicamente artístico (entendido como herança que merece ser conservada), para passar a ser algo em que o passado é interpretado a partir do presente.



Documento 12– 1º esboço do projecto do “Novo Museu”.

Este projecto serviu de base para os primeiros trabalhos em Junho de 1986 (arquivo CAORG).

Desenvolvimento do plano (cont. do documento 12)

- Núcleo Museográfico – conteúdo:

1 - Museu de Pintura:

Colecção do Museu Roque Gameiro

Outras aquisições

2 - Museu Etnográfico e das Actividades – Etnografia, Arqueologia industrial de Minde, aspectos da fase inicial da industrialização estado actual das técnicas.

3 - Sala de exposições temporárias – conforme as oportunidades e dimensões das propostas da exposição

- Auditórios:

- 1 auditório de cerca de 250 lugares – equipado para cinema, teatro, bailado
- 1 pequeno auditório para conferências – vídeo-conferências, demonstrações, reuniões

-Biblioteca – Mediateca – com revistas, slides, terminal para busca de dados, para buscas documentais

- Escolas de:

- 1 - Escultura em Pedra – modelação, formagem em gesso, trabalho em pedras duras e calcários
- 2 - Desenho – desenho de modelo e desenho criativo
- 3 - Tecelagem – Conservatório de técnicas, teares manuais, tinturas, etc.
- 4 - Música – Formação musical, instrumentos, conjunto
- 5 - Dança – Ballet, dança rítmica, danças populares
- 6- Espeleologia e Montanhismo – estudo do ambiente local, técnicas de exploração e conhecimento – futura função como núcleo local de protecção do ambiente
- 7 - Curso de linguística – estudo e preservação do Linguajar minderico.

- Zonas de animação – restaurante, bar

Várias iniciativas foram surgindo, procurando sensibilizar as populações e envolvê-las no processo.

De 4 a 7 de Julho desse ano de 1986 decorreu, em Minde, uma mostra das suas actividades, numa tentativa de revigorar, noutros moldes, a Feira da Santana (criada em 18 de Julho de 1758 por D. José I) .

«As actividades sociais actualmente mais em evidência, há que citar as que se relacionam com a organização da Feira e a reinstalação do Museu, cujos grupos de trabalho não se têm poupado a esforços para que Minde não venha a perder estes dois importantes meios de valorização sócio-económica e cultural³⁹.»

A participação do “Museu Roque Gameiro” neste evento, foi o ponto de partida e o grande sinal de que o movimento estava em marcha. A população aderiu, com grande empenhamento, nas iniciativas com vista à constituição da nova associação – Museu Roque Gameiro. Foram reproduzidas algumas das aguarelas mais conhecidas de RG com vista à

³⁹ Panfleto de divulgação da Feira da Santana, Junta de Freguesia de Minde, 1986.

angariação de fundos destinados, numa primeira fase à aquisição dos terrenos necessários à reinstalação do Museu.

Outras iniciativas foram entretanto surgindo. Era necessário não só ir concretizando os objectivos propostos, mas sensibilizar cada vez mais a população a participar nas actividades.



Documento 13 – Convite para a 1ª Exposição Colectiva de Pintura e Escultura
(arquivo CAORG)

Com o resultado desta exposição conseguiram-se os montantes que ajudaram à abertura da Escola de Música. Esta abriu pela primeira vez em Novembro de 1987, numa das salas da Junta de Freguesia, depois de ouvida a Direcção da Sociedade Musical Mindense sobre as mais valias que um futuro Conservatório poderia trazer para a Banda Filarmónica desta Instituição. A existência da Banda Filarmónica e do grupo de Teatro muito queridos à população de Minde, têm contribuído para desenvolver no público, o saber ouvir, aplaudir e criticar.

A Escola teve como patrono um dos homens que mais contribuiu para a divulgação da Música, em Minde – Jaime Chavinha.

Entretanto, contactaram-se diferentes organismos oficiais, procedeu-se ao registo como pessoa colectiva, colheram-se informações, aceitaram-se sugestões. Uma delas da parte do IPPC, onde nos foi sugerido a alteração do nome Museu Roque Gameiro, para uma designação muito mais abrangente, dada a grande variedade de pólos de actividades da Associação (anexos - 11).

A escritura da nova Associação foi assinada em 13 de Outubro de 1989. Para este acto foram convidados todos os membros fundadores dos «Amigos do Museu Roque Gameiro»; simbolicamente, o espírito que esteve na base da constituição do Museu, prolongar-se-ia para o Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro. (anexos 12).

III.1.2 – O Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro – objectivos gerais

Quais são os limites do Museu? Onde começa e acaba a função e a responsabilidade do Museu?

(16ª Conferência do ICOM, 1992)

Os anos seguintes representaram para todos os que se lançaram neste projecto, um grande desafio - e havia consciência disso, – que exigiu de todos, um trabalho não assente no pessimismo, que nos últimos 15 anos foi quase uma constante mas, em que todos teriam que demonstrar e agir, para justificar o contrário.

O CAORG, associação de utilidade pública, tem objectivos de actividade cultural assentes na preservação, caracterização e promoção dos valores da sociedade onde se insere e a valorização das pessoas, em particular dos jovens, pela qualidade da sua formação. É por isso, que desenvolve actividades em diversas áreas que se organizam em três vertentes:

1º - Preservação e transmissão de valores tradicionais e da sua memória, respeitando o lema «Honra teus Avós», onde se inclui:

- divulgação da obra do Aguaralista Alfredo Roque Gameiro, nosso conterrâneo e patrono da Instituição, através do Museu de Aguarela;

- Atelier de tecelagem das mantas de lã de Minde;

- Linguajar típico de Minde.

2º - Divulgação das Artes:

- Conservatório de Música

- Atelier de Dança: clássica e contemporânea

- Atelier de Desenho e Pintura

- Atelier de Restauro

- Coro Polifónico e Coro de Câmara

3º - Formação

Em todos os pólos do CAORG está subjacente a formação, fundamental para dar sustentação e suporte a todas as actividades desenvolvidas. Os diferentes pólos apresentam planos de trabalho anuais (coincidentes com o ano lectivo) que englobam projectos de formação, eventos e colaborações com outras associações de Minde, do Concelho ou fora dele.

A intervenção do CAORG procura atingir os objectivos que levam ao desenvolvimento do território onde está inserido. Assume formas e meios bastante diversos representando vários graus de avaliação. A sua intervenção, por exemplo, através da sua colecção, não se resume somente à exposição, mas interfere noutras áreas, em outros aspectos, valorizando os recursos locais, não só patrimoniais, mas técnicos, apoiando o ensino, fomentando a formação profissional e o emprego. O grande desafio que se coloca a instituições como o CAORG é a sua capacidade de funcionar como um instrumento de desenvolvimento local e a sua intervenção deve inserir-se: ⁴⁰

- na discussão e busca de solução dos problemas dos indivíduos enquanto pessoas e enquanto seres que fazem parte de uma comunidade;
- na interpretação e intervenção comunitária;
- na importância que assumem os processos de intervenção».

Porque o Museu é um parceiro no processo de desenvolvimento local, deverá actuar no contexto desse mesmo local onde está instalado, conhecendo-o, não se alheando das pessoas que constituem a comunidade nem dos seus problemas.

«Uma instituição assim definida (questionadora, interventora e independente) pode desempenhar um papel fundamental em qualquer processo de desenvolvimento local, justificando assim a sua utilidade e importância para a comunidade local, com a certeza que, desde que haja problemas e vontade de enfrentá-los, não se transformará numa instituição supérflua.»⁴¹

III. 1. 2.1 – O 1º projecto de construção

Em 1986, aquando da reestruturação do Museu Roque Gameiro, Minde encontrava-se em pleno «boom» económico: as fábricas eram em grande número e sólidas, o comércio fulgurante, o ritmo de construção muito acelerado, a procura de casa não parava de aumentar... a população residente e a população flutuante atingiram os valores mais elevados.

Eram necessárias algumas infra-estruturas para fazer face a esta fase de grande crescimento, entre elas, uma escola secundária. O espaço livre e suficiente, na parte baixa de Minde, faltava e a solução seria edificar a escola na encosta soalheira atravessada pela estrada que conduz a Fátima. Já lá estavam algumas infra-estruturas desportivas e estavam projectados a construção do pavilhão polidesportivo e das piscinas municipais, além de local preferencial de residência de população jovem. Foi com base nestes pressupostos, que a

⁴⁰ Moreira, Fernando João, O Processo de Criação de um Museu local, 1999.

⁴¹ Primo, Judite, A importância dos Museus locais em Portugal, 2000, pág.40.

Comissão que se formou na altura, de reinstalação do Museu, adquiriu, junto da área desportiva, um terreno de 6300m2 para aí edificar todo o complexo cultural que se propunha levar por diante.

Com o incentivo dado tanto pela Câmara Municipal como pela Junta Freguesia e pela população de Minde, foi contactado o gabinete «Promontório, arquitectos associados», do qual faz parte um dos bisnetos de ARG, para passar à prática o programa apresentado. O Sr. Presidente da Câmara apoiou desde a 1ª hora o projecto e foi nessa qualidade que compareceu à sessão de apresentação do mesmo (Doc. 14).



Documento 14– Cartão convite.

Foi dirigido à população de Minde para a apresentação pública da maquete do edifício projectado para o CAORG (arquivo CAORG).

O tempo passou, o apoio prometido, nunca se concretizou e o CAORG continuou com as suas actividades, mas sem instalações próprias.

Em 1994, por imposição do Ministério da Educação, e porque já se tinham esgotado todos os prazos de legalização provisória da Escola de Música, esta teria que ter instalações próprias, alugadas, ou um projecto de construção aprovado. Mais uma vez se apresentou outro projecto para construção, agora só da Escola de Música e da Escola de Dança, mas a promessa de apoio camarário voltou a não passar de promessa.

Ultrapassou-se a situação com a assinatura de um protocolo entre a Comissão Económica da Fábrica da Igreja e o CAORG, para cedência de instalações por um período mínimo de 10 anos, entretanto renovado. Nestas instalações funcionam desde 1987, o Conservatório de Música, o Atelier de Dança, o Coro Polifónico e a sede do CAORG.

III.1.2.2 – As actividades desenvolvidas pelo CAORG

*Caminhante, nas tuas mãos
O caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho:
Faz-se o caminho andando*

António Machado

Ao longo destes últimos 22 anos têm sido muitas as actividades desenvolvidas pelos vários pólos do CAORG, destacando-se pela sua dimensão, número de alunos, número de professores e pessoal auxiliar envolvidos, o Conservatório de Música.

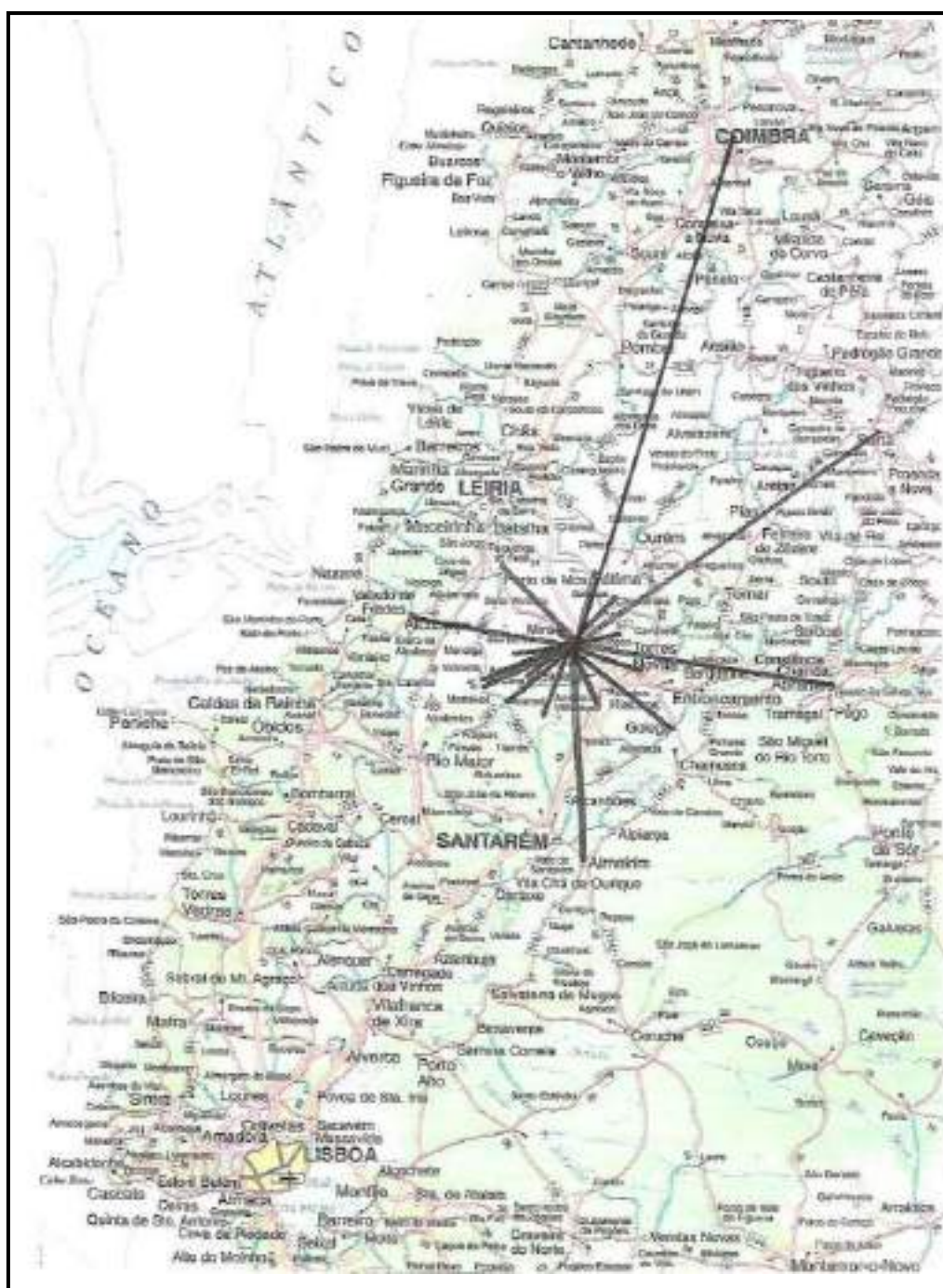
A sua oferta artística é integrada na programação cultural da vila e do concelho divulgando nos locais e publicações próprios, as iniciativas abertas à comunidade e susceptíveis de cativar o seu interesse. Tem procurado divulgar a prática de apresentação pública das suas diferentes classes junto de públicos diferenciados, estimulando iniciativas de carácter pontual e de colaboração com outras instituições, como a Câmara Municipal de Alcanena. (Doc. 15).



Documento 15– Cartazes-convite.

A apresentação da Orquestra de Câmara em digressão pelas freguesias do Concelho de Alcanena e espectáculo conjunto de Música e Dança – Mickey Mouse – apresentado no Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima, a favor do Centro de deficientes profundos João Paulo II (arquivo CAORG).

A Escola de Música, hoje Conservatório, tem legalização definitiva e paralelismo pedagógico, concedidos pelo Ministério da Educação. No ano lectivo 2008-09, estão



Documento 17 –Local de residência dos alunos que frequentam o Conservatório de Música.

Este mapa refere-se ao ano lectivo 2008-09 – escala do mapa: 1/600000 (arquivo do CAORG).

Aos alunos que podem optar entre o regime de frequência supletivo e o regime articulado é-lhes proporcionado uma formação específica ao nível musical geral e instrumental de maneira a adquirirem competências que lhes permitam o ingresso no ensino superior (universitário ou politécnico) ou o acesso ao mercado de trabalho na área da música. Há um amplo leque de alunos que pretendem apenas uma formação musical de

qualidade e, aqui, encontram um espaço de formação que os tornará cidadãos culturalmente activos – enquanto músicos amadores e ou constituintes de um público musicalmente consciente.

O Conservatório desempenha, assim, um papel fundamental na formação dos seus alunos bem como na dinamização cultural e artística de Minde e da região. Ao longo destes vinte e dois anos de actividade ininterrupta tem vindo a contribuir para a alteração do seu panorama musical.



Figura 39– O grupo de Percussão

Actuação em Alcanede, em 2006, a convite de uma Associação local. (fotografia – arquivo do CAORG)



Figura 40– A classe de Jazz

Uma das suas actuações, em Minde, sob a direcção do Prof. Paulo Gaspar, em Julho de 2007 (fotografia – arquivo CAORG)



Figura 41– A orquestra de Câmara

Em 2008, na Sala dos Espelhos do Palácio Foz, em Lisboa, sob a direcção do prof. Hélder Gonçalves (fotografia – arquivo do CAORG).

O Coro Polifónico do CAORG é um dos seus pólos, mas muito dependente do Conservatório de Música. Os seus elementos, na maioria, sem formação no domínio da Música apresentam as mais variadas idades, formações e actividades. Está aberto a todos aqueles que reúnem algumas condições vocais e vontade de participar. Desde 1996, ano em que actuou em público pela primeira vez, o coro tem participado em concertos um pouco

por todo o país. Desde Janeiro de 2009, está em formação um novo grupo, dedicado exclusivamente à Música de Câmara.

A promoção dos laços interpessoais, no sentido de consolidar a construção da ideia de comunidade, a promoção e a integração de novos elementos, o fomento de acções concretas de carácter colectivo capazes de promover a cooperação entre grupos, têm sido objectivos atingidos.



Figura 42- O Coro Polifónico do CAORG

Durante a sua actuação em Abril de 2006, no Cine-teatro do Funchal, sob a direcção do Maestro João Roque Gameiro (fotografia – arquivo do CAORG).

Ao introduzir o Atelier de Dança no conjunto dos vários pólos do CAORG, pretende-se desenvolver uma educação artística que possibilita, através da respectiva metodologia e dos mecanismos motores e funcionais, o contacto directo com esta Arte.

A sua prática melhora a postura, a condição física, a tonicidade dos músculos e o controle muscular, trabalha aspectos como a musicalidade e a coordenação motora, desenvolve o sentido estético e os níveis de atenção, promove a disciplina e a concentração.

No ano lectivo 2008-09 estão matriculadas 62 alunas, extremamente assíduas, distribuídas por cinco classes de níveis etários e de aprendizagem diferentes, que desenvolvem um trabalho coerente na aprendizagem da dança. As aulas são ministradas por uma professora com habilitação própria.

De uma maneira geral, a criação de aulas de Ballet numa procura da descentralização da cultura e da educação artística, tem um objectivo forte, que numa primeira análise é levar a dança às populações. Este objectivo traz consigo outros: aumenta as possibilidades de formação cultural da população juvenil e infantil de Minde e das povoações mais ou menos próximas; cria hábitos de deslocação a locais de cultura, forma novos públicos para o teatro, a dança e as exposições, desenvolve capacidades estéticas em relação às artes.



Figura 43– Uma aula de Ballet

Alunas da classe intermédia, no ano lectivo 07-08
(fotografia Arquivo do CAORG)



Figura 44– Espectáculo de Ballet

Uma das classes no final do ano lectivo 07-08
(fot. arquivo do CAORG)

O Atelier de Desenho e Pintura abriu pela primeira vez em 2002, mas não tem funcionado com regularidade, por dificuldades de instalações. Como resultado dos seus trabalhos têm sido organizadas algumas exposições (Fig. 46).

Aproveitando alguma disponibilidade de espaço na casa onde o pintor ARG nasceu e enquanto o edifício ofereceu algumas condições de segurança, aí se realizaram exposições temporárias. Além dos trabalhos realizados pelos alunos tem-se procurado realizar algumas exposições temporários com artistas conceituados. Já expuseram trabalhos em Minde: João Abel Manta, Isabel Manta, Isabel Garcia, Edmundo Cruz, M. Fernanda Amado, Antonieta Roque Gameiro; Catarina Castelo Branco, Rui Ottolini, Saul Roque Gameiro, José Pedro Martins Barata, Luís Gonçalves, Kiki Lima, Rui Palma Carlos, entre outros.



Figura 45– Convite e trabalhos apresentados pelos alunos do Atelier de Desenho e Pintura

Exposição realizada no final do ano lectivo de 2004 (convite e fotografia- arquivo do CAORG).

O Atelier de Tecelagem que tem funcionado, com algumas interrupções, desde 1991 (Doc.18), por falta de instalações, é um dos ramos de actividade do CAORG mais querido à população de Minde.

« A onda económica adianta-se rápida; dentro em pouco inundará os campos. Deêm-se pressa os que ainda quiserem conhecer as velhas usanças, para as quais está já a soar a derradeira hora.» Júlio Dinis, As Pupilas do Senhor Reitor (1867).

Minde parece perdida num tempo que não consegue reconhecer como seu. Porém, tem, ao contrário de muitas outras localidades e regiões em crise, uma identidade e um saber de que ainda há memórias vivas. De certa forma, parece rejeitar a matriz que lhe deu uma identidade especial, pois para muitos, o fabrico artesanal das mantas está ligado a uma época pobre, dura e difícil. Contudo, foi esta actividade que permitiu aos mindericos um conhecimento profundo dos mercados do país, conhecimento este que lhes abriu portas para o escoamento da produção em série dos artigos de malha.

Procurar revitalizar esta actividade (Fig. 46) poderá dar um outro ânimo a uma freguesia exausta e a precisar de reencontrar o seu destino colectivo.



Documento 18– Convite para uma exposição de mantas de Minde.



Figura 46– O tear no Atelier de Tecelagem (fotografia de MARG).

Encontramo-nos numa altura em que é urgente que no nosso país, o sector da educação dê um salto qualitativo de maneira que a criatividade e o engenho sejam imprescindíveis ao aparecimento de alternativas e contribuam para ultrapassar mais uma crise. Esta, que no nosso concelho se aprofunda, pode ter aqui, com o surgir de uma

iniciativa modesta, a contribuição para a formação das nossas crianças/ jovens e a dinamização do turismo cultural.

Embora se pretenda construir o futuro, é ao passado que se vão buscar as raízes. O pólo de tecelagem do CAORG tem nessas raízes a âncora para novas ideias e projectos.

É a arte de tecer as mantas e o linguajar que, em parte, está associado à sua comercialização, que constitui a matéria-prima para este projecto que, se pretende, não morra. Se o último quartel do séc. XX viu desaparecer o fabrico das verdadeiras mantas de Minde, pode o séc. XXI trazê-lo à vida, como forma de aliar a tradição e a memória com a contemporaneidade.

O CAORG preparou um espaço provisório (Fig. 47), em instalações alugadas, que funciona como Atelier de Tecelagem, desde o princípio do ano lectivo 2008-09. Desenvolve a produção a partir de uma tradição e a sua importância assenta na qualidade e originalidade do produto assim como na procura de novos meios de expressão, assegurando a transmissão das técnicas tradicionais e valorizando-as. Procura-se maximizar a relação entre o produto e o meio, de maneira a que as mantas tenham um significado cultural e se possam continuar a identificar com o local.

Promover um património que ganha a sua vida assente no princípio «small is beautiful»,⁴² desenvolver uma pedagogia do futuro e não da nostalgia, confrontando o presente e o futuro e, ao mesmo tempo, promover um turismo cultural é um valor acrescentado para Minde.



Figura 47 – O Atelier de Tecelagem

A fachada e os Painéis de interpretação (fot. Arquivo CAORG)

⁴² Cyril Simard, *Entreprendre*, Vol. 6, nº1, Québec, 1993.

O Atelier integra alguns painéis de interpretação (Fig.47) onde os interessados podem encontrar toda a evolução das actividades relacionadas com a criação dos rebanhos, a extracção da lã, a lavagem, a cardação da lã, a fiação, a tecelagem das mantas e a sua comercialização, tudo documentado com imagens da época em que todas estas fases da produção e do fabrico tinham lugar em Minde. Em exposição, estão os tipos de mantas que aqui se teciam (Fig.48), assim como todos os aparelhos e instrumentos necessários ao fabrico das mesmas.



Figura 48– Os vários tipos de mantas.

A manta sombreada está sobre a tábua de cardar (fotografia - arquivo do CAORG).



Figura 49– Inauguração do Atelier de Tecelagem.

Para alguns foi o reviver de tempos passados, para outros foi o primeiro contacto com esta actividade (fotog. – arquivo CAORG).

O espaço, muito limitado, é um laboratório, um conservatório, um lugar de participação. Este lugar privilegiado, espelho duma realidade passada, é por vezes encantador, mas sempre revelador; no entanto, a imagem reflectida passa inevitavelmente pelo olhar do outro. Dada a limitação das instalações não é possível incluir mais dois teares onde os interessados e, já são alguns, possam aprender as técnicas do fabrico das mantas. Foi, no entanto, contratado um tecelão que irá garantir o funcionamento do tear e a produção das mantas.

Além das autoridades autárquicas, foram convidados todos os antigos cardadores, tecelões e tecedeiras, comerciantes de lãs e de mantas, que aqui acorreram entusiasmados por esta tarde passada num ambiente que tão importante foi nas suas vidas. Foi com grande entusiasmo e alegria que participaram com os seus conhecimentos, os seus saberes, na organização e montagem deste espaço. Os mais novos, pouco sabedores de todo o processo

do fabrico das mantas, encontraram aqui os melhores interlocutores dos quais obtiveram todos os esclarecimentos às suas questões e dúvidas.

Esta tarde de festa culminou com um serão bem passado, onde sob o tema “As mantas da nossa Terra;” todos tiveram a oportunidade de assistir a pequenas rábulas alusivas à venda das mantas nas feiras do Alentejo. Tratou-se de um trabalho heterogéneo, não nos conteúdos (foi proposta uma única situação – os mindericos a vender mantas numa feira no Alentejo, nos meados do séc.XX), mas no desenvolvimento dos textos, na coreografia e na interpretação. Grupos de idades e de formações também muito diferentes interpretaram em “Minderico”, a situação proposta (Figs 50 e 51)



Figura 50– Cena de representação I.

A venda das mantas numa feira do Alentejo. Uma cena muito frequente, quando o comprador queria comparar o tamanho das mantas.



Figura 51– Cena de representação II.

A venda das mantas. Os mais jovens e os menos jovens – todos colaboraram (fotografia – arquivo CAORG).

Como em todas as festas organizadas em Minde, mais uma vez, a população acorreu em massa. A intervenção do CAORG com os seus vários pólos, interfere na área da valorização dos recursos locais, na valorização do seu património, na valorização dos aspectos culturais, além de apoiar o ensino em geral. Participaram também algumas classes dos alunos do Conservatório de Música, do Atelier de Dança e o Coro Polifónico do CAORG.

A «Piação dos Charales do Ninhou» que começou por se desenvolver sobre uma base quase inteiramente figurativa, caiu aparentemente em desuso. O interesse que actualmente possa vir a despertar nas gerações mais novas, motivou o CAORG a lançar uma nova edição, a 2ª, em 1993.

Anteriormente, já a Junta de Freguesia de Minde, tinha preparado uma edição baseada em notas e apontamentos escritos. Por volta dos anos 40 do séc. XX, o Sr. José António Carvalho (à época, Presidente da Junta de Freguesia) e o Sr. Dr. Miguel Coelho dos Reis tinham compilado os muitos escritos, fruto da volumosa correspondência que trocaram durante anos. O Sr. Dr. Miguel ofereceu ao Museu de Minde, aquando da sua inauguração, em 1970, a compilação devidamente organizada dos termos de que havia memória.

A edição lançada pelo CAORG assenta sobre toda a documentação anterior, mas com alguns novos termos que lhe dão um carácter de linguagem viva e evolutiva, mercê da criatividade dos Mindericos.

Em 2004, com essa edição praticamente esgotada, o CAORG preparou uma outra edição. Foi um trabalho muito enriquecedor pois mobilizou um grande número de Mindericos. Durante um ano, as pessoas responsáveis reuniram-se semanalmente, sempre com um ou mais convidados, sempre diferentes, (um antigo fabricante de mantas, um tecelão, um cardador ou um vendedor) . Procurou-se, assim, enriquecer a Piação com novos documentos(cartas inéditas, escritos vários) e novos termos. É um linguajar suficientemente rico para poder ser usado numa conversação comum, mesmo para fins diferentes daqueles para que foi criado. Muitas vezes, por falta de palavra adequada usam-se expressões compostas de várias palavras para designar o conceito, noutros casos, constroem-se as palavras a partir de outras já existentes; entra-se, assim, numa espécie de jogo de charadas.

O lançamento desta nova edição foi mais um motivo de festa na qual muitos participaram. Mobilizou centenas de pessoas que assistiram a uma representação teatral constituída por algumas rábulas à moda da «Piação dos Charales» (Fig.52).

Sanitários para aluno (1M+1F)	12	2	24
Sanitários para professores (1M+1F) (contíguos à sala de professores)	12	2	24
* - Estas três salas contíguas são separadas por duas portas de fole.			

Condições específicas:

- Os acessos e, em particular os sanitários, devem permitir a utilização por deficientes.
- As salas de aula terão que ter boas condições acústicas, térmicas, serem isoladas entre si, incluindo portas duplas e janelas com vidros triplos. Devem ter ainda boa ventilação, iluminação natural e segurança.
- Em virtude de ser o pólo com maior utilização dos espaços, é conveniente colocar todas estas salas ao nível do rés-do-chão.
- Em caso de necessidade, por distribuição dos espaços, poderão ser localizadas noutro piso a sala de Percussão e Coro, a sala de arrumos para instrumentos (salvaguardar acessibilidade a sanitários) bem como algumas das salas de instrumentos.
- Uma das salas de conjunto deverá ter porta com dimensão suficiente para permitir a entrada de um piano de cauda.
- A secretaria, a sala de Direcção pedagógica e a sala de alunos deverão estar o mais próximo possível do acesso ao piso de entrada.
- A sala de direcção pedagógica deverá ser contígua à secretaria e ter comunicação directa com ela.
- A secretaria deverá ter uma posição de maneira a poder funcionar também como recepção a quem entra no edifício.
- como anexo a um dos sanitários deverá ser criado um pequeno compartimento de cerca de 2m2, para arrumos de limpeza e pia de esgotos.

– Atelier de Dança

Este atelier múltiplo conta actualmente com cerca de 60 alunos e uma professora. Tem como condições de funcionamento, um espaço amplo com dimensão apropriada e alguns anexos.

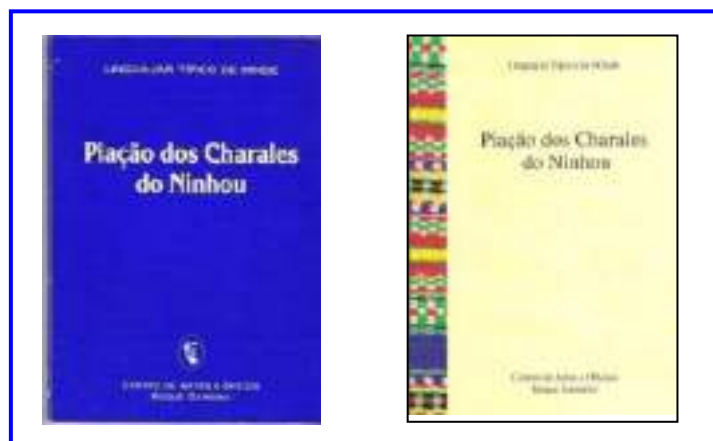


Figura 52– As edições do Dicionário de Minderico.

Estas edições foram lançadas pelo CAORG, em 1993 e 2004 (arquivo do CAORG).

Foi em Novembro de 2004 que a Direcção da Livraria «Ler devagar» convidou o CAORG a fazer o lançamento da nova edição do Dicionário de Minderico, em Lisboa.

« A Classe de Mestre Migança jorda fredericos cópios aos covanos que mirantam este soletra e penetram o que se jordou à do pinto Lopes».

Tradução - O CAORG espera que as pessoas que tenham lido este livro, entendam o que aí está escrito.

Uma sociedade sedimenta, ao longo do tempo, conhecimentos e práticas inerentes aos seus modos de vida. São transmitidos entre as gerações, vão incorporando novos aperfeiçoamentos e contributos ou vão-se perdendo, quando ultrapassados. Estão associados a objectos e a técnicas. São os saberes-fazeres ligados às lãs, à cardação, à fiação, à tecelagem.

Numa sociedade que tanto se transformou, com uma identidade reforçada em torno dum linguajar, o Minderico permaneceu até aos nossos dias, relativamente exterior às investigações fora do campo da filologia e dos estudos humanísticos.

O património depois de se debruçar sobre os objectos raros e prestigiados, as obras de arte, os objectos etnográficos, alargou-se à natureza e à paisagem, à imaterialidade dos saberes e formas de expressão, a um cada vez mais extenso universo de bens e valores de que nós próprios fazemos parte e, assim, procedendo à deslocação da ênfase das coisas para as pessoas.

III.2 – O Programa do novo edifício projectado para o CAORG

*Tens um glorioso passado futurível,
Mas não fiques de colher suspensa,
Que a sopa arrefece.*

Alexandre O'Neill

Aproximava-se o final do século XX e com ele uma nova etapa de vida, em Minde. Muitas fábricas começaram a fechar, o ritmo de construção abrandou, a população que alimentava as migrações alternantes (2000 por dia, na década de 80) diminuiu significativamente, a população escolar também diminuiu e o comércio abrandou o seu ritmo.

A indústria deu a esta vila uma dimensão urbana tanto pela concentração como pela produção num único ramo; este traço de uniformidade que embora não seja de origem rural, não deixa de opor-se à variedade que se encontra nos centros urbanos.

Minde tinha-se desenvolvido muito a partir dos anos 60, como um cadinho onde os produtos brutos são transformados em objectos fabricados e o trabalho humano, em valor monetário. Ao mesmo tempo, tinha uma grande dependência de matérias-primas e de maquinaria.

A actividade industrial através do trabalho das fábricas gerou uma função comercial que dependia, logicamente, da quantidade de consumidores, empregados no domínio industrial. Estas actividades originaram uma concentração de pessoas e a função residencial desenvolveu-se muito, através delas. Quanto maior foi o número de habitantes (3440, em 1970) maior foi o parque habitacional, conduzindo a um crescimento da força de trabalho que aumentou cada vez mais, o que deveria ter provocado um desenvolvimento de outras formas de actividades. O crescimento da população constitui uma carga sem compensação de desenvolvimento económico enquanto os investimentos necessários ao alojamento e que não são directamente produtivos, desviaram uma parte importante do capital, que poderia ter servido para construir outros equipamentos mais directamente indutores de desenvolvimento económico.

A diversificação das actividades teria sido fundamental, pois dependendo só de uma, Minde correu riscos e sofreu duramente das suas vicissitudes, tornando-se muito vulnerável. O que interessava verdadeiramente à indústria passou-lhe ao lado: a produtividade, a competitividade, o conhecimento aprofundado da realidade e mais ainda, a capacidade para gerir a mudança.

A Escola secundária, junto à qual se iria construir todo o complexo de edifícios do CAORG, já estava a funcionar desde 1993-94, mas acabou por ser construída no centro de Minde, integrada em todo o conjunto escolar que integra alunos desde o ensino pré-primário.

Perante esta situação muito diferente da verificada em 1988, com uma retracção significativa no crescimento de Minde e um cada vez maior adormecimento de centro, o CAORG abandonou a ideia de retomar qualquer dos projectos anteriores de construção e fazendo eco da voz corrente de uma parte significativa da população e dos seus associados, retomou todo o processo, iniciado nos anos 60, por parte dos Amigos do Museu e da Junta de Freguesia, com vista à instalação do Museu na Casa dos Açores.

Só a partir de 1997, recomeçaram as negociações que culminaram com a aquisição da casa, pela Câmara Municipal de Alcanena (2001), com a finalidade de aí ser reinstalado o Museu Roque Gameiro (anexos – 13).

Abriam-se, assim, outras perspectivas ao CAORG, com um dos seus pólos, o pólo fundamental, instalado, a breve prazo, na Casa dos Açores. O conjunto formado pela casa e respectivo jardim, no centro de Minde, na sua parte nobre por excelência, terá possibilidades de inculcar um grande dinamismo, que muito contribuirá para a animação da vila, que desde há alguns anos atravessa uma fase de algum adormecimento.

Estas razões só por si justificam uma nova posição da direcção do CAORG, que depois de ouvidos os seus associados, se candidatou a um novo espaço para instalar os seus diferentes pólos, virando-se para o centro da vila.

Já depois das obras de recuperação e adaptação da Casa dos Açores terem começado, o CAORG propôs à Câmara a cedência do espaço em frente ao Museu de Aguarela, deixado livre pelas antigas escolas primárias, já desactivadas (Fig.53). É para este espaço que foi elaborado o programa do novo edifício que irá acolher o Conservatório de Música, o Coro Polifónico, o Atelier de Dança e o Atelier de Tecelagem.



Figura 53– O edifício das antigas Escolas primárias.

Este edifício, entretanto demolido, para onde estão programados: a sede da Sociedade Musical Mindense e alguns pólos do CAORG (ao fundo, à direita, vê-se o torreão no topo sul do jardim da Casa dos Açores). (fotografia – arquivo do CAORG)

III. 2.1 – Programa de espaços e funcionalidades

As actividades desenvolvidas pelo Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, dirigidas maioritariamente a crianças e jovens, necessitam, a fim de proporcionar a quem as orientam e delas usufruem, as necessárias condições, para que se promovam os estímulos suficientes que garantam continuidade e qualidade do trabalho.

Há necessidade de construir, com espaço necessário para: Conservatório de Música, Atelier de Dança, Coro Polifónico e Atelier de Tecelagem; para o Museu de Aguarela Roque Gameiro, o Atelier de Desenho e Pintura e a preservação e divulgação do «Minderico» estão a ser considerados os espaços necessários na «Casa dos Açores» (programa apresentado em Abril de 2006).

– Conservatório de Música

O Conservatório tem paralelismo pedagógico reconhecido pelo Ministério da Educação e contrato de patrocínio que apoia os alunos, mas que obriga a cumprir condições pedagógicas e de instalações sujeitas a inspecção periódica (anual). Assim sendo, o programa abaixo definido tem em consideração estas mesmas exigências definidas por legislação específica, em vigor.

Funções dos espaços	Área (m2)	Nº de salas	Área total (m2)
Salas de instrumentos	12	6	72
Salas de Formação Musical	30	3	90
Salas de Iniciação Orff	40	1	40*
Salas de conjunto	40	2	80*
Sala de Percussão e Coro	80	1	80
Sala de arrumos para instrumentos (contígua à anterior)	30	1	30
Secretaria	30	1	30
Sala anexa à secretaria (arrumos para arquivo morto e economato)	10	1	10
Sala de professores	25	1	25
Sala de alunos + pequeno bar	30	1	30
Sala de Direcção Pedagógica	12	1	12
Sala para pequena biblioteca	30	1	30

Funções dos espaços	Área (m2)	Nº de salas	Área total (m2)
Sala de Dança (15mx15m) (altura mínima – 4m)	225	1	225
Sala de arrumos	25	1	25
Vestiário masculino	20	1	20
Sanitário masculino, com chuveiro	6	1	6
Vestiário feminino	20	1	20
Sanitário feminino, com chuveiro	6	1	6

Condições específicas:

- Os acessos e, em particular, aos sanitários deverão permitir a utilização por deficientes.
- Os sanitários deverão estar anexos a cada um dos respectivos vestiários, sendo, no entanto, independente o acesso a cada um deles.

(Tanto os vestiários como os sanitários devem ter os acessos fora da Sala de dança, mas próximo da entrada desta. Sugere-se um pequeno hall comum a todas as entradas).

- O pavimento da Sala de Dança deverá ser de madeira com caixa-de-ar e adequado à função.
- Esta sala deverá ter boas condições de isolamento acústico, boa ventilação e aquecimento.
- A iluminação deverá ser feita com luz indirecta.
- Dada a dimensão da Sala de Dança e a sua possível localização, deverá ser colocada uma segunda porta para eventual saída de emergência e com dimensão necessária para a entrada de um piano de cauda.
- Deverá ter condições para a aplicação de espelhos e barras fixas e móveis.

– Coro Polifónico CAORG

O Coro Polofónico CAORG, coro de adultos é composto por cerca de 40 coralistas que reúnem semanalmente para ensaiar e preparar as suas actuações e contam já com algum espólio reunido ao longo dos vários anos de actuação.

Função do espaço	Área (m2)	Nº de salas	Área total (m2)
Sala para o Coro	40	1	40

Condições específicas:

- Se possível, deverá estar próxima ou anexa à sala de Percussão e Coro.

- Deverá ser acessível às instalações sanitárias.

- Atelier de Tecelagem de mantas de lã

O CAORG possui dois teares tradicionais em madeira que necessitam de espaço e condições para serem montados e colocados a funcionar. Há ainda todo o conjunto de acessórios indispensáveis para tecer as mantas: roda, dobadoira, tábua de cardar, sarilho, tornos da teia e outros.

Importa preservar enquanto possível, a técnica, o saber fazer de um produto – a manta de Minde.

Funções dos espaços	Área (m2)	Nº de salas	Área total (m2)
Sala de tecelagem (15m x12m) (altura mínima – 3m)	60	1	60
Átrio para pequena exposição	20	1	20
Sala para arrumo de fios e outros	20	1	20
Sanitários	6	1	6

Condições específicas:

- Dada a importância que a Tecelagem e as mantas tiveram em Minde, num passado ainda muito próximo e o que isto significa para a sua história, sugere-se a localização deste atelier em área nobre do edifício, com visibilidade e acesso directo para o exterior. A entrada deverá ter uma dimensão adequada à entrada de objectos de dimensão elevada.

- Deverá haver, em todo o caso, acesso também pelo interior do edifício.

- A sala de tecelagem deverá ter isolamento acústico.

- Os acessos e, em particular os sanitários deverão permitir a utilização por deficientes.

– Administração

Os elementos do Conselho Director do CAORG necessitam de um gabinete onde possam reunir, tratar e arrumar adequadamente toda a informação que diz respeito ao funcionamento da instituição.

Dado o elevado material adquirido ao longo dos 22 anos da sua existência, nomeadamente livros, reproduções, documentação, mantas, estrados, cadeiras e um extenso

e variado guarda-roupa utilizado nos muitos espectáculos realizados, importa reservar espaço adequado para o efeito.

Funções dos espaços	Área (m2)	Nº de salas	Área total (m2)
Gabinete do Conselho Director	20	1	20
Sala de reuniões	25	1	25
Sala de arquivo	10	1	10
Sala de arrumos	100	1	100

III.2.2 – Condições gerais

- Será importante a colocação de um elevador entre pisos, sobretudo para facilitar o acesso a deficientes e, com dimensão suficiente, para transportar um piano vertical.

- Será interessante que o hall de entrada tenha dimensão adequada à criação de ambientes relacionados com as diversas actividades do CAORG e com a colocação de uma maquete de comboios em miniatura, com cerca de 16m², que lhe foi oferecida.

Esta proposta de programa apresentada corresponde às necessidades da Instituição e as salas e áreas definidas têm em conta as exigências legais para a leccionação da Música e da Dança, sendo comedidas dada a dimensão da área de implantação.

Para que o edifício não tenha demasiada volumetria visível e tendo em atenção as áreas imprescindíveis ao desenvolvimento das actividades, deverá ser acrescentado um piso subterrâneo a todo o tamanho do terreno disponível e, na parte dessa área (cave) que couber ao CAORG, deverão ser instaladas determinadas estruturas que não justifiquem outra localização. Estão neste caso o Atelier de Dança e respectivos anexos, assim como os arrumos do muito material existente. Poderá também servir para espaço de garagem para duas carrinhas cujo estacionamento e preservação é difícil no espaço que rodeia o edifício, além de permitir cargas e descargas de instrumentos e alunos sem os inconvenientes do tempo e do trânsito.

O espaço proposto para a localização destes pólos do CAORG será partilhado com a sede da Sociedade Musical Mindense cujo programa também foi apresentado.

O edifício a construir (Fig. 54), que poderá vir a chamar-se «Casa das Artes», segundo a proposta do Sr. Arq. Martins Barata, será ocupado pelo Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro e pela Sociedade Musical Mindense; tem uma posição frontal com a «Casa

dos Açores». Estes dois espaços complementares situados no centro nobre de Minde, conferirão ao centro da vila uma função de prestígio e enaltecimento dos seus valores patrimoniais.



Figura 54 – Duas propostas diferentes para a Casa das Artes – O do Arq. Martins Barata e o do Atelier Implenitus. Ouvidas as duas associações, optou-se por aceitar a segunda proposta.

O nosso país está a viver um desafio colectivo de enorme responsabilidade e importância que passa decisivamente pelo progresso rápido de algumas regiões com dificuldades. Joga-se nele o futuro de todos e, a possibilidade que está ao nosso alcance, de construirmos uma região mais desenvolvida e uma vila culturalmente mais avançada. A partilha deste espaço por duas associações que têm contribuído e que contribuem para o desenvolvimento cultural de Minde e do Concelho será uma mais valia, na medida em que um número significativo dos executantes da Banda Filarmónica são alunos do Conservatório.

III.3 – O programa do Museu de Aguarela Roque Gameiro: da reabilitação da «Casa dos Açores» à instalação do Novo Museu: perspectivas de actuação

Estamos quase a despertar quando sonhamos sonhar

Novalis

III.3.1 – A Casa dos Açores

Por volta do ano de 1900, Justino Guedes Roque Gameiro mandou construir, em Minde, uma segunda residência onde passava grandes temporadas juntamente com a sua família. Teria sido muito natural que o seu irmão Alfredo a tivesse desenhado; não há qualquer documento escrito sobre este assunto, mas tudo leva a crer que tal tivesse acontecido, como aliás tem sido transmitido oralmente através dos membros da família. «Seria com gosto que veria a reinstalação do Museu Roque Gameiro agora na Casa dos Açores em cujo planeamento ele próprio muito contribuiu» - carta dirigida pelo Sr. Dr. Manuel Clarimundo Emílio (bisneto de Justino Guedes) à direcção do CAORG em Maio de 1997.

Muito depois da casa ter sido construída, seu genro, Clarimundo Víctor Emílio, médico dentista, natural da ilha do Faial, nos Açores, mandou aí fazer grandes reformas, modificando-a e ampliando-a (1926); a partir desta altura, a casa ficou conhecida como “Casa dos Açores”(Doc.19). O complexo Casa dos Açores era constituído pela casa de habitação e respectivo jardim e todo o conjunto da sua casa agrícola.



Documento 19 – Envelope da Casa dos Açores

Utilizado principalmente para quem, no dia a dia, tomava conta da Casa dos Açores e necessitava ter com os seus proprietários uma correspondência frequente (arquivo CAORG).

No princípio de 1926 a casa sofreu grandes alterações e ampliações. Foi acrescentado um andar superior, que não cobre todo o edifício. Ao nível do quintal foram adaptadas algumas das divisões já existentes (Docs 20 e 21). Ao nível do rés-do-chão, a casa apresentava somente duas pequenas divisões, com uma função secundária, não sendo a porta que, aqui, abre para o exterior, a entrada principal. A falta de profundidade está relacionada com o sítio de implantação, sobre um esporão rochoso onde se desenvolve a parte mais antiga de Minde.

Apesar de não haver documentos que o possa comprovar conclusivamente, tudo indica que o desenho da casa e jardins possa ser da autoria de Raul Lino e Alfredo Roque Gameiro, no entanto as plantas são assinadas pelo Arq. Fernando Perfeito de Magalhães. A planta devidamente selada e assinada, tem o selo branco da Câmara Municipal de Alcanena e foi aprovada em sessão do executivo camarário em 27 de Fevereiro de 1926.

São muitas as razões que conduzem, à suposição de ter sido ARG a desenhar muitos pormenores da casa e do jardim não só as informações orais transmitidas através dos vários membros da família, mas também alguns documentos escritos que fazem parte dos arquivos do CAORG. Numa carta dirigida pelo Sr. António da Silva Fontes, carpinteiro em Minde e encarregado das obras, ao Sr. Dr. Clarimundo, em 21 de Maio de 1927, dizia-se: «... a cúpula do torreão está quase pronta ... vai ficar muito bonita, agora o que era preciso é a esfera de ferro para decidir com o trabalho ou o Sr. Roque Gameiro mandar o desenho para mandar fazer cá ...» Naturalmente, Justino terá pedido ao seu irmão Alfredo que lhe desenhasse a casa de Minde e, mais tarde, também as alterações e este o fizesse conjuntamente com o seu grande amigo Raul Lino.

Imaginemos esta situação:

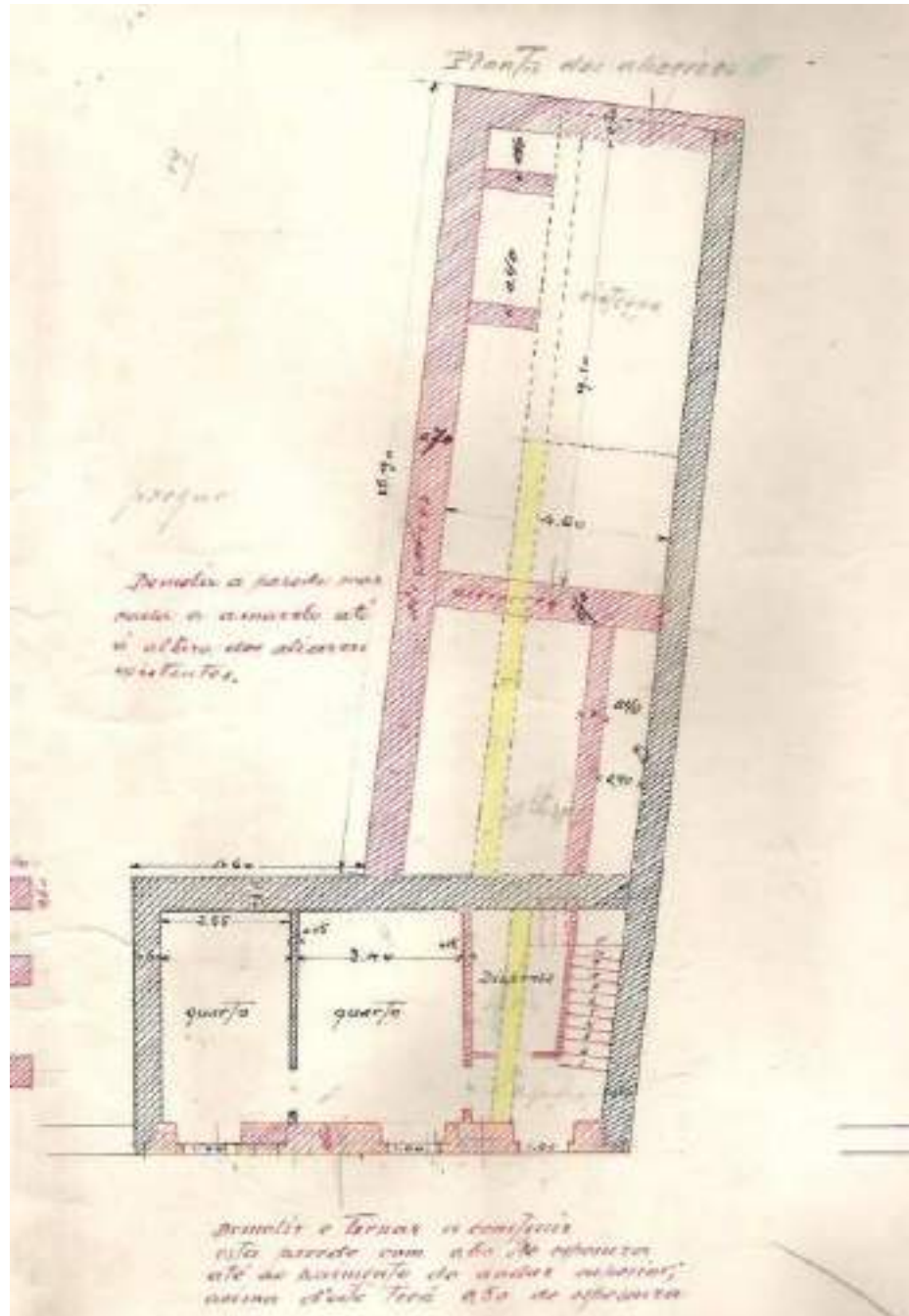
- Raul Lino está debruçado sobre uma folha de papel, desenhando a casa. Por detrás, metendo a cabeça por sobre o ombro do seu amigo, está ARG, que com um ar manhoso, divertido, lhe vai dizendo: olha, tira isto daqui; e se pusesse isto acolá? E se mexesses ali e colocasses aquilo? Olha isto aqui fica melhor! Pões esta janela doutra maneira. Acrescenta esta porta, desloca aquele telhado. E a porta principal? Acrescenta aqui este varandim.

E o diálogo ter-se-ia prolongado. – Daqui resultou uma obra única no conjunto habitacional de Minde.



Documento 20– A Casa dos Açores antes das alterações introduzidas.

Segundo informações orais recolhidas no local, muitos dos pormenores da fachada só foram introduzidos em 1926. (desenho – arquivo do CAORG).

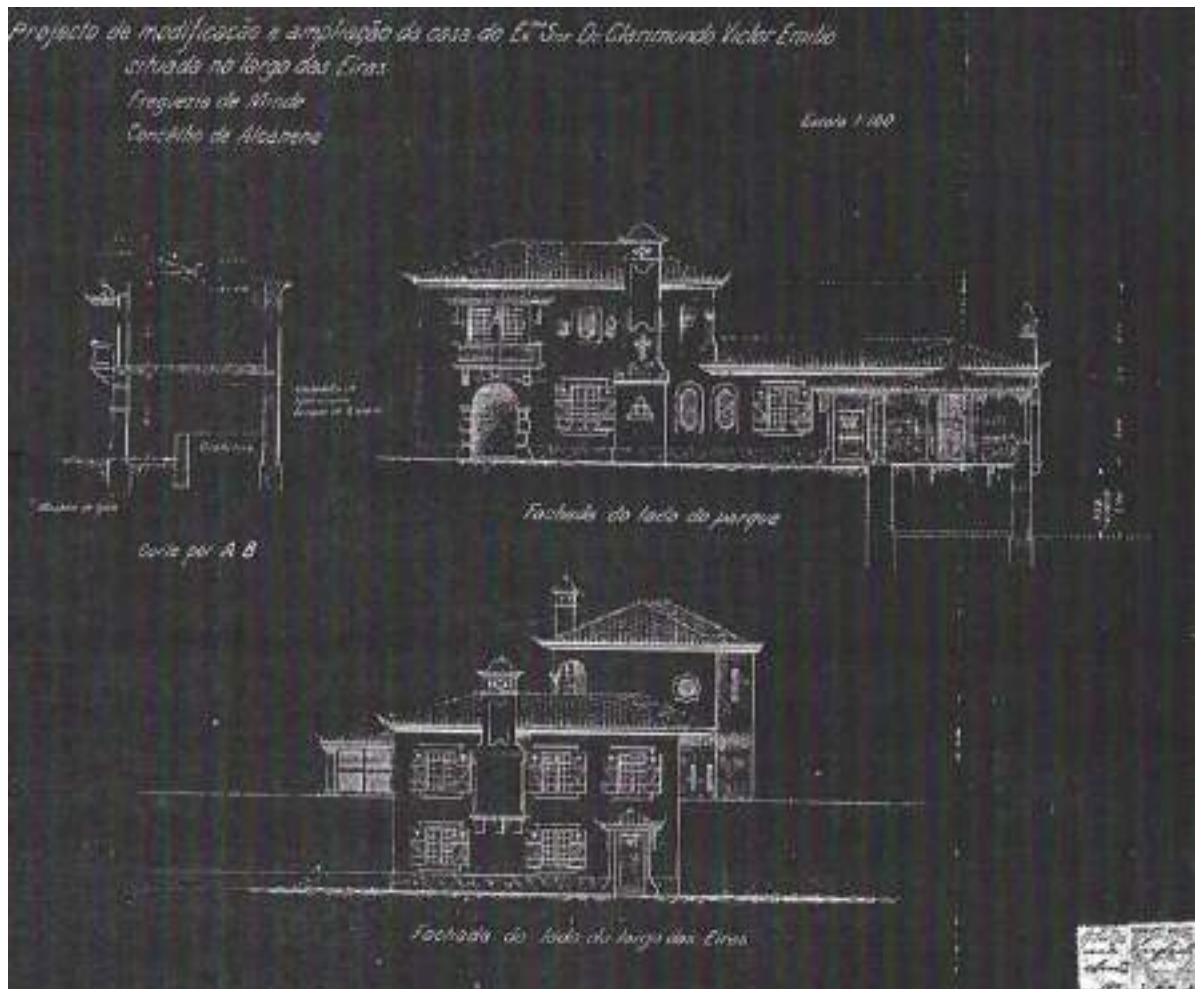


Documento 21– Planta da Casa dos Açores , anterior a 1926

As divisões da casa ao nível do 1º andar – o nível do quintal, antes das alterações introduzidas, em 1926. (desenho – arquivo do CAORG)

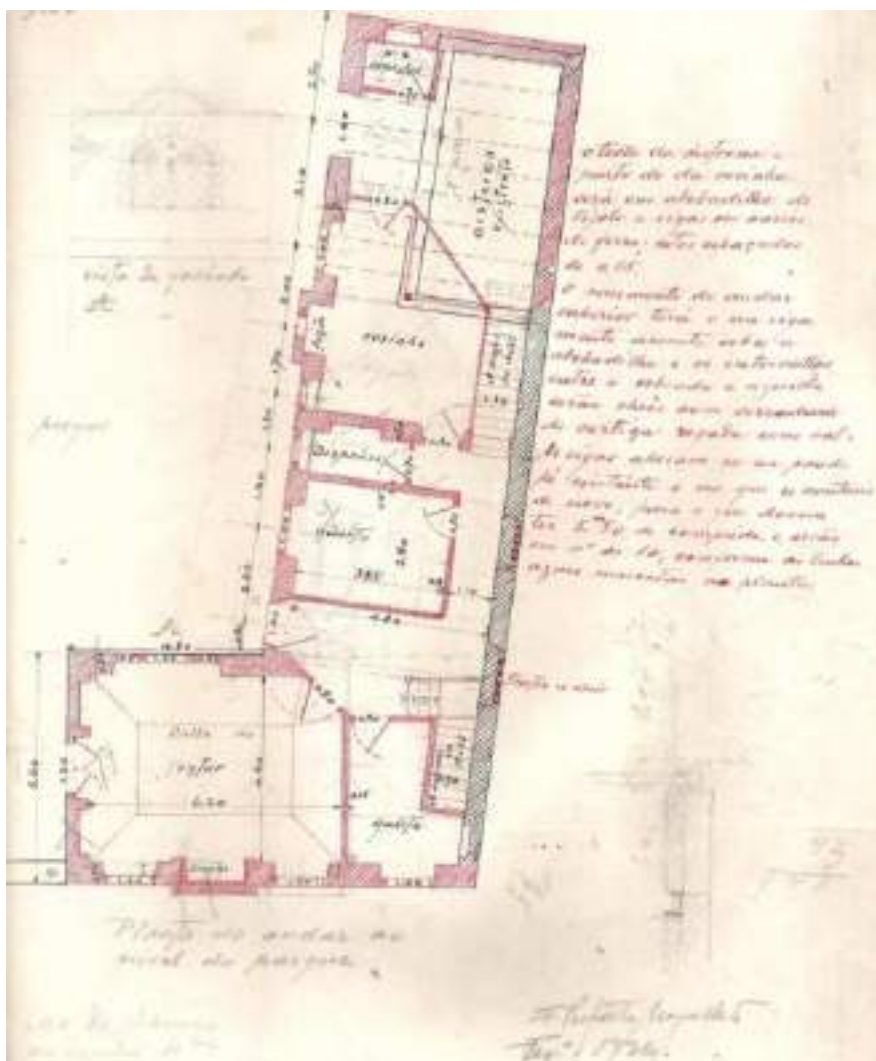
O arq. Fernando Perfeito de Magalhães nasceu em Marco de Canaveses, em 1878, diplomando-se em construção em Lisboa e em arquitectura, no Porto. Em 1909 entrou como arquitecto para a Companhia dos caminhos de ferro portugueses onde projectou muitas das estações e bairros ferroviários. O facto de ter assinado a planta das alterações introduzidas na Casa dos Açores, em 1926, não invalida o atrás referido.

Dada a relação de grande amizade e companheirismo entre Alfredo Roque Gameiro e Raul Lino e as informações transmitidas oralmente, continua a convicção de um trabalho conjunto entre os dois amigos. Se juntarmos o facto de Raul Lino só ter recebido o diploma de arquitecto em 1926 e de a autorização para o começo da obra ter sido aprovada em 27 de Fevereiro do mesmo ano, teremos provavelmente a explicação para o aparecimento da assinatura de outro arquitecto e, neste caso, do arq. Perfeito de Magalhães.



Documento 22– Desenho da Casa dos Açores - projecto de ampliação e modificação da casa.

Como à época não era necessário a entrega da planta nos serviços técnicos da Câmara, não foi encontrada qualquer documentação na CMA. No entanto, na posse da Família encontravam-se os desenhos apresentados, assinados por Fernando Perfeito de Magalhães, devidamente selados e aprovados em sessão do executivo Camarário de Alcanena em 27 de Fevereiro de 1926. (desenho – arquivo do CAORG)



Documento 23– Planta do interior da Casa dos Açores

Depois das alterações introduzidas em 1926. (desenho – arquivo do CAORG)

Foi na Alemanha que ARG encontrou pela 1ª vez, aquele que viria a ser o seu grande amigo, Raul Lino, apesar da diferença de idades (Raul Lino era mais novo 15 anos). Os seus estudos, primeiro na Inglaterra e depois na Alemanha exerceram grande influência nos princípios que sustentaram os seus primeiros trabalhos.

Estas estadias deram a noção de universalidade ao seu espírito artístico, que ele desenvolverá sempre, a par da busca das verdadeiras raízes da casa portuguesa.

Nos finais do séc. XIX, em Portugal, o fervor nacionalista na Arquitectura via no Neo-Manuelino uma expressão portuguesa apesar das muitas influências estranhas que contém (gótico, mudéjar, naturalista, renascentista), como podemos ver na Casa dos Açores (fig. 55).



Figura 55 – Pormenor da janela dupla da sala principal da Casa dos Açores.
(fotografia – arquivo do CAORG)

Essa mesma fúria nacionalista adquiriu um consenso e muita popularidade à volta da construção dos «Challets», com grande influência transalpina, com a fachada principal voltada para a rua e com escadaria, muitas vezes dupla, que converge para a entrada principal. Este tipo de moradia de férias que se encontrava disseminado um pouco por todo o país tinha assumido grande popularidade. Ora a Casa dos Açores mostra exactamente o contrário e vira para a rua uma fachada lateral (Fig.56).



Figura 56– Fachada lateral da Casa dos Açores

Adivinha-se que a casa mostra a sua fachada principal para o jardim, no qual tem uma posição periférica encostada a um dos lados e à casa do vizinho. (fotografia – arquivo do CAORG)

Houve cuidado na posição da casa em relação à área envolvente próxima (o quintal e a rua) e distante (a serra). A relação com os jogos de luz natural, as varandas que avançam ou recuam, as várias janelas umas mais protegidas outras mais expostas (figs 57, 58 e 59).



Figura 57– Pormenor da fachada principal.

Na imagem vêem-se os vários tipos de janelas (fotografia – arquivo do CAORG)

A casa e o quintal estão ligados à natureza, à irregularidade do terreno, aos penedos, à vegetação. Há compartimentos diferentes: a casa de habitação, a casa da lenha, a estufa, as dependências do pessoal. Só a habitação dos donos é deixada em dois níveis horizontais.



Figura 58– Alpendre da fachada principal
(fotografia – arquivo do CAORG)



Figura 59– Aspecto da fachada principal antes das obras de recuperação.
(fotografia – arquivo do CAORG)

O quintal, ou como hoje se diz, o jardim (figs 60 e 61), reflecte bem a situação em que a natureza ganha grande vantagem a tudo o que com ela quiser concorrer.



Figura 60– O jardim I – visto do andar superior
(fotografia - arquivo do CAORG)



Figura 61 – O jardim II
(fotografia - arquivo do CAORG)

Em 1902, ARG e Raul Lino viajaram para Marrocos ao encontro do seu amigo comum, Henrique Lopes de Mendonça, cônsul de Portugal em Rabat.

As inferências marroquinas são visíveis nalguns pormenores quer no desenho de vãos ou nalguns materiais empregues, quer nas dimensões, muitas vezes quase miniaturas que encontramos em recantos da fachada, mas também na maneira como se juntam determinados volumes (por exemplo – coberturas de telheiros) num espaço que parece insuficiente para os conter (Fig.62).



Figura 62– Pormenor do balcão - andar superior.
(fotografia – arquivo do CAORG)



Figura 63– Muro do jardim da Casa dos Açores (fotografia - arquivo do CAORG).



Figura 64– Pormenor da Casa dos Patudos (Alpiarça) Raul Lino – 1904 (fotografia – arquivo particular)

Pela observação de alguns pormenores como o dos desenhos dos muros que nos mostram as figuras 63 e 64, podemos pensar no mesmo autor dos dois desenhos.

Quando Raul Lino mandou construir a sua Casa do Cipreste, em São Pedro de Sintra, entre 1912 e 1914, resultado de um projecto começado a delinear na Alemanha, alguns anos antes, planeou cuidadosamente a implantação da casa em vários níveis, numa ligação perfeita com o declive do terreno.

Logo à entrada de um pátio, dois possíveis destinos se separam, um como zona familiar, outro para o seu atelier, resguardado, assim, no seu canto do jardim.

Ao subirmos os degraus na entrada principal do conjunto da Casa dos Açores, deparamo-nos com dois caminhos opostos. Um que segue em direcção à casa de habitação e outro que nos conduz ao torreão - uma espécie de pequena sala de fresco (Fig.65)



Figura 65– O torreão - parte integrante do jardim da Casa dos Açores. Aguarela de RG (Colecção particular)

III.3.2 – A aquisição da Casa dos Açores



Figura 66– A porta principal do jardim

É o acesso principal à casa. Esta desenvolve-se num canto do jardim.
Em 1º plano, monumento a Justino Guedes Roque Gameiro, industrial gráfico. (fotografia de Rui Gonçalves)

Até aos anos 70 do séc. XX, a casa manteve uma ocupação mais ou menos permanente. Tanto por parte da Família do Artista como da população de Minde, em geral, era voz corrente a vontade de um dia verem aí instalado o Museu Roque Gameiro, mas foi só nos anos 90, que esta vontade passou a realidade.

Em 1993, perante as dificuldades surgidas em levar por diante o projecto de construção do edifício que iria albergar todas as actividades do CAORG, começaram a fazer-se algumas diligências com vista a uma possível aquisição da Casa dos Açores, a fim de aí ser instalado o Museu. Durante alguns anos e, sempre animada do interesse que os Mindericos, em geral, tinham por esta solução, a direcção do CAORG tudo fez para a adquirir.

Depois de uma grande pressão de muitos elementos da população civil junto do executivo camarário, a Câmara Municipal de Alcanena adquiriu a Casa dos Açores.

Foram longas e muito demoradas as negociações que sempre contaram com o bom entendimento entre as partes envolvidas. O CAORG teve aqui um papel fundamental, como elemento de ligação entre os dois «actores» neste processo. A entidade compradora deixou bem claro o destino a dar à casa e ao jardim adjacente, respeitando a posição dos vendedores e a intenção dessa venda.

(« ... dado o interesse que reconhecemos ao CAORG que tanto tem pugnado pelo desenvolvimento e preservação do património cultural de Minde, onde temos as nossas raízes e da qual guardamos as melhores recordações, estamos dispostos a vender a casa a essa instituição ...»).

(anexos 13).

III.3.3 – A reabilitação da Casa dos Açores

Entendeu sempre a direcção do CAORG que qualquer intervenção nesta casa deveria, antes, passar por uma observação, análise e um estudo cuidado por parte de técnicos especializados.

Por sugestão do CAORG e com a concordância da Câmara Municipal, proprietária do espaço, estiveram em Minde, em Janeiro e Fevereiro de 2004 os Senhores: Prof. Dr. Mário Moutinho (Reitor da Universidade Lusófona e professor no curso de Museologia), Eng. Luís Casanovas (Professor na Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa no domínio da Conservação Preventiva e Consultor da Rede portuguesa de Museus), Prof. Dr. Baptista Pereira (Professor na Faculdade de Belas-Artes, Museólogo e Consultor da rede portuguesa de Museus), Dr. António Nabais (Museólogo e professor na Univ. Lusófona), Prof. Dra Maria Teresa Ambrósio (ex-Presidente do Conselho Nacional de Educação e professora na Universidade Nova), Arq. José Pedro RG Martins Barata (Professor no Instituto Superior Técnico), Arq. Fernando Pessoa (Arquitecto paisagista, criador do Parque Natural da Serras de Aire e Candeeiros e Professor na Universidade do Algarve).

A sua presença foi somente, nesta primeira fase, de auscultação; pediu-se-lhes que se pronunciassem antes de qualquer intervenção no edifício e das possibilidades de aí poder vir a ser instalado o Museu Roque Gameiro.

Por vezes, ignora-se a importância deste trabalho interdisciplinar, por desconhecimento ou falta de meios, por indisponibilidade dos investigadores ou por outras razões. A maior parte das vezes falta apenas a linguagem usada: o conservador ou o técnico de restauro não entende o que lhe diz o químico, o biólogo, o engenheiro, o arquitecto, o geógrafo e estes não percebem o que aqueles lhes pedem. Para o estudo das características

do local onde se vão guardar e expor as colecções deverão colaborar equipas das mais diversas áreas.

A preservação do nosso património seja ele artístico ou arquitectónico é merecedora de toda a nossa atenção. Muitas vezes, altera-se e destrói-se o património por negligência ou ignorância e por uma actuação irresponsável. Quantas vezes os produtos e as técnicas utilizados aplicam-se sem conhecer os seus efeitos. O debate profundo e consciencioso foi condição básica para conceber os métodos adequados de restauro e bem assim, de conservação.

Procuraram-se os caminhos de maneira a obter o melhor possível. O contributo de especialistas bem familiarizados com as condições peculiares do edifício e da colecção foi muito importante.

Daqui resultou a constituição de uma Comissão técnica de acompanhamento da obra constituída pelos Senhores Prof. Eng. Luís Casanovas, Prof. Dr. Baptista Pereira. Arq. Martins Barata e Arq. Fernando Pessoa, que graciosamente colaboram com o CAORG. Mais tarde, será esta também a constituição do Conselho Consultivo do Museu.

«A aquisição por parte da Câmara Municipal de Alcanena, da Casa dos Açores, para aí ser reinstalado o Museu Roque Gameiro, abre novas perspectivas ao CAORG, para concretizar o seu projecto, no que conta não só com o inteiro apoio dos seus associados como de técnicos especializados e da população de Minde, em geral.»⁴³

«A natureza do espólio impõe um extremo cuidado na recuperação das estruturas, porquanto, as condições-ambiente exigidas pela colecção deverão ser asseguradas com um mínimo de recurso a equipamentos».⁴⁴ (anexos 14)

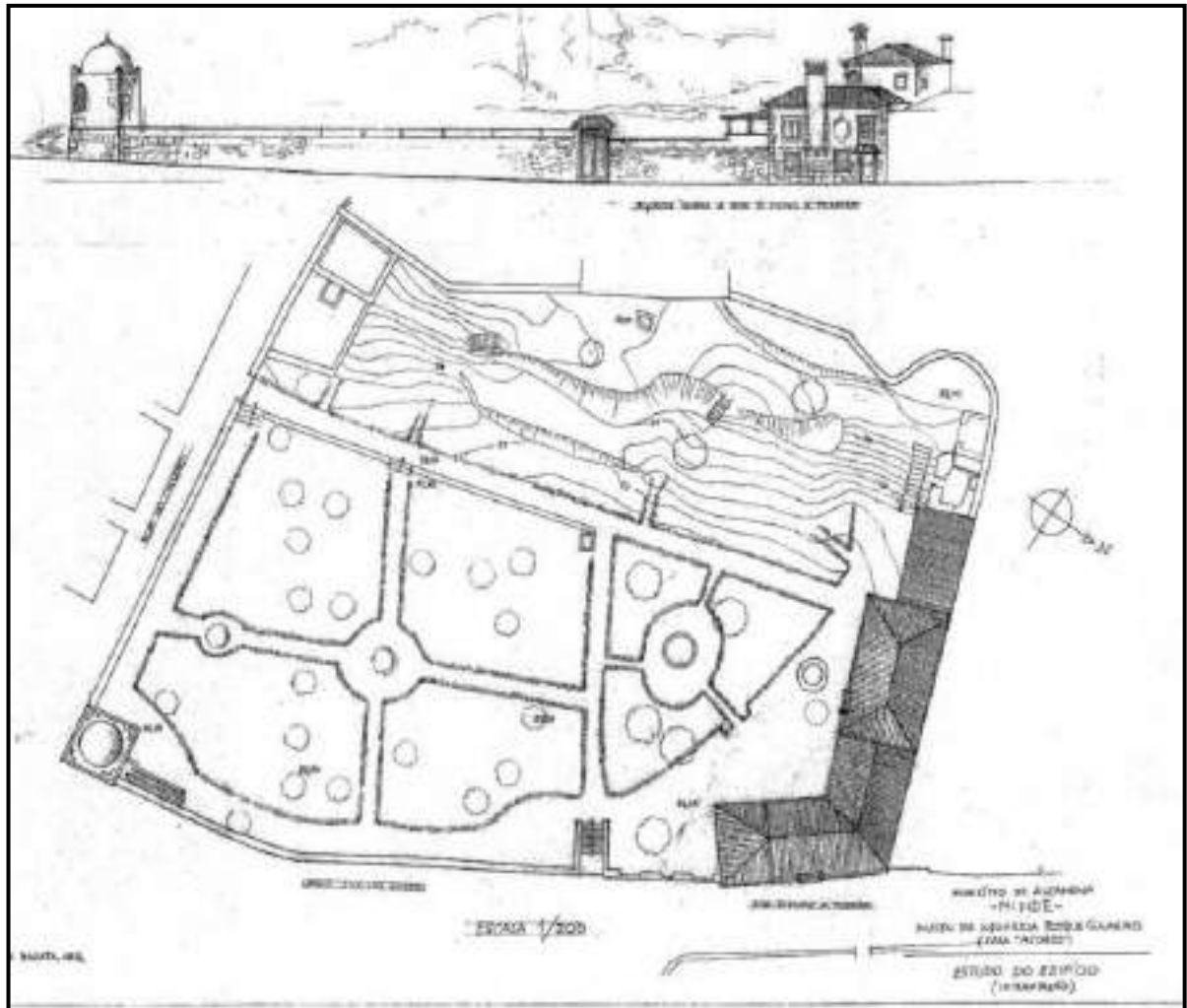
O início de todo o estudo prévio à intervenção teve como orientação dois factores: a recuperação de todo o volume exterior do edifício e a interligação do seu interior com as novas funções a que se destina. Assim, toda a linguagem arquitectónica exterior e a volumetria serão intocáveis ou quase, pois poucas alterações se verificarão, sendo estas para uma melhoria e recuperação de certas paredes exteriores.

«A recuperação do imóvel terá de respeitar integralmente as suas características construtivas, assim como os mais interessantes aspectos decorativos do interior (boiseries, tectos, batentes, lareiras, balaustradas, alguns armários de biblioteca) e do exterior (beirais, colunelos, reixas), embora, ao nível do interior, possam ser abertos vãos e alargados certos espaços, para fins de maior funcionamento do percurso expositivo».⁴⁵

⁴³ Fernando António Batispta Pereira, Parecer sobre a musealização da Casa dos Açores, em Minde.

⁴⁴ Luís Casanovas, Parecer sobre o Museu Roque Gameiro, 2004.

⁴⁵ Fernando António Baptista Pereira, ob. citada.



Documento 24– Desenho de implantação da casa e do jardim

(arquivo do CAORG)

Ao nível do interior, devido ao estado de degradação e à função a que se destina, serão necessárias pequenas remodelações. Manter-se-ão algumas paredes-mestras e os lances de escadas que ligam ao andar térreo e ao andar superior.

O edifício foi objecto de uma primeira intervenção (em finais de 2004) ao nível da cobertura, o que permitiu a impermeabilização, contrariando-se, assim, de forma significativa, a evolução da sua degradação.

Numa segunda fase, que está em curso, integrar-se-ão uma remodelação do existente e uma ampliação simples ao nível do andar intermédio, o do jardim.

Estes trabalhos de intervenção foram contemplados com os fundos comunitários, integrados no Quadro Comunitário de Apoio (QCA), através do Programa Operacional de Cultura, aprovado para o período de 2000-2006.

Para este programa foram definidos pelo QCA III dois domínios de intervenção:

«1 – Valorizar o património histórico e cultural

- A recuperação e valorização de imóveis classificados como património histórico, podendo incluir obras de intervenção e, edificações e, a construção ou adaptação de equipamentos complementares de apoio aos visitantes.

- a realização de actividades culturais inovadoras, que contribuam para a revitalização do património reabilitado e para a criação de emprego. Será dada prioridade às acções em locais que, por disporem dum valioso património histórico e cultural, sejam susceptíveis de potenciar fluxos turísticos significativos e de contribuir, através do desenvolvimento de actividades de âmbito cultural, social e educacional das populações.

2 – Favorecer o acesso a bens culturais

- A melhoria das condições de oferta dos espaços adequados à realização de actividades culturais, visando a constituição de uma rede nacional equilibrada, através da construção, adaptação e equipamento de recintos culturais.

- Acções de promoção de actividades culturais no âmbito das artes do espectáculo, que concorram para o estabelecimento e apoio na fase de arranque desse tipo de espaços, para o aparecimento de agentes culturais e profissões conexas, e para a criação de novos públicos e hábitos de consumo cultural das populações – com o objectivo global de reduzir as assimetrias existentes entre as diferentes regiões do país.

- Iniciativas públicas que contribuam para divulgar a informação cultural, através da utilização das novas tecnologias de informação, ou para facilitar a aproximação da cultura ao indivíduo e à sociedade.»⁴⁶.



Documento 25– Alçados da Casa dos Açores.

No desenho são evidentes as pequenas transformações introduzidas na fachada principal: a casa da lenha acoplada ao corpo principal da casa tem uma alteração para dar acesso às instalações sanitárias e, no nível superior do quintal, o seu prolongamento, com vista ao espaço a ser ocupado pelo atelier de Desenho e Pintura (arquivo CAORG).

⁴⁶ Quadro Comunitário de Apoio III, 2000-2006



Figura 67- Visita dos técnicos de acompanhamento das obras I.
O Sr. Eng. Casanovas é acompanhado pelos arquitetos da CMA. (fotografia – arquivo do CAORG).



Figura 68– Visita dos técnicos de acompanhamento das obras II.
O Sr. Arq. Martins Barata é acompanhado pelo vereador responsável pelas obras da CMA. (fotografia – arquivo do CAORG)



Figura 69– Visita às obras II
O Sr. Prof. Baptista Pereira é acompanhado por um dos membros da Direcção do CAORG (fot. - arquivo do CAORG)

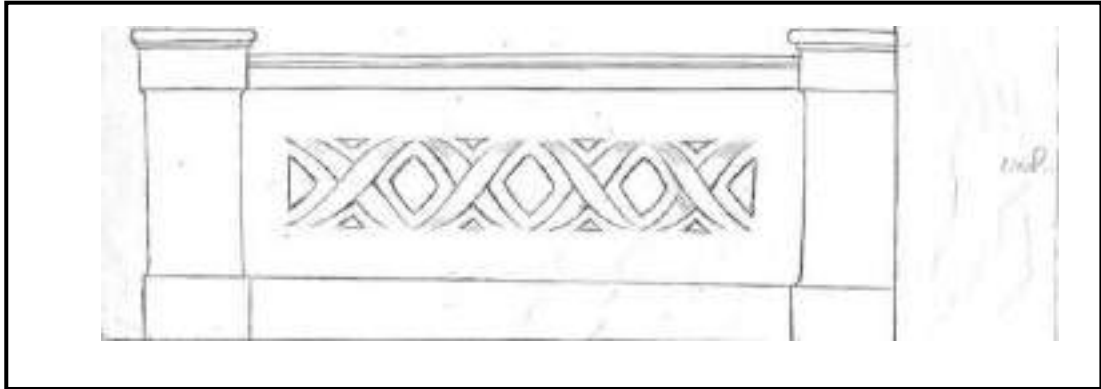


Figura 70– Visita do arq. paisagista Fernando Pessoa
Foram muitas as deslocações a Minde do Sr. Arq. responsável pelo projecto de reabilitação do jardim.(fot. – arquivo do CAORG)

As características da construção manter-se-ão, os materiais aplicados serão também mantidos uns, recuperados outros, ou substituídos por idênticos, não alterando a construção de cariz tradicional. As obras de recuperação foram continuamente acompanhadas pelos elementos da Comissão técnica, que ao longo dos últimos quatro anos se deslocaram a Minde com muita frequência (Figs 67,68,69 e 70).

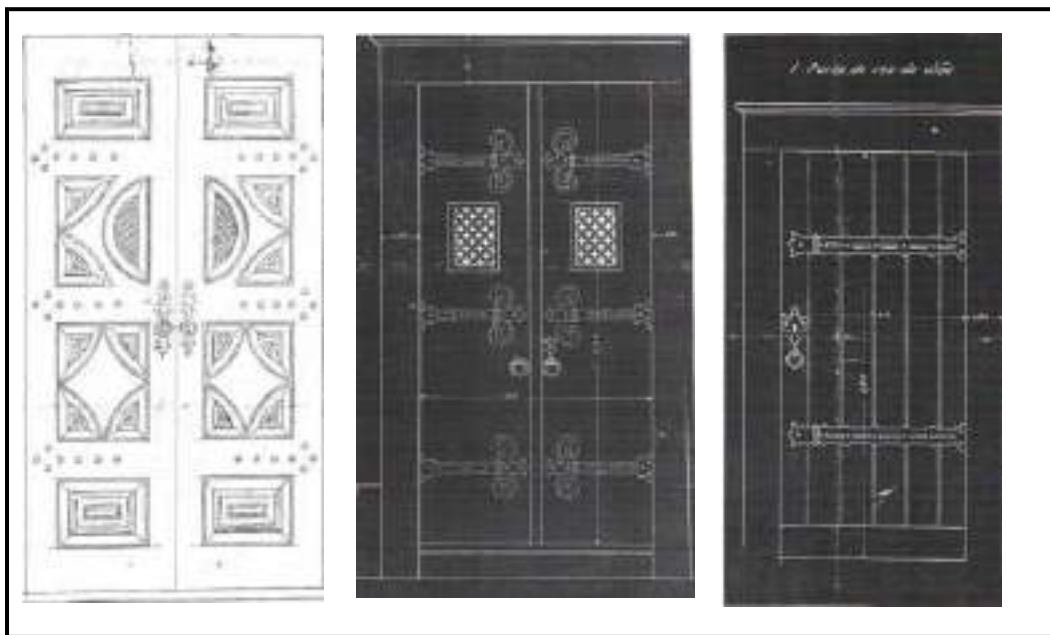
O conjunto de desenhos que se apresentam, da autoria de Alfredo Roque Gameiro correspondem a pormenores de portas, “boiseries”, aldrabas, etc. Os originais, não assinados

fazem parte da documentação do CAORG e foram oferecidos pela Família Roque Gameiro Guedes, até há pouco proprietária da “Casa dos Açores”.



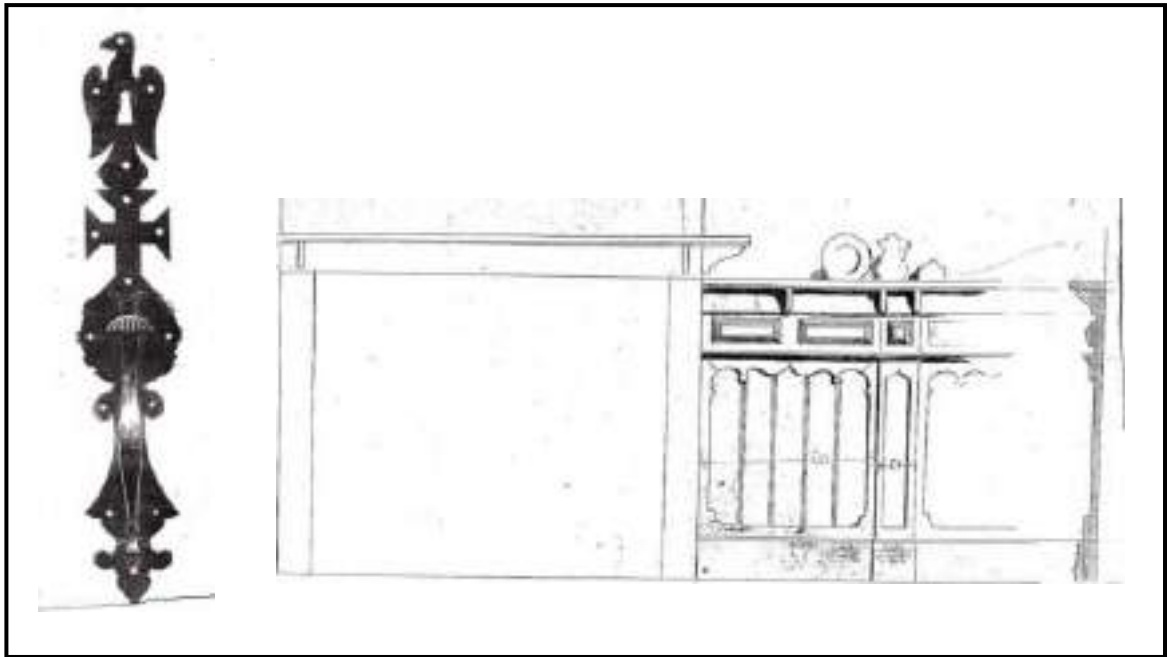
Documento 26– Pormenor do varandim de pedra.

Este varandim está sobranceiro à escada interior, que liga o andar principal ao andar térreo. (desenho de ARG – arquivo do CAORG)



Documento 27– Desenhos pormenorizados de três portas exteriores.

(desenhos de ARG - arquivo do CAORG)



Documento 28– A aldraba da porta e o esquema da “boiserie”

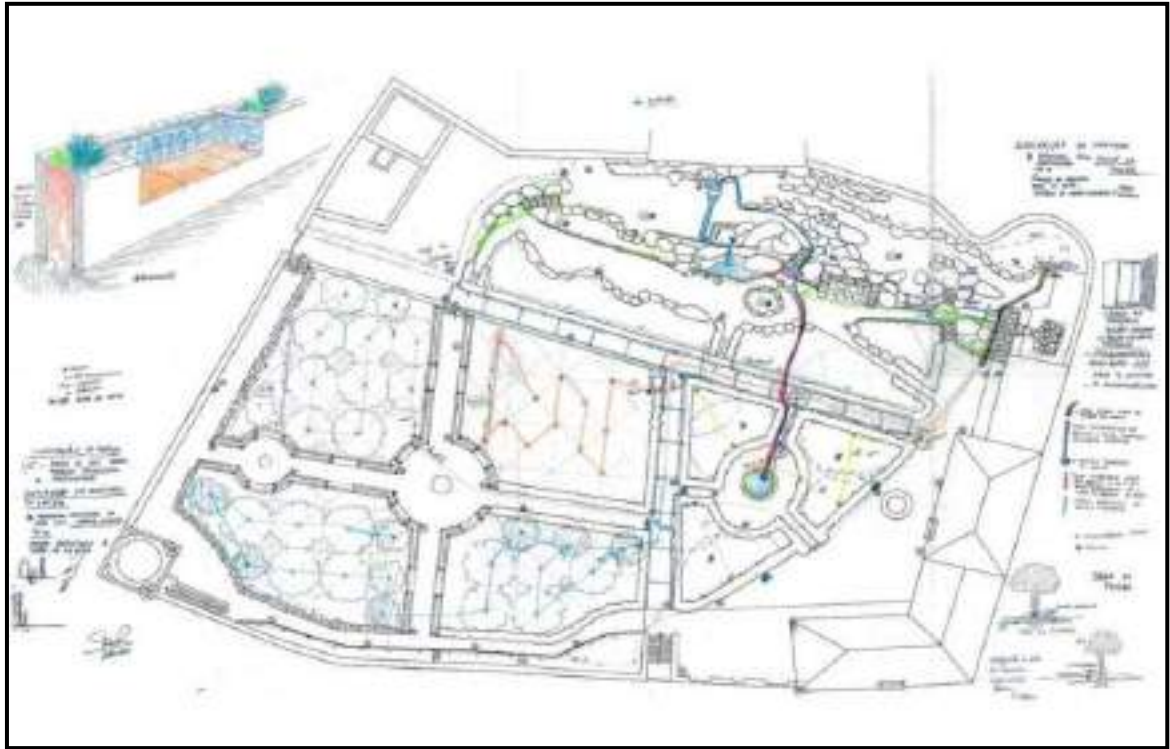
De notar, o pormenor da figura do açor, a encimar a aldraba, numa alusão à origem açoreana do proprietário da casa e o esquema da “boiserie” da sala principal (desenhos de ARG – arquivo do CAORG)

III.3.4 – A reabilitação do jardim

Ao nível do jardim adjacente à casa, no qual se destaca o torreão de influência árabe, fazendo lembrar as fortalezas portuguesas no Norte de África, situado no canto oposto à mesma, pensou-se na conservação e no enriquecimento com novas plantas e substituição de outras, legendando as espécies, de maneira a tornar o jardim num local de lazer e, ao mesmo tempo, num local de educação ambiental.

O jardim desenvolve-se em dois níveis diferentes, acompanhando a inclinação geral do terreno. O nível mais elevado, rochoso, é constituído por árvores de grande porte, com o predomínio dos loureiros; o nível mais baixo, plano, contempla uma área de pomar, que se deverá manter e beneficiar e uma área de jardim propriamente dito, evidenciando simultaneamente a sua função recreativa e utilitária.

Os projectos de arranjos exteriores constam da construção de alguns alegretes, substituição de algumas árvores na zona do pomar, ajardinamento dos canteiros, instalação da rede de rega e da instalação da iluminação.



Documento 29– Desenho do jardim

O desenho inclui as alterações a introduzir, incluindo o desenho dos alegretes e respectivos bancos (arquivo do CAORG).

A iluminação do jardim será muito discreta; serão aplicados projectores direccionáveis sob os maciços de árvores e sob as grandes árvores, apontados para cima.

Deverá ser construído um lago entre os rochedos, na parte superior do jardim, de onde a água será conduzida para o lago circular que se encontra no jardim de buxo.



Figura 71– Aspecto do jardim I

A parte mais alta está adaptada à configuração e natureza do sítio (fot. - arquivo do CAORG)



Figura 72– Aspecto do jardim II

O jardim do buxo ocupa uma parte da área plana (fot. – arquivo do CAORG)

Serão colocados alguns bancos de pedra e reparados os que se encontram entre os penedos na parte superior do jardim.

Na parte de trás do jardim, insinuado no meio dos penedos, onde se encontra um depósito desactivado que recebia a água das chuvas utilizada na rega, sugere-se a construção, no futuro, de uma muito discreta sala de chá.

O muro deverá obedecer aos mesmos critérios técnicos e de acabamento actualmente existentes.

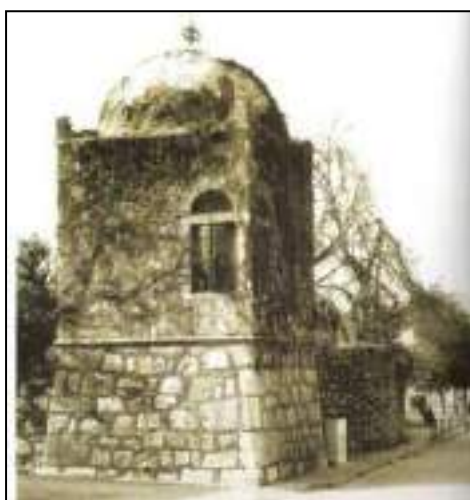


Figura 73 – O torreão

Situa-se no extremo sudeste do Jardim (fot. – arquivo do CAORG)



Figura 74 - Muro exterior do jardim

Duas fases da sua recuperação. (fot. – arquivo do CAORG)

O torreão também deverá ser recuperado, sendo o piso superior ocupado pelo atelier de Desenho dedicado aos mais jovens e o rés-do-chão será ocupado pelas instalações sanitárias que servem o público que frequenta o jardim.

Futuramente, porque a associação CAORG comporta vários pólos de actividades, e, dada a proximidade física com o Conservatório de Música (este será construído em frente, do outro lado da rua), o espaço do jardim poderá servir de apoio ao mesmo. Quando o tempo o permitir, os recantos do jardim poderão funcionar como pequenas extensões do Conservatório, como local de aprendizagem e de pequenos concertos ao ar livre. Dada a grande variedade de recantos e a facilidade de deslocação através de uma rede de caminhos bem articulada, também no jardim se poderão realizar algumas exposições temporárias.

Já depois da aquisição da Casa dos Açores e antes do início das obras, em 2002, o CAORG promoveu aí uma exposição de escultura de duas artistas de Minde. A experiência resultou e durante alguns dias aí acorreram muitas centenas de visitantes (Doc. 30)



O Centro de Artes e Ofícios Roque Gamito recebe, com muito prazer, no novo espaço "Casa dos Açores", uma artista mineira.
Esta exposição é, para Artista Rita Roque Gamito, um momento com um ambiente que lhe é tão familiar.
A sua presença é um reencontro de sua família ligada às Artes, num espaço todo ele marcado pela história e pelas Artes.
O seu trabalho como escultora, o seu impulso pelos materiais, pelas formas, pelo movimento, pelas texturas, saliências e figuras, a beleza corporal, a Melior – é a magia da Arte presente em todos os seus trabalhos.
Quando passa de materiais as formas, sente a fragilidade e avança para a consistência dos materiais resuscitando a rigidez dos materiais.
A sua arte regista secretamente a sensibilidade e o olhar de quem a criou. Os seus trabalhos, de grande responsabilidade, traduzem o quotidiano das situações humanas plasmadas pela poesia do sonho.

Presidente do Conselho Director do CAORG

 Maria Alina Roque Gamito



O Centro de Artes e Ofícios Roque Gamito recebe, com muito prazer, no novo espaço "Casa dos Açores", uma artista mineira.
Esta exposição de Maria Rita a Minde é a confirmação do talento desta jovem e a aceitação do seu trabalho por todos nós.
A simplicidade das suas obras junta-se à pureza, a ternibilidade, a leveza, a sensibilidade que constitui um conjunto tão harmonioso.
Neste espaço tão humanizado como este, num, ao mesmo tempo, um espaço todo o respeito pelo trabalho que ela tem produzido, a Maria Rita integra perfeitamente as suas obras, tornando-as de uma magia inscrita no seu espírito criativo.

Presidente do Conselho Director do CAORG

 Maria Alina Roque Gamito

Documento 30– Capa e contracapa do catálogo da exposição

Apresentação das artistas que a integraram, realizada no jardim da “Casa dos Açores” de 20 a 27 de Abril de 2002. (arquivo do CAORG)

O jardim da Casa dos Açores sempre suscitou nos Mindericos uma grande curiosidade. Durante anos, muitos foram os que, passando na rua, se interrogaram: o que estará por detrás destes muros e deste portão? Hoje, todos sabem que brevemente poderão usufruir deste *ex-libris* de Minde, pois ele será aberto ao público durante o período de abertura do Museu e sempre que a programação a estabelecer periodicamente, o justificar.

III.3.5 – A Instalação do Museu de Aguarela Roque Gameiro

Num contexto de crise sócio-económica, como a que vivemos, pequenas intervenções como esta, mostram a necessidade de se reconstruir uma identidade, activando socialmente o património cultural para diferentes consumos que potenciam uma economia da memória e da paisagem. É assim, que pequenos centros, como Minde se podem revitalizar sócio-economicamente. São uma resposta local face ao processo de globalização que hoje acelera cada vez mais. Estas respostas contam sempre com uma ajuda exterior, mas nalguns casos, quase que se auto-sustentam. Todo este processo é vivido com paixão, afecto e emoção.

O Museu deverá actuar como instrumento de difusão cultural e patrimonial, importante no contexto local. Além de exhibir uma exposição permanente da sua colecção, ele deverá assumir, em primeiro lugar, o seu papel interventivo em função das necessidades da comunidade.

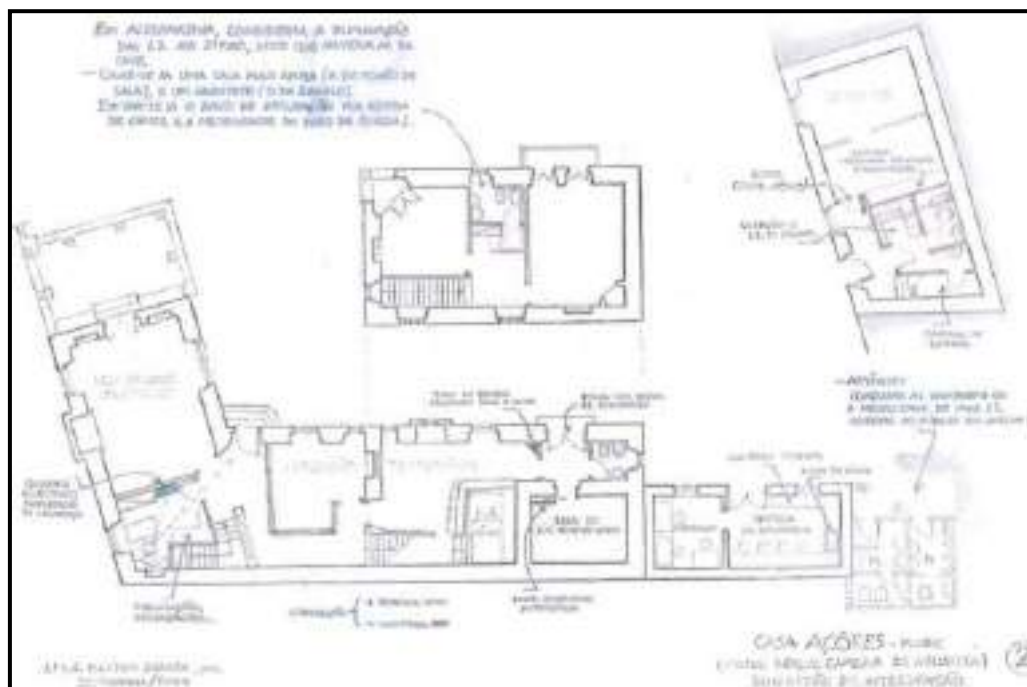
Integrado no CAORG, como o seu pólo fundador, ele não será uma instituição supérflua enquanto promotor de cultura e actuará de uma forma integrada, como parceiro no processo de desenvolvimento.

O Museu desenvolver-se-á em três pisos com ocupações bem diferenciadas: no inferior, de acesso directo ao largo frontal, implantar-se-ão as áreas de reserva em casa forte, uma pequena oficina e instalações sanitárias para o pessoal; o do rés-do-chão (ao nível do jardim), reparte-se por zonas de exposição, quatro salas, incluindo uma de luz controlada (a antiga cisterna de recolha de águas das chuvas), uma sala multiusos, uma pequena sala de atendimento e vendas e as instalações sanitárias públicas. O atelier para a prática do desenho e da aguarela, assim como a cabina para a instalação da central de aquecimento, situam-se também neste piso, embora independentes, com entrada directa pelo jardim e já com algum desnível, seguindo a inclinação geral do terreno. No primeiro andar instalar-se-á um gabinete de gestão e sala de reuniões assim como um pequeno centro de documentação (Docs 31 e 32) que acolherá o público interessado, estudantes, investigadores ou outros.



Documento 31– Pequeno desenho aquarelado de Martins Barata

Este desenho serviu de base para a realização das intervenções necessárias. À medida que as obras de recuperação foram decorrendo, pequenos pormenores foram reajustados, o que alterou significativamente a área expositiva (Colecção do Museu de Aguarela).



Documento 32– A ocupação dos espaços

Algumas outras soluções de intervenção (arquivo do CAORG)

Com o prosseguimento das obras, ao mesmo tempo, que estas iam decorrendo, foram feitas pequenas alterações.

Do andar superior desapareceram as instalações sanitárias o que veio tornar-se num factor muito positivo, visto não haver a este nível, qualquer conduta de água, o que só beneficiará as condições de segurança.

A parede que separa a sala de entrada do público, sala polivalente, do compartimento que lhe está contíguo, foi eliminada, o que vem facilitar a organização das exposições ou outros eventos e o controle da luz natural.

Numa das salas (a antiga cozinha) o nível mais elevado, ao qual se pensou estar subjacente algum penedo, foi suprimido, pois tratava-se de um prolongamento da parte superior da cisterna. As instalações sanitárias para serviço do público avançaram para uma parte do espaço ocupado pelo atelier de Desenho. Este, foi prolongado para a parte superior do jardim, desenvolvendo-se, assim, em dois níveis, acompanhando o desnível do terreno.

III.3.6 – Perspectivas de actuação

«A instituição Museu é valorizada não só pelo seu património edificado e pelas suas colecções, mas também e, sobretudo, pela sua representatividade perante a comunidade na qual se insere».

Declaração de Caracas, 1992

A reabertura do Museu perspectiva um novo tipo de actuação com vista a potenciar o que já existe e a criar coisas novas.

Todo o trabalho a realizar deverá ser alicerçado em três pontos fundamentais. visão, agenda e projectos.

Não há visão sem haver visionários que defendam causas comuns para as pessoas lutarem. Discutir as coisas e ... esperar que apareça alguém para apadrinhar, é um caminho que não deverá ser seguido; terão que ser as pessoas implicadas em todo o processo que deverão procurar, ir ao fundo da questão.

O futuro não se prevê, constrói-se e a construção tem que ser colectiva; deve construir-se através de instrumentos adequados, com audácia colectiva e sempre reforçada, com têmpera, com teimosia persistente, sem desistir, mas sempre sabendo o que há para

fazer. Ao estabelecer-se uma visão clara de para onde se dirige o Museu e como chegar até lá, estão a definir-se estratégias e a programarem-se tarefas a curto prazo. Deverão ter-se em conta o destino e a aplicação dos recursos – pessoal, dinheiro e equipamentos -, mas também a gestão do desempenho.

Com uma relação privilegiada com a comunidade, primeiro pelo diagnóstico profundo da comunidade envolvente e, depois, pelo levantamento dos recursos de que dispõe e que põe à disposição dos seus membros, o Museu é um factor activo no meio onde reconhece a sua acção e a sua função.

Feito o diagnóstico da situação, definida a estratégia de intervenção, então a Museologia existe no quadro numa perspectiva de desenvolvimento. Porque já não se contenta em ser a guardiã de objectos, ela passa a intervir nas questões de desenvolvimento, através dela própria, na comunidade em que está inserida – não comanda o processo de desenvolvimento, mas pode intervir nele.

Porque razão é importante planear? Como dizia Eisenhower «planos nada são, planear é tudo», a reflexão sobre o que o Museu está a tentar realizar e como vai fazê-lo é muito importante. Elaborando um documento escrito é uma maneira de apresentar ao exterior o propósito e os objectivos do Museu.

Com a organização de uma planificação registam-se as decisões tomadas e a utilização desses mesmos planos funciona como um instrumento de maneira a continuar a desenvolver um raciocínio estratégico e tomar decisões em relação ao futuro.

Elaborar um plano e cumpri-lo, tomar decisões, juntá-lo a projectos de maneira a obter recursos que se podem sempre adicionar, tal terá que ser o caminho a seguir.

As exposições, que são um instrumento chave para permitir o acesso do público, ao acervo, devem renovar-se, devem ser inovadoras, inspiradoras e conduzem o visitante à reflexão, proporcionando bons momentos de prazer e aprendizagem. Deverão ter uma concepção concisa da mensagem que se quer transmitir; «deverão falar pelos objectos ou pelo testemunho visual e muito pouco pelo texto», como costuma dizer F.A. Baptista Pereira.

Ao planearmos a exposição deveremos ter em consideração o pessoal envolvido na mesma, a finalidade da exposição, a que público se vai dirigir, qual vai ser o espaço disponível para a sua realização, que recursos humanos e financeiros estão ao dispor da mesma.

Em função das condições específicas deste Museu (é tutelado por uma associação poli-nucleada), podem também eventos “estranhos” interferir nas exposições.

- Um pequeno concerto pode estar ligado à exposição?
- Qual vai ser o design adoptado?
- Como se vai maximizar o acesso à exposição?
- Que oportunidades de maximizar a aprendizagem?
- Como promover a exposição?
- Como avaliar a exposição?

III.3.6.1 – A programação das actividades

A concepção teórica de Museu não é aqui encarada, pois ele deve sentir as necessidades de Minde. Não será mais um depósito onde se preservam as obras de arte, mas deverá viver com as suas aguarelas, com a arte; deverá ser o lugar onde se pratica uma arte de vida, inseparável do culto do belo e da qualidade das suas práticas.

Porque as obras de recuperação da Casa dos Açores estão numa fase muito adiantada, a Direcção do CAORG está a preparar o regresso das suas obras de arte, depositadas, desde 1980, no Museu de José Malhoa. Para o efeito tem contado com a preciosa colaboração do Sr. Prof. Dr. Baptista Pereira que amavelmente se prontificou a acompanhar esta direcção durante todo o processo, inclusive nas duas visitas aí efectuadas. Da colaboração da Sra. Directora do Museu Malhoa e de uma técnica auxiliar do mesmo, resultou um trabalho minucioso de análise de todo o espólio depositado (Apêndice 2). Porque é necessário proceder à limpeza e restauro de algumas obras e ao emolduramento de quase todas, já foram contactados os serviços de ateliers competentes para estes trabalhos, assim como da oficina de emolduramento.

Já contactada a FCG, com vista à renovação do protocolo que permitirá o depósito das 54 aguarelas e alguns desenhos que ilustraram a edição monumental das “Pupilas do Sr. Reitor”, as perspectivas irão assentar num novo protocolo. Este vai ser assinado em novos moldes, possibilitando um depósito de longa duração que incidirá sobre todo o conjunto das aguarelas e desenhos, segundo proposta da FCG (Apêndice 3).

O CAORG, com a diversidade dos seus pólos, deverá continuar a desenvolver as suas actividades culturais cada vez mais num âmbito alargado, multidisciplinar e transdisciplinar. Ao juntar no recinto Casa dos Açores, o Museu de Aguarela e o Atelier de

Desenho e Pintura e, no espaço envolvente, o Conservatório de Música e a Escola de Dança, e o Atelier de Tecelagem abre novos horizontes a uma complementaridade das suas actividades.

A direcção do CAORG veria como muito vantajosa, a aquisição de um pequeno edifício, devoluto, contíguo ao Museu de Aguarela, que no futuro poderá servir de apoio e permitir um lugar de residência, por pequenos períodos de tempo, a monitores, pintores ou outros que vierem dirigir cursos, tanto no Museu como no Atelier de Desenho e Pintura. Também poderá servir de residência a professores que vêm orientar Master Class no Conservatório de Música e no atelier de Dança e a alunos de fora que os queiram frequentar.

A organização de cursos de prática da aguarela deverá ser uma das actividades a implementar e a incentivar durante o período de férias, com a duração de algumas semanas e para os quais serão convidados um ou mais monitores, artistas plásticos dentro da prática da aguarela ou outros. Terá, assim, um apoio logístico muito importante, funcionando como local de residência.

Como já vem sendo hábito, o Conservatório de Música e o Atelier de Dança, desenvolvem permanentemente actividades (53, no ano de 2007) ora nas suas instalações, ora no Cine-teatro Rogério Venâncio (o Auditório oficial do Conservatório). Com a reabilitação da Casa dos Açores e do jardim, os mesmos também deverão servir, sempre que o tempo o permitir, como locais da realização de concertos.

Na sala nobre do Museu de Aguarela, eventualmente, com prolongamento para o alpendre poderão ser realizadas palestras e concertos de pequenos grupos de Música de Câmara.

A sala de entrada deverá receber exposições temporárias, com rotação das colecções próprias, assim como as exposições de trabalhos realizados no Atelier de Desenho e Pintura.

Num país de fracos recursos como o nosso, onde mesmo as equipas dos grandes museus têm sempre um número insuficiente de elementos, não podemos pensar que, o Museu de Aguarela possa dispor de uma equipa especializada e organizada por departamentos. Como é proposto no projecto de protocolo com a CMA (anexos - 15), o Conselho Director do CAORG será responsável pelo Museu de Aguarela, assegurando os seus membros a direcção do mesmo. São, no entanto, necessárias para o bom funcionamento pelo menos 3 pessoas: um funcionário para atendimento ao público, um jardineiro, que poderá também assegurar a vigilância do jardim e um técnico superior para o centro de documentação, tratamento do espólio e programação cultural.

Sempre que se justificar, o pessoal ao serviço dos outros pólos do CAORG poderá colaborar nas actividades a desenvolver pelo Museu; o mesmo poderá ocorrer de modo contrário. Como está programado, os restantes pólos do CAORG ocuparão, no futuro, o espaço disponível, para o efeito, em frente da Casa dos Açores.

Se um Museu pressupõe edifício, colecções e público, a que público se destina este Museu? À partida, a todo o público, o qual deverá ser acarinhado e cativado, principalmente aquele público arredo dos museus, aquele que nunca entrou num museu.

Normalmente o público de idade mais avançada, aquele que menos se movimenta, raras vezes saindo do lugar onde nasceu ou onde habitualmente vive, poucas vezes ou talvez nunca entrou num museu. Em Minde, passa-se o contrário; os mais velhos, todos conheceram e entraram pelo menos uma vez no extinto Museu Roque Gameiro, mas a geração de 20, 30 anos ... para estes, a situação é diferente; quando nasceram já o museu tinha encerrado as suas portas.

Hoje, a situação apresenta-se bem diferente. O trabalho desenvolvido pelo CAORG ao longo dos seus 22 anos de actividades regulares, tem contribuído para melhorar o interesse do público pelas exposições, pelos concertos, pelos espectáculos de dança clássica e contemporânea. Sente-se nos mais jovens e nos menos jovens a necessidade de poderem usufruir de um espaço que lhes é destinado.

A esta proposta, a CMA ainda não deu qualquer seguimento, o que vem atrasar o avançar da programação. Algumas alterações, que com o andar dos trabalhos de adaptação e reabilitação foram surgindo, deverão ser introduzidas na proposta de protocolo, nomeadamente, a instalação do Atelier de Tecelagem no edifício do Conservatório.

Perspectivam-se trabalhos de equipa não só no pólo museológico do CAORG, mas integrando todo o conjunto de actividades que a instituição desenvolve.

III.3.6.2 –Eventos financiados/programação financiada, ao abrigo da Lei do Mecenato

Ao abrigo da Lei do Mecenato Cultural (DL 74/99 de 16 de Março), o CAORG, como instituição de interesse público, tem solicitado, desde 1999 a declaração de interesse cultural e majoração especial no âmbito de Contratos Plurianuais, para as suas actividades.

O reconhecimento do interesse cultural e os contratos plurianuais têm sido e são condição imprescindível para a obtenção de donativos. Desta forma, o apoio que lhe tem sido dado pelos mecenas, para além de benefício fiscal de que directamente usufruem, tem-

se reflectido na participação cada vez maior da comunidade, já alargada para lá dos limites do Concelho.

Ao apresentar o relatório e respectivos custos relativos ao ano de 2007, juntou o orçamento das actividades a desenvolver em 2008. Cumprindo um dos seus objectivos estatutários, iniciou em 2007, a reinstalação do atelier de Tecelagem.

Actividades culturais desenvolvidas em 2007 e apoiadas pelos Mecenas

Data	Actividades	Monitores responsáveis	Destinatários
De Janeiro a Dezembro	Atelier de Dança	Prof. Catarina Ribeiro	Crianças e jovens
Anualmente	Atelier de Tecelagem	Dra. Dulce Santos Ezequiel Mendes	População
Anualmente	6 recitais de Flauta, Piano, Música de Câmara, Acordeão e Orquestra	Professores titulares do Conservatório	Pais e alunos
Anualmente	14 audições de Trompete, Piano, Violino, Flauta, Clarinete, Trompa, Classe de conjunto, Percussão e Educação Musical	Prof. titulares do Conservatório	População
Anualmente	16 concertos e participações fora da freguesia: Meia Via, Alcanena, Cascais, Lisboa, Seixal, Rossio ao Sul do Tejo, Alcanede, Montemor-o-Velho, Tomar, Torres Novas	Prof. titulares do Conservatório	População
Anualmente	2 Master Class, Semana da música, Atelier de instrumentos	2 professores convidados e o c. docente do Conserv.	Pais e alunos
25-04	Lançamento do livro “Como um lírio”	M.A. Roque Gameiro	População
28-04	Participação do coro CAORG numa cerimónia religiosa	Maestro João Roque Gameiro	População
12-05	Participação do Coro CAORG numa cerimónia religiosa	Maestro João Roque Gameiro	População
13-05	Participação da Feira do Concelho	M.A. Roque Gameiro	População
09-06	Participação do Coro CAORG no X Festival de Música Polifónica de Alvaiázere	Maestro João Roque Gameiro	População
07-07	Espectáculo de Ballet “A Cinderela”	Prof. Catarina Ribeiro	População
13-07	Participação no Festival Jazz Minde	Prof. Paulo Gaspar	População
13-10	Espectáculo de Ballet “A Cinderela” (repetição)	Prof. Catarina Ribeiro	População
26 e 27 de Outubro	Intervenção (As tecedeiras de Minde) no Congresso do Museu Pessoa – Arcos de Valdevez	Mestre Anabela Silveira	Congressistas
27-10	Actuação do Coro CAORG nas comemorações do 92º aniversário da SMM	Maestro João Roque Gameiro	População
27 e 28 de Outubro	Participação no Congresso do ICOM	M.A. Roque Gameiro	Congressistas
18 de Dezembro	2 audições de Natal – 1 infantil e 1 juvenil	Directora Pedagógica do Conservatório	População

Actividades culturais a desenvolver em 2008 e apoiadas pelos Mecenass

Data	Actividade	Monitor responsável	Destinatários
Anualmente	Atelier de Dança	Prof. Catarina Ribeiro	Crianças e jovens
Anualmente	Atelier de Tecelagem (inauguração prevista para Junho)	Benjamim Reis Dra. Dulce Santos Ezequiel Mendes	População
Anualmente	Audições e recitais de diversos instrumentos	Prof. titulares do Conservatório	Alunos e população
Anualmente	Concertos e participações fora do Concelho	Gabriela Capaz, Hélder Gonçalves Joana Raposo	População
Março e Maio	Master Class de Trompa, Saxofone, e Flauta transversal	João Alves Ricardo Pires Nuno Inácio Trevor Wye	Alunos de todo o país
Maio	Concerto de inauguração do Cine-Teatro São Pedro - Alcanena	Hélder Gonçalves M. José Conceição	População
Junho	Concerto de encerramento do ano lectivo	Gabriela Capaz Hélder Gonçalves	População
3 de Julho	Espectáculo de Ballet	Prof. Catarina Ribeiro	População
Julho	Participação no Festival Jazz/Minde	Paulo Gaspar Rui Travassos	População
Outubro	Encontro de Coros	Maestro Roque Gameiro	População
Dezembro	Audições de Natal Infantil/Juvenil	Gabriela Capaz Hélder Gonçalves Joana Raposo	População
Dezembro	“Inauguração do Museu de Aguarela e do Atelier de Desenho e Pintura”	M.A. Roque Gameiro M. da Graça Almeida	População

Contratos plurianuais (2007- 2008) – Mecenass

Nome	Localidade
Imobiliária Mindang, S.A.	Minde
António Alberto Gameiro Fernandes	Minde
Ana Maria Cunha Menezes	Minde
Tiago Alexandre S. G. Fernandes	Minde
M. Gabriela Morgado Capaz	Minde
M. Alzira A. Roque Gameiro	Minde
M. Clara Fernandes Gameiro	Minde
Marouço, S.A.	Alcanena
Luís Miguel Rito	Minde
Nelson Antunes Moreira	Minde
Mário Branco Pereira	Minde
Ictus Indústria Comércio Têxtil, Lda	Minde
Susana Roque Gameiro Rito	Minde
Mariza M. Oliveira S. Pereira	Minde
Ana Paula serra Couto	Minde
Samuel Alves Gameiro	Abrantes

III.3.6.3 – A Educação no Museu

O programa educativo que deve ser implementado deverá ter em conta o tipo de acervo, o quadro de pessoal, os recursos financeiros, o espaço disponível, os públicos potenciais. A função educativa deve ser maximizada em função das características do acervo, da documentação existente e das exposições a realizar. Todos os que trabalham no Museu deverão ter acções relevantes na função educativa do mesmo, associados sempre e com a concordância da Direcção do CAORG, entidade que aqui tem um papel fundamental.

A política educativa deverá fazer parte integrante de toda a programação do Museu e ser revista com frequência. «O Museu é um recurso da escola»⁴⁷, ele pode dar apoio mas não é escolarizado (a escola não está dentro do Museu).

Porque a formação escolar é cada vez mais especializada, a sociedade tem necessidade de novos lugares que favoreçam uma visão mais alargada e integrada dos conhecimentos e de um contínuo recurso. O museu deverá dar acesso a novos saberes e sobretudo, abrir portas que conduzam a esses saberes.

Dadas as especificidades do local onde se insere o Museu, das características da população e das suas organizações nunca será de negligenciar a articulação com outras instituições locais (Grupo de Teatro, Sociedade Musical Mindense, Grupos Desportivos, Centro de Bem-estar Social, Jornal de Minde, Jazz Minde, Minde Natura) e regionais. O museu nunca deverá ser um espaço desenraizado do meio sócio-cultural em que se insere e, por alguma razão nasceu onde nasceu; deverá procurar cativar e fidelizar os seus públicos.

Como se conquista um público que, em muitos casos, nunca entrou num Museu?

Recebendo os visitantes como convidados, segmentando o público para melhor se adaptar às suas necessidades, podendo até variar o local de acolhimento e os meios de aprendizagem e de contacto, fornecendo documentação apropriada, o Museu poderá, assim, otimizar a sua acção educativa.

Ao divulgar o que se vai passar no Museu, ao difundir a informação com regularidade, vai-se desvendando o que se passa para lá dos seus portões.

Com o trabalho que o CAORG tem desenvolvido nos últimos 22 anos, tem-se verificado o aparecimento de uma clientela que se transformou numa clientela assídua às suas actividades, constituída por jovens e menos jovens. A sua acção cultural já conhece igualmente o seu prolongamento para além dos seus muros, na medida em que o CAORG

⁴⁷ Ana Duarte, Museus em Quebrado, Abril, 1997.

apóia diversas manifestações que ocorrem em Minde e no Concelho estabelecendo relações contínuas entre a sua acção e a de outros intervenientes.

Nos museus, os serviços educativos, de animação, de difusão e de exposição, assim como a administração e as relações públicas são directamente tocadas pelo marketing.

Como transpor os princípios do Marketing para os museus? Que elementos serão necessários considerar para aplicar esta técnica ao Museu de Aguiarela e aos outros pólos de actividades do CAORG?

O marketing, traduzido em termos museológicos, exprime-se por uma atitude de preocupação em relação às necessidades dos visitantes e potenciais visitantes, tendo em conta a especificidade do Museu. O marketing facilita o desenvolvimento de um programa de actividades museológicas e uma estratégia global de acessibilidade e de promoção de maneira a satisfazer as expectativas das duas partes, o museu e os visitantes. Esta técnica não pode responder aos desejos dos “clientes”, ignorando a visão educativa e criativa do museu, mas deve procurar o segmento da população susceptível de se interessar por aquilo que o museu oferece.

Há uns anos, quando fiz estágio de Museologia no Baixo Québec, chegou-me às mãos, no Musée de la Civilization na cidade do Québec, um folheto onde se lia:

« ... O marketing não pertence à magia ou à bruxaria. É uma técnica simples, uma técnica que não tem vida própria e que não sabe dar frutos se não se apoiar primeiro e antes de tudo, numa visão clara dos objectivos da empresa e na riqueza da sua massa cinzenta, num produto de qualidade, no conhecimento dos públicos, numa cultura de organização onde a paixão pelos bons resultados é o primeiro dos valores.»⁴⁸

O marketing ajuda a realizar muitos dos objectivos dos museus. Um programa melhor adaptado e uma maior notoriedade desenvolvem e alargam o espaço de origem dos visitantes e o seu número. Além disto, uma frequência cada vez maior, acresce as receitas, ajuda a justificar os encargos, estimula os donativos e os mecenas e, porque não, os políticos.

⁴⁸ Arpin, Roland, Culture e Marketing, les idées en marche, n° 17, 1990.

Conclusões

O extinto Museu Roque Gameiro, em Minde, inaugurado em 1970, começou por ser uma instituição que preservou uma colecção de obras de pintura, reconhecidas pela sua importância no Património Cultural.

Cedo, encerrou as suas portas. As razões do seu encerramento são várias, mas a elas não é indiferente a acérrima discussão em torno da função social dos museus, durante todo o séc. XX, em alguns países e regiões do mundo, muito menos industrializados que os países ocidentais. Em 1972, a Declaração de Santiago, saída da Mesa Redonda de Santiago do Chile é considerada um passo decisivo no processo de transformação da Museologia.

Chegados ao fim deste trabalho sobre a passagem do Museu Roque Gameiro para o Museu de Aguarela Roque Gameiro integrado no Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, como um dos seus vários pólos, importa salientar que houve um empenhamento em acções de reabilitação de auto-estimas locais de maneira a reforçar a função social do Museu indissociável da história de Minde, nos seus aspectos naturais, sociais e económicos.

Quando no capítulo I, se abordam as condições naturais do lugar que é Minde, ao serem consideradas as relações da população com o ambiente em que vive, afastou-se a ideia de um determinismo simples e teve-se em conta que este ambiente é, já em parte, o resultado de transformações feitas pelas populações, ao longo de uma ocupação permanente e contínua do lugar. Como dizia Vidal de la Blache «tudo o que toca com o homem está marcado pela contingência»⁴⁹. Porque os seres humanos intervêm com inteligência, com espírito criativo e com vontade, nas suas obras põem sempre algo de seu, que se estabelece nas relações com o ambiente.

A configuração física do espaço onde se inclui, a situação geográfica, o relevo, o clima, os solos, a vegetação e, sobre ela, a acção dos grupos humanos, foi objecto de intervenções mais ou menos profundas, que hoje surgem como obra humana. Porém, a paisagem é como um rosto humano que reflecte no seu aspecto a qualidade dos seus sentimentos.

Na segunda parte deste capítulo, inteiramente dedicada a ARG, salientaram-se os ambientes em que viveu e que tanto marcaram a sua obra.

⁴⁹ Vidal de la Blache, in obra citada.

Deste meio austero, profundamente terrunho, manifestamente influenciado pelo local onde nasceu e viveu a sua infância, A. Roque Gameiro tem, nas suas manifestações artísticas, este cunho ambiental.

«Eu descubro sempre, mas sempre, novos motivos de interesse nestas paisagens de todos os dias, que se me apresentam com beleza diferente, em cada dia que as observo. Pode crer que eu, até nas areias do deserto, consigo descobrir grandes motivos de beleza. É que os meus olhos penetram na alma, na intimidade das coisas...».⁵⁰

Cedo rumou a Lisboa onde fez um percurso escolar bastante diversificado. Conjugou os estudos com a actividade profissional de litógrafo e ilustrador, antes de enveredar definitivamente pela aguarela.

Na sequência da política de ensino de António Augusto de Aguiar, beneficiou de uma bolsa de estudo fora do país, em Leipzig, onde trabalhou durante três anos.

Como o ambiente em Lisboa, cidade que ele muito amou, o afastava do campo e do mar, procurou uma pequena aldeia da periferia, à altura, ainda distante de Lisboa, para aí se fixar com a família. E foi mais este ambiente, em pleno meio rural, a Venteira, que muito marcou a sua vida de artista.

Deambulou por todo o país à procura de horizontes amplos, de cenas da vida das aldeias, que constituíram para ele, temas inesgotáveis. Como escreveu ainda há bem pouco tempo Maria Lucília Abreu⁵¹: «Linearmente, podemos considerar que a temática preferencial do artista se circunscreve a estes quatro ítems – o campo, o mar, a cidade e a figura humana.» A tendência para a explicação plástica do pormenor, em prejuízo da largueza da síntese, sentia-a como uma limitação que procurava contrariar. Contou-me um dos seus netos que o avô confessou um dia ao seu genro Martins Barata que «via demasiadamente bem» e por isso obrigava-se a si próprio a não prender-se no pormenor.

O mundo em que viveu observou-o como um naturalista atento, interpretando os cambiantes, as realidades complexas, mas não dirigiu como este, o seu espírito no sentido único das rochas, das águas ou das plantas. O mundo em que se moveu é um conjunto complexo da natureza e das obras humanas. A arte de compor, a subtilidade da análise, o colorido das descrições que se encontram nas suas aguarelas reflectem uma procura, uma compreensão meditativa da natureza que este estudioso, profundamente humanista, muito ligado às suas raízes tinha necessidade de valorizar.

No capítulo II inteiramente dedicado ao extinto Museu Roque Gameiro, focam-se as razões que conduziram à sua instalação, em Minde, assim como às do seu encerramento. O

⁵⁰ Roque Gameiro, in *A Voz da Amadora*, s/ data.

⁵¹ Maria Lucília Abreu, *A aguarela na arte portuguesa*, Lisboa, 2008, pág. 195

movimento que esteve na base do lançamento do Museu não foi alicerçado na comunidade, não assentou na reflexão sobre o património cultural de Minde e, por isso, não contribuiu para a valorização patrimonial desse mesmo território.

Menos de dez anos depois da sua inauguração, foi encerrado. As obras expostas apresentavam as alterações desencadeadas, ao longo dos anos, pelos factores exteriores ao Museu, as condições do meio envolvente. No entanto, todas as obras de arte foram acauteladas e colocadas à guarda do Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha. Perderam-se, no entanto, muitas peças de vestuário adquiridas por ARG, que atestavam a autenticidade dos seus trabalhos

No capítulo III dedicado ao Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro e ao Museu de Aguarela, desenvolve-se a sua importância no panorama cultural local e regional.

Num contexto diferente, o Museu de Aguarela surge como o sucedâneo do Museu Roque Gameiro, integrando as suas colecções, mas num enquadramento diferente e como um dos pólos do CAORG. Desde que se reuniram as condições para uma instalação condigna, que uma Comissão Técnica formada por 4 personalidades no domínio da Museologia portuguesa, tem acompanhado a título gracioso todo o processo.

Ligado à cultura, o CAORG não pode ser separado da terra onde se formou e desenvolveu e da vivência cultural da mesma, com a qual se entrelaça. Agente efectivo na formação de cidadãos, agente no aprofundar de solidariedades, no desenvolvimento sócio-económico, está a ser um factor de coesão que vem fixar jovens a Minde.

O trabalho desenvolvido pelo CAORG tem sido cada vez menos entendido como depreciativo e é, hoje, encarado como factor de coesão e uma das maiores riquezas de Minde. Não só neste caso particular, mas o mesmo se passa um pouco por todo o país, fora das grandes cidades, onde as associações têm um papel de grande importância.

As suas actividades são elementos fundamentais no desenvolvimento local, a par das possibilidades de mobilização e ainda pelo entusiasmo que suscitam.

«Nas associações culturais, Portugal possui um tesouro fabuloso. Um tesouro de força e de riqueza: de força, porque as associações são da iniciativa daqueles que as dirigem, são do povo e para o povo, os principais baluartes duma democracia genuína e espontânea; de riqueza, pela variedade de objectivos, de actividades, de experiências e de conhecimento.»⁵²

Aberto a um leque alargado de actividades, a participação dos seus associados tem sido reforçada, identificando-se com a realidade local e reflectindo a identidade de Minde e

⁵² Johan Norbec, 1993, in Portugal Chão, Celta editores, 2003, pág. 250.

dos Mindericos. Tem vindo a constituir-se como um espaço de intervenção cívica e porque é um património humano e social, o concelho e a região terão vantagens em valorizar.

Há, aqui, bem vincada, uma relação de pertença entre um território e uma população onde a mesma se projecta e onde elabora a sua identidade.

Neste meio, que já há muito se despediu das suas características rurais, o sentir e o pulsar da vida da sua população pode ser apreendido, segundo alguns vectores, abordados ao longo deste trabalho.

São também as construções que, em casos isolados, muitas vezes se destacam; é o caso da Casa dos Açores que se destaca como núcleo do projecto museológico que contempla a própria interpretação do espaço onde está edificada. A sua arquitectura também se encontra associada aos elementos que são a própria expressão do território.

Uma sociedade sedimenta, ao longo do tempo, conhecimentos e práticas inerentes aos seus modos de vida. São transmitidos entre as gerações, vão incorporando novos aperfeiçoamentos e contributos ou vão-se perdendo, quando ultrapassados.

«Será mais importante o património de entendimento, com o que pode transportar de sonho e de inutilidade, que somos capazes de criar, do que o património que ansiosamente procuramos guardar. Os museus podem certamente ter este importante papel de ajudar a desmontar os seus próprios registos de funcionamento e de se constituírem, mais enquanto projecto e acção do que memória. E, assim, também podem ser cada vez mais diferentes uns dos outros, segundo a realidade dos contextos em que se inserem.»⁵³

Ao longo dos últimos vinte anos, precisamente o período de grande pujança no campo da museologia inserçada nas comunidades, foram criados novos modelos museológicos, associados à Nova Museologia. O seu papel renovador, o grande dinamismo e a grande expressividade destes museus devem ser reconhecidos pelo seu contributo na mudança de foco no objecto para o foco na comunidade. É o reflexo do alargamento da noção de património, do grande dinamismo das populações e da variedade da riqueza das suas identidades.

⁵³ Joaquim Pais de Brito, *Objectos com pessoas*, Instituto Português de Museus, 2000.

Bibliografia de referência:

ABREU, Maria Lucília, A aguarela na arte portuguesa; Edição ACD Editores, Lisboa, 2008.

BELL, Judith, Como realizar um projecto de investigação, 1ª edição, Gradiva, Lisboa, 1997.

BLACHE, Vidal de la, Princípios de Geografia Humana, Paris, Edições Cosmos, Lisboa, 1954.

BRAUDEL, Fernand, O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo, vol. 1 e 2, Publicações D. Quixote, 2ª edição, Lisboa, 1995.

CAMACHO, Maria Clara, Frayão, Renovação Museológica – Génese dos Museus Municipais da Área Metropolitana de Lisboa, Lisboa 1940-1990, Tese de Mestrado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1999.

CHAGAS, Mário de Sousa, Novos rumos da Museologia, in Cadernos de Museologia, nº 2, Centro de Estudos de Sociomuseologia, ULHT, Lisboa, 1ª Edição, 1994.

DAVEAU, Suzanne, Portugal Geográfico, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1995.

DINIS, Júlio, As Pupilas do Senhor Reitor, Livraria Civilização, Porto, 1973.

ECO, Humberto, A definição da arte, Edições 70, Lisboa, 1995.

FILIPPE, Maria da Graça Silveira, Ecomuseu do Seixal – construindo um modelo museológico, in Cadernos de Sociomuseologia, nº 8, Centro de Estudos de Sociomuseologia, ULHT, Lisboa, 1999.

FRANÇA, José Augusto, A arte em Portugal no séc. XIX, 2º volume, Bertrand Editora, Lisboa, 1990.

GARMADI, Juliette, Introdução à Sociolinguística, Publicações D. Quixote, 1ª edição, Lisboa, 1983.

GOUVEIA, Henrique Coutinho, “ Acerca do conceito e evolução dos museus regionais portugueses desde finais do séc. XIX ao regime do Estado Novo”, in Bibliotecas, Arquivos e Museus, Lisboa, vol.1, nº1 Jan./Junho, 1985, pág. 147-184.

GUICHEN, Gael de, Climat dans le musée, mesures, fiches technique., ICCROM, 2ª edição, Roma, 1984.

HAUTECOEUR, Louis, Architecture et aménagement des musées, ICOM, Paris, 1993.

MARTONNE, Emanuel de, Géographie Physique de la France, Paris, 1942.

MAYRAND, Pierre, La nouvelle muséologie affirmée, in Museum, nº 148, UNESCO; 1985.

MEDEIROS, Carlos, Alberto e outros, Geografia de Portugal, 1º volume, 1ª edição, Lisboa, 2005.

MEDEIROS, Carlos Laranjo (coord.^a), Bibl. das Monografias locais I, Ministério da Educação, Lisboa, 1990.

MONTANER, Josep, Maria, Museus para o século XXI, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2003.

MOREIRA, Fernando João, O processo de criação de um Museu local, Lisboa, 1999.

MOUTINHO, Mário, A Arquitectura popular portuguesa, Editorial Estampa e Imprensa Universitária, Lisboa, 1979.

MOUTINHO, Mário, Museus e Sociedade, Monte redondo: Museu etnológico, in Cadernos do Património, nº 5, 1989.

MOUTINHO, Mário, Olhar para dentro/Olhar para fora ou os limites da Museografia; ULHT, documento fotocopiado do curso de Especialização e Pós-graduação em Museologia Social, 1993/94.

MOUTINHO, Mário, A construção do objecto museológico, Edições universitárias Lusófonas, Lisboa, 1994.

NABAIS, António, Le Musée Municipal du Seixal: un écomusée de développement, in Museam, UNESCO, nº 142, Paris, 1994.

NASCIMENTO, Rosana, A historicidade do objecto museológico, in Cadernos de Museologia, Centro de Estudos de Sociomuseologia, nº 3, ULHT, Lisboa, 1994.

PAMPLONA, Fernando de, Dicionário de pintores e escultores portugueses que trabalharam em Portugal, Livraria Civilização Editora, 2ª edição, Barcelos, 1988.

PELLETIER, J., e DELFONTE, Ch., Villes et Urbanisme dans le monde, Masson, Paris, 1989.

PESSOA, Fernando, O património Paisagístico como base para o Desenvolvimento local, comunicação apresentada nas XV jornadas sobre a Função Social do Museu, Santiago do Cacém, 2003.

QUENEAU, Raymond, Exercícios de estilos, Colecção Voz de Babel, Edições Colibri, Lisboa, 2000.

QUINTINO, José Luís, LINO, Raul, Editorial Blau, Lisboa, 2003.

REIS, Miguel Coelho dos, A Piação dos Charales do Ninhou, documento dactilografado não publicado, Santarém, 1970.

RIBEIRO, Orlando, Iniciação em Geografia Humana, Edições João Sá da Costa, 1ª edição, Lisboa, 1986.

RIBEIRO, Orlando, Introdução ao estudo da Geografia Regional, edições João Sá da Costa, 1ª edição, Lisboa, 1987.

RIBEIRO, Orlando, Mediterrâneo, ambiente e tradição, FCG, 1ª edição, Lisboa, 1968.

RIBEIRO, Orlando, Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, Livraria Sá da Costa Editora, 4ª edição, Lisboa, 1986.

RIVIÈRE, G.H., Musée et Société aujourd'hui, in La Muséologie selon Georges Henri Rivière, Dunod, Paris, 1988.

SCHIELE, Bernard, Faire voir faire savoir, Musée de la Civilisation, Québec, 1989.

SIMARD, Cyril, Économuséologie – comment rentabiliser une entreprise culturelle, Centre Educatif et Culturel, INC, 1989.

VARINE, Hugues de, La participation de la population, Comunicação nas III jornadas sobre a Função Social do Museu, MINOM, Monte redondo, 1991.

VIEIRA, Afonso Lopes e GAMEIRO, Alfredo Roque, Lisboa Velha, Imprensa do Anuário Comercial, Lisboa, 1925.

Bibliografia citada:

ABREU, Maria Lucília, Roque Gameiro o homem e a obra, Edição ACD Editores, Lisboa, 2005.

APOM / ICOM, Documento preparatório para uma lei de bases do sistema museológico português, Lisboa, 1995, doc. Policopiado.

BARATA, José Pedro, R. G., Martins, A vida de Roque Gameiro, Manuscrito não publicado, Lisboa, 2002.

BRITO, Joaquim, Pais de, Objectos com pessoas, Instituto Português de Museus, 2000.

CARTAS e outros documentos manuscritos que fazem parte do espólio do CAORG.

CASA Roque Gameiro, Damas e Varões ilustres da Amadora, Exposição de caricaturas de Raquel Roque Gameiro, Amadora, 2000.

CASANOVAS, Luís, Apontamentos policopiados, 2004.

CENTRO de Artes e Ofícios Roque Gameiro, A Piação dos Charales do Ninhou, 1ª edição, Minde, 1993.

CENTRO de Artes e Ofícios Roque Gameiro, A Piação dos Charales do Ninhou, 2ª edição, Minde, 2004.

DECLARAÇÃO de Santiago do Chile, ICOM, 1972.

DECLARAÇÃO de Caracas, ICOM, 1992.

DUARTE, Ana, Apontamentos manuscritos, Lisboa, 1997.

FERREIRA, Vera, A Língua Minderica, Apontamentos policopiados, 2009.

GAMEIRO, M. Alzira Roque, A Conservação Preventiva – importância do trabalho interdisciplinar, Comunicação apresentada no II Encontro de Museus Locais, Riachos, 1999.

IGREJA Paroquial de Minde, brochura das festas da Padroeira da Vila de Minde, 1982.

IPM, Estrutura de projecto Rede Portuguesa de Museus, Doc. Programático, Lisboa, 2000.

JORNAL de Minde, nº 185 (Outubro de 1970); nº 288 (Fevereiro de 1980); nº 289 Março de 1980); nº 297 (Dezembro de 1980); nº 327 (Novembro de 1983); nº 328 (Dezembro de 1983); nº 329 (Janeiro de 1984); nº 338 (Novembro de 1984); nº 342 (Março de 1985); nº 345 (Junho de 1985); nº 346 (Julho de 1985); nº 356 (Julho de 1986).

JORNAL “O Mensageiro”, Abril, 1964.

JULIEN, Claude, Culture: de la fascination au mépris, Conférence prononcée en 1988, au Musée de la Civilization, Québec.

MAGALHÃES, Fernando Perfeito de, A Habitação, Livraria Bertrand, Lisboa, 1938.

MANTERO, Ana e outros, A Casa Roque Gameiro da Amadora, Câmara Municipal da Amadora, Amadora, 2000.

MARTINS, Abílio e NOGUEIRA, Agostinho, Minde, História e Monografia, Jornal de Minde, 2002.

MARTINS, Alfredo, Fernandes, O Maciço Calcário Estremenho, 1ª edição, Coimbra, 1949.

MARTINS, Francisco, Aguarelas mindericas, Gráfica Almondina, Torres Novas, 1977.

MARTINS, João, Antiguidades de Minde (Chancelaria de D. Afonso VI, Livro 38, fls 371; Chancelaria de D. José I, Livro 68, fls 9 e 9 vº), Vol. II, Odivelas, 1989.

MATOS, Alfredo de , Roque Gameiro, in Jornal “O Mensageiro”, Abril de 1964.

MOREIRA, Adriano, A espuma do tempo – memórias do tempo de vésperas, Almedina, 1ª edição, Coimbra, 2009.

MUSEU Roque Gameiro, Edição dos Amigos do Museu Roque Gameiro, Minde, 1970.

PEREIRA, Fernando, António, Baptista, Apontamentos policopiados, 2004.

PORTELA, José e CALDAS; João Castro, Portugal Chão, Celta editora, 1ª edição, Oeiras, 2003.

PRIMO, Judite, Santos, Pensar contemporaneamente a Museologia, in Cadernos de Sociomuseologia, nº 5, Centro de Estudos de Sociomuseologia, ULHT, Lisboa, 1996.

PRIMO, Judite, Santos, A importância dos Museus locais em Portugal, 2000.

QUADRO Comunitário de Apoio III, 2000-2006.

ROLAND, Arpin, Culture et Marketing, les idées en marche, nº 17, 1990.

SILVA, Raquel Henriques da, “Apresentação”, in IPM / OAC, Inquérito aos Museus em Portugal. Ministério da Cultura, Lisboa, 2000.

SILVEIRA, Anabela, As tecedeiras de Minde – memórias com futuro, Comunicação apresentada em Portugal memória em rede - II Congresso de História Oral, Arcos de Valdevez, 2007.

THOMSON, Garry, Museum environment, London, 1974.

Índice Remissivo

A

A Morgadinha dos Canaviais, 64
Abel Manta, 75, 76, 79
Abilio Martins, 44
Alberto de Sousa, 62
Álbum de Costumes Portugueses, 64
Alexandre O'Neill, 111
Alfredo de Matos, 49, 50
Alfredo Fernandes Martins, 22, 25
Alfredo Morais, 76
Alfredo Roque Gameiro, 4, 6, 8, 14, 15, 19, 46, 48, 51, 72, 75, 76, 96, XCVIII, CII
Amadora,, 49, 56, 60, 4, 11
Ana Duarte, 1
Ana Mantero, 56, 57
Anabela Silveira, 42, 148
Antonieta Roque Gameiro, 104
António Carvalho da Costa, 31
António de Jesus e Silva, 34
António Machado, 99
António Nabais, 131
ARG, 8, 17, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 75, 79, 80, 81, 90, 98, 104, 125, 128, 136, 137, 3, 5, XXVI, XXVII, XXIX
Arpin, Roland, 2
Arq. Martins Barata, 91, 92, 118, 119, 132
As Pupilas do Senhor Reitor, 64, 75, 79, 105, 7
Atelier de Dança, 96, 109, 113, 114, 118, 146, 148, 149
Atelier de Desenho e Pintura, 96, 104, 114, 146, 149
Atelier de Tecelagem, 90, 105, 113, 114, 117, 146, 147, 148, 149
Azeredo Perdigão, 85

B

Baptista Pereira, 0, 1, 4, 131, 132, 135, 144, 145
Barata Feio, 77
Berque, 19

C

Câmara Municipal de Alcanena, 8, 113, 130, 132, XCVIII
CAORG, 6, 8, 18, 34, 38, 41, 42, 43, 47, 49, 55, 56, 59, 64, 66, 67, 72, 81, 84, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 1, 2, 5, 11, XCVIII, XCIX, C, CI, CII
Carlos Alberto Medeiros, 24
Carmina Cavaco, 48
Casa do Cipreste, 129

Casa dos Açores, 13, 84, 85, 113, 114, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 136, 140, 145, 146, 147, 6, LXXXIII, XCVIII, XCIX
Casa Roque Gameiro, 60
Casa-Museu Roque Gameiro, 75
Casanova, 54, XXIX
Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, 0, 4, 6, 8, 14, 15, 16, 18, 49, 87, 88, 96, 114, 119, 5, LXXVIII, XCVIII

Ch

Charales, 3, 15, 34, 109, 9, 11

C

Clarimundo Víctor Emílio, 121
Coleção do Museu de Aguarela Roque Gameiro, 57
Companhia Nacional Editora, 48, 50, 55, 62
Conservatório de Música, 96, 99, 101, 102, 109, 113, 114, 139, 146
Coro Polofónico, 116
Costa de Minde, 24
Cyril Simard, 106

D

D. Carlos, 65, 66
D. Carlos I, 66
D. João V, 39
D. José I, 40, 94
D. José I., 40
Daveau, Suzanne,, 7
David Corrazi, 55
De Martonne, 27
Delfim Guimarães, 59

E

E. Lavissee, 31
Eça de Queiroz, 62, 87
Escola António Arroyo, 55
Escola de Artes e Ofícios de Leipzig, 53

F

Família RG, 65, 76, 78, 84, 85, 86, 92
FCG, 145
Fernando Pessoa, 131, 132
Francisco Martins, 65
Francisco Valença, 76, XXX
Frei Caetano de Almeida, 39
Fundação Calouste Gulbenkian, 8, 75

G

Garry Thomson, 84
Guida Roque Gameiro Ottolini, 76

H

Hebe Gomes, 76
Henri Rivière, 82, 10
Henrique Lopes de Mendonça, 64, 128
História da Colonização do Brasil, 64
História da Colonização Portuguesa, 67
História das Touradas, 64
Hugues de Varine, 89

I

ICOM, 8, 82, 96, 148, 8, 11
Isabel Manta, 104

J

Jaime Martins Barata, 57, 59, 60, 76
João Abel Manta, 104
Joaquim Pais de Brito, 6
Johan Norbec, 5
Jornal de Minde, 86, 12
José Leitão de Barros, 59, 76
José Pedro R G Martins Barata, 57
José Pedro Roque Gameiro Martins Barata, 4, 73, 92
José Tagarro, 76
Júlio Dinis, 63, 79, 105
Junta de Freguesia de Minde, 90
Justino Guedes, 52, 76, 79, 84, 121, 130, XCIX

K

Karst, 37
Kiki Lima, 104

L

Lavisse, 31
Lei do Mecenato Cultural, 147
Leipzig, 53, 54, 62, 4
Leiria, 21
Leitão de Barros, 59, 76
Lisboa Velha, 51, 61, 64, 10
Litografia Guedes, 53, 55
Luís Casanovas, 82, 131, 132
Luís Gonçalves, 104

M

M. Fernanda Amado, 104
M. Lucília Abreu, 57
Maciço Calcário Estremenho, 8, 14, 22, 25, 26, 12
Malhoa, 66, 145, IX
Mamia,, 57
Manuel de Macedo, 76
Manuel Migança, 59
Manuel Roque Gameiro, 42, 47, 73, 76, 78
MARG, 8, 25, 26, 29, 36, 105
MARG), 25, 26, 36, 105
Maria Lucília Abreu, 4

Mariano Pina, 53
Mário Chagas, 2, 92
Mário Moutinho, 4, 69, 131
Mário Soares, 88
Martins Barata, 49
Mata, 22
MCE, 22, 23, 24, 30, 32, 33, 37, 44
Mestre Roque Gameiro, 76
Migança, 7, 46, 47, 59, 110
Miguel Coelho dos Reis, 33, 109
Milly Possoz, 57
Minde, 3, 4, 6, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 55, 63, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 112, 113, 117, 119, 121, 122, 130, 131, 132, 135, 136, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 1, 3, 4, 5, 11, 12, 13, IX, XIII, LXIV, XCVIII, XCIX, CII
Moreira, Fernando João, 97
Morgadinha dos Canaviais, 64
Musée de la Civilization, 2, 10, 12
Museu da Cidade de Lisboa), 61
Museu de Aguarela, 15, 16, 18, 49, 51, 57, 63, 64, 75, 87, 96, 113, 114, 119, 120, 141, 142, 145, 146, 149, 2, 5, XIII
Museu de Aguarela Roque Gameiro, 15
Museu de José Malhoa, 18, 85, 145, 5
Museu Roque Gameiro, 0, 8, 14, 69, 72, 73, 83, 89, 93, 95, 96, 97, 113, 121, 130, 131, 132, 147, 13, XLIV, XCVIII

N

Novalis, 120

O

O Mensageiro, 50, 12
O Portomosense, 34
Orlando Ribeiro, 14, 27, 29, 30

P

Piação, 3, 34, 109, 9, 11
Pierre Gourou, 20
Primo, Judite, 97
Programa Operacional de Cultura, 133

Q

Quadro Comunitário de Apoio, 8, 133, 134
Quadros da História de Portugal, 64
Quirino da Fonseca., 64

R

Rafael Bordalo Pinheiro, 58, 76
Rainha Senhora D. Amélia, 77
Raquel Roque Gameiro, 38, 60, 76, 78, 11
Raul Lino, 6, 58, 62, 122, 125, 128, 129
Rómulo de Carvalho, 2
Roque Gameiro, 0, 4, 6, 8, 15, 17, 38, 42, 46, 50, 51, 57, 58, 60, 63, 66, 70, 71, 73, 75, 76, 79, 84, 85, 87, 92,

95, 103, 113, 114, 120, 121, 130, 136, 141, 148, 149,
3, 4, 5, 11, 12, 13, LXIV, LXXIX, XCVIII
Rosana do Nascimento, 78
Rui Gonçalves, 36, 73, 130
Rui Ottolini, 104
Rui Palma Carlos, 104
Rui Roque Gameiro, 76

S

Santarém, 21
Saul Roque Gameiro, 104
Saúl Roque Gameiro, 36
serra d'Aire, 38
Silva Porto, 66
Silveira, Anabela, 13
Sociedade Musical Mindense, 95, 113, 118, 119, 1
Sociedade Nacional de Belas Artes, 68

Suzanne Daveau, 22, 30, 33

T

Torres Novas, 21, 33, 148
Tratado de Methween, 39

V

Veloso Salgado, 66
Venteira, 58, 4
Vera Bordalo Pinheiro, 76
Vidal de la Blache, 3

W

Waldísia Russio, 70

Apêndice

Apêndice I – Artigos de opinião, sobre o Museu Roque Gameiro, publicados no Jornal de Minde, no período 1980-86

Desde a notícia publicada em Dezembro de 1979 – “ por resolução dos Amigos do Museu, da Família Roque Gameiro e da Junta de Freguesia de Minde, foi determinado o encerramento temporário do Museu.» até à constituição de uma comissão provisória que retomou este assunto, o Jornal de Minde não deixou morrer na memória dos Mindericos o tema – o Museu.

Alguns artigos mais desenvolvidos, outros menos, todos manifestaram uma preocupação pelo futuro do Museu, em relação às instalações, em relação à sensibilização dos mais jovens ou mesmo pensando no desenvolvimento do Turismo em Minde e no Concelho.

- Fevereiro de 1980

« ... Sobre o assunto, o Grupo dos Amigos do museu voltou a reunir-se com a nova Junta de Freguesia, estando também presente o Sr. Vereador Luís Silva. Notou-se em todos o desejo de envidar os maiores esforços no sentido de dotar o Museu Roque Gameiro de instalações que estejam à altura do Pintor e da sua Obra, de forma a honrar-se dignamente a sua memória. Nesse sentido vão fazer-se diligências».

-Março de 1980

« ... está, no entanto, o Museu instalado numa casa sem condições e, para se conseguir o realce de tão valioso recheio, onde se encontram também outros valiosos objectos, para além de teares e outros dados históricos da indústria de Minde. Por isso, torna-se indispensável adquirir uma casa condigna e compatível com o valor artístico do Museu Roque Gameiro, junto do qual pudesse der criado: um Jardim Público, uma Casa de Cultura, uma Biblioteca, Artesanato. Por isso, sou do parecer que tudo se deveria fazer, para se adquirir à Família Clarimundo a Casa dos Açores, que, pelas suas características e condições, possibilitaria perpetuar a memória de um Homem ilustre de Minde e do nosso Concelho. Proponho, por isso, que:

1º - Nunca seja autorizada qualquer alteração à estética da Casa e ao seu torreão;

2º - Que se autorize o Sr. Presidente da Câmara, o Vereador do pelouro do Turismo, o Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Minde e um representante dos Amigos do Museu a contactarem a Família Clarimundo para que, não por uma questão da necessidade de vender, mas para poder perpetuar a memória do Ilustre Minderico, se dignassem ceder a sua casa

de Minde, a Casa dos Açores, para o fim em vista, em condições financeiras favoráveis e a acordar.

3º - Isso permitiria modificar o aspecto circundante da casa onde se encontra instalado um razoável largo público com coreto e possibilitaria a realização de concertos dominicais pela Sociedade Musical Mindense e outras, que feita a devida propaganda e criada uma certa formalidade desses concertos, faria atrair a Minde e ao seu Museu, grande quantidade de turistas.

4º - Certamente que este Museu seria ainda regularmente visitado por intelectuais e estudantes.

Acrescento a todas estas ideias a necessidade de entregar o seu desenvolvimento e de outras ideias a técnicos devidamente especializados na matéria».

- Dezembro de 1980

« ... Sabem os nossos leitores que o Museu foi provisoriamente encerrado (...). Fizeram-se diligências para se conseguir outro edifício e nesse sentido o Sr. Presidente Da Câmara acompanhou até Lisboa a Liga dos Amigos do Museu para tentar uma negociação junto dos proprietários da Casa dos Açores. Até ao momento, essas negociações não se concretizaram. Entretanto, A Câmara tinha votado a verba de 1500 contos no orçamento de 1980 para o início da resolução do problema. Mas o espantoso aconteceu agora: no orçamento para o ano de 1981 a Câmara não inclui a verba que anteriormente tinha votado e omite completamente o propósito que tinha formulado. O assunto é demasiado grave pelo que o Sr. Vereador Luís Silva elaborou um comentário no passado dia 16 de Dezembro que apresentou à Câmara com o pedido de ser exarado em acta. Pensamos que tudo está ainda a tempo de se recompor, pois que fica bem a toda a gente emendar os erros, mormente quando eles não passam de meros propósitos.

É certo que se ouvem de vez em quando umas bocas sobre o lugar onde deveria ficar o Museu. (...) . Tudo o que a edilidade possa fazer para honrar a sua memória é, além de um acto de justiça, uma obrigação para com a geração actual e para com os nossos vindouros.

O assunto precisa de ser resolvido e nisso há uma certa urgência. A situação actual só se justifica se for transitória e por pouco tempo. Se ela não for resolvida como merece, é natural que o povo venha um dia a pedir responsabilidades.

Haja quem as assuma.

- Novembro de 1983

« ... Eu ainda sou um dos que acredita que esse Museu, essa preciosidade, ainda reviverá, porque os homens de Minde assim o desejam.

Faço daqui o meu apelo a todos, sem excepção e de uma maneira especial aos jovens da nossa Terra: para ti jovem, apelo, podes ajudar a renascer a aurora desejada.

Aos distintos elementos da Junta de Freguesia, afinal a sua proprietária, solicito que nas colunas deste Jornal se dignem abrir uma inscrição com o fim de angariar fundos para um edifício próprio que venha a albergar o Museu Roque Gameiro e que nela me inscrevam com a dádiva de 500 mil escudos. (...) Porque naturalmente o edifício impõe traça adequada, proponho que sejam feitas diligências no sentido de que o mesmo seja da autoria do Sr. Arq. JP Roque Gameiro Martins Barata».

- Dezembro de 1983

Respondendo ao apelo feito, um grupo de jovens dá o seu incondicional apoio.

Propõe inicialmente o “Núcleo Juvenil de Apoio à reabertura do Museu Roque Gameiro, o seguinte:

- sensibilizar o povo de Minde no sentido de aderir à iniciativa tomada;
- sensibilizar as entidades oficiais competentes e também os organismos de índole cultural, e não só, que porventura possam, de algum modo, contribuir para que este projecto possa tornar-se uma realidade.

Se te sentes com vontade de valorizar a tua Terra, participa».

- Janeiro de 1984

O Museu ... uma vez mais

(...) Com a irreverência que é apanágio da juventude e sem querer magoar sensibilidades, diremos até que exigimos muito mais de quem outrora foi pioneiro de uma iniciativa tão louvável. Receberam-se já as manifestações de apoio e entusiasmo das filhas do Artista, da Junta de Freguesia de Minde e de alguns elementos da Liga dos Amigos do Museu. (...).

Os objectivos a que nos propusemos mantêm-se intactos, até porque os apoios já garantidos obrigam a um acelerar dos esforços iniciados.

Instalações para o Museu

(...) Creio que chegou a altura de darmos uma solução a esse problema que diz respeito não só aos mindericos mas a todos aqueles que têm sensibilidade e apego às coisas culturais. Gostaria de recordar que um museu não é, como alguns poderão pensar, um armazém de coisas velhas. Essa concepção está completamente ultrapassada. Um museu hoje em dia é um espaço criador de cultura. É o verdadeiro motor cultural de uma terra. (...).

Por tudo isto é altamente louvável o esforço que alguns estão a despender no sentido de se conseguir um espaço onde as pessoas possam apreciar o contributo dado ao longo dos tempos por sucessivas gerações que criaram beleza ou ajudaram a preservar os nossos valores, as nossas tradições, enfim ... o nosso património cultural. São essas as nossas raízes, sendo, por isso, necessário dirigir todas as nossas energias na defesa do que é a essência de nós próprios».

- Novembro de 1984

«Tema querido e delicado este do Museu! Creio que ninguém concebe em Minde que esta ideia, esta Instituição, este Valor – morra, acabe, desapareça! No dia em que isso acontecesse, em que isso se soubesse e verificasse – seria, creio bem, um alarido, um estado de revolta, um gritar de culpas, de acusações mútuas, de protestos. Seria o despertar de sentimentos adormecidos! Por estranho que pareça e a contra-gosto vos digo – talvez fosse bom! Era o acordar das consciências pela força da acção violenta. (...)

Temos que saber criar uma mística pelo Museu – se não o queremos ver morrer mesmo, morrer de todo! Unamo-nos todos! Novos e Velhos, apaixonados, sim e desapaixonados também. Todos! Vamos a reunir, a ajustar as nossas ideias! Construir pelo pensamento o sonho para com os braços fazer a realidade! É preciso acreditar!»

- Janeiro de 1985

A ideia do nosso Museu não está morta. Muitos são os que maifestam não se conformarem com o seu encerramento e transferência para outro local de parte do seu espólio e alguns são os que, para além de não se conformarem, passam à acção e tentam reacender a chama – que foi fogueira, mas que esmoreceu aos poucos».

Vamos a ver ...

... Se não bradámos no deserto! Se não sonhámos de olhos abertos!

As boas palavras de uns, o silêncio calculista de outros, o olhar aprovador e simpático de uns quantos e o enternecedor cartão de aplauso da Sra. D. Mamia Roque Gameiro Martins Barata, o entusiasmo de alguns jovens e a esperada indiferença de certos tradicionais indiferentes, levou-nos a voltar ao assunto. (...).

Este recado é dirigido aos jovens universitários desta Terra – já licenciados ou não! Mas, para mim todos jovens. (...), hoje doutores em leis, em medicina, em ciências humanas, em história, em matemáticas, em engenharia, em teologia, em geologia, em geografia, etc. Como sabem, não basta na vida ter um canudo, por mais valioso, justo e meritório que ele seja, é essencial dar-lhe uma vida própria. Uma vida para fazer vida e viver para dar vivência – às coisas e às pessoas!

Temos que dizer não à passividade e ao imobilismo, à indiferença perante o social e o humano; no Mundo da criatividade há largo espaço para tudo e para todos! (...). Cá fico à espera! Vamos a ver ...»

- Fevereiro de 1985

(...) A parte etnográfica do Museu ficou armazenada numas péssimas arrecadações e torna-se necessário recuperá-la, dando condições satisfatórias a quem deseje tomar conhecimento da história de Minde num dos seus aspectos mais curiosos: a evolução da manta ou a origem da actual indústria mindérica. (...).

Por tudo isto, é urgente promover a reinstalação do Museu Roque Gameiro, antes que outras forças venham a conquistar uma posição, que é um direito, tomada em tempo pela vontade popular e que a autarquia local tem o dever de defender».

- Março de 1985

Então ... quem quer ajudar?

Abordámos o assunto da urgente restauração do Museu Roque Gameiro, dando-lhe as condições que merece e que toda a gente aprova. Mas, na realidade pouco se nota de concreto, não se passando dumas considerações platónicas, mais ou menos sentimentalistas. Até porque parecia mal se se não estivesse de acordo (...).

Abril de 1985

Na sede da Junta de Freguesia voltaram a reunir-se os elementos que se propõem apoiar a Junta na tarefa de conseguir novas instalações para o Museu Roque Gameiro.

«Foram apresentadas várias sugestões, algumas muito sedutoras, mas consideradas impossíveis, pelo menos a curto prazo. Uma das hipóteses que nos parece mais prática e viável, vai ser apresentada a técnico responsável para que se possa pronunciar sobre a sua viabilidade.

Entretanto, foram feitos contactos com a Família Roque Gameiro e com a Fundação Calouste Gulbenkian, encontrando-se a maior abertura e simpatia para a realização de uma obra que já tarda a concretizar-se».

- Junho de 1985

« Cumprindo as deliberações tomadas, foram feitas abordagens em diversos sentidos, tendo-se obtido os seguintes resultados:

-Dirigimo-nos à FCG, na pessoa do seu ilustre Presidente, que nos dispensou uma carinhosa e esperançosa resposta.

-Do Ministério da Cultura a quem havíamos endereçado um ofício, recebemos instruções para comunicarmos com o IPPC o qual depois de abordado, nos anunciou que em breve seríamos visitados por uma equipa técnica.

Estamos a provocar que essa visita coincida com a presença de familiares do Mestre, de formação técnica, no sentido de se avançar em melhor consonância de pontos de vista».

- Julho de 1985

« No passado dia 2 de Julho, no cumprimento de quanto fora anunciado, acolhemos a visita do Sr. Dr. António Nabais, do IPPC a quem, com algum desenvolvimento, se transmitiram as condições precárias em que, de momento, vive o Museu e as perspectivas que se desenham para um futuro mais ou menos próximo. Muito bem escutados e entendidos, aconselhados e preparados de algum modo para a continuidade dos trabalhos, ficámos a aguardar que daquele Instituto e mercê da intervenção do Sr. Dr. António Nabais, nos sejam melhor definidas e concretizadas orientações que habilitem este Grupo a continuar a sua acção».

- Outubro de 1985

« ... Neste ano comemorativo muito nos agradaria poder homenagear Roque Gameiro com o início das obras de um novo edifício para o Museu que em Minde, tem o seu nome. Infelizmente os ventos parecem não estar de feição para levarem por diante as propostas

apresentadas por uns no seguimento de promessas de ajuda de outros. Mas temos esperança de que a nossa vez há-de chegar um dia e então se fará a almejada e condigna reinstalação do novo Museu».

- Junho de 1986

Por um Museu novo e vivo

« ... Em face da problemática que envolve a existência do Museu Roque Gameiro, tal como actualmente o podemos entender, decidiu um grupo de indivíduos, composto de elementos predominantemente jovens, meter ombros à difícil tarefa de promover a sua reestruturação para o que se torna indispensável dotá-lo de instalações próprias adequadas às acções que se pretende sejam desenvolvidas no âmbito da Nova Museologia.

É arrojado, sem dúvida, o programa a que esse grupo se propôs, mas o entusiasmo da sua juventude e do seu bairrismo faz-nos crer que, por maiores que sejam as dificuldades, acabarão por ser ultrapassadas para que Minde venha a ser confirmado na posse de um valor cultural que de modo nenhum devemos deixar perder ou usurpar.

Muitos passos foram já dados no sentido de dar concretização às ideias já ventiladas e que, em resumo, visam dotar Minde de um complexo de escolas e sectores culturais a funcionar em volta de um núcleo museológico, vivificando-se reciprocamente. (...). O Sr. Arq. Martins Barata inteirou-se *in locu*, da viabilidade da obra, tendo em conta as propostas apresentadas e o seu enquadramento paisagístico. Trabalhou-se a fundo na planificação das várias acções a desenvolver nomeadamente no que respeita à obtenção de apoios de algumas entidades oficiais e serviços do Estado. (...).

À frente deste movimento encontram-se para além da Junta de Freguesia de Minde os senhores: Dr^a Maria Alzira Roque Gameiro, Dr^a Hélia Simões Acheга, Dr^a M. Clara Fernandes Gameiro, Anabela Fernandes Gameiro, Eng. Vítor Manuel Coelho da Silva, Eng. João Manuel Neto Santos, João Pedro Silva Micaelo, António Lourenço Coelho da Silva, como elementos activos da nova geração, coadjuvados e apoiados pelos Srs Rogério Fernandes Venâncio, Abílio Madeira Martins e Lourenço Coelho Anjos da Silva aos quais se podem e devem juntar todos quantos de boa vontade queiram ajudar a dotar Minde deste importante factor de desenvolvimento».

**Apêndice II – Obras depositadas pelo Museu de Minde, no Museu Malhoa, em 1980
e seu estado de conservação em Junho de 2008**

Obras depositadas pelo Museu de Minde no Museu de José Malhoa, em 1980

Nº - Minde/Malhoa	Natureza	Título	Autor	Dimensões (cm)	Propriedade	Observações (1)	Observações (2)
1/1805	Aquarela	Olánie em flor	ARG	19x26,5	Museu	Oferta: Mamiã	Necessita: moldura nova
2/1806	Aquarela	Nazaré	ARG	27x24	Museu	Oferta: Mamiã	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
3/1806	Desenho	O homem do capote	ARG	46,5x32,5	Museu	Oferta: Família Martins Barata	Necessita: limpeza e pp novo
4/1807	Aquarela	Estudo de modelo	ARG	35x21	Museu	Oferta: Mamiã	Necessita: limpeza, pp e moldura reparados
5/1808	Aquarela	O cruzador	ARG	20x25,5	Museu	Oferta: Vera Mamsteiro Clares	Necessita: pp e moldura novos
6/1809	Desenho	Retrato de ARG	Tigarró	63,5x49	Museu	Oferta: Herdeiros Helena Leitão de Barros	Necessita: limpeza
7/1810	Aquarela	Casa em Minde	ARG	45x24	Museu	Oferta: M. Amélia Serra Belo	Necessita: restauro e reparar a moldura
8/1811	Desenho	Mulher com bilha	Manuel de Macedo	28x19	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: limpeza, pp novo e reparar moldura
9/1812	Óleo	Na casa de Maria Pena	Mamiã	32x32	Museu	Oferta: M. Amélia Serra Belo	Necessita: moldura nova
10/1813	Desenho	Cabeça de rapariga	Guilhermina Otófilo	28x22	Museu	Oferta: autor	Necessita: pp e moldura novos
11/1814	Aquarela	Teat e roca	Raquel	24x18,5	Museu	Oferta: autor	Necessita: pp novo (40x35)
12/1815	Aquarela	Ribeira do Porto	Leitão de Barros	33x36	Museu	Oferta: Helena Leitão de Barros	Necessita: pp e moldura novos
13/1816	Aquarela	Estudo de mulher de Ovar	ARG	34x27	Museu	Oferta: Mamiã	Necessita: moldura nova
14/1817	Aquarela	Caricatura	Borbólio Pinheiro	77x33	Museu	Oferta: M. Amélia Serra Belo	Necessita: restauro e pp novo
15/1818	Desenho	No atelier	Mamiã	25x21	Museu	Oferta: autor	Necessita: moldura nova
16/1819	Desenho	Figura de mulher	ARG	41x29	Museu	Oferta: família ARG	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
17/1820	Aquarela	Barcos em Vila Franca	ARG	18x25	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: limpeza, pp e moldura novos

Nº Minde/Malhoa	Natureza	Título	Autor	Dimensões (cm)	Propriedade	Observações (1)	Observações (2)
18/1821	Aquarela	Tia Teodora Gueles	ARG	24,5x17,5	Museu	Oferta: Família Cardoso	Necessita: pp novo
19/1822	Aquarela	Mulher a rif	Hebe Gomes	23,5x17	Museu	Oferta: autor	Necessita: limpeza e moldura nova
20/1823	Aquarela	Na praia	Raquel	31x19,5	Museu	Oferta: autor	Necessita: pp novo
21/1824	Aquarela	Serra d'Alto	Vera B.P. Monteiro Gomes	26,5x36,5	Museu	Oferta: Mãe	Necessita: pp novo e reparar moldura
22/1825	Aquarela	Estudo de chaille arrigo	ARG	38x21	Museu	Oferta: Mãe	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
23/1826	Aquarela	Depois do tempescado	Raquel	43,5x39	Museu	Oferta: autor	Necessita: pp novo e reparar moldura
24/1827	Aquarela	Arvores	Manuel Miganga	24x29,5	Museu	Oferta: Mãe	Necessita: pp e moldura novos
25/1828	Óleo	Retrato de ARG	Abel Maria	106x79	Museu	Oferta: família ARG	Necessita: eslicar, pp e moldura novos
26/1829	Aquarela	Retrato de ARG	Alfredo Morais	25x15	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
27/1830	Desenho à pena	Caricatura de ARG	Francisco Valença	49,5x32	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
28/1831	Aquarela	Quadradinho de estudo	ARG	11,5x8	Museu	Oferta: Família Martins Barata	Necessita: pp e moldura novos
29/1832	Aquarela	Quadradinho de estudo	ARG	9x13	Museu	Oferta: Família Martins Barata	Necessita: pp e moldura novos
30/1833	Aquarela	Quadradinho de estudo	ARG	11,5x8	Museu	Oferta: Família Martins Barata	Necessita: pp e moldura novos
31/1834	Aquarela	Quadradinho de estudo	ARG	11x13	Museu	Oferta: Família Martins Barata	Necessita: pp e moldura novos
32/1835	Desenho	Desenho para as P. do Sr. Reitor	ARG	26,5x20	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e moldura novos
33/1836	Desenho	Desenho para as P. do Sr. Reitor	ARG	26,5x20	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e moldura novos
34/1837	Desenho	Desenho para as P. do Sr. Reitor	ARG	26,5x20	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e moldura novos
35/1838	Desenho	Desenho para as P. do Sr. Reitor	ARG	26,5x20	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e moldura novos

Nº Minde/Malhoa	Natureza	Título	Autor	Dimensões (cm)	Propriedade	Observações (1)	Observações (2)
36/1839	Desenho	Desenho para as P. do Sr. Redtor	ARG	26,5x20	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e molduras novos
37/1840	Desenho	Desenho para as P. do Sr. Redtor	ARG	26,5x20	Museu	Oferta: família ARG	Necessita: pp e moldura novos
38/1841	Aquarela	Costumes do séc. XVIII	ARG	15x21,5	Museu	Oferta: família ARG	Necessita: pp e moldura novos
39/1842	Aquarela	Costumes do séc. XVIII	ARG	15x22	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e moldura novos
40/1843	Aquarela	Costumes do séc. XVIII	ARG	23x15	Museu	Oferta: família ARG	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
41/1851	Aquarela	Cosmorama	ARG	22,5x14,5	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: moldura nova
42/1852	Aquarela	Mulher de capote e lenço	ARG	22x14,5	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: moldura nova
43/1853	Aquarela	Estudo (tricana)	ARG	37,2x20,5	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e moldura novos
44/1845	Aquarela	Retrato	ARG	34,5x26	Museu	Oferta: Família ARG	Necessita: pp e moldura novos
1D/1789	Aquarela	Berlengo	ARG	26,5x19,5	Herdeiros de Marina	-	Necessita: pp e moldura novos
2D/1760	Aquarela	Almoçagema	ARG	18x22	Herdeiros de H. Leitão de Barros	-	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
3D/1796	Aquarela	Rio de milho	ARG	15,5x19	M. Antônia MB Cabral	-	Necessita: limpeza profunda, pp e moldura novos
4D/1792	Aquarela	Arco da Adraga	ARG	42x60,5	Família ARG	-	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
5D/1793	Aquarela	Rua em Lisboa	ARG	24x16,5	Família ARG	-	Necessita: pp e moldura novos
6D/1794	Aquarela	Gruta na Praia da Ursa	ARG	33x26,5	Família ARG	-	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
7D/1795	Aquarela	Nazaré	ARG	18,5x25	Alfredo Martins Barata	-	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
8D/1796	Aquarela	Mar	ARG	12x18,5	Família ARG	-	Necessita: pp e moldura novos

Nº Minde/Malhou	Natureza	Título	Autor	Dimensões (cm)	Propriedade	Observações (1)	Observações (2)
9D/1797	Aquarela	Pedra de Papoat	ARG	27,5x18,5	J. Pedro Martins Barraza	-	Necessita: pp novo
10D/1798	Aquarela	Cais de embarque	ARG	16,5x23,5	Família ARG	-	Necessita: pp e moldura novos
11D/1799	Aquarela	Gruta na Praia da Urua	ARG	18,5x19	Herdeiros de H. Leitão de Barros	-	Necessita: pp e moldura novos
12D/1800	Aquarela	Avó	ARG	19x27	Família ARG	-	Necessita: limpeza, pp e moldura novos
13D/1801	Aquarela	A moda que passa (estado)	ARG	32x18,5	Herdeiros de H. Leitão de Barros	-	Necessita: moldura nova
14D/1802	Aquarela	Selvas (folha de albam)	ARG	14,5x23,5	Família ARG	-	Necessita: pp novo e reparar moldura
15D/1803	Aquarela	Auto-retrato	ARG	40x29,5	Herdeiros de Raquel	-	Necessita: pp e moldura novos
16D/1848	Aquarela	O homem do barco	ARG	57x43,5	Família Martins Barraza	-	Necessita: tratamento, pp e moldura novos
17D/1804	Aquarela	Minde, árvore	ARG	25x17,5	Herdeiros de Raquel	-	Necessita: tratamento, pp e moldura novos
18D/	Aquarela	Retrato do mãe	ARG	73x53	Família ARG	-	Necessita: limpeza, limpeza de pp e moldura
19D/1738	Aquarela	Estudo para o Vira	ARG	29x26,5	Herdeiros de H. Leitão de Barros	-	Necessita: limpeza, pp novo e tratar moldura

Algumas obras de Roque Gameiro que fazem parte da colecção do Museu de Aguarela

1 – O Mundo rural – a paisagem



Aguarela sobre cartão – “Avô”



Aguarela sobre papel – “Árvores em Minde”

2– O Mundo rural – a habitação

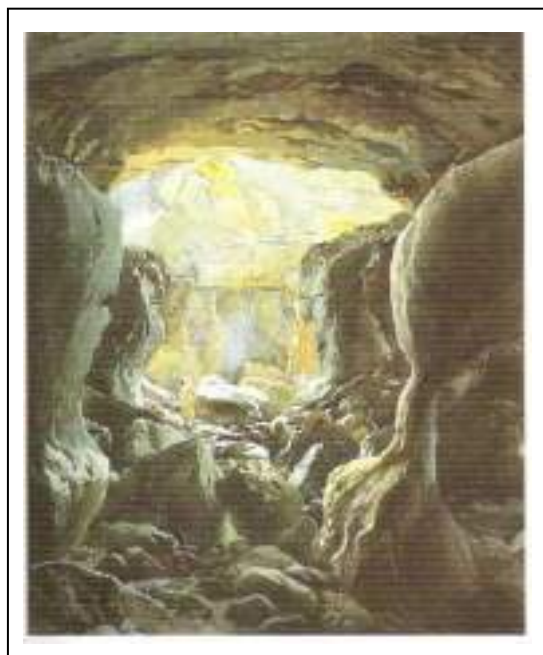
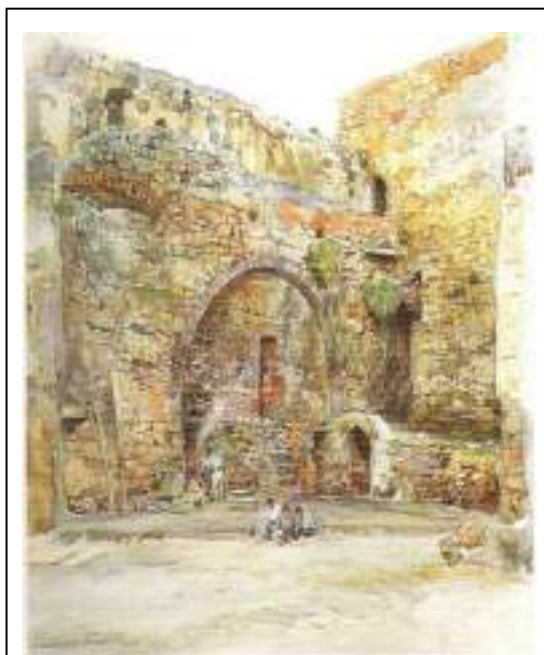


Aguarela sobre papel – “Em Almoçageme”



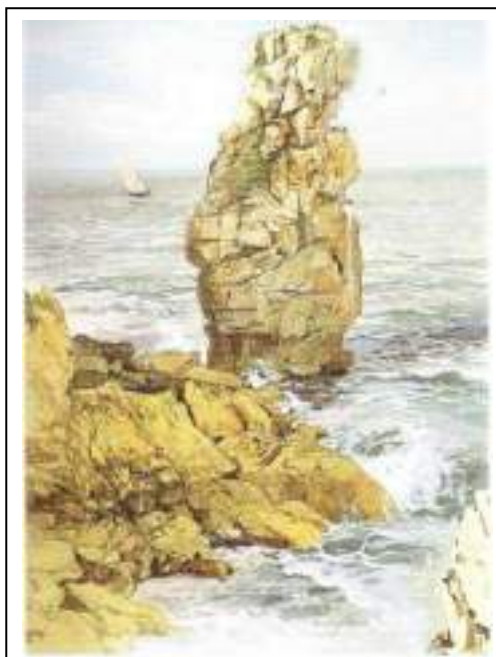
Aguarela sobre papel - “Casa em Minde”

3 – A orla litoral



Aquarela sobre papel -“Int. da fortaleza das Berlengas”

Aquarela sobre cartão -“Grutas na Praia da Ursa”



Aquarela sobre cartão -“ Pedra da Papôa”



Aquarela sobre papel -“Arco da Adraga”



Aquarela sobre cartão –“Nazaré”

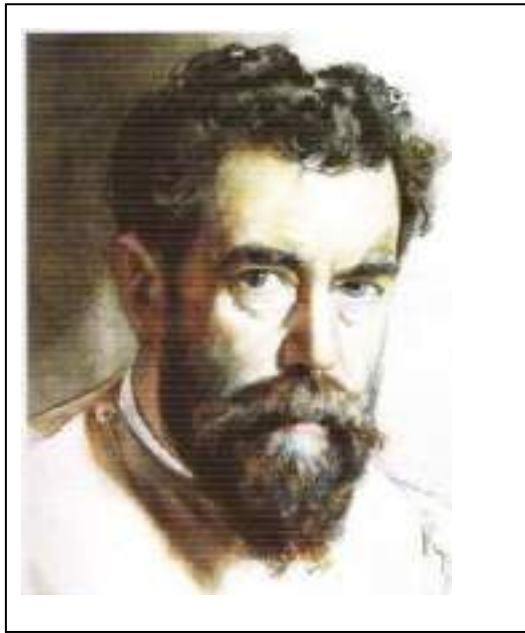


Aquarela sobre cartão – “Nazaré”



Aquarela sobre papel –“ Barcos em Vila Franca”

4 – O retrato a aguarela



Aguarela sobre papel – “Auto-retrato”



Aguarela sobre papel – “Tia Teodora Guedes”

5 – O retrato a grafite



Grafite sobre papel – “O homem do capote”

6 – Gentes e costumes



Aquarela sobre cartão - “Estudo da m. de Ovar”



Aquarela sobre papel - “A moda que passa – estudo”



Aquarela sobre papel - “Tricana”

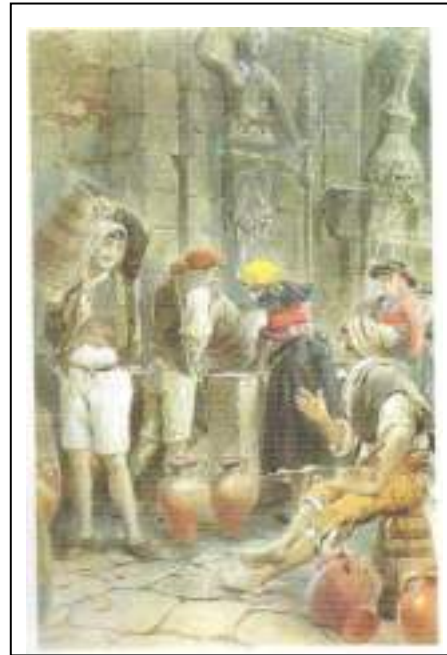


Aquarela sobre papel - “Xaile antigo – estudo”

7 – A ilustração



Aguarela sobre papel – “Uma rua em Lisboa”



Aguarela sobre cartão – “Costumes do séc. XVIII”



Aguarela sobre cartão – “o Cosmorama”



Aguarela sobre cartão – “Mulher de capote e lenço”



Aquarela sobre cartão – “Costumes do séc. XVIII”



Aquarela sobre papel – “Costumes do séc. XVIII”

Algumas obras de familiares e amigos de Roque Gameiro que integram a coleção do Museu de Aguarela



Aguarela sobre papel – “Roque Gameiro” – Alfredo Morais



“ No atelier” – Grafite e colagem sobre papel – Mâmia Roque Gameiro Martins Barata



“Retrato de Roque Gameiro” – óleo de Abel Manta

Apêndice III – Algumas aguarelas para a ilustração das Pupilas do Sr. Reitor de Júlio Dinis

(Colecção FCG, em depósito no Museu de Aguarela Roque Gameiro)

RG revela na ilustração da edição da obra de Júlio Dinis cujo subtítulo é “Crónica de Aldeia”, a grande capacidade que tinha de adequar as imagens ao texto e de compreender inteiramente a mensagem do escritor. Recriou a aldeia idealizada pelo escritor a partir dos ambientes rurais do Minho e do Douro. Aí fez pesquisas para localizar a área onde decorreria a acção do romance de maneira a ilustrar condizente com as descrições que o autor fazia das paisagens. Comprou utensílios e trajes usados na época para melhor os poder descrever. Todo o seu trabalho de ilustrador revela o investigador atento.

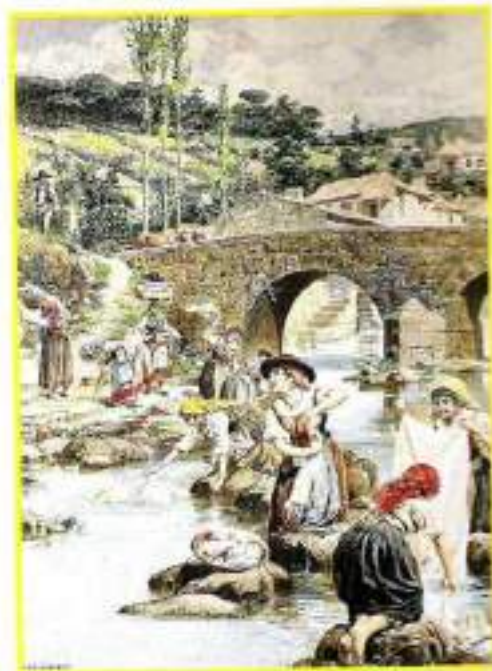
Através das informações familiares, o pintor tomou como modelo a filha Raquel e a sobrinha Hebe Gomes para a representação de Clara e Margarida.

Numa entrevista dada ao Diário de Lisboa, RG contesta a algumas perguntas sobre o local onde decorreu a acção das Pupilas do Sr. Reitor: « ... Convencido de que o fundo do cenário não podia ser Ovar (...), palmilhei, de recanto a recanto, o norte todo. Encontrei em Santo Tirso – onde Júlio Dinis também esteve várias vezes e onde residiu demoradamente, a paisagem que se ajustava, com uma realidade de entusiasmar, às descrições do romance.»



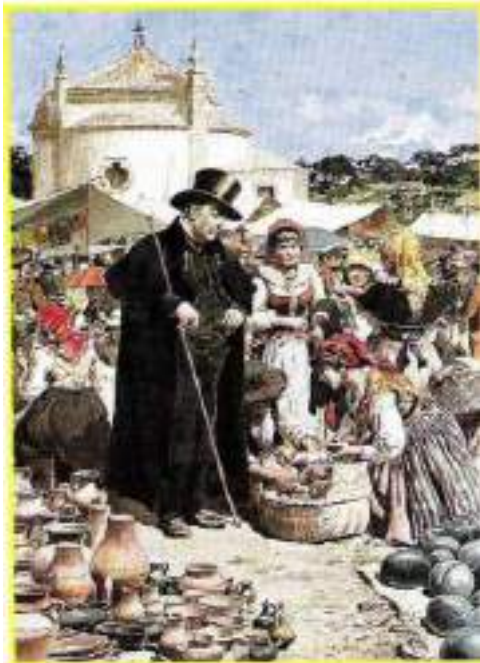
...amizade nunca elle fez factiba

Aguarela e guache sobre cartão
(33,9 cm x 24,8cm)



O rio das águas claras
Que vae correndo p'ro mar

Aguarela e guache sobre cartão
(31cm x 22,7cm)



...ele mexia e remexia nos bolsos do colete...

Aquarela e guache sobre cartão
(34,4cm x 25,6cm)



Clara tomou as mãos da irmã...

Aquarela e guache sobre cartão
(33,9cm x 25cm)



A vizinhança toda affluir curiosa às portas e às janelas para ver o facinoroso novo.

Aquarela e guache sobre cartão
(34,4cm x 25,6cm)



Este cavalheiro era João Semana.

Aquarela e guache sobre cartão
(33,9cm x 25cm)



... até posta d'esse velho
inimigo, que tão bem assado está.

Aquarela e guache sobre cartão
(34,1cm x 24,9cm)



De que se trata? — perguntou Daniel,
voltando-se.

Aquarela e guache sobre cartão
(34cm x 24,8cm)



...segredou à moçinha algumas
arabidades de effeito soltar.

Aquarela e guache sobre cartão
(34cm x 25cm)



A não: Theresa não deixon sair
Daniel sem que elle visse todas
as ultimas de crochêz.

Aquarela e guache sobre cartão
(34,5cm x 26,1cm)



...divertiu-se a atirar biscoitos a um cão, que andava solto pela quinta.

Aquarela e guache sobre cartão
(34,8cm x 25,7cm)



A poeta das duas irmãs estava sempre sentada a caridade.

Aquarela e guache sobre cartão
(34,8cm x 26cm)



a casa, apertou-a ao peito, de marçota a redobrar o esforço, em que se achava já a sapariga.

Aquarela e guache sobre cartão
(34,6cm x 25,9cm)



- Clara! - disse Margarita em voz baixa, puzando pelo vestido da irmã.

Aquarela e guache sobre cartão
(35,1cm x 26cm)



Margalida lê o texto, olhando por cima dos ombros da criança.

Aquarela e guache sobre cartão
(34,6cm x 26cm)



E você, sua rata de sacristia, tem alguma coisa com isso?

Aquarela e guache sobre cartão
(34,6cm x 26cm)

Anexos

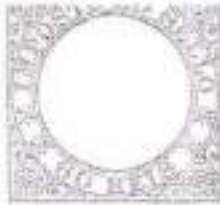
Anexos 1 – Documentos (A, B e C) que atestam a ida de ARG para a Alemanha

Diz Alfredo Roque Garciro da Silva que tendo sido proposto pelo seu mestre e proprietario da Lithographia Guedes, em conformidade da portaria de 15 de Dezembro p.p. para ir praticar ao estrangeiro a Ineparador e conductor de machinas lithographicas, desenho e processos do chromo e oleographia, e tendo juntado a proposta os documentos e provas praticas das suas habilitações

Vem humildemente pedir a V.^{cia} a sua protecção para que o supplicante seja um dos oito operarios que V.^{cia} tem a despachar

E. R. G.

A - ARG pede que lhe seja concedida uma bolsa de estudo.



Agos vinte e quatro dias do mes de Maio
de mil oitocentas oitenta e quatro a' esta Cida
de Lisboa e da casa de São Bento
nos seguintes termos e condições
do Regulamento das Casas de Estudo

Com o abito assignado Alfredo Roque Gameiro
da Silva, Lythographo, Solt' Maitte Joradas
na Rua do Alvarado no Carmo N. 14
Constituo com bastante procurador meu
cromado Justino Roque Gameiro Gameiro, em
virtude de Carta de Poderes de esta Cida
de poderem substituelem a a cargo
neste ^{servicio} ~~servicio~~ mensalmente de tres mil
no payzadas do Ministerio d' Obras Publicas
on a' inde e de quem deuido faz a passao
de trez mil e seis mil reis que me foi
arbituada como funcionario de Estado p'
de estudos na Alemanha a Lythographo
pobres, sendo e passando as competentes
recibos - Lisboa 20 de Maio de 1884

B - ARG nomeia o irmão Justino seu procurador

Dix Justino Hoque Gaminon
 Guedes proprietario da Lithographia sita
 na R. de Plencia do Carmo N.º 12 que ta
 do proprio em conformidade do art.º 1.º de
 1.º de Dezembro de 1865 para ir estudar no
 estrangeiro o Sr. Alfredo Hoque Gam
 do Silva a Preparador e conductor da
 Machina lithographica desenhos de ar
 desgraphica e todas as partes a pagar
 o documento a puros praticos dos
 allações do proprio

Com respeito a esta petição
 a V.ª E.ª a sua protecção para
 que o proprio seja com dos
 oti operarios que V.ª E.ª tem
 a despachar

C - Justino declara-se proponente do irmão Alfredo

Anexo 2 – Extractos de cartas, cartões e bilhetes dirigidos a ARG

- «Peço-lhe o especial favor de vir esta noite a minha casa para tratar de um trabalho urgente para sua magestade El-Rei.»

Casanova (28 de Fevereiro de 1893)

- « Envio-lhe parabéns pelos trabalhos do Diário de Notícias Ilustrado; gosto muito.»

Casanova (sem data)

- « Sua Magestade El Rei deseja papel e tinta autographica para trabalhar hoje. Peço-lhe que entregue tudo ao portador.»

Casanova (sem data)

- «Recomendo-lhe muito especialmente o meu amigo, o Sr. Dr. Barral que deseja falar-lhe sobre um trabalho.»

Rafael Bordalo Pinheiro (23 de Março de 1900)

- « Sua Magestade El-Rei recebe o meu amigo amanhã, domingo, pela uma hora e meia da tarde.»

Conde de Arnoso (1 de Fevereiro de 1902)

- « Não calculas quanto El-Rei e a Rainha gostaram das tuas aguarelas. Disse El-Rei que vale a pena ir à exposição para ver como se pode chegar à perfeição de pintar em aguarela e fazer um retrato como tu fazes e disse mais que só quem é da Arte é que realmente pode avaliar todo o valor dos teus trabalhos.

Sabes que o meu Real Amo não é pródigo em elogios. Quando não gosta cala-se, mas só fala, como hoje falou, quando gosta a valer.

Não deve custar-te acreditar que ouvir tal apreciação da boca de Quem sabe o que diz em matéria d'Arte e a respeito d'um amigo que me enche de alegria ...»

Thomaz de Mello Breyner (15 de Abril de 1905)

- « Quando se lembrar e poder ser, gostaria que me pudesse mandar a linda aguarela de Avô, da última exposição. Estou preparando as paredes da minha casa nova e essa vai para lugar de honra.»

Carlos Bleck (22 de Abril de 1927)

- « Venho agradecer-lhe muito reconhecido o livro de sua autoria “Lisboa Velha” que guardarei religiosamente como recordação sua e do meu primeiro professor de Desenho.»

António Lino (27 de Julho de 1933)

-« Remetto incluso um cheque de 400 escudos, sobre a casa Spratley, como remuneração, digo recordação do seu belo trabalho para a capa do próximo número do “Comércio do Porto Ilustrado”».

Assinatura ilegível – direcção do “Comércio do Porto” (25 de Novembro de 1933)

- «Estou muito reconhecido a V. Ex^a pelo facto que tenho em eu adquirir o magnífico desenho mindérico de sua Ex^a filha; e logo que possa irei pessoalmente à Amadora agradecer a ela».

José Leite de Vasconcelos (24 de Abril de 1934)

- « Sou eu quem lhe devo inúmeros momentos de grande prazer espiritual que a sua Arte inigualável me tem proporcionado, desde longa data.»

Francisco Valença (18 de Junho de 1934)

- «...Acabámos de chegar da exposição de aguarelas – a que poderíamos chamar das suas aguarelas, porque só elas e as da sua excelentíssima filha, contem a verdadeira arte, a verdadeira beleza que os espíritos de eleição ali porventura procurem ...»

João Soares (carta sem data)

- « Acho óptimo o desenho – só um tanto grandes as pontas dos bois, talvez porque os bois meus patrícios são mais modestos de armação.»

Trindade Coelho (sem data)

- « Tenho o prazer de lhe apresentar o Sr. Edgar Picotage, que deseja uma reprodução do retrato do Infante D. Henrique, que existe em São Vicente».

Columbano Bordalo Pinheiro (sem data)

- « Com os melhores cumprimentos e a minha maior admiração, peço desculpa de não ter podido ontem, por motivo de afazeres oficiais inesperados e inadiáveis, ter a honra de visitar V. Ex^a e apreciar os seus belos trabalhos, o que farei n'outra oportunidade, caso V. Ex^a me dê a honra de receber-me.»

Júlio Dantas (sem data)

- «Os meus parabéns e os meus agradecimentos pelos seus desenhos – estão ótimos, magníficos. Mando-lhe outra vez uns quantos originais que já lá estiveram, mas mando-lhos porque estão refundidos, mudando o tipo do Onofre. No original d'amanhã é que preciso descrever o tipo do homem para o meu amigo fixar. O tipo da Dona Carmo ainda não está descrito. Há-de ser para diante mas digo-lhe já que parece que se precisa apresentá-la com algum tamanho. É uma mulher muito alta, muito gorda, que parece ser deselegante, mais parecia uma estátua colossal para ver não cá debaixo, em cima dum monumento alto.»

Gervásio Lobato (sem data)

- «... É uma figura da nossa arte que desaparece, mas que deixa uma obra considerável. Além disso era uma alma encantadora, um santo! ...»

Teixeira Lopes (6 de Agosto de 1935)

- « ... nos transes dolorosos por que acaba de passar. O primeiro a morte de seu esposo, que deixou no coração dos amigos um vácuo que dificilmente se preencherá, o segundo tocou os artistas d'uma mágoa inconfundível porque roubou à arte portuguesa e ao carinho dos seus um belo temperamento de escultor. O Vosso Filho, o saudoso Rui que foi meu discípulo afirmo as suas qualidades de talento e de carácter e orgulho-me de ter sabido orientá-lo no caminho, que tanto glória deu ao seu nome apesar de ser novo ainda ...».

José Simões d'Almeida (20 de Agosto de 1935)

Anexos 3 – Memória descritiva do extinto Museu Roque Gameiro

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

1 — *Razões de instalação da «CASA-MUSEU ROQUE GAMEIRO» em Minde.*

A circunstância de Minde ter servido de berço à Grande Figura da aguarela portuguesa que foi Alfredo Roque Gameiro, levou um grupo de admiradores do Artista a solicitar à Junta de Freguesia de Minde a instalação de uma Casa-Museu, perpetuando, através dos tempos, a sua memória, como preito de homenagem às invulgares qualidades do Mestre.

O facto, também, de se entrever, neste momento, a possibilidade de colocar a Casa-Museu precisamente no edifício onde nasceu, e, a circunstância de aqui terem vivido membros da família tornada ilustre, particularmente a Mãe do Artista que ele imortalizou em preciosa obra, bem como as relações que com o meio de origem ficaram sempre mantendo os seus familiares, foram motivos que contribuíram de maneira decisiva para a concretização desta aspiração.

—Ao acolher e patrocinar a justa pretensão deste grupo de admiradores, sabe a Junta de Freguesia que ela interpreta o sentir de toda a sua população que deste modo patentela a sua estima a uma das Figuras que mais distingue e considera, entre os seus antepassados.

2 — *Meios de manutenção e direcção.*

Tem a Junta de Freguesia a firme convicção de dispor de condições indispensáveis à manutenção e conservação do Museu.

Para que o culto do Museu não desfaleça e possa continuar-se no futuro foi constituído um Grupo de Amigos da Casa-Museu Roque Gameiro, que acompanhará e promoverá a constante valorização do mesmo e que terá inicialmente um núcleo fundador que será apoiado por um número complementar, reunido de entre os admiradores do Artista.

O núcleo fundador é constituído pelas seguintes individualidades :

D. Raquel Roque Gameiro Ottolini
D. Helena Roque Gameiro Leitão de Barros
D. Maria Emília Roque Gameiro Martins Barata
D. Vera Guedes Bordalo Pinheiro Vaz Gomes
Arquitecto José Pedro Roque Gameiro Martins Barata
D. Maria Helena Roque Gameiro Leitão de Barros Mantero
D. Margarida Roque Gameiro Ottolini
António Alves Raposo
António Raposo Martins
João Almeida Mengas
Manuel Mengas Micaelo
João Vigário
Lourenço Coelho Anjos da Silva
Lourenço Coelho Carvalho
Padre Manuel Antunes Messias
Manuel Raposo Roque Gameiro
D. Maria da Graça Carreno Gameiro
Rogério Fernandes Venâncio

Desta forma a manutenção e continuidade da Casa-Museu, encontra-se assegurada através não só da autarquia local, sem embargo dos subsídios que eventualmente venha a obter, como ainda do Grupo de Amigos que a apoiam.

3 — *Plano de instalação — sistematização e ordenação das espécies e da exposição das colecções.*

Serão recolhidas e expostas peças da vasta obra do Artista e recordações da sua vida de trabalho.

Para além da justificada consagração de uma Figura, é desejo da Junta que o mesmo museu abrigue também uma pequena colecção de Arte Contemporânea, e documente valores geográficos e etnográficos da região: tal programa, ilimitadamente ampliável e elástico poderá vir um dia a exigir instalações mais vastas que as actuais, consideradas apenas como embrião.

O edifício actual, propriedade particular, está adulterado em relação à forma primitiva, tendo-lhe sido adicionadas salas e uma fachada principal, Incaracterística, nos começos do século, conforme fotografias anexas.

A adaptação ao fim em vista que se pretende conseguir não visa uma reconstituição saudosista da casa natal do Artista, mas sim permitir a disposição adequada das colecções.

Apresenta-se junto, em plantas e cortes, o esquema de tal disposição.

No piso térreo, um vestíbulo conterá um balcão para venda de bilhetes postais, reproduções, e obras de artesanato local, nomeadamente têxtil, que se apresentará convenientemente exposto nesta divisão.

Ainda no piso térreo, poderá apreciar-se um tear manual em laboração e a cozinha da casa, ambos reconstituídos com elementos locais autênticos.

A transformação da escada existente permitiu criar um ambiente contínuo e luminoso, ligando o vão da escada a uma sala do 2.º piso em que se instalará, com reforço de luz zenital uma pequena galeria de artistas contemporâneos.

As principais divisões do 2.º piso formarão um circuito destinado à exposição das colecções relacionadas com Roque Gameiro, relíquias e recordações, estudos, experiências e trabalhos de artes gráficas, aguarelas, desenhos, ilustrações e modelos.

Uma pequena sala destinar-se-á a recordar Justino Guedes, um irmão do Artista também natural de Minde, e em cuja editorial e litografia Roque Gameiro deu os primeiros passos nas Artes Gráficas e onde mais tarde, depois de, como bolseiro ter estudado em Leipzig, desenvolveu trabalho de pioneiro naquelas Artes.

Neste 2.º piso, as instalações sanitárias existentes foram transformadas para permitir uma eventual utilização pelos visitantes.

Como medidas de defesa contra incêndios propõem-se: um extintor de pó ao nível das colecções artísticas, e extintores de espuma junto ao tear e na arrecadação do sótão.

O edifício tem boa ventilação natural. É no entanto possível que nos meses de inverno se venha a fazer sentir a exigência de um deshumidificador, de potência a determinar, provavelmente colocado na posição assinalada na planta.

O estudo do arranjo arquitectónico é do arquitecto José Pedro Roque Gameiro Martins Barata.

Anexo 4 – Homologação do Museu Roque Gameiro

12 MAR 1970
60


Ministério da Educação Nacional
Junta Nacional da Educação

*Homologação -
12. III. 70 -
[Signature]*

Aprovado em sessão da 2ª Sub-secção de 2ª Secção da Junta Nacional da Educação em 27 de Fevereiro de 1970 O PRESIDENTE <i>[Signature]</i>
--

Por incumbência do Exm^o Sr. Presidente da Junta Nacional de Educação e conforme ao disposto nos artigos 36^o, 38^o e seus § 1^o e 3^o Decreto-Lei 46 758 de 18 de Dezembro de 1965 e no artigo 16^o, § 1^o, n^o do Decreto-Lei 46 349 de 22 de Maio de 1965, a 3^a subsecção da 2^a secção da Junta Nacional da Educação dá o seu parecer sobre a criação da Casa Museu Roque Gameiro, em Minde, solicitada pela Junta de Freguesia daquela localidade.

Por sugestão de alguns admiradores do pintor, litógrafo e gravador relista notável que foi Roque Gameiro, a Junta de Freguesia de Minde pode-se criar na casa em que o artista nasceu, uma Casa-Museu que será tida pela autarquia local e por um Grupo de Amigos da Casa-Museu. O edifício, de dimensões modestas não excedendo a maior sala 5,5m. x 4m. tem piso para salas de exposição e um sótão para arrecadação.

No rés-do-chão a sala de entrada destina-se à venda de reproduções, postais e obras de artesanato local, nomeadamente textil, que estará em exposição. Noutro compartimento será instalado um tear manual região, em funcionamento. Ainda neste piso será reconstituída a cozinha com elementos locais autênticos.

No andar superior, mais longo, três salas serão destinadas à



Ministério da Educação Nacional

Junta Nacional da Educação

exposição de obras e recordações de Roque Ganeiro, outra pequena sala destinada-se a recordações do irmão do artista, Justino Guedes, em cuja litografia Roque Ganeiro trabalhou, e ainda uma última sala com luz zenital, para uma pequena colecção de arte contemporânea.

Está prevista a instalação de extintores de incêndio - de pó no primeiro andar, de espuma junto do tear e na arrecadação. Para corrigir excessos de humidade durante o inverno, se bem que o edifício tenha boa ventilação, prevê-se também o emprego de um deshumidificador.

Não se prevê o capítulo da segurança das colecções fora das horas de serviço, num edifício cujas aberturas parecem actualmente muito pouco defendidas.

Segundo a proposta da Junta de Freguesia de Minda, pretende-se preencher nesta Casa-Museu três programas - um etnográfico, um de arte contemporânea, e um terceiro propriamente da obra e recordações de Roque Ganeiro.

Como escreve o Presidente da mesma Junta - "...tal programa ilimitadamente ampliável e elástico, poderá um dia vir a exigir instalações mais vastas que as actuais, consideradas apenas como embrião.

Dadas as dimensões do edifício, parece acumulação e dispendioso este programa, que só se pode admitir, como provisório, se for ponto de partida essencial para outro museu de preservação etnográfica.

De acordo com estas considerações, a 3ª subsecção da 2ª secção



Ministério da Educação Nacional

Junta Nacional da Educação

da Junta Nacional da Educação, em sessão a que esteve presente, nos termos do § 2º do artigo 38º do Decreto-Lei nº 46 758, de 18 de Dezembro de 1965, o Senhor Director-Geral da Administração Política e Civil, emite o parecer de que seja aprovada a criação de um museu em Minde, conforme a proposta do Presidente da Junta de Freguesia daquela localidade, com as seguintes condições:

- 1) que tenha a designação de Museu Roque Gaxeiro e não Casa-Museu Roque Gaxeiro, uma vez que abrange colecções, além da da obra e recordações do artista, sem relação directa com esta.
- 2) que sejam previstas medidas de segurança fora das horas de serviço dos funcionários.
- 3) que seja assegurada a assistência permanente no Museu de um ou mais guardas, dentro dos horários estabelecidos.
- 4) que sejam asseguradas condições de arrefecimento e segurança nas instalações para arrecadação, no edifício.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1970

Anexo 5 – Os estatutos do Museu Roque Gameiro

CAPÍTULO I

Organização e fins do Grupo

ARTIGO 1.º — O Grupo dos «AMIGOS DO MUSEU ROQUE GAMEIRO DE MINDE», será constituído pelos indivíduos que se interessam por este Museu que foi aprovado em sessão da 3.ª Subsecção da 2.ª secção da Junta Nacional de Educação em 27 de Fevereiro de 1970, e, homologado ministerialmente em 17 de Março de 1970. O Grupo tem em vista promover, por todos os meios, a divulgação, o engrandecimento e a instalação modelar das suas colecções.

ARTIGO 2.º — Para realizar os seus intuitos, o Grupo dos «AMIGOS DO MUSEU ROQUE GAMEIRO DE MINDE» fará ou provocará doações de obras de Arte, ou pecuniárias; promoverá depósitos de obras de Arte, a prazo determinado ou indeterminado; organizará exposições especiais; promoverá conferências; fará publicações destinadas a tornar conhecidas e apreciadas as colecções do Museu; procederá à aquisição do material que julgue necessário para a valorização das obras expostas ou a expor; e, em geral empregará todos os meios adequados à consecução dos seus fins, solicitando, sempre que assim o entenda, o auxílio das entidades oficiais ou particulares que possam concorrer para a valorização do Museu, e, designadamente, das que tenham a seu cargo assuntos de Arte e de Arqueologia.

§ 1.º — No caso de depósito de obras de arte a prazo determinado será estabelecido um título no qual se fixarão as respectivas condições, nomeadamente:

- 1 — Nome e domicílio do depositante.
- 2 — Prazo de duração do depósito com indicação do início e termo, por acordo entre as partes.
- 3 — Períodos de renovação do depósito.
 - a) Tempo de renovação;
 - b) Data do início e termo.
- 4 — Estabelecimento das bases de cessação e entrega do depósito.
 - a) Aviso prévio por acordo entre as partes, nunca inferior a 180 dias.

ARTIGO 3.º — O Grupo compõe-se de membros titulares, doadores e honorários.

Para ser membro titular, é necessário:

- 1.º — Ser admitido pelo Conselho-Director.
- 2.º — Pagar uma quota anual, não inferior a 60\$00.

Para ser membro doador, é necessário ter feito doação ao Grupo dos «AMIGOS DO MUSEU ROQUE GAMEIRO DE MINDE», da quantia de 5000\$00 ou de uma ou mais obras de Arte que depois de apreciadas possam merecer do Conselho-director tal distinção ou equivalência.

O título de membro de honra compete às pessoas que, pelos seus serviços especiais ao Grupo, ou ao Museu, sejam, pelo Conselho-Director, consideradas dignas desta distinção.

ARTIGO 4.º — A qualidade do membro do Grupo perde-se:

- 1.º — Pela demissão pedida pelo sócio.
- 2.º — Pela falta de pagamento da respectiva anuidade, ou por qualquer outro motivo, que seja considerado pelo Conselho-director como determinante dessa exoneração, e desde que esta seja confirmada pela Assembleia Geral.

CAPÍTULO II

Administração e Funcionamento

ARTIGO 5.º — O Grupo é administrado por um Conselho-Director, composto de um presidente, um vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro e dois vogais eleitos de quatro em quatro anos, pela Assembleia Geral, e reelegíveis.

ARTIGO 6.º — As vacaturas que se derem no decurso do quadriênio serão preenchidas pelo Conselho-director, tendo essa escolha de ser depois ratificada pela Assembleia Geral, na sua primeira sessão.

ARTIGO 7.º — O Conselho pode funcionar desde que estejam presentes, pelo menos, quatro dos seus membros.

ARTIGO 8.º — A Assembleia Geral pode conferir o título de presidente e vice-presidente de honra sob proposta do Conselho-director.

ARTIGO 9.º — O Conselho-director reunirá, uma vez em cada quadrimestre e sempre que seja convocado pelo presidente ou pelo vice-presidente, ou a requerimento de três, pelo menos, dos seus membros.

ARTIGO 10.º — A Assembleia Geral compõe-se dos membros titulares, doadores e honorários, estes últimos sem voto deliberativo, e reúne-se em sessão ordinária, uma vez por ano, dentro do primeiro quadrimestre, e, em sessão extraordinária, sempre que seja convocada pelo seu presidente, ou a requerimento do Conselho-director, ou de membros do grupo, em número não inferior a sete.

ARTIGO 11.º — A mesa da Assembleia Geral compõe-se de presidente, um vice-presidente e dois secretários.

ARTIGO 12.º — Compete à Assembleia Geral ordinária discutir e votar o relatório e o balanço apresentados pelo Conselho-director; deliberar sobre todos os assuntos, que forem submetidos à sua apreciação pela mesa, pelo Conselho-director ou qualquer dos membros do Grupo; e eleger, de quatro em quatro anos, a sua mesa e o Conselho-director.

ARTIGO 13.º — A Assembleia geral só funcionará desde que esteja presente a maioria dos membros do Grupo, titulares e doadores.

§ único — Não podendo, por falta de número, efectuar-se a Assembleia Geral à hora marcada, realizar-se-á meia hora depois e funcionará com qualquer número.

ARTIGO 14.º — O Grupo é representado em Juízo pelo presidente do Conselho-director ou por quem legitimamente o substitua; e, em todos os outros actos, por esse mesmo presidente e pelo da Assembleia ou seus legítimos representantes.

ARTIGO 15.º — Compete ao Conselho-director realizar aquisições, trocas e alienações; aceitar doações e legados; organizar exposições; promover conferências; tomar a iniciativa de publicações ou auxiliá-las. Todas as deliberações, que digam respeito ao edificio do Museu ou seu recheio, depois de sancionadas pela Assembleia Geral serão submetidas à aprovação da entidade official que superintenda no Museu.

CAPÍTULO III

Da receita do Grupo

ARTIGO 16.º — A receita do Grupo compõe-se:

1.º — Das anuidades dos membros titulares, as quais poderão ser pagas por uma só vez, ou em prestações semestrais ou trimestrais.

2.º — Dos donativos.

3.º — Do juro ou vencimento de quaisquer quantias depositadas ou papéis capitalizados.

4.º — Do produto líquido de quaisquer publicações feitas pelo Grupo, ou, ainda proveniente de fontes extraordinárias de receita, criadas pelo Conselho-director.

ARTIGO 17.º — A Assembleia Geral, sob proposta do Conselho-director, resolverá anualmente sobre o destino a dar ao saldo de contas, podendo ser conduzido para Fundo de Reserva, ou empregado em títulos do Estado ou por ele garantidos, ou para valores mobiliários depois de organizado o competente estudo de rentabilidade.

CAPÍTULO IV

Alteração de estatutos e dissolução

ARTIGO 18.º — Os estatutos do Grupo só poderão ser alterados sob proposta do Conselho-director ou de terça parte dos membros titulares e doadores do Grupo, em sessões da Assembleia Geral, expressamente convocadas para esse fim.

ARTIGO 19.º — A dissolução do Grupo só pode ser resolvida em sessão da Assembleia Geral, expressamente convocada para esse fim e à qual compareçam dois terços dos membros titulares. Se porventura se não reunir este número, será de novo convocada a Assembleia, com intervalo não inferior a quinze dias, podendo então deliberar, seja qual for o número dos membros titulares presentes. Em qualquer dos casos, a dissolução não será válida se dois terços, pelo menos, dos membros presentes não a aprovarem.

ARTIGO 20.º — Em caso de dissolução, o Grupo elegerá um ou mais liquidatários, e o activo será entregue à entidade local ou nacional que superintenda aos destinos do Museu.

Anexos 6 –Carta dirigida à Fundação Calouste Gulbenkian

Minda, 20de Dezembro de 1966

Ao
Dign^o. Corpo Administrativo da
Fundação Calouste Gulbenkian

LISBOA

Encontra-se em curso de instalações a Casa-Museu Roque Gamaireiro nesta vila.

A Comissão Organizadora que subscrevo a presente a que está desde a primeira hora em íntima colaboração com a ilustre família do Artista, é sabedora de que se encontrariam em venda neste momento peças apreciáveis senão total das aguarelas originais que constituíram a ilustração de "AS PUPILAS DO SENHOR REITOR".

Obra de notável valor, seria pedra preciosa no corpo da Casa-Museu prestes a abrir as suas portas e para que se não perca nos mãos de coleccionadores particulares, senão de meros comerciantes obra de tão marcado valor artístico nacional, vem a Comissão Organizadora da Casa-Museu Roque Gamaireiro, solicitar de V.Ex^o. a comparticipação material para a recolha de tal conjunto de aguarelas.

Permite-se para uma melhor elucidação e mais vasta visão do problema acompanhar esta de um memorial explicativo do conjunto de posições a situações que animam, justificam e autorizam este pedido.

Apresentando a V.Ex^o.s os nossos mais respeitosos cumprimentos, aguardo aguardar o favor de uma resposta tão breve quanto possível dadas as circunstâncias que rodeiam a provável venda da mesma colecção.

Muito respeitosamente, nos subscrevemos

Antecipadamente gratos

António José de Almeida (assinado)
Luís de Almeida
Luís de Almeida
Luís de Almeida
Luís de Almeida
Luís de Almeida
Luís de Almeida

Anexo 7 – Acervo do Museu Roque Gameiro

Sala principal

- 1 – Vista do Seixal (junto ao porto de pesca)
- 2 – Estudo de Olaias em flor (oferta de Mamia Roque Gameiro)
- 3 – Nazaré (colecção Mamia Roque Gameiro)
- 4 – Estudo para o vira (colecção Raquel Roque Gameiro)
- 5 – Aguarela da Mãe de Roque Gameiro (colecção da Família RG)
- 6 – Estudo para a moda que passa (colecção Helena Roque Gameiro)
- 7 - Quadro com casas antigas e ribeiro
- 8 – Gruta da Praia da Ursa (colecção Helena Roque Gameiro)
- 9 – Porto piscatório
- 10 – Pedra de Papoa – Berlengas (colecção José Pedro RG Martins Barata)
- 11 – Vista de mar
- 12 – Retrato de RG (óleo de Abel Manta)
- 13 – Rapazes brincando na foz – Nazaré (colecção Alfredo RG Martins Barata)
- 14 – Homem de capote
- 15 – Gruta
- 16 – Vista de rua de Lisboa
- 17 - Estudo de modelo de 1889 (oferta de Mamia Roque Gameiro)
- 18 – Arco da Adraga (colecção Família RG)
- 19 – Quinta de Rio de Milho – Colares (colecção M. Antónia RG M. Barata Cabral)
- 20 – Uma senhora no muro de jardim
- 21 – Estudo de mulher no rio (oferta de Mamia Roque Gameiro)

- 22 – Estudo de árvores (oferta de Mamia Roque Gameiro)
- 23 – Vista dum castelo
- 24 – Estudo de peixeira (oferta de Mamia Roque Gameiro)
- 25 – Estudo de mulher a chorar (oferta de Mamia Roque Gameiro)
- 26 – Retrato do Artista – desenho de José Tagarro (oferta de Helena Roque Gameiro)

Sala – Pupilas do Senhor Reitor

- 27 – O rio da águas claras
- 28 – A essa, apertou-a ao peito de maneira ...
- 29 – Esta cavaleiro era João Semana
- 30 – É meu irmão, dizia Pedro correndo
- 31 – Ele mexia e remexia nos bolsos do colete
- 32 – A Srª Teresa não deixou sair Daniel sem que ele visse ...
- 33 – Clara tomou as mãos da irmã
- 34 – Uma posta deste terceiro amigo ...
- 35 – José da Esquina conversava sobre José das Dornas ...
- 36 – Divertiu-se a atirar biscoitos a um cão que andava à solta pela quinta-feira
- 37 – Pôs-se por sua vez a trabalhar
- 38 – Comigo nunca ele fez farinha
- 39 – Margarida seguia o texto olhando por cima do ombro da criança
- 40 – Neste momento pareceu-lhe ouvir algum rumor daquele lado
- 41 – Clara! Disse Margarida em voz baixa puxando pelo vestido da irmã
- 42 – Ao rumor dos seus passos, ergueu-se de súbito uma mulher.
- 43 – Armário com diversas peças de vestuário
 - 4 chales de lã com franja
 - 1 cabeção de bordado plumetis
 - 1 chinelas bordadas
 - 1 colete
 - 2 gorros
 - “fichiu” de seda - lenço de traçar ao peito
 - 1 jaqueta vermelha

- 1 blusa amarela
- 1 calções de veludo
- 1 chapéu alto (de Manuel Roque Gameiro)
- 1 retalho de chita

Sala Justino Guedes

- 44 – Estudo do artista pensando na desarrumação da casa
- 45 – Retrato de Alfredo Roque Gameiro – aguarela de Alfredo Morais
- 46 – Caricatura de ARG – de Francisco Valença (oferta das filhas de RG)
- 47 – Quadro de assinaturas
- 48 – Vitrina com documentos diversos
- 49 – Estandarte do Colégio Académico
- 50 – Vitrina com cromos litográficos
- 51 – Vitrina com fotografias e documentos diversos
- 52 – Uma mesa com vários documentos e fotografias
- 53 – Papeleira de prata
- 54 – Alfinete de gravata
- 55 – Relógio de ouro
- 56 – Tinteiro de cristal
- 57 – Limpa-penas
- 58 – Corta-papéis

Corredor e sala do rés-do-chão

- 59 – Avô do Artista?
- 60 – Casa (oferta de M. Amélia Sena Bello)
- 61 – Desenho a lápis (1875) – Alfredo de Macedo
- 62 – quadro de Rafael Bordalo Pinheiro
- 63 – Depois da tempestade
- 64 – Na casa de Maria Pena (oferta de M. Amélia Sena Bello)

- 65 – Natureza morta
- 66 – Candeia antiga
- 67 – 1 arca velha
- 68 – Desenho a lápis – Guida RG Ottolini
- 69 – Aguarela - tear e roda – Raquel Roque Gameiro
- 70 - Ribeira do Porto – Leitão de Barros
- 71 – Aguarela – barco – Jaime Martins Barata
- 72 – Escultura – Rui Roque Gameiro
- 73 – Aguarela (1925) – Manuel Roque Gameiro
- 74 – Estudo (1919) – Raquel Roque Gameiro
- 75 – Estudo – Hebe Gomes
- 76 – Estudo sobre o mercado de Minde
- 77 – Serra de Minde – Vera Bordalo Pinheiro
- 78 - 1 livro com recortes de imprensa
- 79 – 1 vitrina com:
- fotografias
 - correspondências diversas
 - mão do Artista – escultura em gesso de Barata Feio
 - alfinete de gravata em ouro – oferta da Rainha Senhora D. Amélia
 - medalha de ouro da Câmara Municipal de Lisboa
 - 1 caneca de loiça
 - 1 laço de seda de RG
 - 1 contador
 - 1 cruz de metal com pianha
 - 1 cruz de metal com pianha
 - 1 legenda elucidativa ao quarto onde nasceu o Artista

Sala ao cimo das escadas

- 80 – Costumes da Beira-mar- mulher do litoral
- 81 – Estudo de tricana (oferta Maria Roque Gameiro)
- 82 – Costumes açoreanos

- 83 – Os aguadeiros
- 84 – Paisagem de Lisboa
- 85 – Fotógrafo
- 86 – Barco de descarga
- 87 – Saltimbanco no Brasil
- 88 – Desenho a lápis de figura de mulher
- 89 – Estudo para as Pupilas do Sr. Reitor
- 90 – Estudo para as Pupilas do Sr. Reitor
- 91 – Estudo para as Pupilas do Sr. Reitor
- 92 – Estudo para as Pupilas do Sr. Reitor
- 93 – Estudo para as Pupilas do Sr. Reitor
- 94 – Manequim de verga vestido
- 95 – Manequim de verga vestido
- 96 – Uma canastra
- 97 – Jaleca minderica
- 98 – Toalha de linho
- 99 – 1 par de tamancos
- 100 – 1 par de chinelos
- 101 – 1 banco forrado de juta
- 102 – 1 colete

Escada

- 103 – Estudo de modelo
- 104 – Quadro de Minde (oferta Raquel Roque Gameiro)
- 105 – Barcos em Vila Franca
- 106 – Quadro “O cruzador” (oferta Vera Bordalo Pinheiro)
- 107 – Quadro de D. Maria Pia
- 108 – Quadro de D. Luis I
- 109 – Mater Dolorosa

- 110 – Manta de Minde
- 111 – 2 lanternas de cabo
- 112 – 1 lanterna de seta

Cozinha

- 113 – Prateleira com cestas de costura e renda
- 114 – Prateleiras com objectos de barro pequenos e decorativos
- 115 – 1 cantareira composta com objectos de barro
- 116 – 1 lavatório de cozinha com alguidar
- 117 – 1 baú de couro antigo com.
 - 1 barrete preto
 - 1 barrete de cor
 - 1 casaca preta
 - 1 conchinha preta
 - 1 conchinha de cor
 - 4 saias de várias cores de lã e de chita
 - 1 saco com traje completo de ovarina
 - 1 calças de lã às ricas
 - 3 aventais de lã, às cores
 - 1 capa comprida azul escura, de fazenda
 - 1 vestido comprido de lã de várias cores
 - 2 cintas pretas
 - 1 colete preto de fazenda
- 118 – 1 toalha de linho com marcação A.S.
- 119 – quadro octogonal bordado à mão
- 120 – 1 cruz de vidro antiga
- 121 – 1 caldeira em cobre (de Marcos S. Fernandes)
- 122 – 1 cesto de verga
- 123 – 1 quadro de Nossa Senhora da Nazaré
- 124 – 1 candeia
- 125 – 1 lanterna

- 126 – 1 tacho de arame
- 127 – 1 defomador de cobre (de Irene Capaz Alves)
- 128 – 1 cafeteira de cobre
- 129 – 1 tacho de cobre com arco
- 130 – 1 bacia de arame (de Irene Capaz Alves)
- 131 – 1 tigela de cobre
- 131 – 1 batedor de claras em madeira (de Irene Capaz Alves)
- 132 – 2 peneiras
- 133 – 6 lanternas
- 134 – 1 lanterna
- 135 – 1 chaleira de ferro
- 136 – 1 trempe de ferro
- 137 – 1 assador de ferro com configuração de um dragão
- 138 – 1 meio alqueire
- 139 – 3 bancos de cortiça

Corredor

- 138 – 1 coberta de chita antiga
- 139 – 1 aguarela – tear e roda – Raquel Roque Gameiro

Sala C

- 140 – 3 quadros do Infantário (fotografias)
- 141 – 1 manta de Minde
- 142 – 1 quadro – rua de Minde (oferta de M. Lucília Simão)
- 143 – 1 moinho de madeira holandês
- 144 – 1 jarra de barro preto, desenhada por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro
- 145 – Santo António – escultura de Rui Roque Gameiro
- 146 – 1 bandeja tipo oriental

147 – 1 vitrina contendo:

- fotografias
- documentos
- cromos
- 3 pratos antigos de loiça
- 3 medalhas de condecorações
- 2 terços de rosário
- uns cordões de gala

148 -1 vitrina com:

- fósseis
- pedaços de estalagmites e estalagmites
- 179 moedas diversas
- 1 cruz de guerra de 1ª classe (de Carlos Fontes Carvalho)
- 1 cinzeiro
- 1 catálogo com 23 postais
- 1 livro de Arte Popular em Portugal

149 – 1 cruz em metal com peanha

150 – 1 bússola

151 – 1 livro – “A Piação dos charales do Ninhou” (oferta do Dr. Miguel C: dos Reis)

Sala do tear

152 – 1 tear

153 – 1 roda

154 – 1 banco

155 – 1 tripé

156 – 1 dobadoura

157 – 1 meadeira

158 – 1 arca com:

- 6 mantas (pretas)
- 1 toalha de linho
- 1 alforge

- 159 – 2 cardas
- 160 – 1 quadro da Praça Duque da Terceira
- 161 – 1 fuso antigo

Sala da entrada

- 161 – Quadro (reprodução) – rua de Lisboa
- 162 – Quadro (reprodução) – Beco dos curtumes
- 163 – Quadro – estudo para o vira
- 164 – Quadro – lavadeiras de Caneças
- 165 – 1 relicário
- 166 – Quadro de madeira com Nossa Senhora
- 167 – Sineta da 1ª escola oficial de Minde
- 168 – Quadro – deusa Diana
- 169 – 1 tabuleiro de madeira trabalhada
- 170 – 1 relicário
- 171 – Fotografia do pai de RG
- 172 – Fotografia da avó de RG
- 173 – Fotografia do pai de RG
- 174 – Moldura com carta do Pai para Alfredo RG
- 175 – Quadro com Nossa Senhora Madre de Deus
- 176 – 1 cruz de madeira com Cristo
- 177 – 1 livro de assinaturas
- 178 – 1 medalhão
- 179 – 1 imagem de madeira, da Rainha Santa
- 180 – 1 caixinha com relicários de santos
- 181 – 1 caixa com Santo António com o Menino
- 182 – 1 imagem de São Sebastião
- 183 – 1 imagem de São João Baptista
- 184 – 1 cruz de metal com pcanha
- 185 – 1 quadro com relicário
- 186 – 1 quadro (Ecco Homo) , pintado sobre cobre

- 187 – 1 caldeirinha de água benta
- 188 – 1 tinteiro de cobre
- 189 – 1 lanterna com cabo
- 190 – 1 mesa do século XVII
- 191 – 3 talhas de barro
- 192 – 1 banco (arca)
- 193 – 1 barril
- 194 – 1 garrafão de barro
- 195 – 1 caldeira preta com concha, para o azeite
- 196 – 2 pares de polainas antigas

Peças diversas

- 197 – 5 cadeiras
- 198 – 1 secretária
- 199 – 1 máquina de escrever
- 200 – 1 aparelho desumidificador
- 201 – 1 jarrão de porcelana para flores
- 202 – 1 aspirador
- 203 – 1 extintor de pó
- 204 – 2 extintores de espuma
- 205 – 2 baldes de extintor
- 206 – 16 diplomas diversos

**Anexos 8 – Documentos que atestam as diligências efectuadas
com vista à procura de um novo espaço para o Museu**

Leiria, 10 de Maio 1972

Ex.^{ma} Senhor António Lopes Pereira:
Direcção Presidente da Junta de Freguesia de Minda:

Comtente, por parte de Senhor D. Manuel Lopes Pereira, minha pessoa, que a fronte da proposta desta Vila, bem como a "Comissão Organizadora" do Museu Lopes Pereira, contra o projecto de construção a Casa do Açúcar, a fim de instalar ali um museu, a que o Senhor D. Agostinho Pardigão, seu representante, havia permitido a grande um adjectivo dejectivo, para azeite de a defecida casa, têm as necessárias condições para esse fim.

Além disso, ainda não me consultou por o dejectivo D. Agostinho Pardigão, tendo feito qualquer andamento ao objecto, que posso talvez estar no dejectivo.

Como tenho já mais a proposta para a venda, não, para nós, que não veio logo até Minda, que muito beneficiaria em vários aspectos, com a tal azeite.

Reunidos a V. Exa. a conveniência de se
fornecerem notícias ao Sr. Aguiar de, mandando-
lhe a minuta feita a este respeito,
e porque há uma importância de finanças
muito consideráveis.

Com a mais alta consideração me
subscrevo;

João Amalio de Almeida
Souza & Cia

Em cartão pessoal, dirigido ao Presidente da Junta de Freguesia, datado de 15 de Abril de 1972, Mâmia Roque Gameiro, põe todo o seu empenho em que o assunto seja resolvido rapidamente, em relação aos proprietários da casa de maneira a poder marcar a audiência com o Sr. Dr. Azeredo Perdigão.

Primo António 15 de Abril
1972

Falei com a minha prima a Maria Amélia, que me disse ir fazer o possível para dar uma resposta rápida, mas nunca imediata, porque tem que saber a opinião do Alameda Carmundo e ele está em Alrica. e é um

pro, por feticio, demorado a responder. Por minha parte telefonarei à Sr^a Lidia para que de presso a resposta do filho. Não posso portanto marcar a audiência.

Creia-me, prima amiga
Mâmia

Libras, 20 de Abril de 1972

Ex. Sr. Presidente do Junta de Freguesia de
União

Venho comunicar, que que a Sr.ª
Senhora D. Maura Trigueiros me
informou de que esta Junta continua interes-
sada na aquisição da Casa do Aço, e,
por este motivo, consultei meus advogados
a respeito da importância da mesma, que
são de 3.000 contos, e informo esta Junta
já deve saber. Podemos, portanto, caso
descobrimos fazer uma contra-proposta,
após de pr., sendo possível, chegarmos
a um acordo.

Seu mais visto motivo me subscrevo com
considerações e desde já muito grato:

Maria Amélia Serra Barros

Minda, 24 . Abril . 1972

Exm^a. Senhora
D. MARIA AMÉLIA SENA BRLO
Lisboa

Exm^a. Senhora

Recébi as estimadas cartas de 11 e 20 do corrente de V.Ex^a., tendo verificado com prazer de v/ interesse de em primeiro lugar darem a opção à Junta e a Minda para a compra da Casa dos Açores, e assim se podesse instalar na mesma o Museu ROQUE GAMEIRO.

Como é do conhecimento de V.Ex^a. pedi entretanto à Exm^a. Sr^a. D. Maria Martins Barata do seu interesse para que esta Junta e uma comissão de amigos do Museu, podesse ter um novo contacto com o Exm^o. Sr. Dr. Azeredo Perdigão, e lhe expomos todo o problema, para se ficar a saber até que ponto poderíamos contar com uma comparticipação da Fundação Gulbenkian. Não queria no entanto ter essa entrevista sem primeiro se saber qual a importancia que V.Ex^a. pedia pela casa, e assim dis-me V.Ex^a. na v/ ultima carta que pretende os 3.000 contos já pedidos anteriormente à antiga Junta.

Assim e dado que o problema tem de merecer um estudo que considero não estar de forma alguma só ao meu alcance e desta junta, resolvi convocar por toda esta semana uma reunião com todas as pessoas amigas do Museu, afin de lhes ser exposto o problema e se pronunciarem, pensando por mim voltarmos à presença de V.Ex^a., antes de termos a entrevista com Exm^o. Sr. Dr. Azeredo Perdigão.

Por mim farei todos os possíveis para que Minda tenha a Casa dos Açores, e enquanto estiver na Junta contando também com a colaboração dos Amigos e Fundadores do Museu, bem como outras individualidades bairristas, só a deixaremos ir para outros na total impossibilidade da Junta a vir a adquirir.

Creia-se com a maior consideração,

De V.Ex^a.
A BEM DA NAÇÃO
O Presidente da Junta

a) António da Silva Roque Gameiro

Anexos 9 – Documentos que atestam as medidas tomadas para a conservação do espólio

meu bom amigo

É um primeiro lugar os meus mais sinceros agradecimentos pelo bom acolhimento e todas as atenções que nos dispensei.

Adequamos bastante fazendo ^{uma} a lista das pinturas do atleu e diferenciando as que estão depositadas das que pertencem ao atleu, estas últimas muito aumentadas em numero... por oferta feita na altura.

- Por nossa parte já falamos com o director do atleu Alalhoa que continua com a amavel disposição de nos albergar as aquarelas. Temos que lhe mandar um pedido por escrito e a respectiva lista porque ele tem por sua vez que fazer uma declaração ás entidades oficiais. Quando fizermos o pedido mandaremos para si uma copia do que escrevermos, para a Junta se elucidar.
- A Junta ficou de escrever uma carta aos herdeiros da casa dos Agores para sondar a possibilidade de aquisição da casa. Esperamos que não sequeça.
- Conto poder ir ajudar a fazer uma revisão do inventario existente de todo o resto que está no atleu.

Pensamos no dia 2 de Fevereiro

Chamo no entanto a atenção para o acondicionamento das antiguidades de grande valor que estão na sala de entrada e mal situadas. A porta tem agora um vidro partido por onde entra muita humidade. Eu não sei valorizar aquelas peças, por

isso era mais uma coisa a pedir à Fundação Gulbenkian a ajuda de um avaliador, para serem em seguida guardadas em condições.

- A Junta ficou de officio à seção de cultura da C. M. L. (não me lembro o nome completo da directora) autorizando a ida a Madrid das peças requeridas, sujeitando a ida à aprovação da avaliação das peças pelos Amigos do Museu, e efectivação do respectivo seguro por parte da C. M. L.
- Quanto às aquarelas da Fundação Gulbenkian, ilustrações para Os pupilos do Sr. Rótor, parece-me que a Junta deveria escrever à F. G. relatando o que se passa para justificar o pedido de levantamento das referidas aquarelas. Esta carta para a F. G. é quanto a nós muito importante e urgente. Com efeito há que procurar conseguir garantir que as aquarelas voltem para o futuro Museu Roque Gameiro.

A Fundação parece que vai fazer um museu novo, só para as obras adquiridas depois da construção do museu existente.

Há que procurar toda a ajuda possível por parte da F. G. No nosso entender em primeiro lugar:

- o equacionamento do caso.
- a seguir. O estudo para o estabelecimento das características a que deverá obedecer o museu.

- depois, a execução do próprio
projecto.

- finalmente, a ajuda financeira.

Por isso me permito juntar um esquema da
minuta da carta que me parece ser útil enviar
à F.G.

Pezolhe que não se esqueça de apresentar
as minhas desculpas ao Sr. Prior, por não
me ter despedido mas à última hora
não o vi.

Não fixei o nome completo do novo
presidente e gostaria de saber.

Com os meus cumprimentos para
sua mulher e para si desta
sempre muito grata

Alcúmia

20 de Janeiro de 1980

Carta enviada pelo Presidente da Junta de F. de Minde, ao Sr. Director do Museu Malhoa, em 4 de Fevereiro de 1980:

S. P.
JUNTA DE FREGUESIA
DE
MINDE
CONCELHO
DE
ALGODEGAL
TELEFONE 84457 - APARTADO 84
3296 MINDE CODICE

Exmo. Senhor
SAVEDRA MACHADO
Dig^o. Director do Museu Malhou

Caldas da Rainha

No recebimento No emissão de Noo recebimento DATA
0000 N.º 21/80 4 / 2 / 80

ASSUNTO: MUSEU ROQUE GAMAIRO

Exmo. Senhor,

Apresentamos a V.Ex^{sa}. os nossos melhores cumprimentos.

A Junta de Freguesia de Minde, tem feito os melhores esforços para conservar aberto ao público o Museu Roque Gamairo, que como principal atractivo tem uma coleção de obras de grande valor do mestre Roque Gamairo, como também dos filhos e discípulos.


Não obstante os nossos esforços, vimos-nos forçados a encerrar este Museu, derivado unicamente às precárias condições do prédio onde o mesmo se encontra instalado por ser muito húmido, causando danos a algumas obras.

Esta Junta de Freguesia e o Grupo de Amigos do Museu estão procedendo ao planeamento de uma nova casa própria para o efeito. Entretanto, até este ano se concretizar, vimos junto de V.Ex^{sa}. solicitar autorização para que sejam albergadas no Museu Malhou as referidas obras.

Aguardando uma resposta de V.Ex^{sa}. tão breve quanto possível, renovamos os nossos melhores cumprimentos,

JUNTA DE FREGUESIA DE MINDE
O Presidente

Antonio Alberto Gamairo Fernandes
Antonio Alberto Gamairo Fernandes

2.  3.

PRESENCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Secretaria de Estado da Cultura
Direcção-Geral de Património Cultural
MUSEU DE JOSÉ MALHOA
2500 CALDAS DA RAÍNHA
PORTUGAL

Of. n.º 4.257
Proc.º 14

Exmo. Senhor
Presidente da Junta de Freguesia de Minda

Agradecemos o ofício de V. Exa. nº.21/80, de 4 do corrente mês e a confiança depositada no Museu de José Malhoa para albergar as obras depositadas pela Ilustre Família de Roque Gameiro no Museu de Minda, em situação precária e em fase de novo planeamento.

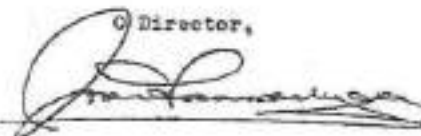
Considerando que tão valiosa colecção não deve correr o risco da falta de segurança e de ser subtraída do contacto com o público apreciador da Arte da Família de Roque Gameiro -, temos o prazer de informar que o Museu de José Malhoa aceita o depósito temporário das obras em epígrafe, para o qual, nos termos da Lei é dado tratarem-se os valores que irão permanecer à sua guarda, vai providenciar despacho do Secretário de Estado da Cultura e do Ministro das Finanças.

Oportunamente comunicaremos a data em que as obras de arte poderão dar entrada no Museu de José Malhoa.

Com os cumprimentos da maior consideração.

Caldas da Rainha e Museu de José Malhoa, em 14 de Fevereiro de 1980

O Director,



SM/ES

Parte de uma carta s/ data, escrita pela Sra. D. Mamia Roque Gameiro Martins
Barata, ao ex-presidente da Junta de Freguesia de Minde

Partien

meu bom amigo

Desejo a sua saúde e de todos os
seus.

Esta tem por fim pedir-lhe notícia

pois estou sem saber nada do que
se passa quanto ao triste museu!

Fui às Caldas ver como estavam as
mossas coisas, fiquei encantada com
o bom tratamento em que estão, mas
fiquei desolada por ver que faltavam
lá os quadros empastados para a
Camara de Lisboa e que já lá deviam
estar há muito tempo. Escrevi neste
sentido ao senhor Presidente da Junta,
espero que já tenha falado um pouco
deuro à senhora da Camara.

Depois, quanto ao terreno o que há?
Com grande surpresa vejo no jornal
de Minde que se volta a falar na
Casa dos Azores! Que se passa?
Os quadros da Gulbenkian já foram
entregues? Há toda a vantagem em
estar bem com a Fundação, e se
os quadros ainda lá estão, sem desbu
miliadores receio muito pelo seu

17 de Abril de 1980

Ex^{mo} Senhor Presidente da Junta
de Freguesia de Minde

Resumindo o que se passou no dia 22 de Março,
última vez em que ai estivemos, venho lembrar a im-
portancia de concluir o inventario que ajudámos a
elaborar, para o qual enviamos folhas iguais.

É muito preciso acondicionar os objetos de valor
ainda por guardar (embora alguns dos mais valiosos
já tenham sido levados para um cofre pelo Senhor
Presidente) muito há ainda que fazer.

Envio fotocopia da carta que enviei ao Senhor
Presidente da Camara de Alcanena.

Gostaria de saber, quem forma, nos amigos do Museu,
o Conselho Director e quanto seria bom numa reunião
do Grupo relembra o Capitulo I sobre Organização e
Fins do Grupo.

Creia-me muito atentamente sempre
ao vosso dispor naquilo que poder
ser útil

Almécia Martins Barata

P.S. Junto fotocopia da carta
que enviei ao Sr. Presidente da Camara
de Alcanena

Ex^{mo} Senhor Saavedra chamado
Dignissimo Director do Museu Malhoa

Venho expor a V^o Ex^a um caso que me
parece merecedor da sua valiosa atenção.

Como é do seu conhecimento foi inaugurado
em Alinde em 21 de 11 de 1970 um pequeno museu
regional na casa onde nasceu o aquarelista Roque
Garneiro.

O museu tem como principal atractivo uma boa
coleção de aquarelas não só do mestre como dos
filhos e discípulos deste. Esse conjunto de valores invel-
gar está em vistas de se perder, pois a casa, contra
o que se esperava e extraordinariamente humida,
tendo a humidade já feito os seus estragos em alguns
quadros.

A Junta de Freguesia e o grupo dos Amigos do
Museu estão procedendo ao planeamento de uma
nova casa. Porém, supuzanto não se concretizar
esse facto ou supuzanto considerarem oportuno
os membros da Família Roque Garneiro que tæem
obras depositadas no Museu de Alinde, veem
solicitar de V^o Ex^a o albergue no Museu Malhoa das
mencionadas obras, cuja relação provisória junto.
Aguardando uma favoravel resposta de V^o Ex^a
cumprimenta
Alcúmia Roque Garneiro substitua R. T.

Exmos Senhores
Antonio Alberto Gameiro Fernandes
1.º Presidente da Junta de Freguesia de Alinho

Teudo estado no Museu Malhoa em 25 deste mez
fiquei surpreendida por ver que ainda lá não se
encontram os quadros emprestados a Camara Mun-
cipal de Lisboa.

Veulo por por este meio pedir-lhe que officie a
Sr.ª Dr.ª Irisolda Alente para que os entregue quanto
antes, bem como o traje do Seculo XVIII, umas foto-
grafias e o manequim.

Cipenas os quadros são para archivar no Museu
Malhoa, mas por razões obvias é urgente que se
fjam incluídos na lista que lá se encontra e
receber o respectivo recibo.

Gostaria de saber se já foram entregues à Funda-
ção Gulbenkian os quadros pertencentes a essa
Fundação.

Sem outro assunto cumprimento
atenta

Alcãmia R. Gameiro Alcãmia Barata

28 de Outubro de 1980

22 de Janeiro 1981

Senhor Antonio Alberto
Gamaeiro Fernandes

Desculpará que eu venha importuna-lo.
Por duas vezes que escrevi ao nosso comum amigo
Lourenço Coelho, pedindo notícias do Museu.

Acontece porém que a uma das perguntas que faço
com maior interesse ele (por esquecimento do certo) não
me diz nada.

Faço um tormento por não saber se os quadros perten-
centes à Fundação Goulbenkian já foram ou não entregues.
É uma grande responsabilidade tê-los ainda aí.

Desculpe-me a franqueza mas não devemos esperar
que os não buscar. Será um sacrifício grande que
a Junta fará em trazê-los, mas além dos quadros,
a Fundação merece tudo.....

Sueira ter a bondade de me escrever duas
palavrinhas sem preocupações de protocolo como
eu faço nesta simples carta, e aceite os
meus cumprimentos desde já muito
agradecidos

Alfamaia Martins Barata

Proc.
N.º

A QUEM POSSA INTERESSAR

Declaro que procedi ao levantamento, na sede da Junta de Freguesia de Minda, de um conjunto de dezasseis aguarelas da autoria de Roque Gameiro, originais da edição ilustrada da obra de Júlio Dinis "As Pupilas do Senhor Reitor", conjunto de aguarelas esse cedido, a título de comodato, em mil novecentos e setenta, pela Fundação Calouste Gulbenkian à Junta de freguesia de Minda, para figurarem nas salas de exposição do Museu Roque Gameiro. São dezasseis aguarelas a seguir referenciadas:

- "Ó rio das águas claras" (Raparigas a lavar no rio)
- "Ela mexia e remexia nos belcos de cofete" (Um padre num mercado)
- "Clara tomou as mãos da irmã" (As duas raparigas sentadas ao lado uma da outra)
- "João da Esquina conservava sobre José das Dornas um olhar desconfiado" (dois homens numa taberna)
- "É meu irmão, dizia Pedro sorrindo" (Serra de luar ao pé de um poço)
- "Este cavaleiro era João Semana" (Médico montado numa mula-bol for)
- "Uma posta deste terrível inimigo que tão bem assado está" (João Semana a cozer)
- "Clara! Dissa Margarida em voz baixa puxando pelo vestido da irmã" (As duas raparigas ao pé da janela)
- "Margarida seguia o texto olhando por cima do hombro da criança" (Margarida a ensinar crianças a ler e cozer)
- "Ao rumor dos seus passos ergueu-se de súbito uma mulher" (Margarida de joelhos a chorar debruçada sobre a cama)
- "N'este momento pareceu-lhe ouvir algum rumor d'aquelle lado"
- "Divertiu-se a atirar biscoitos a um cão, que andava seito pela qu"
- "Comigo nunca elle fez ferinha"
- "A Surã. Theressa não deixou sair Daniel sem que elle visse todas as obras de crechal..."
- "A essa, apertou-a ao peito, de maneira a redobrar o enleio, em que se achava já a vaperiga"
- "Fôz-se, por sua vez a trabalhar".

Minda, 13 de Julho de 1989


(JOSÉ MARQUES FELISMINO)
Director-Adjunto

Anexo 10 – Carta enviada pelo Sr. Arq. Martins Barata à Comissão Provisória do Novo Museu

MUSEU ROQUE GAMEIRO, EM MINDE

(Algumas notas)

Foi com a maior satisfação que tomei conhecimento da nova orientação que preside às intenções de renovar e alargar a Instituição que tem o nome de meu Avô.

Representam uma atitude moderna e eficaz, que sem tirar valor nem contrariar a anterior fase – a do Museu circunscrito à casa natal do artista – são um passo decisivo no sentido de dotar Minde com um complexo cultural valiosíssimo.

Nesse sentido, permito-me contribuir com algumas ideias e sugestões, que valem apenas aquilo que valem, isto é, pontos para discussão, e devem ser tomados assim; contributos apenas, úteis ou não, a ser considerados desinibidamente e claramente.

1- O Museu tal como é proposto

A lista de secções ou departamentos do "Museu Vivo" que é sugerida, aponta para uma concepção "poli-nucleada" (não só no conjunto conexo a edificar, como até com separação física dos núcleos), como procurarei expôr.

Uma primeira verificação é a de que existe uma variedade grande na natureza dos núcleos: dânda zonas relativamente passivas (Museu de Pintura, Sala de Exposições temporárias, Museu de Etnografia) até às eminentemente activas (as Escolas, o Auditório) – e dentro destas há uma gradação de exigências várias e contraditórias: p.exº seria provavelmente mau ter a Escola de Música junto à Escola de Escultura em pedra...

A segunda verificação é a de que o projecto é ambicioso (felizmente!) apesar-de perfeitamente viável. Para que tenha uma realização mais fácil e ao mesmo tempo entusiasmante, pressinto que seria

útil considerar uma execução por fases da construção e apetrechamento, de modo a que o espectáculo do Museu Vivo a funcionar fôsse didacticamente preparado e acompanhado pelo do Museu Vivo a formar-se, participado, assumido, internalizado na consciencia colectiva - admirável ambição, do meu ponto de vista...

Nêste sentido, presumo que seria até possível analisar a viabilidade de que, em termos de Arqueologia Industrial, algum Industrial local pudesse encontrar uma parte desactivada de uma instalação fabril e nela conservasse equipamentos e carácter, complementando assim as evocações de carácter mais artesanal que teriam lugar noutros polos, ou núcleos.

2 - Vias para a concretização

Em primeiro lugar deve procurar-se uma ideia clara daquilo que se pretende fazer, isto é, redigir um Programa, cuidadosamente, ainda que admitindo à partida toda a flexibilidade.

A redacção do Programa deverá ter duas fases:

- uma primeira fase, procurará determinar, secção por secção, departamento por departamento, o conteúdo desejável (p. exº as exigencias de uma escola de dança; a capacidade e características do anfiteatro com plateia móvel, etc). Não deverão ser esquecidos os serviços de apoio, administrativos e officinais.

- uma segunda fase, definindo um programa architectónico (dimensões de cada compartimento, suas exigencias em iluminação conforto térmico e higroscópico, cargas máximas, cargas máximas de serviço e utilização de tempos, esquemas de circulação, acessos, condições de segurança activa e passiva, etc) Esta fase do Programa ganha em ser acompanhada de perto por um architecto e um engenheiro com prática e bom-senso.

Obtido o Programa abrem-se várias vias para a efectivação do

3

Projecto:

- a primeira é a designação directa dos projectistas por convite, que tem certas vantagens de expediência e simplicidade, mas é evidentemente mais vulnerável às alusões sempre desagradáveis e frequentemente geradoras de conflitos e mal estar ("maxime" se a política fôr para aí invocada...), e exige um mais cuidadoso modo de explicar às populações a escolha feita - mais difficil ainda se o resultado não fôr bem aceite na generalidade.

- a segunda é a abertura de um concurso público, nas suas diversas modalidades (com pré-qualificação, por convite limitado, etc.). Tem as suas desvantagens, nomeadamente a de exigir um maior esforço de organização, mas tem a grande vantagem de a responsabilização pela escolha ser lançada sobre o Júri que deverá publicar as suas actas e decisões - e contra um Júri de entidades prestigiadas, isentas e sabedoras é já muito difficil falar mal... Um Júri, para um caso desta importância deveria, quanto a mim, ter, pelo menos, entidades como o Instituto P. do Património Cultural, da D. G. dos Museus, da Ass. Int. dos Críticos de Arte, da Ass. dos Architectos Portugueses, da F. C. Gulbenkian, para além da junta de Freguesia pelos seus representantes.

Um facto importante é o de que, precedendo o Concurso, se devem promover palestras e debates, visitas a Minde e ao local, para elucidação dos concorrentes e do Júri (e há sempre arrastamento do público local interessado); através do jornalismo nacional e regional, isso constituiria, breio, uma magnífica publicidade da região, da Freguesia e da iniciativa em si mesma.

Neste segundo caso, que pessoalmente julgo mais vantajoso, a apresentação na Feira não seria ainda de ante-projectos ou visões (por vê-

zes enganadoras...) mas sim o de um processo em marcha para uma
realização de prestígio, sem precipitações nem improvisações -
- bem pelo contrário, dando uma imagem de segurança e determinação
calma e forte.

Minde merece-o.

Lisboa, 3 Maio 86

José Pedro Roque Soares Martins Branta

Ta Estêvam Pinto, 6-1º

1000 LISBOA

Anexos 11 – A 1ª acta do «Novo Museu»

Acta nº 1

Em dezassete dias do mês de Maio de 1985 pelas 22 horas reuniram-se em assembleia no salão principal da sede da Junta de Freguesia os senhores: - Senhora Maria Alzira Rogas Gouveia, Sr. Clara Gouveia, Eng.º João Manuel Neto Santos, Eng.º Vítor Coelho da Silva, João Pedro Macalho, António Lourenço Coelho da Silva, Rogério Fernandes Vencência, António Madureira Martins e a Sr.ª Maria Helena Siqueira Azeiteira com a finalidade de apreciar as opções já desenvolvidas e estudar novas propostas com vista à reinstalação do Museu.

A reunião foi presidida pelas senhoras Sr.ª Maria Alzira, Sr.ª Clara Gouveia e Anabela Gouveia que têm cerca de dois meses decidiram colocar-se à frente desta causa, entusiasmadas pela ténue perspectiva de se vir a fazer, em benefício de outros, o que foi a pertença do novo museu. - o título, as peças ainda guardadas na sede da Junta de Freguesia e as obras de arte que, embora devidamente reconstruídas fora de Monte estão ainda a pôr à dispor. Sr.ª Maria Helena Siqueira Azeiteira.

Ficada a sessão desenvolvida-se a seguinte ordem de trabalhos

- a) Informações gerais
- b) Parecer do senhor arquitecto João Pedro
- c) Petições para aquisição de terrenos.
- d) Questões de organização

Sobre o primeiro ponto desta ordem suscitaram-se as intervenções dos presentes, quase todas a reconhecer a necessidade de se agir com urgência no sentido de não deixar que outros se tenham a ocupar desta mesma participação a que podemos chamar nosso, agora muito em risco de se nos escapar. Afirmou-se a necessidade de uma sensibilização que leve a população a reconhecer o contributo do trabalho (intelectual,

ferreiros, máquinas...) já fora de uso, com em
a busca futura integração numa secção indolente
do museu. Indicaram-se algumas acções já efe-
adas sucessivamente os contactos já tidos com os
da família de Westé Roque Gouveia. Debatidos
tos relativos ao complexo cultural que se pretende
obra a ter o museu como base - ensino técnico e
fissional, escola de música, artes aplicadas, etc. -

— Quanto ao ponto dois da ordem de trabalhos
feita a apreciação do parecer do arquitecto José
Martins Barata, já se fez do novo plano de acção
para o novo museu, que se deseja reunir a se
o ponto dinamizador de múltiplas actividades es-
turais. Sobre este parecer, aliás muito bem elabo-
rado e fundamentado, foram tecidas várias conside-
rações sobretudo quanto ao modo como se devia
ceder ao que respeita à elaboração do projecto.
obra, ficando que se julgasse não ser o autor do
parecer a pessoa mais indicada para a execução
do projecto pela menoridade que naturalmente
adivida da sua pouca disponibilidade para se
cuidar, digo, trabalho, assumido. É melhor o
cuidar da sua orientação. Aliás o próprio parecer
não deixa de sugerir um concurso como o pro-
cesso mais indicado para se empreitar a obra.

— Sobre o terceiro ponto da ordem, conhecida como
era da maioria dos presentes a opção tomada em
relação ao local de implantação, foi feita situação
junto da zona de destino, foram-se de imediato
a exposição das diligências já feitas para a aq-
uisição do terreno necessário.

Consequentes a al. decisão dos senhores Carlos Alberto,
suicida e Agostinho Carvalho Teixeira das suas func-
ções à compra do terreno do Reverendíssimo Sen-
tor Cônego Aquilino Martins Fontes, ficou a comissão de

... para a funcionar "ad hoc"; com o encargo de ir contactar o proprietário com quem se tinha já marcado de se encontrar, o segundo, para a primeira tarefa - feira, não deixando de mais.

Na preparação de um possível acordo na negociação do terreno foi desde logo tratado o problema da aquisição de fundos. Foram dados a conhecer os fundos já dados no respeitante à reprodução dos quadros das Escolas de Senhoras Reitas para quadros murais e calendários de obras publicitárias com vista ao seu lançamento por altura da Feira de Sant'Ana. Talou-se a quantidade e no momento dos custos dessas reproduções bem como da edição de esse livro de rifas a dois mil cruzeiros cada um.

Foi decidido abordar o Senhor Laurence Coelho Rufos da Silva com o fim de o convencer sobre as ideias sustentadas e propôr-lhe que em Novembro de 1984 viesse de colaborar a reinstalação do museu com que se iniciou o trabalho.

Quanto à organização jurídica do museu propriamente dita, uma investigação para se trazerem ao de cima os documentos legais existentes, nomeadamente o alvará da instituição, afim de que fossem vir a servir de instrumentos para acções a desenvolver futuramente. No respeitante à organização administrativa foi decidido criar uma comissão (provisória) para a reinstalação do museu da qual ficaram a fazer parte como membros principais as senhoras doutora Maria Alzira, doutora Clara Gouveia e Amália Gouveia e ainda os senhores engenheiros João Manuel Neto Santos e Victor Coelho da Silva, João Pedro Micaelo e António Laurence Coelho da Silva, como elementos activos da nova geração; os senhores Rogério Vasconcelos, Professor Abílio Madeira Martins e Laurence Coelho

Anexos 12 – O Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro

— Acta número onze —

As duas das do mês de setembro de 1989, pelas vinte e cinco horas, reuniu-se na fonte de frequência de Spinde, a Assembleia Geral extraordinária, após seguinte convocação. Como ponto de ordem de trabalhos: alteração do nome da Instituição.

Precedeu-se a uma troca de impressões sobre as actividades desmanteladas pelo Spine e exporaram-se um conjunto de razões que conduziram à necessidade de alterar o nome do Spine Roque Gameiro. Depois de ouvidas algumas sugestões decidiu-se por unanimidade escolher o nome: Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro. Deu-se depois por encerrada a sessão da que se lavou a presente acta que depois de lida e aprovada será assinada nos termos da lei.

Presidente: Albino Rodrigues

Secretário: Albino Rodrigues

Anexos 13 – A escritura de constituição do Centro de Artes e ofícios Roque Gameiro

46-451
K
K

Associação

U. de trece de Outubro de mil novecentos e
oiteenta e nove, no Cartório Notarial de Alca-
nara, por 12 testemunhas, em Direção, José
Albino de Aguiar, o respectivo estatuto, e de
seu teor como se segue:

— MARIA AZILDA ACHEGA NOGUEIRA,
solteira,

— MARIA CLARA FERNANDES GAMEIRO, e

— NAUZ LERFAS NICATEO, viúva casada
de, e outras residentes no lugar de
Freguesia de São João, desta comarca.

Os signatários e identificados dos referidos
seus nomes e domicílios, passados.

DISPOSITIVO:

Os, pelo presente escritura, constituir uma
Associação, a qual se regerá pelas cláusulas e
termos dos artigos seguintes:

1º

A associação toma o nome de "CENTRO DE
ARTES E OFÍCIOS ROQUE GAMEIRO", tem a
sua sede no município de Alcázar, Freguesia de São
João de Alcázar, e deverá por tempo indeterminado
na dita comarca de São João.

2º

1
12
Junt

2.º seu objecto é, museu de obras do aquilista
Populo Juveiro, sala de exposições temporarias,
Sala polivalente, - nichos de esfolologia, - escola
de tracalque tradicional, - escola de musica a
luzes, - oficina de cantaria, - escola de desenho
e pintura, - 1.º conjunto integrari especies livres,
biblioteca, clube, restaurante, area comunal.

3.º

- Associação terá tres categorias de socios,
efectivos - titulares, - doadores e honorarios, fi-
cando os honorarios de favor das de pagamento de
quotas, e os efectivos - titulares sujeitos ao paga-
mento de quota mensal que foi fixada em delib.
barragem do Assembleia Geral.

4.º

Seu organo de Associação, Assembleia geral
Direccão e Conselho Fiscal.

Paragrafo primeiro: - a competencia do Juveiro
do Juveiro de Assembleia geral são
as percurtas e disposicoes gerais e especificas
recomendacoes, nos artigos. Estes setenta e
oito e setenta e nove do Código Civil.

Paragrafo segundo: - A Mesa de Assembleia
geral s'empasta ja tres associados, competend-
do escrever, dirigir e redigir os actos da As.

4135
Paul

Artigos gerais

5º

A Direção e o Conselho de administração compete-lhe a fiscalização administrativa, financeira e disciplinar, devendo reunir-se mensalmente.

6º

O Conselho Fiscal e o Conselho de fiscalização compete-lhe fiscalizar os actos, actos administrativos, financeiros da Direcção, verificar as suas contas e relatórios, dar o seu parecer sobre os actos que impliquem aumento e diminuição de receitas sociais. O Conselho reunirá pelo menos, uma vez por trimestre.

7º

Constituir o património da Associação, subsidiar e proporcionar recursos e auxílios e cooptação egressos

8º

No que este Estatuto se não omisso, as regras de funcionamento, e as que se referirem a assuntos de competência da Assembleia Geral.

ASSIM O DIRETOR DA ORGANIZAÇÃO
EXIBIRÁ: c.º de administração da
Associação de 1996/97,

FOLHA Nº 1 2000/1 - TO - Nº 1000, L.º 1.º

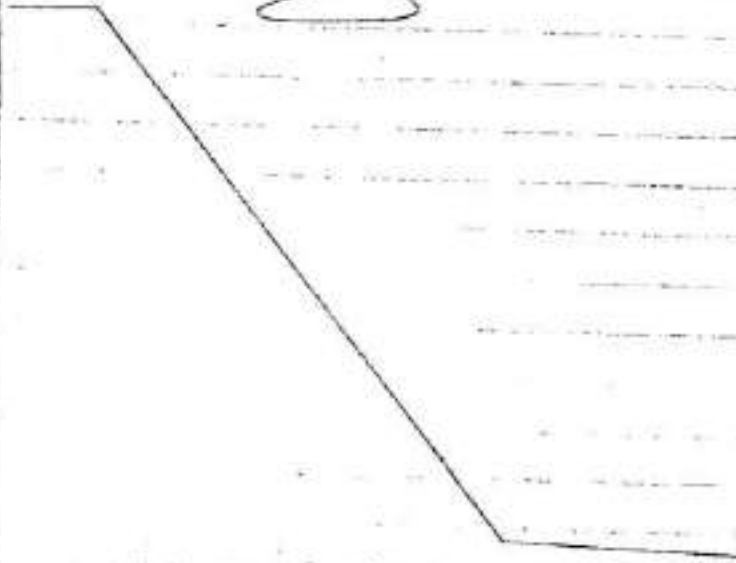
i An
Junto

passado pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas
até ao cento e oitenta dias e conta de 18
de Setembro findo.

Esta escritura foi lida aos outros partes
e aos mesmos feitos e placados de seu conteúdo
de seu voz alto em sua presença simultânea
em 18 de Setembro de 1911.

João Maria Adalberto Fernandes
João Maria Fernandes Gouveia
António Augusto Almeida

ARTE
Cub. de 6121



Anexos 14 – Correspondência trocada, com vista à aquisição da Casa dos Açores

Exma Senhora
D. Maria Alzira Roque Gameiro
R. Públia Hortência de Castro, 1-8°C
1500 Lisboa

Lisboa, 22 de Junho 1993

Senhora D. Alzira,

Na sequência da conversa que tivemos há dias queremos dizer que foi com muito interesse e agrado que tomámos conhecimento das diversas actividades culturais e educativas desenvolvidas pelo Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, que decerto irão dar uma contribuição muito significativa ao desenvolvimento de Minde.

No que diz respeito à casa dos Açores, não nos parece oportuno iniciar nesta altura quaisquer forma de negociações uma vez que existe um contencioso com a Camara de Alcanena cuja resolução esperamos há muito tempo.

Queira aceitar e transmitir às suas Colegas da Direcção do Centro os nossos melhores cumprimentos,

1
D. Maria Alzira Roque Gameiro
Ant. Carneiro da Cunha

MANUEL CLAREMUNDO EMÍLIO
MINDE

AV. 5 DE OUTUBRO, 184, 1.º DTU,
TELEF. 76 20 56 LISBOA-1

Exma Senhora Presidente do
Conselho Director do Centro de
Artes e Ofícios Roque Gameiro
Drª Maria Alzira Roque Gameiro
Rua Monselhor Michel
2395 MINDE

Lisboa, 20 de Maio 1997

Exma Senhora Presidente,

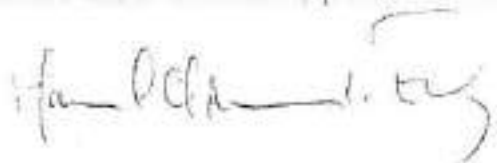
Acuso a recepção da sua carta de 21 de Abril passado, de que só muito recentemente tomei conhecimento, pois foi enviada para uma morada onde muito raramente me desloco.

Tomei nota do seu teor, e esteja certa de que, logo que todos os actuais proprietários tenham ultimado os últimos detalhes sobre o processo de venda, lhe daremos conhecimento.

Seria com gosto que veria a reinstalação do Museu Roque Gameiro agora na Casa dos Açores em cujo planeamento ele próprio muito contribuiu.

Solicito-lhe o favor de tomar nota da morada acima indicada para onde deverá enviar futura correspondência a fim de obviar a desnecessários atrasos.

Sem outro assunto de momento, queira aceitar os meus melhores cumprimentos,



MANUEL CLARIMUNDO EMÍLIO
Médico

AV. 3 DE OUTUBRO, TEL. 1.º DTO.
TELUF. 75 80 00 LISBOA-1

Exma Senhora Presidente do
Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro
Drª Maria Alzira A. Roque Gameiro
Rua Monseñor Michel
2395 Minde

Lisboa, 16 de junho 1997

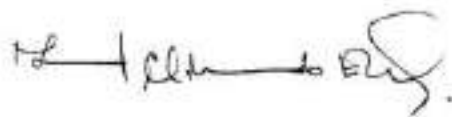
Exma Senhora Doutora,

Conforme o compromisso da minha carta, venho informá-la que eu e os outros proprietários da Casa dos Açores assentámos ontem num preço para a sua venda.

O valor proposto para a transacção, que foi determinado por três estudos de avaliação independentes, é de 55 milhões de escudos. No entanto, dado o interesse que reconhecemos ao CAORG que tanto tem pugnado pelo desenvolvimento e preservação do património cultural de Minde, onde temos as nossas raízes e da qual guardamos as melhores recordações, estamos dispostos a vender a casa a essa instituição pela quantia de 45 milhões de escudos.

Esta proposta baseia-se na convicção de que o CAORG saberá encontrar uma solução digna para manter a casa como património da Vila de Minde, para benefício de todos os seus habitantes.

Em meu nome, e no dos outros proprietários, queira aceitar os nossos melhores cumprimentos.





Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro

TELEF. 096-810022 - RUA MONSIEUR MICHEL - 2200 MINDE

Exmo Sr.
Dr. Manuel Clarimundo G. Emílio
Avenida 5 de Outubro, 184-1º Dtº.
1000 LISBOA

Nossa referência: 97/E/97/98

Sua referência:

Data: 18/09/97

ASSUNTO:

Peço desculpa de só hoje lhe dar mais notícias sobre o assunto que temos pendente, mas, primeiro as férias e depois, todos os entraves "normais" nestas situações, têm contribuído para o efeito.

Como pode calcular, as dificuldades têm sido muitas; não só por parte da Autarquia, mas também pelos diferentes ministérios aos quais nos temos dirigido. Neste momento, tudo parece ter entrado num caminho que nos é favorável e esperamos rapidamente concretizar os nossos objectivos. A Câmara de Alcanena tem-nos pressionado, comparando a Casa com uma outra comprada pela mesma, há pouco tempo, e situada em Alcanena (a casa do Dr. Moita) da mesma época e sensivelmente com as mesmas dimensões e pela qual dispendeu uma quantia menos elevada (26 mil contos).

Pensamos poder ultrapassar tudo isto e agora muito agradecemos que nos envie rapidamente os seguintes: Planta da casa-Dimensões-área de implantação e caderneta predial.

Sem esta documentação não nos é possível contrair um empréstimo bancário, necessário à efectivação da compra.

Sem assunto de momento, apresentamos os nossos cumprimentos.

A Presidente do Conselho Director
(Maria Alzira A. Roque Gameiro)

MANUEL CLAUDIO FEMILIO
advogado

AV. D. DE BUFOEN, 124, 1.º STA.
TELEF. 74 20 08 LISBOA-C

Ex.ma Senhora Presidente do
Conselho Director do Centro de Artes
e Oficinas Roque Gameiro
Drª Maria Alzira Roque Gameiro

Lisboa, 6 de Outubro 1997

Ex.ma Senhora Doutora,

Acuso a recepção da sua última carta e apresso-me a responder-lhe por só agora ter conseguido a caderneta predial respeitante à Casa dos Açores.

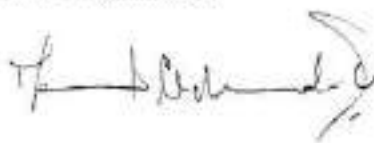
Julgo, mas não tenho a certeza, de que há uma discrepância na área mencionada na caderneta e a área real da propriedade, pois por um lado penso que a área se aproxima mais dos 3 mil metros quadrados e por outro que existiriam dois artigos matriciais que constituem a totalidade da propriedade.

Faço notar mais uma vez que não tenho a certeza destas afirmações e pode acontecer que a caderneta descreva a globalidade da propriedade.

Não sendo minha intenção causar-lhe qualquer transtorno nem ser abusivo mas tão somente tornar possível clarificar mais rapidamente este ponto, por dificuldades minhas de me deslocar a Alcanena, poderia pedir a um dos seus colaboradores esclarecer junto da Câmara esta minha dúvida?

No caso impossibilidade peço-lhe o favor de me avisar para eu próprio tratar do assunto.

Queira aceitar os meus melhores cumprimentos,



Ex.ma Senhora Dr.^a Maria Alzira Roque Gameiro

Junto lhe enviamos a cópia da carta que enviamos ao senhor Presidente da Câmara de Alcanena.

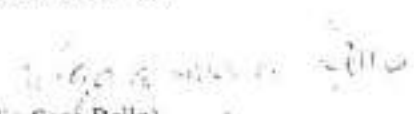
Com muito empenho e interesse propusemos, oportunamente, a venda da Casa Açores ao CAORG, por um preço inferior ao valor venal da propriedade e muito lamentamos, passado um ano, não ter recebido uma resposta.


Assim sendo, muito agradeceríamos que respondessem à referida proposta, indicando se é intenção do CAORG subscrever, com brevidade, um contrato-promessa de compra e venda.

Decorridos mais quinze dias sem resposta, a partir da data de recepção desta carta, deixaremos de considerar a eventual venda da Casa.

Subscrevemo-nos, enviando os melhores cumprimentos

Lisboa, 04 de Junho de 1998


(Magda Emílio Sená Bello)


(Manuel Clarimundo Manso Preto Emílio)

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Alcanena

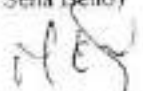
Por solicitação da Ex.ma Senhora Dr.ª Maria Alzira Roque Gameiro e para os fins que V. Ex.a entender convenientes, venho, por este meio, informar que o preço de venda, para o Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, da nossa propriedade, conhecida por Casa Açores, na freguesia de Minde é o mesmo que consta na proposta que enviamos à referida entidade, há cerca de um ano, ou seja: quarenta e cinco milhões de escudos.

Consideramos que esta proposta é independente da eventual negociação, para fins diversos do acima referido, à qual se refere a carta que endereçamos a V. Ex.a em 21 de Janeiro do corrente ano.

Apresentam respeitosos cumprimentos

Lisboa, 04 de Junho de 1998


(Magda Emilio Sena Belle)


(Manuel Clarimundo Manso Preto Emilio)



Centro de Artes e Ofícios Rogar Gambiro

TELEFAX 048 - 3210121 - RUA MOURAENHO MICHEL - BOVA LINDA

Exmo. Senhor
Dr. Manuel Clarimundo Estúlio
Avenida 5 de Outubro, 183-1º Dº
1100 - LISBOA

Nossa referência: 50/E/97/98 Sua referência: Data: 22/06/98
ASSUNTO: Casa Agões

Em resposta à vossa carta datada de 4 de Junho p.p., a qual nos mereceu a máxima atenção, lamentamos que até hoje ainda não tivesse sido possível concretizar o desejo que pensamos muito de adquirir a Casa Agões.

Pela nossa parte, temos feito todos os esforços não só através do Ministério da Cultura, como da Câmara Municipal de Alcântara.

Tivemos conhecimento através do Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Munde que a Câmara Municipal está a enviar todos os esforços no sentido de rapidamente resolver o problema.

Como o concelho da vossa carta, dirigida ao Presidente do Conselho Director, só foi conhecida pela mesma na segunda-feira, dia 8, só agora depois de ouvidos os membros do mesmo Conselho, foi possível dar-vos uma resposta.

Acreditamos que rapidamente, através de boa colaboração da Câmara Municipal de Alcântara, possamos viabilizar o contrato-promessa de compra e venda.

Com os melhores cumprimentos

O Presidente do Conselho Director
Rogar Gambiro
Rogar Gambiro

MANUEL CLARÉMUNDO EMÍLIO
NASCIM

AV. 5 DE OUTUBRO, 184, 1.º 5ºº,
1050-110 LISBOA

Exma Senhora
Presidente do Conselho Director
do C.A.O.R.G.
Drª Maria Alzira Roque Gameiro
2395 MINDE

Lisboa, 26 de Junho 1998

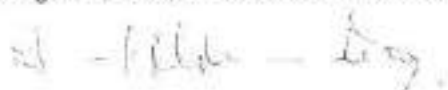
Exma Senhora Presidente,

Foi com muito agrado que recebi a sua carta datada de 22/06/98 na qual continua a afirmar o interesse do CAORG pela aquisição da Casa dos Açores, bem como de todas as diligências que nesse sentido tem feito.

De imediato transmiti aos outros proprietários o teor desta carta, e igualmente se mostraram satisfeitos.

Como sabe, este processo arrasta-se há já muito tempo, com longos interregnos entre os contactos que nos têm prejudicado substancialmente. Por este motivo concordamos em estipular, como data limite, para celebração do contrato de promessa de compra e venda, o próximo dia trinta de Julho, data a partir da qual nos sentiremos completamente desobrigados perante o CAORG e de tomarmos as decisões que entendermos melhor salvaguardar os nossos interesses.

Ficando a aguardar as vossas notícias envio os meus melhores cumprimentos,





Centro de Artes e Oficinas Roque Gameiro

TELEFAX 2146 14 0000 - PELA AVENIDA DO MAR N.º 14 - 1000 LISBOA

Exmo. Senhor
Dr. Manuel Clarimundo Emílio
Avenida 5 de Outubro, 184-1º-Dº
1000 LISBOA.

Nº DE MEMÓRIA: 90/E/97/98 CAS. MEMÓRIA: DATA: 27/07/98

ASSUNTO: Casa Açores

Acusamos a recepção da vossa carta de 26/06/97.
Como já tivemos oportunidade de transmitir
variadíssimas vezes, a Direcção do Centro de Artes e Oficinas Roque Gameiro desde a 1ª
hora se interessou pela aquisição da Casa Açores, entendendo ser um espaço único em
Minda e que poderá reunir bem os objectivos do CAORG.

Porém, trata-se de colectividade que como a maior
parte delas, tem dificuldades de ordem financeira, razão pela qual nos socorremos da
Junta de Freguesia e Câmara Municipal por forma a podermos concretizar o negócio.

Entretanto conseguimos por outra via e há cerca
de dois meses uma excelente aproximação ao Sr. Ministro da Cultura do qual tivemos
abertura para apresentação de uma candidatura que, legalmente, teria que ser liderada
pela Actarquia.

Desta feita reunimos de novo com o Sr. Presidente
da Câmara que teve entretanto dois longos períodos de ausência por motivos de saúde,
que se comprometeu a elaborar o processo da referida candidatura e rapidamente escreveu
carta dirigida ao Sr. Ministro, cuja cópia anexamos.

Fomos entretanto informados de que a candidatura
já havia seguido para Lisboa.

Cumpre-nos porém reconhecer que da parte dos
proprietários da Casa dos Açores temos tido uma colaboração inaceitável e que o factor
"tempo" talvez tenha ultrapassado um pouco o considerado razoável do ponto
meramente comercial.

Permitam-nos porém ter a ousadia de pedirmos mais
algum tempo dado o adiantado das negociações com a Câmara, a candidatura efectuada,
a abertura que temos por parte do Sr. Ministro e pelo o facto de estarmos em pleno
período de férias, período este em que tudo está parado.

A Direcção do CAORG pretende esgotar todas as
possibilidades ao seu alcance no sentido de conseguir adquirir a Casa dos Açores e, nesta
fase, volta a ser imprescindível a colaboração dos vendedores.

Muito agradecemos a vossa sempre pronta
disponibilidade e aguardamos as vossas notícias com ansiedade.

Sem outro assunto. Apresentamos os nossos
cumprimentos.



CÂMARA MUNICIPAL DE ALCÁÇOVA

TELEF. (348) 88 00 18 - FAX (348) 88 13 07

3380 ALCÁÇOVA

CONT. 10/10/14

SENHOR
MINISTRO DA CULTURA
Palácio Nacional da Ajuda
LISBOA

Excelência

Conforme está expresso no Memorando junto, o Centro de Artes e Oficinas Roque Gameiro, em Minda, confronta-se, por falta de instalações adequadas com a dificuldade de acolher o acervo da obra aquarelística de Roque Gameiro que lhe foi confiada.

As numerosas actividades do C.A.O.R.G. estão em pleno desenvolvimento e satisfatoriamente instaladas - porém, o Núcleo Museológico está praticamente inactivo.

Surge agora a possibilidade de aquisição de uma casa, de traça atribuída a Raul Lino e ao próprio Roque Gameiro, pertença de um ramo próximo da família do Artista, e que reúne todas as condições para uma instalação condigna e eficaz do Museu, tanto pela sua qualidade como pela sua localização.

A iniciativa e as forças vivas locais estão unidas e dispostas a participar substancialmente na constituição dos fundos necessários à aquisição, que são da ordem dos 45.000 contos.

Todavia, esta verba não está ao alcance do conjunto de boas vontades locais que procuram dar forma a um desejo de lá muito sentido pela população.

Assim, e tendo o CAORG pedido a colaboração desta Autarquia para a resolução desta situação, permita-me solicitar a Vossa Excelência, a consideração de uma comparticipação na aquisição do edifício em causa.

Acrescente, ainda, que estamos a promover uma candidatura aos fundos comunitários para a aquisição do edifício em causa.

Com os melhores cumprimentos.

O PRESIDENTE DA CÂMARA

(Luis Manuel da Silva Azevedo)

- Eng.º Técnico -

Na resposta indicar sempre
as referências e o número
do presente ofício.

PARECER
SOBRE OS PRINCÍPIOS DE MUSEALIZAÇÃO
DA CASA «AÇORES» EM MINDE

A Casa «Açores», em Minde, concelho de Alcanena, é um exemplar notável de arquitectura e de jardins dos inícios do século XX, ligado à família do aquarelista Alfredo Roque Gameiro, no qual o *Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro* (CAORG) pretende instalar um *pequeno museu* em que pretende expor uma colecção de cerca de oitenta obras daquele mestre. Dadas as afinidades estilísticas com outras residências desenhadas pelo Arquitecto Raul Lino, é possível atribuir a este autor o risco da Casa, apesar de não se terem encontrado, até à data, elementos gráficos ou documentais que o possam concludentemente provar.

Há algumas décadas atrás, existiu uma *Casa-Museu Roque Gameiro* em Minde, que reuniu esse espólio, mas a degradação do imóvel em que se encontrava instalada determinou o encerramento da mesma e a deslocação da colecção para unidades museológicas das Caldas da Rainha e de Lisboa. Urge, pois, retomar o projecto noutras condições e com uma amplitude e capacidade de intervenção que aquela antiga experiência nunca conseguiu alcançar.

A aquisição, por parte da Câmara Municipal de Alcanena, da Casa «Açores» para instalação do novo museu abre novas perspectivas ao CAORG para concretizar o seu projecto, no que conta não só com o inteiro apoio dos seus associados e com o financiamento e suporte técnico da Autarquia, mas também com o contributo de especialistas em recuperação de edifícios, em conservação e restauro e em museologia.

Com efeito, manifestando uma grande clarividência na resolução do problema, o CAORG chamou a Minde especialistas dessas três áreas para se pronunciarem sobre as condições oferecidas pela Casa «Açores» para albergar o almejado museu: o Arq.º Martins Barata, o Eng.º Luís Elias Casanovas e o signatário, que irão constituir a *comissão técnica* de acompanhamento da obra de recuperação e musealização da Casa «Açores» e, no futuro, integrarão o Conselho Consultivo do museu.

Após demoradas visitas ao local e diversas trocas de impressões, os três especialistas concordaram em diversos pontos para um programa-base cuja fundamentação museológica passamos a expor:

- Apesar do mau estado da cobertura e, em consequência, dos sinais visíveis de degradação em diversos pontos dos tectos e paredes no interior, a Casa «Açores» apresenta *uma grande qualidade construtiva ao nível da alvenaria*, que oferece as melhores condições para os *fins museológicos* que se desejam para o local. O jardim está globalmente bem conservado, necessitando de intervenções pontuais

(melhoramentos florísticos, bancos especialmente desenhados) ou nas construções arruinadas ou abandonadas (nomeadamente no torreão romântico que se levanta no canto oposto ao da Casa).

- A original *planta* da Casa, distribuindo espaços por *três pisos*, permite uma perfeita adaptação do imóvel às funções museológicas de *conservação/armazenamento* (reservas, armazém de material museográfico e gabinete de estudo na Cave, que é, na realidade, um piso térreo ao nível do Largo), de *exposição/divulgação* (área de exposição permanente e de temporárias no R/C e recepção/loja e sala polivalente para tertúlias, também no R/C; atelier de pintura na «casa da lenha»), e de *administração/direcção* e de *interpretação* (gabinete e centro de documentação, que reúne abundante informação sobre o artista e a localidade, no piso superior, com posto de consulta informático no R/C), sem esquecer as *instalações sanitárias* para público (R/C) e para o pessoal (piso superior).
- O *espólio artístico* que deverá ser recolhido no museu é constituído, maioritariamente, por aguarelas, o que implica, por razões de conservação, uma *rotatividade* das peças expostas ao fim de dois/três meses, suscitando, por outro lado, um renovado interesse, por parte do público, na visita ao museu. A direcção do museu pode, assim, *expor rotativamente a colecção*, de acordo com diferentes temáticas ou por épocas de produção, bem como organizar *exposições temporárias* que dêem a conhecer novos talentos e novos caminhos estéticos na prática da aguarela, tanto por amadores como por profissionais. Por isso se propõe a existência de um *atelier permanente de pintura de aguarela*, para diversos escalões etários, que tem o seu espaço fixo na «casa da lenha» mas pode estender-se pelos espaços do jardim, até ao torreão romântico. Poderá vir a aceitar novas doações ou a proceder a aquisições. Nestas circunstâncias, somos de parecer que a designação do futuro museu deverá ser *Museu de Aguarela Roque Gameiro*.
- O pequeno «Museu de Aguarela Roque Gameiro» poderá funcionar com *dois técnicos auxiliares*, um para a recepção/loja e outro para a vigilância do espaço de exposições, um *técnico especialista* ou *superior* para o centro de documentação e reservas e um *monitor* para o atelier de pintura. Todas as tarefas correntes ou excepcionais que obriguem à participação de outros elementos poderão contar com o apoio do CAORG e dos serviços da Autarquia (CM e JF).
- A *recuperação do imóvel* terá de respeitar integralmente as suas características construtivas, assim como os mais interessantes aspectos decorativos do interior (*boiseries*, tectos, batentes, lareiras, balaustradas, alguns armários de biblioteca) e do exterior (beirais, colunelos, reixas), embora, ao nível do interior, possam ser abertos

vãos e alargados certos espaços, para fins de maior funcionalidade do percurso expositivo.

- Ao nível do *jardim envolvente*, em que se destaca o referido torreão romântico, no canto oposto ao da Casa, há que pensar na sua *conservação* e no seu *enriquecimento florístico*, legendando as espécies, para o tornar num espaço de lazer e num lugar de educação ambiental. Pode admitir-se a construção de uma muito discreta *Casa de Chá* (com instalações sanitárias próprias e de apoio ao jardim), no fundo do jardim, a seguir à «casa da lenha» e à pequena casa em pedra, hoje destelhada, que poderá vir a ser utilizada para guardar a lenha que deverá continuar a alimentar as lareiras da Casa no inverno. O *torreão* poderá albergar, no R/C, o espaço de apoio à jardinagem e, no piso superior, um prolongamento do atelier de pintura de aguarela que deverá ser instalado na «casa da lenha».
- Dada a existência de um portão lateral de entrada no jardim e de uma entrada na Casa ao nível da cave, estão garantidos os acessos ao jardim e ao museu a pessoas com mobilidade reduzida. Exceptua-se o Centro de Documentação no piso superior, mas tal dificuldade pode ser suprida por um posto informático de consulta no R/C ou pelo acesso ao gabinete de estudo das reservas, na cave.

Cascais, Fevereiro de 2004.

Fernando António Baptista Pereira

Museu Roque Gameiro

Pareceu – me importante sublinhar alguns aspectos do Vosso projecto que poderão ser encarados como óbvios mas não são :

1 – O edifício é assumido como parte integrante do Museu sendo importante vir a desenvolver a proposta do Arqt.º Martins Barata no sentido de o encarar como um manifesto, quiçá o primeiro, do que viria a ser o estilo Raul Lino ;

2 – A natureza do espólio impõe um extremo cuidado na recuperação das estruturas porquanto as condições – ambiente exigidas pela colecção deverão ser asseguradas com um mínimo de recurso a equipamentos : é importante garantir que temperatura mínima nunca seja inferior a 15 ° C mas os restantes parâmetros, temperatura máxima e sobretudo a humidade relativa poderão ser mantidos dentro de limites perfeitamente aceitáveis pela própria estrutura do edifício desde que esta seja correctamente recuperada ;

3 – As alterações previstas na arquitectura interior são pouco significativas mas deverão ser projectadas e executadas com muito cuidado (com amor como disse o Arqt.º Martins Barata) no sentido de permitir que seja atingido o objectivo delincado na alínea 2 : é particularmente importante a selecção dos materiais a empregar no acabamento das paredes ;

4 – A RPM poderá conforme eu disse assegurar o apoio técnico necessário incluindo o acompanhamento do projecto de c. civil sendo por isso mesmo urgente que o apoio seja solicitado com a possível brevidade .

Lisboa, 22 de Fevereiro 2004

Luis Elias Casanovas

Anexos 16 – Protocolo entre a CMA, a JFM e o CAORG que foi sancionado pela Assembleia Geral do CAORG em 22 de Maio de 2009

Protocolo

Constituição dos pólos: Museu de Aguarela Roque Gameiro, Atelier de Desenho e Pintura e Atelier de Restauro, do Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, no complexo “Casa dos Açores” em Minde.

Preâmbulo

Alfredo Roque Gameiro é conhecido como o maior aguarelista português dos finais do séc. XIX e do primeiro quartel do séc. XX, responsável, a par de outros aguarelistas do seu tempo, pela divulgação da prática da aguarela.

O património artístico que nos legou deverá estar à disposição do público, podendo servir de reflexão ao que o artista nos transmite através da sua obra, fomentando a produção artística, o desenvolvimento do espírito crítico, a oferta cultural, que conduzem ao desenvolvimento das populações do Concelho e de fora dele.

A aquisição, por parte da Câmara Municipal de Alcanena, do complexo “Casa dos Açores”, para a instalação do novo museu, do Atelier de Desenho e Pintura e do Atelier de Restauro, abre novas perspectivas ao CAORG para concretizar o seu projecto, no que conta não só com o inteiro apoio dos seus associados, mas também com especialistas em recuperação de edifícios, em conservação e restauro e em Museologia, que, a título gracioso, acompanham todo o processo.

Considerando que:

1 – A Câmara Municipal de Alcanena tem interesse em apoiar a criação na área do Município destes pólos culturais com componentes museológicas e de formação;

2 – A Câmara Municipal de Alcanena é proprietária de um espaço cuja aquisição pretendeu responder às necessidades culturais do Concelho e, em particular, à reinstalação do Museu Roque Gameiro, em Minde;

3 – O CAORG é proprietário de colecções de aguarelas e documentação do pintor Alfredo Roque Gameiro e tem interesse em desenvolver o projecto de instalação dos seus pólos Museológico, Atelier de Desenho e Pintura e Atelier de Restauro;

é celebrado entre as partes, doravante designadas, o presente protocolo entre três instituições: Município de Alcanena, Junta de Freguesia de Minde e Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, como forma de regulamentar a concertação de estratégias para implementar a instalação e funcionamento do Museu de Aguarela Roque Gameiro, do Atelier de Desenho e Pintura e do Atelier de Restauro, na Casa dos Açores, em Minde.

Entidades

1 – Município de Alcanena, com morada na Praça 8 de Maio, 2380 Alcanena, representado por Luís Manuel da Silva Azevedo, Presidente da Câmara Municipal, com o contribuinte nº500 745 733, adiante designado por Município;

2 – Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro, com morada na Rua Monsenhor Michel, nº 54, 2395-201 Minde, representado por Maria Alzira Acheга Roque Gameiro, Presidente do Conselho Director, com o contribuinte nº 502 262 966, adiante designado por CAORG;

3 – Junta de Freguesia de Minde, com morada na Praça 14 de Agosto, representada por António Augusto Fresco, Presidente da Junta de Freguesia, com o contribuinte nº 501 262 105, adiante designado por Junta;

acordam celebrar entre si o presente protocolo, que se rege pelas seguintes cláusulas:

Primeira

O presente protocolo tem por objecto a criação e o funcionamento no complexo “Casa dos Açores” de um espaço museológico e de formação do CAORG que integrará:

- Centro de Documentação
- Arquivo
- Biblioteca do Museu
- Espaços de exposição permanente
- Espaço complementar de exposição
- Reservas e pequena oficina
- Atelier de Desenho e Pintura
- Atelier de Restauro

Segunda

1 – Âmbito do protocolo

O trabalho a desenvolver no âmbito do presente protocolo centra-se nos seguintes objectivos:

- a) – promover o acesso da população em geral ao Museu e a todo o complexo “Casa dos Açores”, incluindo o jardim envolvente, aumentando qualitativamente a oferta cultural e turística do Município de Alcanena;
- b) – estudar e divulgar a vida e a obra de Alfredo Roque Gameiro, como grande referência da aguarela portuguesa
- c) – promover o acesso a áreas de formação – Atelier de Desenho e Pintura e Atelier de Restauro.

Terceira

1 – Obrigações do Município

- a) – Disponibilizar para a implementação do Pólo Museológico, do Atelier de Desenho e Pintura e do Atelier de Restauro, o complexo “Casa dos Açores”, sito no Largo Justino Guedes, em Minde;
- b) – celebrar todos os contratos necessários à execução dos diferentes projectos e à construção, restauro, instalação, aquisição de equipamento e mobiliário e entrada em funcionamento dos pólos Museu de Aguarela, Atelier de Desenho e Pintura e Atelier de Restauro, suportando os respectivos custos, até à fase de abertura do Museu;
- c) – assegurar as despesas de manutenção e conservação dos espaços, resultantes da degradação temporal do edifício (idade);
- d) – colaborar com apoio técnico na organização das exposições;
- e) – assegurar o apoio ao Museu, nomeadamente com dois funcionários a tempo inteiro que assegurarão o seu regular funcionamento;
- f) – colaborar com apoio técnico no Centro de Documentação;

2 – Obrigações do CAORG

- a) – Proceder à instalação do Museu de Aguarela, do Atelier de Desenho e Pintura e do Atelier de Restauro;

- b) – elaborar o programa museológico
- c) – elaborar o programa de utilização do jardim;
- d) – assegurar o funcionamento do Atelier de Desenho e Pintura e do Atelier de Restauro, com dois técnicos superiores;
- e) – manter o Museu aberto ao público em horário a definir;
- f) – assegurar a gestão da “Casa dos Açores”.

3 – Obrigações da Junta

- a) – Garantir a abertura e o fecho do jardim em horário regular;
- b) – colaborar na manutenção da limpeza do jardim.

Quarta

1 – Utilização do jardim

A utilização do jardim, nomeadamente a programação das actividades a realizar neste espaço, deverá ser acordada entre as três entidades. A definição das regras de utilização do jardim será estabelecida pelas três entidades envolvidas e será objecto de um anexo a este protocolo.

Quinta

1 – Modelo de propriedade

- a) – O imóvel onde ficarão instalados o Museu de Aguarela, o Atelier de Desenho e Pintura e o Atelier de Restauro é propriedade do Município, bem como o equipamento, mobiliário ou quaisquer outros bens móveis que que o mesmo Município aí instale;
- b) – as obras de arte que o CAORG afectar ao pólo museológico são propriedade do CAORG e de outras entidades que nele as depositaram e aí ficarão para efeito de exibição.

Sexta

1 – Modelo de gestão

- a) – A gestão da “Casa dos Açores” competirá ao CAORG, nomeadamente:

- programar as actividades dos três pólos aí instalados;
- organizar e montar as exposições;
- organizar e gerir os seus serviços;
- administrar o património que lhe estiver afecto;
- elaborar e apresentar anualmente à CMA e à JFM, o seu plano de actividades para o ano seguinte.

Sétima

1 – Acervo

O CAORG compromete-se a ter depositadas no Museu de Aguarela Roque Gameiro, a cada momento, as obras necessárias para uma exposição de carácter permanente, que ficarão durante o período de depósito afectas ao pólo museológico, podendo, no entanto, ser exibidas, com a referência desta afectação, noutros locais.

Oitava

1 – Áreas de intervenção

O CAORG, para além de disponibilizar as obras de Alfredo Roque Gameiro, outras do seu património ou a adquirir posteriormente e as que detém sob a forma de depósito de longa duração, poderá desenvolver outras actividades culturais no âmbito dos seus estatutos.

Nona

1 – Duração e denúncia

- a) – O presente protocolo durará pelo período de cinquenta anos;
- b) – salvo incumprimento de qualquer das partes, o presente protocolo só poderá ser denunciado decorridos cinquenta anos sobre a data da entrada em funcionamento da utilização do complexo “Casa dos Açores”, podendo após esse termo ser obtida a denúncia por qualquer das partes, constituindo-se as partes na obrigação de o comunicar por escrito, com a antecedência de um ano, imediatamente anterior ao da data para a qual se pretenda a obtenção dos efeitos de denúncia;

- c) – em caso de extinção, por qualquer razão, do presente protocolo, cada uma das partes retomará a posse dos bens da respectiva propriedade, nos termos da cláusula quinta.

Acordando as partes em aceitar as cláusulas deste protocolo, comprometem-se a cumpri-lo, pelo que o assinam em triplicado, ficando cada exemplar na respectiva posse, aos dias do mês de Maio do ano de dois mil e nove.

O 1º Outorgante

O 2º outorgante

O 3º outorgante

Protocolo anexo ao anterior

Condições de utilização do jardim envolvente da “Casa dos Açores”

- 1 – O espaço do jardim anexo à Casa dos Açores é um espaço lúdico e de lazer que a população e os visitantes podem usufruir.
- 2 – As actividades a desenvolver neste espaço serão exclusivamente de âmbito cultural.
- 3 – Os eventos a realizar deverão respeitar a delicadeza do espaço e não comprometer as espécies botânicas.
- 4 – Qualquer actividade a desenvolver no jardim deverá ser proposta pela Câmara Municipal de Alcanena; pela Junta de Freguesia de Minde ou pelo Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro.
- 5 – O requerente deverá dar conhecimento e submeter à aprovação das outras entidades envolvidas, respeitando os critérios acima definidos e respeitando outras actividades já entretanto programadas para o mesmo espaço.
- 6 – Vedar a utilização do espaço a actividades não culturais, nomeadamente confraternizações e outras que envolvam serviços de restauração, como piqueniques e *caterings*.
- 7 – Vedar a entrada de animais e bicicletas e proibir jogos de bola e outros que comprometam a preservação do espaço.